



FILHA DA MAGIA

JUSTINE LARBALESTIER



JUSTINE LARBALESTIER



FILHA DA MAGIA

Criação ePub: Relíquia

Tradução: Ricardo Silveira



Rio de Janeiro | 2009

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Larbalestier, Justine, 1967-L332f
Filha da magia / Justine Larbalestier;
tradução de Ricardo Silveira. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.
(Trilogia Magia ou loucura; 3)

Tradução de: Magic's child Sequencia de Lições de magia

ISBN 978-85-01-08023-3

1. Magia - Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil australiana. I. Silveira,

Ricardo. II. Título. III. Série.

08-4650 CDD - 028.5

CDU - 087.5

Título original em inglês: MAGIC'S CHILD

Copyright 2007 © Justine Larbalestier

Todos os direitos reservados.

Criação ePub: Relíquia

Tradução: Ricardo Silveira

Design de capa: Carolina Vaz

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa

somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Sumário

<u>1</u>	<u>Razão Cansino</u>
<u>2</u>	<u>Hematomas</u>
<u>3</u>	<u>Sozinha, não</u>
<u>4</u>	<u>Potes e panelas</u>
<u>5</u>	<u>Sentindo do mesmo jeito</u>
<u>6</u>	<u>Claro e escuro</u>
<u>7</u>	<u>Contando a verdade</u>
<u>8</u>	<u>Reluzindo</u>
<u>9</u>	<u>Magia sumindo</u>
<u>10</u>	<u>Seguindo a magia</u>
<u>11</u>	<u>Padrão rompido</u>
<u>12</u>	<u>Tudo muda</u>
<u>13</u>	<u>Quente e perturbada</u>
<u>14</u>	<u>Pele</u>
<u>15</u>	<u>Dançando</u>
<u>16</u>	<u>Suando</u>
<u>17</u>	<u>907 luzes</u>
<u>18</u>	<u>Manhã seguinte</u>
<u>19</u>	

Um céu diferente

20

Tornando-se magia

21

Frágil

22

Outra porta

23

Seda azul

24

Jason Blake

25

Sem lágrimas

26

Sarafina Cansino

27

Reunião

28

Magia ou loucura?

29

Borboletas

30

Ganância

31

Barriga da fera

32

Cozinha cheia

33

Hospício

34

Magia Cansino

35

Filhos de Deus

36

Razão Cansino

Epílogo

Agradecimentos

*Em memória de Jenna Felice (1976-2001) e Marie Wilkinson (1952-2003).
Uma de Nova York, a outra de Sidney. Sinto saudades das duas.*

Razão Cansino

Meu nome é Razão Cansino. Tenho 15 anos, estou grávida e sou mágica.

Poderia voar, se quisesse. Ou transformar chumbo em ouro. Ou meus inimigos em sapos. Ou qualquer coisa, para falar a verdade.

Acho.

Ninguém sabe até onde vai minha magia. Muito menos eu.

Quando pequena, magia era, para mim, a sensação da água correndo pela minha pele ao mergulhar no rio Roper e voltar à tona com um pitu na mão. Eu não fazia idéia de como ele tinha ido parar lá.

Magia.

Sarafina ficava olhando da margem e aplaudia. “Isso! Isso!” E eu sentia tontura e orgulho. Ou o gosto daquele pitu mais tarde, assado fresquinho na brasa, adocicado, e o caldinho escorrendo pelo canto da boca.

Magia era uma chuva que caía sem parar por vários dias depois de anos de seca.

A primeira vez que tomei sorvete.

Histórias dos antepassados contadas ao pé da fogueira.

Vários Fibonacci jorrando sobre meu corpo, abrindo-se numa dança espiralada para o infinito. Uma espiral que eu acompanhava em minha amonite, surgindo no ponto mais minúsculo e se desenvolvendo por todo o sempre.

Antes de vir para a casa de Esmeralda, eu não sabia que magia existia. Agora sei que uma pessoa com magia consegue vir de Sidney para Nova York atravessando uma porta, consegue fazer luz simplesmente com a força do pensamento e fazer aparecer dinheiro do nada, ou ainda confeccionar roupas que só faltam ter vida própria.

Sei também quanto custa essa magia. Se usar demais, você morre. E se usar de menos, enlouquece. É a opção que há: magia ou loucura. Qual das duas?

Minha mãe, Sarafina, escolheu a loucura.

Minha avó, Esmeralda, a magia.

Meu avô também, Jason Blake, e meus amigos Tom e Jay-Tee.

Cada qual com uma quantidade finita de magia, encurtando suas vidas cada vez que a usavam. Tique-taque. Tique-taque.

Quem pratica a magia não vive muito tempo. Se você usar um pouco apenas, nem mais nem menos que uma vez por semana, será capaz de chegar aos 40 anos; se usar muito, sem controle, talvez nem chegue aos vinte.

Éramos assim eu e Jay-Tee: sem controle sobre nossa magia. Eu, porque não sabia; Jay-Tee, porque não estava nem aí.

Tom era comedido, cuidadoso, porque minha avó lhe ensinara, e porque sentira o gosto da loucura da forma mais amarga. Melhor viver pouco e são, decidiu, que muito e louco, como sua mãe, como a minha.

E, claro, sempre dá para trapacear. Basta encontrar uma pessoa que tenha magia mas não conheça as regras e pedir um pouco da dela. (A pessoa não precisa entender a pergunta, basta dizer que sim.) Use um truque, sugue a magia da pessoa, viva mais tempo. Pegue um pouquinho (ou um montão) da vida dela e acrescente esse tanto à sua.

Tal e qual fizeram meus avós. Foi por isso que minha mãe escolheu a loucura.

Se você tem magia, não pode confiar em outra pessoa que também tenha. Ela vai querer sugar tudo, vai querer roubar a sua magia de forma que você acabe morrendo numa questão de segundos e ela viva para sempre. Ou chegue pelo menos até os cinquenta.

A magia é uma doença.

Hematomas

Embora minha barriga estivesse cheia de bacon, ovos, cebolas fritas e cogumelos, ainda peguei o quarto rambutã. Enfiei a unha do polegar na grossa casca avermelhada e peluda, abri e arranquei-a toda de uma vez, revelando a fruta translúcida que havia dentro. Dei uma dentada e deixei que o sumo adocicado explodisse na minha boca. Fazer uma coisa tão normal quanto comer evitava que eu entrasse em pânico.

Jay-Tee empurrou o prato para longe. Tinha comido o bacon mas não os ovos.

— O que foi? — perguntou.

— Nada. — Dei uma piscadela. Não consegui virar o rosto bastante rápido para evitar ver quão frágil estava sua magia. Quão perto da morte ela estava.

Fazia menos de 24 horas desde que meu antepassado, que deveria estar morto, Raul Emilio Jesus Cansino, me modificara. Toda vez que fechava os olhos, bastava piscar que eu via magia. Luzes de todas as intensidades pontilhando a escuridão. Toda vez que meus olhos se fechavam, o mundo mágico de luz tinha aumentado, esticado ainda mais.

Meu temor era de que aquilo não fosse acabar. Eu temia o que aquilo significava. Não conseguira dormir ontem à noite e não sabia se voltaria a dormir algum dia.

Acima de tudo, odiava não conseguir enxergar Jay-Tee perfeitamente. A luz de Tom estava forte e clara; a de Esmeralda, estonteante; mas a de Jay-Tee era uma manchinha, mais pálida que a Via Láctea.

— Nada mesmo? — Tom perguntou, me olhando intensamente. — Não parece que não foi nada. — Deu mais uma dentada no bolinho de chocolate. Ele não gostava de frutas.

— É — disse Jay-Tee. — Você está esquisita. Por que você anda com os olhos arregalados desse jeito?

Eu estava tentando não piscar. Meu recorde até o momento era de três minutos. Mais que isso, meus olhos ardiam e lacrimejavam até que as pálpebras se fechavam. E lá estavam as luzes da magia, só me esperando.

— Razão, lá vai você de novo! — Jay-Tee se levantou e caminhou na direção da porta dos fundos. Recostou-se ali e ficou me olhando.

— Desculpe — falei. — Você não está pensando em atravessar a porta, está?

Jay-Tee soltou um riso contido.

— É claro que não. Esmeralda deixou bem claro que daqui não devemos passar. Além disso, não sei onde está a chave.

— Ora, mesmo que soubesse, você não pode. Gastaria muita magia. E você não tem o suficiente.

— Você está dizendo que não posso nem...

A campainha tocou. Jay-Tee se afastou da porta.

— Eu atendo — disse, já partindo pelo corredor —, mas você vai ter de nos dizer o que está acontecendo.

— É — disse Tom. — Não dá para ficar escondendo quando algo assim está acontecendo com você. É uma droga para nós também, sabe? — A porta da frente se abriu com um rangido. — Provavelmente são mórmons ou algo parecido.

Fechei os olhos e Tom era só magia, tão reluzente quanto a porta que dava na cidade de Nova York. Agora já reconhecia a magia dele, sentia sua essência nela. Ele ainda tinha vários anos pela frente. Jay-Tee estava mais para alguns minutos. Quis saber quanto eu ainda tinha. Será que essa nova magia se esgotava do mesmo jeito que a antiga? Jason Blake, pelo jeito, achava que sim, ao menos com relação à magia Cansino que ele e Esmeralda tinham. Eu tinha algo diferente. Raul Emilio Jesús Cansino havia me escolhido. Gostaria de poder enxergar dentro de mim mesma do jeito que os enxergava.

— O que foi? — Tom perguntou. — O que está acontecendo, Razão?

— Nada. Sério. O que são mórmons? — perguntei.

Do hall de entrada chegavam os sons de Jay-Tee conversando com alguém, mas não dava para entender o que estavam dizendo.

— Ah, nem vem! — disse Tom. — Nem vem que você não sabe o que são os mórmons!

Não fazia idéia mesmo. Deixei Tom me encher a paciência dizendo que eu não sabia de nada, embora àquela altura ele já devesse ter se acostumado a isso. Peguei mais um rambutã, desejando que o irmão da Jay-Tee estivesse conosco. Ele não ria de mim; simplesmente me dizia o que é um mórmon. Fiquei pensando se Danny ainda gostaria de mim com os olhos vermelhos e lacrimejantes e barriguda, grávida do nosso filho. Como eu iria lhe contar isso?

— Você nunca ouviu falar mesmo dos mórmons?

— Não.

— Razão! — Jay-Tee berrou lá da porta da frente. — É para você.

Coloquei a fruta em cima da mesa, limpei a boca e saí da cozinha pelo corredor. No hall havia uma mulher de jeans e camiseta, cabelos curtos e emplumados, e uma mochila pendurada num ombro só. Estava sorrindo para mim... melhor dizendo,

estava radiante em me ver.

Quando pisquei, só havia escuridão onde ela estava.

— Então, você deve ser a Razão. Achei que fosse a Jay-Tee aqui, mas já esclarecemos isso. Não que vocês se pareçam. Exceto pelos hematomas. Vocês duas andaram se metendo em briga?

Jay-Tee levou a mão ao rosto e eu ao olho no mesmo instante. O hematoma de Jay-Tee tinha tons variados de roxo, vermelho e azul, uma recordação da tentativa de Esmeralda para lhe dar a magia de Raul Cansino. Como ela não era Cansino, a magia não pegou.

— Duas brigas diferentes, pelo jeito. Seu hematoma é mais antigo, não é? — perguntou ela, olhando meu rosto mais de perto. Eu quase tinha me esquecido; já fazia alguns dias e a mancha estava diluída em tons esmaecidos de amarelo e marrom. Consegui aquilo mexendo na caixa pesada enterrada no porão, que esbarrou forte no meu rosto quando puxei para arrancá-la do fundo. Lá dentro foi que encontrei o cadáver ressecado de Le Roi, o gato da minha mãe.

A mulher esticou a mão.

Eu a apertei, querendo saber quem seria. Ela percebeu minha expressão e soltou uma risada.

— Sou sua assistente social. Jennifer Ishii.

— Olá — falei, pensando, *Minha assistente social?* Depois me lembrei. Um milhão de anos atrás, quando minha mãe Sarafina enlouqueceu e foi mandada para Kalder Park e eu enviada para a casa de minha avó, Esmeralda, disseram que uma assistente social viria me ver quinzenalmente. Disseram várias outras coisas também. Eu estava tão atarantada que não ouvi nem metade. Embora não fizesse um milhão de anos: tinha acontecido há apenas 12 dias.

Duas semanas atrás eu não tinha um amigo sequer no mundo; agora tinha Tom, Jay-Tee e, lá em Nova York, Danny. Duas semanas atrás, eu não estava grávida. Nem sabia que era mágica.

— Esqueceu que eu viria hoje?

— Hã... — Não sabia ao certo se Esmeralda tinha me dito o dia exato que a assistente social deveria vir me visitar.

— Posso entrar?

— Ah — falei. Tom veio e parou atrás de mim. Jennifer Ishii deu um passo para dentro da casa de Esmeralda e estendeu a mão para ele.

— E você, quem é?

— Tom. Meu nome é Tom Yarbrow.

— E esteve na mesma briga que Razão e Jay-Tee? — ela se inclinou para frente, espiando o rosto dele.

Tom ficou confuso.

— Ah, está falando disto? — ele tocou no curativo do arranhão que arranjava por cortesia do meu avô, Jason Blake.

— É minha assistente social — sussurrei para ele, o que foi uma besteira, pois ela estava bem ali na nossa frente.

Antigamente, antes de saber sobre magia, tudo que eu queria era fugir da minha avó e resgatar minha mãe. Naquela época, eu tinha planejado convencer a assistente social de que estava sendo maltratada, para que me tirassem de perto da Esmeralda. E lá estava eu com um hematoma incriminador estampado no meio do rosto. Bastava eu dizer *Ela me bateu! Ela bate em todo mundo!* que Jennifer Ishii me tiraria dali mais rápido que um crocodilo pegando a presa. Mas eu não queria ir. Queria ficar na casa de Esmeralda. Ainda não confiava nela. De todo, não. Mas me sentia segura ali, com meus amigos e longe das garras do meu avô.

— Assistente social? Hum — disse Tom.

— Isso mesmo. Meu dever é olhar pelo bem-estar de Razão. Como vão as coisas, se ela está sendo bem cuidada. Tem sido alimentada? Você não parece estar passando fome, Razão. Está bem acomodada? — Ela olhou à volta. — As instalações me parecem fabulosas.

— Você não parece assistente social — disse Tom. — Não deveria estar usando um terninho, ou algo que o valha?

Jennifer Ishii soltou mais uma risada.

— Devemos nos apresentar com decência. Não gosto de terninhos e já descobri que a maioria dos meus clientes também não.

— Clientes? — Jay-Tee perguntou.

A mulher deu de ombros.

— É assim que chamamos as pessoas que fiscalizo. Então, o que têm a me dizer sobre esses machucados em todos vocês?

— Só estávamos... — Não concluí a frase.

— Arrumando encrenca — Jay-Tee concluiu.

— Razão caiu no porão. — Tom falou ao mesmo tempo.

Eu confirmei.

— Tropecei.

— No porão?

— Hum, hum.

— Estavam todos fazendo bagunça no porão?

— Ah, não — disse Jay-Tee. — Tom e eu não. Nós estávamos brigando e a coisa saiu um pouco do controle. Mas eu ganhei, porque o Tom levou um talho, mas só fiquei com essa mancha.

— Essa não. Quem disse que você ganhou? O meu corte foi pequenininho. Esse hematoma é que é dos grandes. Toma quase o rosto inteiro. Não dá para você dizer

que...

— Entendi. — Jennifer Ishii cortou, sorrindo um pouco menos agora. — Quer me mostrar seu quarto, Razão? Mostre a casa, também, por favor. Ou prefere sentar e bater um papo antes? Acho que precisamos conversar, você não acha?

Dei uma piscadela. Enxerguei a luz fraca de Jay-Tee, a mais forte de Tom e a inexistente de Jennifer Ishii. Ela não tinha magia. Como Danny, era totalmente desprovida de magia. Não havia como ela gastar magia. Nem corria o risco de morrer jovem.

— Acho que sim. Estávamos acabando de tomar o café-da-manhã.

Levei-a até a cozinha e puxei um banco debaixo da mesa. Ela se sentou, olhando pela janela para a figueira imensa no quintal dos fundos que, por alguma razão, Tom e Esmeralda chamavam de Filomena.

— Ótima cozinha! Quintal bacana! Você sobe naquela árvore?

Confirmei que subia, mas logo pensei se deveria. Subir em árvores era uma coisa ruim? Complicaria as coisas para o lado da Esmeralda? — Quer dizer, só de vez em quando. E com todo o cuidado.

— Quer comer alguma coisa, Sra. Ishii? — disse Jay-Tee, me socorrendo.

— Pode me chamar de Jennifer.

— Jennifer — Jay-Tee continuou, obediente. — Tem fruta. Embora algumas sejam meio esquisitas. — Ela empurrou a travessa de frutas mais para perto da assistente social.

— Ou beber algo? — perguntei.

— Alguma coisa para beber seria ótimo. Isso é suco de laranja?

Jay-Tee se levantou num pulo, pegou um copo e serviu.

— Obrigada — disse a mulher, e tomou um gole. — Então, vocês dois também moram aqui? — perguntou para Jay-Tee e Tom.

Jay-Tee confirmou. Tom balançou a cabeça.

— Ela é uma amiga — soltei logo. — Dos Estados Unidos.

— Eu sou vizinho — Tom respondeu ao mesmo tempo.

Jennifer Ishii sorriu.

— Que interessante! Eu não sabia que você já tinha ido aos Estados Unidos, Razão. Como foi que as duas se conheceram?

— Os pais dela são amigos da Esmeralda — disse rapidinho, na esperança de que ela não pedisse para ver o passaporte de Jay-Tee ou algo semelhante. Não achei que Jay-Tee tivesse um. Mesmo que tivesse, provavelmente estaria em Nova York, do outro lado da porta.

— Você sempre chama sua avó pelo nome?

Confirmei, piscando novamente, e tornei a me surpreender ante a total falta de magia de Jennifer Ishii. De olhos fechados, parecia que ela não estava ali. Comecei

a temer o momento em que Jay-Tee iria desaparecer daquele jeito.

— Todo mundo a chama desse jeito — disse Jay-Tee. — Acho que ela quer parecer mais jovem. — Jay-Tee esticou as mãos com as palmas voltadas para cima como que dizendo Sei lá! — A princípio achei que fosse coisa de australiano. Razão nunca chama a mãe dela de “mãe”. Já o Tom chama. Meus pais disseram que eu poderia vir visitá-los, já que a Esmeralda nunca tomou conta de uma adolescente antes.

— Seus pais acharam que seria mais fácil ela cuidar de duas? — Jennifer Ishii não ergueu as sobrancelhas nem mudou de tom, mas não havia dúvida de que estava provocando Jay-Tee. Fiquei sem saber se isso seria bom ou ruim.

— Acho que papai e mamãe ficaram ansiosos e quiseram arranjar companhia para Razão.

— E quanto tempo você vai ficar?

— Não sei.

— Quanto tempo faz que está aqui?

— Não muito. Mais ou menos uma semana. Estou gostando bastante. Lá em casa está fazendo um frio de rachar. Além do mais, não temos os maiores morcegos do mundo. Adorei esses bichos.

— E onde é “lá em casa”?

— Nova York.

— Deve ser maravilhoso. Sempre quis conhecer.

Jay-Tee deu de ombros.

— É, lá é legal. Tem... — Ela não concluiu a frase. Fiquei curiosa para saber o que iria dizer.

— Tem o quê, Jay-Tee?

— Pizza. A pizza de Nova York é muito melhor que a pizza daqui. A daqui tem um monte de coisa esquisita. E é fininha demais. Tem até pizza sem queijo. Se não tem queijo, não é pizza.

— Como é que você está se dando com a avó de Razão?

— Gosto dela à beça — Jay-Tee respondeu. — É muito mais legal morar aqui com ela do que com meus pais.

Jay-Tee mentia sem fazer esforço algum. Seus pais estavam mortos. A mãe morreu pouco depois que ela nasceu, e o pai, ela acabara de ficar sabendo que falecera. Fugira de casa, não morava com ele havia mais de um ano. Nenhum dos dois conhecia Esmeralda. Afastei o rosto antes de piscar novamente. Não queria ver a manchinha de sua magia outra vez.

Jennifer Ishii tomou mais um gole do suco de laranja.

— E o que você acha de Esmeralda, Razão?

— Ela é legal. — Respondi com certa precaução. Com certeza ela sabia que eu

tinha passado a maior parte da vida fugindo da minha avó, que cheguei a implorar para não ter de morar com ela. Já nem me lembrava de ter sentido essas coisas. Não era que eu confiasse em Esmeralda agora. Não totalmente. Mas não havia outro lugar onde eu quisesse estar agora que não fosse a casa dela. — Não é tão ruim quanto eu pensava.

— Esmeralda é o máximo — Tom entrou na conversa. — Superlegal comigo. Vive me ensinando um monte de coisas...

— Um monte de coisas?

— Roupas — Jay-Tee respondeu. — Esmeralda ensinou a Tom como fazer roupas. Ele é bom nisso. Bom mesmo! — Ela apontou para minha calça. — Está vendo? Foi Tom quem fez. Ele agora sabe mais que Esmeralda.

Jennifer Ishii olhou para minha calça.

— Puxa, muito legal, Tom! Não quer fazer uma igual para mim?

Tom abriu a boca e ela riu. Pareceu um sorriso sincero.

— Estava brincando. Então, onde está Esmeralda?

— Trabalhando — respondi.

— Ela passa muito tempo trabalhando?

— Não — neguei, ao mesmo tempo que Tom disse:

— Sim.

— Não é bem assim — Jay-Tee falou. — Tom está comparando com o pai dele, que trabalha na universidade.

Vi um sorriso se formando no canto da boca de Jennifer Ishii e logo desaparecendo.

— Mas nunca está lá — Jay-Tee continuou. — Passa praticamente o tempo todo em casa.

— Estamos no verão agora — Tom protestou. — Papai fica em casa. Quero dizer, não vai dar aulas, mas trabalha. Está escrevendo um livro.

Jay-Tee revirou os olhos.

— Há quanto tempo ele está escrevendo esse livro, Tom?

— Um bom tempo.

— Há anos — Jay-Tee contou para a assistente social.

— E daí? — disse Tom. — Não é a mesma coisa que escrever uma lista de compras.

— Esmeralda volta na hora do almoço — falei só para calar a boca deles. — Quase sempre almoça com a gente.

— E traz umas guloseimas, como chocolate...

— E coisas saudáveis também — Jay-Tee interrompeu. — Você viu as frutas, não viu?

Jennifer Ishii reprimiu outro sorriso.

— Então, o que têm feito nas férias? — perguntou.

Nós nos entreolhamos. Vejamos, pensei, eu me apaixonei pela primeira vez, pelo irmão da Jay-Tee, Danny. Transei pela primeira vez, engravidei, descobri que existe magia, fugi para Nova York, embora na ocasião eu não soubesse que ficava do outro lado da porta dos fundos da casa da Esmeralda. O que mais? Descobri que minha mãe mentiu para mim a vida inteira, conheci meu avô do mal, Jason Blake, também conhecido como Alexander. E, ainda, meu antepassado, morto há muitíssimo tempo, me transformou em não-sei-o-quê. Pelo que eu saiba, ele bem que poderia estar vivendo dentro de mim, transformando-me em...

— Estudando — Jay-Tee falou.

— Isso é louvável. O que têm estudado?

Magia, pensei. Tudo sobre magia.

— Praticamente tudo — Jay-Tee respondeu. — Quase sempre Razão está ensinando matemática para mim e para Tom, porque nós não temos jeito mesmo.

— Não me meta nessa — atalhou Tom. — Geometria eu sei à beça!

— E — continuou Jay-Tee, ignorando-o — nós estamos ensinando todo o resto para ela. Falando sério, Razão não sabe nada de nada.

— Eu sei, sim.

— O que é um mórmon, Ra? — Tom perguntou. Fiquei vermelha.

Jennifer Ishii abriu um sorriso largo.

— Ra? É o seu apelido, Razão?

— É — falei, embora antes de conhecer Tom e Jay-Tee ninguém tivesse me chamado assim.

— Você prefere ser chamada de Ra ou de Razão?

— Tanto faz, ora. — Não sabia bem se queria qualquer outra pessoa além de Tom e Jay-Tee me chamando de Ra. Parecia íntimo demais.

— E quando não estão estudando, o que vocês fazem?

Tom deu de ombros.

— Passeamos. Já levei as duas para conhecer Newtown. Elas não conhecem quase nada de Sidney.

De repente, do nada meu estômago deu um salto e minha boca se encheu de bilis. Corri para o banheiro do andar de baixo que fica pertinho da cozinha. Mal cheguei a tempo de encher a privada com o café-da-manhã. Por que estaria vomitando? Não estava passando mal nem nada.

— Você está bem? — Jennifer Ishii perguntou à porta do banheiro.

Soltei um rosnado enquanto esperava mais um pouco antes de levantar a cabeça, caso viesse mais uma golfada.

— Está passando mal? — Ela se aproximou e colocou a mão na minha testa. — Não está quente.

Balancei a cabeça. Só grávida, me dei conta. Só podia ser isso. Gravidez não dá enjôo?

— Ela está nervosa — escutei Tom falando. — E costuma enjoar quando fica nervosa.

Ergui a cabeça e esfreguei a boca com o dorso da mão.

— Não estou, não. — Levantei-me cambaleante e dei descarga no vaso.

— Deixe que eu ajude. — Jennifer Ishii me levou até a pia. — Está tonta? A barriga dói? Não seria alguma coisa que você comeu?

Desejei que ela fosse embora. Enxaguei a boca, em seguida lavei o rosto e as mãos. Meus olhos arderam, de forma que os fechei. Luzes de magia por todo canto. Tornei a abri-los.

— Deve ter sido alguma coisa que comi. Mas a barriga não está tão ruim agora. — O que era verdade. A horrorosa sensação de enjôo tinha passado totalmente. Levantei-me e esfreguei as mãos na toalha.

— Quer se sentar?

— Não, estou bem. Sério. Estou me sentindo muito melhor agora.

— Tem certeza?

— Tenho. Independentemente do que tenha sido, já passou. Estou bem.

— Então, foi nervosismo?

Abri a boca para dizer que não e resolvi que concordar seria melhor que admitir a verdadeira razão. De fato, não daria uma boa impressão estar grávida há menos de duas semanas sob o teto de Esmeralda.

— Ora, talvez um pouquinho. Não estou acostumada com assistentes sociais.

Ela tornou a sorrir.

— Imagino que não. — Perguntei-me se todos os assistentes sociais recebiam instruções para rir e sorrir o máximo possível. Talvez achassem que isso relaxava os clientes. — Mas se acontecer outra vez, vá ver um médico. Vomitar desse jeito não é normal.

— Pode deixar.

— Está bem o suficiente para me mostrar seu quarto agora?

— Estou.

— Tem certeza de que está se sentindo bem?

Como respondi a essa pergunta?

— Acho que sim — foi o que disse.

— Você sempre costuma vomitar assim, de nervoso? Lancei um olhar arregalado para Tom.

— Acho que sim.

Sozinha, não

Jennifer Ishii *vistoriou meu quarto* devagar. Fiquei observando, tentando não demonstrar nervosismo, embora depois daquela vomitada eu nem soubesse mais por que me preocupar. Fiz com que Tom e Jay-Tee ficassem lá embaixo para evitar que sem querer dissessem alguma coisa errada outra vez.

Ela correu um dedo pelo topo da estante, abriu as portas de vidro e foi para a varanda.

— Bela vista! — disse, embora só desse para ver a rua e carros estacionados e algumas casas, sobrando apenas pedacinhos de verde e árvores mirradas plantadas fora do caminho com raízes cobertas de asfalto.

Ela deu uma espiadela no armário. Mexeu no cabide com o casaco de inverno que Danny trouxera para mim.

— Acho que não vai dar para você usar isso por aqui. Você não tem muitas roupas, não é mesmo?

— Não. Esmeralda me disse que vai comprar mais.

— Você sempre a chama de Esmeralda?

— Chamo. É o nome dela. Ainda não nos conhecemos tão bem assim.

— Não — disse Jennifer Ishii, sorrindo. — Imagino que não.

Ela entrou no banheiro.

— Que delícia! Deve ser ótimo ter seu próprio banheiro.

— Verdade. Nunca tive. É ótimo.

— Está feliz, Razão?

Pisquei, enxergando pontinhos de luz de magia e a lacuna escura onde Jennifer Ishii deveria estar. Estremeci novamente. Ela não estar lá me assombrava. Era como se estivesse morta.

— Você está bem?

Confirmei.

— Sério? Não parece bem. Nem feliz.

— Sinto falta da minha mãe. — Era verdade. Sentia falta da vida que levávamos juntas. Falta de vê-la sã, ou ao menos que não estivesse maluca de uma forma tão medonha como estava agora. Sarafina sempre foi estranha. Até o pouco que eu conhecia das outras pessoas havia me ensinado isso. Sentia falta do tempo

em que desconhecia a magia.

E mesmo tendo passado apenas uma noite, senti falta de fechar os olhos sem ver aquilo por todo canto. Senti falta de ser quem eu era antes do Raul Cansino ter feito o que fez comigo. Senti falta de conseguir dormir. E de Danny. Senti falta de Danny, muito embora só estivéssemos afastados havia um dia. Jay-Tee ligou para ele, mas eu não. Não quis que Tom nem ela mesma pudessem escutar qualquer coisa.

— Já foi visitar sua mãe?

— Fui, duas vezes, mas ela... não é mais a mesma pessoa. — Sentei-me na cama.

— Você tem dormido o suficiente?

Abri a boca para falar, mas tornei a fechá-la.

— Está com umas olheiras enormes. E os olhos vermelhos. Como se andasse chorando por aí, o tempo todo.

Não como se eu andasse chorando... mas como se andasse tentando parar de piscar, para deixar de ver o mundo do jeito que Raul Cansino via: um mundo de magia.

— Não durmo muito bem. — Não disse a verdade. Normalmente, durmo bem, mas ontem o velho me deu sua magia e afastou meu sono. Fiquei pensando em que condições estaria dali a uma semana.

— Sua avó cuida bem de você? — Jennifer Ishii estava espiando bem o meu rosto, estudando a mancha roxa amarelecida em torno do meu olho.

Levei a mão lá.

— Ah, não, isso não foi Esmeralda. De verdade. Eu tropecei.

— No porão?

— É verdade. Esmeralda nunca bateria em mim. — Beber da minha magia, talvez, mas me bater, não.

— Mas costuma deixá-la sozinha em casa?

— Até que não — falei. — Praticamente não fiquei sozinha desde que cheguei. Primeiro Tom, depois Jay-Tee. — E Danny. — Nós três estamos sempre juntos. Como eu disse, Esmeralda quase sempre vem para o almoço. E o pai de Tom está sempre de olho na gente. Pode ir lá falar com ele, se quiser. — Aí me lembrei de Tom dizendo que o pai iria passar a manhã toda na biblioteca.

— É o que vou fazer depois de falar com sua avó.

— E, também, nós estamos com 15 anos, não somos mais bebês que não podem ficar desacompanhados. Minha mãe tinha 15 anos quando eu nasci.

— O que não é recomendável. Mas, Razão, eu me preocuparia com um adulto que estivesse passando pelo que você está.

Fiquei sem saber o que dizer. Ela não estava se referindo à magia. Tentei pensar no que poderia estar querendo dizer.

— Deve ter sido horrível você chegar e encontrá-la daquele jeito, e precisar chamar a ambulância...

Meus pensamentos deram um salto para minha mãe, coberta de sangue. Tinha tentado se matar. Pisquei, tentando afastar a imagem, e só vi magia: a de Tom, a de Jay-Tee, todos os objetos mágicos na casa e na do vizinho, e, um pouco mais longe, Sarafina, e ainda, acho, a mãe de Tom também, ambas no sanatório, e mais além uma infinidade de outras luzes mágicas, de quem ou do que eu nem sei. Cambaleei. Jennifer Ishii me firmou.

— Você está bem, Razão?

Confirmei que estava, embora meus olhos tivessem se enchido de lágrimas. Ardiam, mas, ao mesmo tempo, trouxeram uma sensação gostosa para meus olhos. Não chegaram a escorrer.

— Tome — disse ela, entregando-me um lenço de papel.

— É bom chorar, Razão. Pode chorar, fique à vontade. Pisquei, vi magia. As lágrimas já haviam sumido.

— Houve alguma oportunidade de conversar com alguém sobre o que você teve de enfrentar? Sua avó? Seus amigos?

Balancei a cabeça.

— Ainda não. — Havia tantas outras coisas sobre as quais falar: magia e a opção entre usá-la e morrer jovem ou deixar de usá-la e enlouquecer, a nova magia Cansino, o bebê que crescia dentro de mim...

— Pode lhe fazer bem, Razão. Conversar com alguém.

— Ela me entregou um cartão. — É uma psicóloga. Minha amiga. A Isabella sabe ouvir, e também sabe sugerir boas formas de você se cuidar. Vou falar com sua avó sobre ela. Vai lhe ser útil, Razão. — Jennifer Ishii me olhou como se tivesse feito uma pergunta.

Afastei os olhos para me poupar da estranha sensação de não vê-la quando eu piscasse.

— Razão, você tem passado por tanta coisa! É compreensível que fique triste, ou zangada, ou nervosa, ou como quer que você venha se sentindo. É preciso vivenciar esses sentimentos. É preciso descansar, cuidar de si mesma. Está tudo tão recente. Num curtíssimo período de tempo, você passou por tanta coisa, inclusive a mudança para uma nova casa, a nova cidade. Só isso já seria o bastante para muita gente.

— Você não vai me afastar de Esmeralda, vai?

Jennifer Ishii tornou a sorrir, mas um sorriso menor desta vez... mais verdadeiro, mais triste também.

— Claro que não. Minha função é zelar para que você esteja bem. A última coisa que você precisa agora é de uma nova mudança. Eu não recomendaria a menos

que fosse absolutamente necessário. Você tem sorte, Razão. A maior parte das crianças na sua situação não vai parar numa casa tão bacana. Sua avó tem muito dinheiro, mas devo lembrar que nem sempre um lar onde há muito dinheiro seja feliz. Crianças podem ser maltratadas em qualquer lugar. Tento não me deixar distrair pela beleza deste lugar. Tenho a impressão de que você precisa de mais atenção do que sua avó tem lhe dado. Ninguém que tenha passado pelas experiências que você passou pode ficar sozinha. Você está com apenas 15 anos, Razão. Precisou cuidar de si mesma e da sua mãe durante muito tempo. Não é necessário continuar enfrentando tudo sozinha.

Ela olhava fixamente para mim. Fiz que concordei com a cabeça, sem saber o que dizer. Não estava preparada para que ouvir algo daquele tipo. Será que eu cuidava mesmo da Sarafina?

— Promete que vai procurar a Isabella?

— Isabella?

— A psicóloga.

Olhei para o cartão na minha mão. ISABELLA SAN-DITON, PSICOLOGIA INFANTIL. Não pude nem me imaginar gastando tempo com uma desconhecida a quem deveria contar uma parcela ínfima das minhas atribulações quando eu tinha problemas muito maiores e assustadores nas mãos, como, por exemplo, o que fazer com essa medonha forma Cansino de enxergar, o que fazer para evitar que Jay-Tee morresse e o que fazer para trazer minha mãe de volta à sanidade. Isso sem falar em tornar a ver o Danny e lhe contar sobre o nosso bebê.

Soltei um grunhido.

— Vou dizer o mesmo à sua avó.

Concordei com um gesto da cabeça apenas.

— Está preparada para a prova? Fiquei feliz em saber que você está se dedicando. Foi ótima a decisão de entrar para a escola, embora não precise mais.

— Sempre quis entrar para a escola — falei, um pouco confusa. — Que prova?

— Sábado agora. Prova de nivelamento escolar.

— Nivelamento escolar? — Não fazia idéia do que ela estava falando.

— Não é para isso que você vem estudando?

— Hum.

— Não sabe? Deveriam ter lhe contado alguma coisa. Todas as informações têm sido enviadas para este endereço. Sua avó não disse nada?

Tarde demais para mentir.

— Não que eu me lembre.

— Mas deveria ter contado.

A testa de Jennifer Ishii se contraiu e seus lábios se arquearam para baixo antes que ela se lembrasse de sorrir.

Mais uma mancha negra contra minha avó.

Não foi nem o fato de ela não ter tido tempo para me passar as informações. O primeiro dia eu fiquei trancada no meu quarto sem falar com ela, depois passei pela porta e fui parar em Nova York. Não houve sequer um momento de tranquilidade em que pudéssemos conversar sobre meu futuro. Certo, houve sim, mas foi sobre o futuro mais imediato e premente: Não use a magia, senão você vai morrer; sua mãe é uma mentirosa; seu avô, um homem muito mau. Nem uma menção sequer sobre minha prova de nivelamento escolar.

— Você não tem histórico escolar, Razão. Vai precisar fazer um teste para que possamos saber em que turma colocá-la. Obviamente, seria ótimo se você conseguisse se classificar para a turma da sua idade, para ficar igual aos colegas de classe, mas você teve uma vivência muito fora do comum. Não temos como saber se vai conseguir acompanhar o currículo da série.

Concordei.

— Faz sentido.

Ela abriu a mochila e retirou de lá uma pilha de papéis.

— Sua avó já deveria ter essa papelada, mas deixo tudo aqui caso ela não tenha. A prova é no sábado. Venho pegá-la meia hora antes. Tudo bem?

Concordei novamente.

— Você pode falar comigo através desses números. — Ela apontou para o topo de uma das folhas que carregava e me entregou um cartão. — Pegue o meu cartão. As mesmas informações, num formato menorzinho. Pode me ligar, a hora que quiser. Estou falando sério, Razão. Mesmo que precise de ajuda às 4h da madrugada, quero que me ligue, está bem? — Jennifer Ishii perdeu novamente o sorriso e me olhou fixamente como se... não sei direito. Como se estivesse com pena de mim.

— Ligo, sim — falei, pegando os papéis. Tive a sensação de estarem escorregadios.

— E se continuar vomitando desse jeito, vá consultar um médico. Certo?

Concordei.

— Acho que vi tudo que precisava ver. Você ajudou bastante, Razão. Sei que isso deve lhe parecer estranho.

Há coisas bem mais estranhas, pensei.

Potes e panelas

— *Então, você vai para um* lar adotivo? — Jay-Tee perguntou, o que fez Tom sentir vontade de espancá-la. Não dava para perceber que Razão estava abalada? Mas deu-lhe apenas um cutucão.

— O que foi? — Jay-Tee se virou, olhando para ele com os olhos arregalados. — Ela sabe que estou brincando, Tom.

Tom não achava isso. Razão vinha agindo de forma estranha desde que voltou do cemitério. Ficava olhando para o infinito como se conseguisse enxergar coisas que eles não conseguiam. Esquisito, aquilo! Não era surpresa alguma esse comportamento maluco dela: afinal, aquele monstro horroroso tinha feito coisas indizíveis com ela no cemitério.

Muito bem, talvez não exatamente indizíveis. Tom seria capaz de dizer o que tinha acontecido: aquela coisa ancestral dos Cansino engravidara a Razão usando magia. Ele não sabia se conseguiria agüentar aquilo sem explodir. Que espécie de bebê seria? Se estivesse no lugar de Razão, faria muito mais do que fitar o infinito.

— Estou bem — disse Razão. — Não foi tão ruim assim. A Jennifer Ishii até que é legal. Pois é, para uma assistente social...

— Para uma pessoa cujo trabalho é fuxicar a vida de outras pessoas — disse Jay-Tee. — Ela sorri demais.

Tom não conseguiu deixar de concordar. A moça realmente exagerava.

— Apenas gentileza — falou Razão em tom monocórdio, como se falar a levasse à exaustão. — Provavelmente o emprego dela exige sorrir muito. Para mostrar que não vai fazer mal. Deve ser por aí.

Tom ficou pensando se ela não estaria cansada por causa da gravidez. Por acaso não seria ainda mais cansativo estar gerando dentro de si um estranho bebê filho da magia? Ou seria talvez cedo demais para que isso tivesse algum efeito? Mesmo sem o fato da gravidez, o dia de ontem fora exaustivo. Razão poderia estar acabada por ter lutado contra o avô, por toda a magia que usou, por tudo isso junto. Tom levou o dedo ao curativo no próprio rosto. Sabia que ele mesmo ainda estava abalado.

— Pode ser — disse Tom. — Contanto que não a leve daqui.

— Não vai levar.

O que Tom queria era ter certeza disso. Achava que eles não tinham dado uma

boa impressão.

— Quer sentar? — perguntou. — Você parece exausta.

— É mesmo — disse Jay-Tee. — Não seria melhor deitar um pouco?

— Para falar a verdade, estou um pouco cansada.

Subiram todos para o quarto de Razão. Ela se deitou sobre a colcha e fechou os olhos. Tom não conseguiu deixar de pensar em como estava bonita. Razão abriu os olhos e ele enrubesceu.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou. Não estou. — Ela soltou um suspiro profundo. - Não sei, Tom. Estou confusa, exausta, tonta.

— Eu também — disse Tom. — Bem, tonto não, mas confuso estou. Será que... — Calou a boca.

— Será que o quê? — Jay-Tee perguntou, sentando na beira da cama.

— Nada — falou Tom, puxando uma cadeira e se sentando. Ia perguntar se Razão sabia que Esmeralda tinha roubado um pouco da magia dele. Mas não sabia se isso ainda tinha importância; além do mais, era egoísmo ele se preocupar com isso quando havia um monstro crescendo na barriga de Razão.

Continuaram agindo normalmente a manhã inteira. Tom não sabia ao certo se queria ser o responsável por romper o encanto. Durante o café-da-manhã, ninguém mencionou nada do que tinha acontecido: nem o velho esquisitão engravidando Razão, nem a nova magia envenenada que ele dera para ela, nem Esmeralda nem o velho cara de sapo Jason Blake; nem o fato de que Jay-Tee tinha quase morrido. Jay-Tee só estava viva porque Tom tinha lhe dado um pouco de sua magia.

Tom sentia pairando no ar à volta deles todas as coisas sobre as quais não estavam falando. Se fechasse os olhos, provavelmente as enxergaria como hexágonos, trapézios e paralelepípedos. Não que fosse tornar a usar sua magia. Pelo menos não durante a próxima semana.

Na semana passada, usou mais magia do que nunca: deu um pouco a Jay-Tee, depois usou boa parte perdendo a paciência com Esmeralda e mais ainda ajudando-a na luta contra Jason Blake. Quanta magia teria gastado? Estaria tão perto da morte quanto Jay-Tee? Não sentia nada de diferente. Mas nunca tinha usado tanta magia antes. Não fazia idéia de quantos dias, ou semanas, talvez anos teria consumido ali.

E quem saberia o que estava para acontecer com Razão? O que exatamente aquela magia nova faria? Será que ela poderia explodir por uma sobrecarga de magia? Mais um pensamento que ele quis afastar.

Pelo jeito, nenhum dos três queria pensar em tais coisas; sequer falavam a respeito. Razão olhava fixamente para o teto, Jay-Tee, para as mãos, e Tom, para as duas.

— Quer um pouco de água, Razão? — Tom acabou falando.

— Isso — disse Jay-Tee. — Água: a cura mais conhecida para a confusão.

— Eu estou com sede.

Tom lançou-lhe um olhar de eu-não-disse? e foi até o banheiro encher o copo. Entregou-o para Razão e ela lhe deu um meio sorriso.

— Está precisando de mais alguma coisa? — perguntou. Queria fazer alguma coisa.

— Posso preparar um sanduíche — ofereceu Jay-Tee. — É minha especialidade. Razão balançou a cabeça.

— Não. Estou legal. Acho que só preciso descansar um pouco.

— Posso imaginar — falou Tom. — Dá canseira só de pensar no que aconteceu.

Jay-Tee soltou um suspiro prolongado.

— Pois é.

— Hum, pois é — disse Razão. — Eu estava pensando em ficar sozinha. Descansando, sabe?

— Ah, claro. — Tom deu um pulo e se levantou, empurrando a cadeira para trás.

— Desculpe — Jay-Tee falou, levantando-se. — Estamos indo.

— Ela vai dar um jeito em tudo — Jay-Tee disse para Tom na cozinha. Os dois estavam colocando as coisas no lugar lentamente, como se os eventos da semana anterior estivessem exercendo um peso tão grande sobre eles que mal os deixavam se mexer. Tom precisou fazer várias viagens para conseguir guardar na geladeira a manteiga, os três tipos de geléia e o Vegemite. Tinha perdido a habilidade de empilhar coisas. Jay-Tee demorou o mesmo tanto para colocar tudo no lava-louças.

— E isso, não entra? — disse ele, ressentindo-se por estar falando igual à Esmeralda. — Nada de madeira. Nem potes ou panelas, nem as facas boas. — Esmeralda era um pouco exigente com a cozinha e tudo mais ali dentro. Por que não era igual com as roupas? Tom parou para pensar na bagunça ensandecida que era o quarto dela. Como é que alguém pode se preocupar mais com objetos de cozinha do que com as próprias roupas? Na sua casa, colocavam tudo na lava-louças... por outro lado, eles não tinham nenhuma faca “boa”.

— É para lavar na mão, então?

Tom confirmou com um gesto da cabeça, embora não entendesse que importância tinha isso. Percebeu que estava à beira de um ataque de “dane-se”. Jay-Tee colocou o tampão na pia e ligou a água quente. Despejou um pouco de detergente. A pia se encheu de borbulhas.

— Quer usar luvas?

— Luvas?

— Ué, porque a água está quente.

— Hã, tudo bem.

Tom se abaixou e abriu o armário embaixo da pia. Por que Esmeralda teria mentido para ele? Por que teria sugado sua magia sem lhe pedir?

— Uau! — Jay-Tee admirou-se. — Até embaixo da pia está arrumadinho.

— É a Rita — disse Tom. — A faxineira de Esmeralda.

Entregou-lhe o par de luvas. Ela as vestiu e começou a lavar uma das facas boas. Tom pegou um pano de prato e se pôs a postos para secar. As facas boas precisavam ser as primeiras. Porcaria de facas boas!

— Razão vai dar um jeito nisso tudo — Jay-Tee tornou a dizer.

— Jeito? — Tom perguntou, tentando imaginar o que estaria se passando com Jay-Tee. Ela sequer reclamou quando ele disse que precisavam arrumar a cozinha. Não era bem o que ela gostava.

Jay-Tee olhou para Tom como se ele estivesse maluco.

— Um jeito nisso! Razão vai dar um jeito de não deixar que a gente fique maluco, de não deixar que a gente morra cedo.

— Ela o quê?

Jay-Tee confirmou com um aceno de cabeça e um ar de certeza absoluta.

— Ele sonhou com isso. — Sua voz soou esquisita, estranhamente contida.

— Quem sonhou com isso?

— Você sabe. Ele. — Ela fez um gesto com a mão, jogando água e borbulhas para fora da pia. — Em Nova York.

— Seu irmão?

— Não! O avô de Razão.

— Ah, desculpe. Jason Blake. Ele sonhou com o quê?

Jay-Tee soltou um grunhido.

— Sonhou que Razão conseguia dar um jeito na magia, no que ela faz conosco.

— Tudo bem — disse Tom, fingindo que Jay-Tee estava sendo coerente. — Vai ser o máximo.

— E eu não vou usar minha magia novamente até que ela consiga — Jay-Tee falou, elevando a voz. Entregou a faca para Tom secar, com as mãos trêmulas, e começou a lavar a frigideira. — Guardei meus objetos de magia. Não estou mais usando a pulseira de couro da minha mãe.

— Você...

— Provavelmente vou enlouquecer logo, mas Razão vai me trazer de volta. Não vou morrer jovem. Não vou.

— Tudo bem — disse Tom. — Se é o que você...

Jay-Tee caiu em pranto.

Pela primeira vez, a frase fez sentido para Tom. Um som estremecido, rasgado de dentro do peito dela, como se as lágrimas lhe estivessem sendo arrancadas do corpo. Jay-Tee estremeceu junto. Pelo seu rosto correram filetes d'água, encharcando a camiseta dela (de Esmeralda, na verdade).

Jay-Tee deixou-se cair ao chão, recostando-se na bancada da cozinha, sem tirar as luvas de lavar louça nem largar a frigideira ensaboada. Encostou os joelhos no peito, de forma que a panela ficou presa ali no meio, e continuou chorando.

Tom ficou parado, olhando para ela, com o pano de prato numa das mãos e a faca boa na outra, sem a menor idéia do que fazer. Não tinha se dado conta de que Jay-Tee era capaz de chorar. Ela sempre dava a impressão de que... de que chorar não era com ela. Precisava fazer alguma coisa.

Jay-Tee chorou ainda mais alto, com lágrimas e catarro escorrendo-lhe pelo queixo. Tom colocou a faca e o pano de prato em cima da bancada, pegou um lenço de papel e dirigiu-se para Jay-Tee, mas ela ainda estava com as luvas emborrachadas cheias de sabão nas mãos de forma que ele mesmo limpou-lhe o rosto. Numa questão de segundos, o lenço estava encharcado. Tirou a frigideira do colo dela e a colocou de volta dentro da pia, pegando em seguida mais lenços e limpando-lhe o rosto e o queixo, tomando o cuidado de não fazer pressão em cima da mancha roxa. Ela não parava de gemer nem de tremer.

— Vai dar tudo certo — Tom falou, mesmo sabendo que era a afirmativa mais capenga que pôde arranjar. Não havia como dar tudo certo. Jay-Tee acabaria enlouquecendo e iria parar em Kalder Park junto a sua mãe e a de Razão. Isso se eles a aceitassem por lá, já que ela era americana e tudo o mais. Quando descobrissem que não se tratava de uma australiana, era até possível que Jay-Tee fosse parar numa cela de detenção como imigrante ilegal, e aí ela usaria magia para sair e acabaria morrendo.

Agora quem estava com vontade de chorar era ele.

Limpou as lágrimas dela um pouco mais, tomando cuidado com a monstruosa mancha vermelha, azul, verde e roxa na maçã do rosto, já pensando se não deveria pegar outra caixa de lenços de papel. Deu-lhe tapinhas no joelho, disse-lhe que parasse de chorar porque tudo acabaria bem e contou-lhe várias mentiras deslavadas com a voz mais acalentadora de que foi capaz.

As lágrimas de Jay-Tee começaram a escorrer mais devagar, como se ela fosse um balão deixando o ar escapar por um furo pequeno. Tom deu-lhe uns tapinhas no ombro e, em seguida, abraçou-a. Ela deitou a cabeça no ombro dele. E soltou um suspiro, em seguida um soluço.

— Desculpe — disse, e soltou outro soluço. Lágrimas ainda rolavam dos seus olhos. Tom sentiu o ombro ficando molhado, mas pelo menos ela não estava mais

tremendo.

— Não se preocupe — disse. — Droga!

Ela fez que sim com a cabeça ainda apoiada no ombro dele.

— É. E pode pôr droga nisso!

Tom levou a mão aos cabelos dela para acariciá-los.

— Não faz sentido não chorar.

Jay-Tee fez um barulho esquisito. Tom levou algum tempo para se dar conta de que ela estava rindo.

— É isso aí — disse ela, erguendo-se ainda sentada e esfregando os olhos. — Não nos resta nada a fazer a não ser chorar e berrar e entregar nossas vidas nas mãos de Deus. É hora de entrar para um convento.

— Ei, não estou nessa, não.

Jay-Tee riu outra vez.

— Ou um mosteiro.

— Pare com isso. Nem tenho religião.

— Não tem? — Jay-Tee ficou espantada.

— Claro que não. Nem acredito em Deus.

— Não acredita? Como é que pode? Ora essa; você é mágico! De todas as pessoas no mundo, você é uma das poucas que sabe que Deus existe.

— Espere aí — foi a vez de Tom se espantar. — Como é que se chega a essa conclusão?

— Magia — Jay-Tee falou. — Você sabe que existe. Tudo na Bíblia: água virar vinho, os peixes e os pães, reviver os mortos. Você sabe que tudo isso é possível. Mais que possível.

— Reviver os mortos?

Jay-Tee fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Meu pai me falou isso. Dá para fazer. Só que não é uma boa idéia. Ele queria trazer minha mãe de volta...

— Epa!

— Pois é. Mas não quando o filho de Deus é quem faz. Aí é diferente.

— Você está dizendo que Jesus fazia magia igual a nós? Está dizendo que sou igual a Jesus? Isso não é uma blasfêmia, sendo ele o filho de Deus e tudo mais?

Jay-Tee ficou zangada.

— Claro que não. Jesus não fazia magia como qualquer um. Os milagres dele eram coisa totalmente diferente. Estou dizendo que nós já vimos... caramba, nós já fizemos coisas que a maior parte das pessoas consideraria milagres. E sabemos que milagres existem. Sabemos que dá para transformar água em vinho. Então, por que é tão difícil para você acreditar que Jesus tenha feito todas as coisas que fez? Por que não acha que Deus existe?

Tom abriu a boca, tornou a fechá-la. Jay-Tee estava certa. Estava certa mesmo. Seu pai era ateu, assim como sua irmã. Pelo que lhe constava, sua mãe também, embora pudesse ter mudado de opinião agora que perdera o senso. Ele não conseguia nem imaginar o pai casado com alguém que não fosse ateu. Da mesma forma que não se casaria com alguém que votasse nos liberais.

Tom sempre achou essa história de Deus muito mal contada, um conto da carochinha. Para que as pessoas precisavam de ter alguém lá no céu em quem acreditar? O mundo por si só já não era legal, complicado e espantoso o bastante? Nunca lhe ocorreu que fosse realmente possível haver um Deus; entretanto, a magia ele aceitou de imediato.

Ora, claro: ela estava bem ali, na sua carne e no seu osso! Ele tinha provas... caramba, ele era a prova. E qual era a prova de Deus? Por que a existência da magia significava que Deus existia? Tom tentou entender aquilo do jeito que Jay-Tee entendia. Pois bem, então: quem criou a magia, para começo de conversa? Mas não seria o mesmo que perguntar quem criou a vida? Não poderia ter a magia evoluído da mesma forma que a vida? Aos poucos, ao longo de milhões de anos?

Mas Jesus ter o dom da magia, e Maomé, e Buda, e talvez até L. Ron Hubbard... ora, isso explicava um monte de coisas!

Jay-Tee riu.

— Você deveria ver a sua cara! Nunca tinha pensado nisso, não é?

Tom balançou a cabeça devagar. A torrente de pensamentos à qual Jay-Tee tinha dado início agora jorrava como cascata em sua mente. Ele chegou a ficar tonto.

Jay-Tee fez-lhe um carinho no rosto, logo abaixo do curativo.

— Não é tão ruim assim, sério! — Em seguida, deu-lhe um beijo rápido nos lábios. Tom estava certo de que não houve nenhuma intenção ali. Os lábios dela tocaram os dele apenas por uma fração de segundo, mas a sensação continuou. Ele chegou a captar o hálito dela. Um cheiro bom, que o fez corar. Ela se levantou.

— Sério, Tom. Você deveria achar reconfortante. Que exista um Deus? Ora, isso é bom.

Tom concordou, mas não estava pensando em Deus.

Sentindo do mesmo jeito

Jay-Tee também não estava pensando em Deus, mas sim na razão pela qual não lhe dera um beijo decente.

Abrira mão da magia, o que significava que não poderia mais correr... não do jeito que queria. Pior, significava que dançar estava fora de cogitação. Não sabia se conseguiria viver sem dançar. Sem se deixar levar pelo embalo da dança, sem se deixar consumir pelo ritmo da música arrebatando-lhe o corpo inteiro, sem tirar energia da multidão à sua volta. Só de pensar nisso, sentiu vontade de chorar. E isso era algo que ela já tinha feito mais que o bastante. O que Tom iria pensar dela agora que a vira chorar feito um bebê?

Tudo bem, não poderia mais dançar nem correr decentemente até que Razão encontrasse um jeito. Pelo menos havia uma coisa que ela poderia fazer muito bem com ou sem magia: namorar.

Jay-Tee gostava de Tom. Ele até era um pouco chato... muito chato às vezes, mas ela estava gostando dele. Aquele branquelo magricela até que era bonitinho! Gostava das sobrancelhas douradas e dos olhos azuis. Inclusive das sardas! Quase tão douradas quanto as sobrancelhas! E o cheiro dele era gostoso. O sorriso, lindo! Ao sentir as mãos dele acariciando-lhe o cabelo, estremeceu. Sem falar que não tinha mais ninguém. Tom era uma boa pessoa, e não de um jeito grudento. Salvava-lhe a vida! Jay-Tee confiava nele.

Tom se levantou e olhou para ela com um jeito esquisito. No entender dela, ainda estaria chocada com a existência de Deus. O rosto dele lhe pareceu diferente, mais uma razão para que ela o beijasse. Estava tão fofo quando ficou confuso: as sobrancelhas contraídas, o cenho franzido e o nariz amarfanhado. Ela considerou a hipótese de beijá-lo novamente, só que com mais força.

Teria sido muito mais fácil se ele tivesse correspondido ao beijo, mas não foi assim. Nem um pouquinho. Ela soltou um suspiro. Talvez mais tarde, quando ele não estivesse tão incomodado com Deus. Ou talvez nunca. Parecia-lhe que ele estava interessado em Razão, não nela. Que desperdício! Razão não estava mesmo interessada nele, de jeito nenhum, nem em ninguém mais para esses assuntos. Era muito criança para os seus 15 anos, o que tornava ainda mais estranho o fato de ter aparecido grávida! Por outro lado, também não engravidou do jeito normal. Jay-Tee

senti calafrios só de pensar em Raul Cansino enfiando as mãos esqueléticas por dentro da barriga de Razão.

O celular de Tom tocou. Ele olhou para o bolso, franzindo o cenho ainda mais, como se tentasse entender o que poderia ser aquele barulho.

— Seu telefone — Jay-Tee avisou, tentando não rir.

— Oh — ele corou e pegou o aparelho. — Alô? Ah, oi, Cathy! Claro! Pode esperar um segundo? — Virou-se para Jay-Tee: — É minha irmã. Preciso muito falar com ela. Volto assim que terminar, tudo bem?

Jay-Tee concordou.

— Não se preocupe — disse, imitando o melhor que pôde o sotaque australiano de Tom. Ele nem percebeu a gozação, fez um gesto rápido com a mão e desapareceu pelo corredor.

Ela olhou para a frigideira na pia. Mas sem Tom para policiá-la, não iria lavar mais nada. Tornou a sentar-se, totalmente sem energias. A magia do velho a deixara arrasada. Ainda sentia dor, ainda estava exausta. Se ao menos pudesse ir dançar, poderia absorver a magia da multidão. O ganho líquido era mínimo, mas era a única magia que praticava onde perdia magia. Sendo que já não tinha mais o suficiente, sequer para começar. Morreria, com certeza.

Passaria o resto da vida sem dançar.

Jay-Tee sentiu os olhos lacrimejarem novamente. Esfregou-os. Não. Não voltaria a se debulhar em lágrimas. Chega disso. Deixar de usar a magia significava que teria um futuro pela frente... um futuro maluco e horrível, mas, ainda assim, um futuro. Bastava se sentar e esperar que começasse a loucura. É isso aí, Jay-Tee. Vamos lá, futuro. É isso aí, loucura.

Se ao menos tivesse dado um beijo decente em Tom, não apenas um selinho! Uns amassos bem que dariam um toque no seu humor. Afastariam o desespero. Teria sido ótimo!

Ela não soube agir na hora certa. Deveria ter tentado juntar Deus com beijo. Que burrice! Ficou pensando se Tom já teria beijado alguma garota. Provavelmente não. Pelo que tinha visto até agora, os australianos eram meio atrasados.

Claro e escuro

Enquanto fiquei deitada ali na minha cama, a tristeza de Jennifer Ishii se apossou de mim, pesada, farta. Ela achava que eu era alguém que precisava ser cuidada, ela sentia pena de mim. Estremeci. Não quis ficar parada esperando que as Jennifer Ishiis da vida dessem um jeito nas minhas coisas. Faria isso sozinha.

Dei um pulo e me levantei, entrei no closet, coloquei a jaqueta azul que Danny tinha comprado para mim por cima da camiseta, calcei o sapato azul e prateado e peguei o resto dos apetrechos de inverno de que iria precisar. Tudo do Danny, o que me deu a sensação de que estava tudo certo: eu iria para Nova York encontrar o Danny para lhe contar sobre o nosso bebê. Jennifer Ishii disse que eu não precisava fazer tudo sozinha, cuidar de todo mundo. Danny me ajudaria com o bebê.

Enfiei minha amonite no bolso e a calça que Tom tinha feito para mim tremelicou quando o tecido macio entrou em contato com a pedra. Magia encontrando magia. Pisquei e a amonite reluziu, um fragmentozinho de poeira fulgurando em meio ao brilho enevoado da calça feita por Tom.

Magia por todo canto, mas nenhuma tão forte quanto a minha.

A cozinha estava vazia. Nem Tom, nem Jay-Tee. Encostei a mão na porta que dava para Nova York. Ela se mexeu ao meu toque, ondulando como a superfície da água, mas não zangada como quando Raul Cansino tentara entrar à força; não se importou com meu toque.

Ao fechar os olhos, percebi a porta como 610 minúsculas manchas de luz interligadas por filamentos quase microscópicos. O décimo sexto Fibonacci. Sarafina teria gostado disso.

Girei a maçaneta e a porta se abriu, revelando-me a cidade de Nova York, cinzenta, sombria, claustrofóbica. Fiquei ali parada entre as duas cidades. Às minhas costas, a luz intensa do verão rebrilhava sobre o bule de metal em cima do fogão; à minha frente, duas mulheres passavam a pé, tão agasalhadas que não dava para dizer se eram gordas ou magras, brancas ou negras.

Ajeitei o casaco que Danny tinha me dado, abotoei-o até em cima, puxei o gorro

para baixo e enfiei as mãos nas luvas antes de passar e fechar a porta. Minha porta agora, não mais apenas da Esmeralda. Eu também conseguia abri-la sem a chave.

Quando pisquei, minha vista foi tomada por milhares de luzes. A cidade de Nova York reluzia de magia. Tão mais bonita que a soturna Nova York que meus olhos abertos enxergavam!

A neve que ainda havia nas ruas estava suja, cinzenta e começava a se dissolver. Aquela suave brancura desaparecia, deixando a cidade mais feia do que já era. Pelo menos Sidney tinha lampejos de cor nas árvores em flor voando para todos os lados. A cidade de Nova York era árida. Fiquei vendo minha respiração se condensar ao sair; o ar tinha um gosto metálico.

Aproximou-se um carro amarelo. Um táxi, lembrei-me. Estiquei o braço do jeito que vira Jay-Tee e Danny fazerem. Como num passe de mágica, o táxi parou. Abri a porta e entrei.

— Para onde? — perguntou o motorista. Ele tinha uma cabeleira enorme em trancinhas encaixadas por baixo de um gorro amarelo, vermelho e verde.

— Para West Village — falei. — Estrada do lado oeste.

— Algum lugar específico na estrada?

— Vou saber quando chegar lá.

Ele olhou para mim pelo espelho retrovisor, como se fosse dizer outra coisa, mas fez que sim com a cabeça e partiu.

Havia inúmeros carros nas ruas, muitos dos quais, mas nem todos, amarelos. Também havia ônibus e caminhões e gente pelas calçadas. A última vez que estive num táxi foi com Danny. Antes de transarmos, antes de fazermos o bebê que crescia dentro de mim. Quantas células ele teria agora, tão pouco tempo após a concepção? Dezesseis? Trinta e duas?

Quando avistei o prédio do Danny, pedi ao motorista que parasse. Paguei com o pensamento de dinheiro na minha mão. Ele me agradeceu.

Apertei a campainha. O porteiro, Naz, me deixou entrar. Estava sentado atrás do balcão alto de tampo lustroso com um belo sorriso estampado no rosto.

— Oi, Razão! Como vai? — inclinou a cabeça e estreitou os olhos. — Está de maquiagem nova? Você parece diferente.

— Obrigada — falei, pensando se ele saberia dizer que eu estava grávida. Enxerguei minúsculos vestígios de magia obscurecidos por trás da escuridão de Naz. Não o suficiente para serem bonitos. — E você, como vai?

— Não tenho do que reclamar. Turno da noite outra vez, que é um pouco chato. Ah, mas é melhor que ficar sem trabalhar, não é mesmo?

Concordei.

— Achei que você já tinha voltado para a Austrália.

— Ainda não.

— Nova York é legal demais para a gente ir embora!

Concordei, abri a boca para perguntar por Danny, corei de vergonha e tornei a fechá-la.

— Você veio ver Danny, certo?

Confirmei, sentindo-me uma idiota.

— Ele está em casa? — perguntei com a voz muito mais fraca do que pretendia.

— Está. E sozinho também, o que é uma raridade. — Naz deu uma piscadela, como se soubesse do que se passava entre mim e Danny. Fiquei sem saber o que dizer. Só tínhamos ficado juntos uma vez. Será que Naz estava querendo dizer que Danny tinha outras garotas de quem ele gostava? Muitas outras? O que diria quando eu lhe contasse que estava grávida? Não iria querer mais ficar comigo?

— Acabou de entrar. Vou tocar o interfone.

— Ótimo. Obrigada.

Ele apertou alguma coisa fora do meu campo de visão, por trás do balcão.

— Pronto! Danny está mandando o elevador descer. Ao soar a palavra descer, tocou também a campainha de aviso do elevador e as portas se abriram. Cruzei o hall, virei-me para me despedir de Naz e entrei. O elevador começou a subir sem que eu apertasse botão algum.

— Oi, Razão — Danny me cumprimentou quando as portas se abriram. Seu cabelo estava molhado. Ele estava de jeans e camiseta. Senti cheiro de limpeza.

— Oi — respondi.

— Seu olho está bem melhor que da última vez.

Levei a mão ao olho. Tinha me esquecido do machucado.

— Chegou na hora certa. Acabo de voltar de um jogo e estou de saída novamente. — Ele apontou para uma mala próximo da porta.

— Hã — falei. Tinha me esquecido de como Danny era bonito. Cílios longos, espessos, voltados para cima. — Vai viajar?

— Vou, sim. Visitar a Julieta.

— Está indo para Sidney?

Danny confirmou.

— Pego o vôo agora à noite. Já estou de malas prontas. Achei que seria legal fazer uma surpresa para ela. — Fez uma pausa e ficou me olhando. — Você acha uma boa idéia?

— Você vai até Sidney? — Tentei imaginá-lo na casa da Esmeralda. Não consegui.

Danny sorriu, e o sorriso chegou aos seus olhos. Isso o deixou ainda mais

bonito.

— Pois é, aquela porta de vocês não funciona para mim, lembra? Então, acha que Julieta vai gostar da surpresa?

— Acho que sim — respondi. Fiquei pensando no que aconteceria se Danny chegasse lá e ela já estivesse morta. Quanto tempo levaria um vôo de Nova York para Sidney? — Claro que vai adorar. Ela sente muito sua falta.

Ele abriu o sorriso ainda mais.

— Que bom! Fico feliz. Então, por que você voltou para cá?

— Eu... hã... — engasguei. Não estava pronta para soltar tudo de uma só vez. — É meio complicado.

— Precisa de algum lugar para ficar? Se quiser, pode ficar aqui enquanto eu estiver fora. Está tudo bem com você? — ele perguntou, e eu não consegui deixar de olhar para o jeito como seus lábios se mexiam. Corei. Já tinha beijado aquela boca. — Julieta me disse que você chegou direitinho em casa. E que aquele velho está morto e não vai mais incomodar. Isso é verdade, não é?

— É, ele está morto — respondi. — E eu estou bem. — Não tive muita certeza da veracidade de nenhuma das duas afirmativas.

— Então, hã, por que você voltou para Nova York? Não houve nenhum problema com sua avó, houve?

— Não, não. A Esmeralda tem sido ótima. Não é tão má assim. — Mas ainda não era exatamente isso.

— Ora, que bom! Então, quer ficar com a chave? Pode se instalar à vontade, se precisar. Só que tenho de ir logo. Senão, perco meu vôo.

— Está certo, hã, obrigada. — Na minha visão Cansino, ele era invisível. Como se não existisse. Quase lhe falei da sorte que ele tinha... por não ser mágico.

— Quer beber alguma coisa? Tenho refrigerante. Você gosta de Coca-Cola?

— Não, obrigada.

— Hã, Jay-Tee falou que você tem muito mais magia agora. Como se tivesse superpoderes? Como é isso? Para mim, está igualzinha ao que era antes.

— Hum.

— Você sabe o que são superpoderes, super-heróis, essas coisas, não sabe?

— Hum.

Danny riu.

— Super-Homem? Batman? Eles voam, combatem bandidos. Esse tipo de coisa.

— Eu não vôo — falei. Embora não tivesse a menor idéia. Será que conseguiria? Nunca tentei.

— Já é alguma coisa. Seria esquisito demais. — Ele sorriu para mim, esperando que eu dissesse alguma coisa. Não consegui me imaginar fazendo nenhuma das coisas que tínhamos feito. Corei só de pensar em entrar no quarto dele, em tocar

nele. Como fui capaz de fazer aquilo? Corei de novo.

— Então, hã, o que era essa coisa complicada sobre a qual você queria falar?

— É... — Balancei a cabeça, tentando encontrar uma forma de contar para ele. Que estranho! Eu tinha tocado naquela pessoa. Minha pele tinha entrado em contato direto com a dele. Ele esteve dentro de mim. Por que eu não conseguia falar com ele sem corar?

— Tem certeza de que não quer beber nada?

— Absoluta.

— Bem, eu quero. Você se importa?

— Não. Mas... você tem tempo? O seu vôo sai daqui a quanto tempo?

— Tenho quinze minutos antes de o carro chegar — ele falou, encaminhando-se para a cozinha. — Dá tempo para uma cerveja.

Sentei-me numa das banquetas e fiquei olhando enquanto ele pegava a cerveja na geladeira. Observei os músculos do seu braço. Fortes e bonitos. O cheiro dele também era gostoso. Fiquei pensando em como seria nosso filho. Escuro como eu, ou de um tom mais claro, como Danny? Fiquei torcendo para que tivesse os cílios do Danny. A boca também. Isso se nosso filho fosse humano, claro. Se não saísse com a aparência do velho Cansino.

Nenhum dos dois disse nada durante um tempo. Ele ficou tomando a cerveja e tamborilando com os dedos na mesa, como se a partida de basquete não tivesse dado conta da energia nervosa.

Meu nervosismo se multiplicou. Danny não ficaria feliz em saber do bebê. Especialmente quando eu lhe dissesse que não tinha certeza se seria humano.

— Então, Razão, sabe? Tem uma coisa que eu também quero falar com você. Não tem nada a ver com a Julieta. Bem, tem um pouco a ver, sim, claro.

— Fale.

— Mas você pode me contar o que você tem para contar antes, se preferir. Corei.

— Não me importo.

Ele tomou mais um gole da cerveja.

— Então, você sabe que eu gosto de você, certo?

Concordei, subitamente receosa pelo que ele poderia dizer. Não estava olhando para mim.

— Pois é, a culpa é minha. Totalmente minha. Aceito e me sinto muito mal, muito mal mesmo, porque você é uma menina legal, hã, e foi, sabe... hã, tem certeza de que não quer beber nada? Um refrigerante? Água?

— Tenho certeza. — O que ele estava achando que era culpa dele?

— O que você acha?

— Acho de quê? — Acho muitas coisas. Mas acima de tudo acho que seria

bom eu saber do que ele estava falando.

— De que estou falando.

— Bem, hã, eu também gosto de você?

Danny baixou o olhar.

— Então, isso é bom, já que você e a Julieta estão se aproximando tanto. Parecem irmãs, ela disse. Hã, é isso que você está sentindo por ela? Como se ela fosse sua irmã?

— Acho que sim. — Eu nunca tinha tido uma irmã, mas também nunca tinha tido uma amiga. Sempre fomos só eu e Sarafina. As outras pessoas serviam para trabalharmos para elas; ou eram aquelas de quem comprávamos água, comida e suprimentos; ou diziam que a inundação baixara e que dava para cruzar a barra mais adiante. Dinheiro, comida e informação; mas amizade, não. — Seria legal ter uma irmã.

— É bom que você e Julieta sejam amigas. Ela enfrentou muita coisa, sabe? Nosso pai foi muito duro com ela. E tem mais: você é a primeira amiga que ela arranja em muito tempo, então isso é ótimo e estou muito feliz. Não quero que ela perca uma amiga. Preciso saber se você vai continuar sendo amiga dela.

— Claro, Danny. E por que não continuaria? — Senti uma coisa esquisita no estômago. Imaginei que fosse vomitar outra vez.

— Ah, legal. É isso aí. Eu gosto, sabe, gosto mesmo de você. Você é uma menina legal à beça. Mas é muito nova. Nova demais. Só tem 15 anos! Eu estou com 18, Razão.

— São só três anos...

— É uma grande diferença. Sério. E... — Ele tomou mais um gole grande de cerveja, até esvaziar a lata, e a amassou na mão esquerda, deixando apenas um disquinho achatado. Não estava agindo como se gostasse de mim; parecia mais querer que eu fosse embora. — O que aconteceu foi legal, mas foi um erro. Não deveria ter acontecido. Eu já vou para a faculdade e você ainda está na escola...

— Não estou, não. Nunca fui à escola.

— Isso mesmo. Tinha me esquecido. De qualquer forma, deveria estar no ensino médio. A Julieta também. É o que quero para ela. É o que o papai queria: que ela se formasse, ganhasse a própria vida...

— Ela está morrendo — soltei. — Não tem mais muita vida pela frente.

Danny se levantou abruptamente, abriu a geladeira, tirou outra lata de cerveja, mas, em vez de abri-la, encostou-a ao rosto. Deu a impressão de que iria chorar.

— Ela praticamente não tem mais magia alguma. A Esmeralda tentou salvá-la, mas... — A magia Cansino não funcionou no seu caso porque ela não era Cansino. Só tinha o tipo normal de magia, e já estava quase no fim.

— E ela está lá — Danny falou — e eu estou aqui. — Ele deu uma olhadela no

relógio. — Mas não por muito tempo. Daqui a pouco pego o avião. Estou mais feliz ainda por estar de partida. Se não lhe resta muito mais tempo, preciso estar lá na sua companhia. Ela é minha irmã.

Concordei. Senti o mesmo ao ter de me separar de Sarafina. Ele olhou de relance para mim, nossos olhares se cruzaram.

— Fico pensando que isso não é verdade, sabe? Quando falo com ela ao telefone, é a Julieta: cheia de vida, elétrica. Sempre ligada e tudo mais... — rolou a lata pela testa e voltou a falar. — Tem certeza de que ela não vai ficar zangada comigo por fazer essa visita? Preciso estar junto dela; de verdade, sabe?

— Ela vai gostar. Você pode ficar na casa da Esmeralda. A casa é enorme.

— Certo — disse ele. — Merda! Tinha me esquecido completamente disso. Qual é o endereço? Espere um instantinho. — Entrou correndo no quarto e saiu com papel e caneta.

Eu falei e ele tomou nota.

— Ótimo — disse. — Ainda bem que resolvi isso. Poderia ficar esquisito. E você entende nossa situação, não entende? Fica legal para você?

Pisquei. Danny não estava lá. E de repente estava, olhando para mim, esperando que eu dissesse sim.

— O que fica legal para mim? — perguntei. Aquela voz fraca voltou, fingindo-se minha. — Você vir ficar com a gente?

— Hã, sim, é isso, mas também, sabe, aquela outra coisa, entre nós dois.

Fitei-o com firmeza, tentando entender o que aquilo queria dizer, mas ele era tão vago quanto Raul Cansino. Ainda não lhe falara do bebê; ele não tinha como falar o que parecia estar falando.

— É esquisito demais, Razão, sendo você a melhor amiga da Julieta, sendo tão novinha e tudo mais. Ainda podemos ser amigos, sabe? Você pode me considerar um irmão mais velho. — Ele se retraiu. — Bem, talvez não. Mas esqueça aquela outra coisa, está bem?

— Aquela outra coisa? Quer dizer sexo? — Olhei-o fixamente outra vez, boquiaberta, mas logo fechei a boca, caso ele pensasse que eu o queria beijar.

— De qualquer forma, não estou numa de namorar, Razão.

Numa de namorar? Danny estava dizendo que não queria me beijar novamente, ou tocar, ou fazer sexo comigo. Corei, furiosa comigo mesma por não conseguir controlar o sangue que corria pelas minhas veias.

Será que ele chegou a me querer? Como é que eu pude beijá-lo sem que ele me quisesse? Mas ele me beijou. Tocou no meu corpo todo. Ajudou a fazer o bebê que estava dentro de mim. Eu sequer lhe contei sobre o bebê e ele estava me rejeitando.

Os enormes olhos castanhos de Danny estavam grudados nos meus. Que homem lindo! Um belíssimo homem que não queria nem a mim, nem ao nosso bebê!

Será que foi isso que aconteceu com Sarafina? Teria dormido com um homem uma noite apenas e depois ele lhe disse para ir embora? Sempre me disse que não lhe contou sobre a gravidez, que não tornou a vê-lo por escolha própria. E se tivesse? E ele dissesse não; foi por isso, então, que não tive um pai? Meu pai não queria minha mãe; por que iria me querer? Eu não tive pai e agora meu filho também não iria ter.

Soou uma campainha. Danny atendeu o telefone perto do elevador.

— O carro chegou — disse ele. — Posso lhe dar uma carona para algum lugar? Fiz que sim com a cabeça e agarrei a amonite para manter a voz firme.

— Se puder me levar de volta para a porta, vai ser legal.

— Claro — disse ele, pegando a mala. Não me queria.

A dor que senti foi aguda, mas também me queimou. Meus olhos arderam.

Fechei-os, deixando que o mundo Cansino me cercasse. A dor passou. Por todo canto havia a luz da magia. Estava lindo, dando-me uma sensação de segurança. Escutei Danny falando comigo de um outro mundo, mas sua voz não me magoou.

Avistei o décimo sexto Fibonacci que era a porta para Sidney. Avistei outro conjunto de luzes mágicas presas entre si por filamentos. Perguntei-me se não seriam portas também. F se fossem, para onde levariam.

Resolvi que iria ficar no mundo Cansino. Mas primeiro iria agüentar o pequeno passeio com Danny e, em seguida, finalmente resgatar Sarafina e trazê-la para a segurança do santuário Cansino de matemática e luzes. Afinal, ela era uma Cansino.

Bastava que eu lhe desse um pouco da magia do velho.

Contando a verdade

Tom escutou caimamente Cathy reclamar por ele não ter atendido aos seus recados antes e por não ter respondido os e-mails. Papai finalmente lhe dissera que poderia contar à Cathy sobre magia e ele estava às voltas com a maneira de revelar-lhe o assunto. O que poderia dizer? “Ah, Cathy, você me desculpe, viu? É que eu e o papai escondemos uma coisa de você. Acontece que sou mágico. Que tal? Ficou feliz de saber?”

Não, desse jeito não iria funcionar.

Tornou a pensar se Jay-Tee teria tido alguma intenção com aquele beijo. Ela acariciou-lhe o rosto. Não seria só coisa de amigo, seria? Razão jamais lhe faria um carinho no rosto. Tom ficou impressionado com sua vontade de que Jay-Tee tivesse alguma intenção naquele gesto. Mas era Jay-Tee, afinal de contas, a implicante de Jay-Tee que nunca perdia uma oportunidade de importuná-lo. Por que iria querer beijá-la?

Porque o cheiro dela era gostoso. Porque quando ele se lembrava daquele beijo, seus lábios latejavam.

Mas ele gostava de Razão, não de Jay-Tee. Ficou imaginando como estaria se sentindo caso Razão o tivesse beijado.

— Tom? Tom? Está me escutando?

— Estou, Cath, estou escutando sim. Queria que você me desculpasse, mesmo; não vou deixar acontecer novamente. Mas há uma coisa que preciso lhe contar. É importantíssimo.

— Pode contar. Estou esperando.

Tom aguardou um pouco. Como é que se faz para contar para alguém que você é mágico?

— E aí?

— Onde é que você está, Cath?

— Como assim onde é que estou? Em casa, ué! Ou você acha que vou pendurar essa conta no telefone de outra pessoa?

— A Esmeralda paga.

— Ora essa, Tom! Vocês vão ter de parar de se fiar tanto na generosidade dela. Isso não vai durar para sempre e se você quer saber de uma coisa, Tom Yarbrow, a

Esmeralda não paga as minhas contas de telefone.

— Desculpe.

— Você ia me contar uma coisa fabulosa.

— Ah, é. Será que você me faria um favor, Cath? Dá para ficar em casa? Eu preciso fazer uma coisa, mas ligo de volta para você daqui a uma hora.

— De jeito nenhum! Sem essa, Tom, me conte agora. Agorinha mesmo! E por que é que eu tenho de ficar aqui? Você tem o número do meu celular.

— É muito melhor falar de um fixo. Por favor, Cathy, só uma horinha!

— Tudo bem, mas se você não ligar, vou aí e acabo com você, entendeu bem?

— Entendi. Se não ligar, morro. Não vai nem demorar uma hora inteira. Está mais para coisa de uns vinte minutos.

— Tudo bem, então. A gente se fala.

— Até logo.

— Até.

Ele desligou o telefone, trocou o short e a camiseta por uma calça jeans, camisa pólo, suéter de lã, meias grossas, botas e um casacão, e enfiou um gorro na cabeça e um par de luvas no bolso.

Tom saiu e fechou a porta. Era noite. Tinha se esquecido de que estaria escuro. Bem, escuro exatamente não, com todas as luzes da rua. Enfiou os óculos de sol e estremeceu. Jamais se acostumaria com o frio. Que horas seriam? Olhou para o relógio: 11h15; então, que horas seriam aqui? Eram seis, ou sete, ou oito? Não conseguia se lembrar nunca. Razão saberia.

Era inverno, com certeza; então, fosse qual fosse a hora, o sol já teria se posto há um tempão. Aqui, no inverno, o sol se punha segundos depois que nascia. Tom pensou em como seria ir para a escola em Nova York: sair cedinho quando ainda estava escuro, e voltar já no escuro. Porcaria total!

Jason Blake não estava no pedaço. Tom não esperava mesmo encontrá-lo. Levou a mão ao curativo no rosto onde o canalha o havia arranhado. Poderia se considerar um sortudo se aquilo não inflamasse. O homem era peçonhento.

Precisava correr; seria melhor voltar sem que ninguém desse por sua falta. Esmeralda não tinha dito explicitamente que eles não deveriam atravessar a porta. Pelo menos, já fazia alguns dias que ela não falava nada disso, mas sem dúvida não iria ficar feliz sabendo que ele atravessou sozinho. Esmeralda era quem decidia se alguém iria cruzar a porta e quando. Mas era a única forma de contar para Cathy: frente a frente.

De que outra maneira ela iria acreditar nele?

Tom ainda tinha a chave do apartamento de Cathy desde a última visita. Pensando bem, ela ainda estava com a mochila dele. Ele parou diante da porta do apartamento dela, em parte porque tinha se esquecido das tantas trancas e em que ordem precisava destrancá-las. Talvez fosse melhor bater. Decerto o fato de estar aqui em Nova York poucos minutos depois de ter falado com ela pelo telefone de Sidney já bastaria para convencê-la. Tom levou a mão até a campainha, mas tornou a colocá-la no bolso

Estava nervoso.

O que iria dizer quando Cath abrisse a porta? “Surpresa!” E se ela desmaiasse? E se tivesse um ataque cardíaco e morresse? Ele tinha lido em algum lugar que isso acontecia com muito mais mulheres do que se poderia imaginar. Ficou pensando em como iria explicar aquilo para o pai e estremeceu. Era ele que estava fadado a morrer cedo, não ela.

Não seja idiota, Tom, disse a si mesmo. Quanto mais cedo resolvesse isso, mais cedo deixaria de haver segredos na família. Independentemente do que lhe restasse ainda de vida, seria muito melhor, pois poderia contar a Cath tudo que quisesse. Não teria mais de mentir.

Faz parte da magia: às vezes é preciso mentir. Isso não seria mais preciso. Tocou a campainha.

Depois de uns poucos e demorados segundos, durante os quais ficou achando que ela já teria saído apesar da promessa, Tom ouviu o barulho das milhares de trancas sendo abertas. A porta se abriu. O marcha-lenta do colega com quem Cath dividia o apartamento, aquele sacana malvestido que não gostava que ninguém mexesse nos seus apetrechos de banheiro, idiota estraga-prazeres, soltou um grito.

— Não, não! Absolutamente não! De forma alguma! Você não vai ficar aqui. — E bateu a porta.

— Espere.

Tom tocou a campainha outra vez. E mais outra. Depois simplesmente enfiou o dedo no botão, e ficou vendo a ponta ficar branca. Ouviu gritos. Até que afinal a porta se abriu e apareceu a Cathy.

— Caraca! Não acredito — disse, olhando fixamente para ele — Não é possível. A gente acabou de se falar pelo...

— Pois é, sou eu. Foi isso que vim contar para você.

— Ele não vai ficar aqui — interveio o idiota. — Nem passando por cima do meu cadáver!

— Não — disse Tom, engolindo as palavras que teve vontade de usar, pois adoraria passar por cima do cadáver do idiota. — Não vou ficar aqui. Só vim pegar minha irmã para jantarmos. Não que isso seja da sua conta!

— Nem uma noite sequer — disse o idiota, virando-se para Cathy. — Estou avisando.

— Ah, não enche, Andrew — Cathy falou, sem olhar para ele. — Vou pegar um casaco.

— Será que você pode pegar minha mochila também?

— Não se preocupe. Espere aqui. Não quero que esse chato reclame novamente.

Cath saiu com Tom pelas ruas escuras no inverno de Nova York. A pouca neve que restava estava cinza e feia. As pessoas andavam apressadas, enroladas em seus agasalhos. Os dois passaram por um homem vendendo castanhas tostadas. O cheiro era tão bom que o estômago de Tom roncou, embora não fizesse muito tempo desde que tomara o café-da-manhã.

A cada passo que deram na direção do restaurante, Cath ficou enchendo sua paciência para contar logo o que estava acontecendo, mas Tom manteve-se firme.

— Não é uma coisa da qual eu possa sair falando assim no meio da rua — ele disse, vendo suas palavras se transformarem em nuvens de condensação. — A conversa é séria. Você vai ficar tão boquiaberta que, se conversássemos aqui, o frio da rua iria congelar sua língua.

— Uuuuh, Tom, que coisa intrigante!

— Está muito frio, Cath. Espere...

— Pronto, chegamos! — ela disse, abrindo-lhe a porta de um requintado restaurante da moda, todo em verde-claro, grená, acabamentos em madeira e metal, e um bar em curva na entrada com uma árvore de garrafas de vinho acesa como se ainda fosse época de Natal. Parecia o tipo de lugar onde seu pai gostaria de comer mas diria não ser capaz de pagar.

— Legal, hein! — Tom falou quando Cath escolheu uma mesa baixa com poltronas confortáveis em vez de cadeiras.

Ele se acomodou logo numa delas. Era mais baixa e menos confortável do que parecia. As mesas e cadeiras no fundo do restaurante pareciam muito melhores, mas ele não achou ruim a escolha de Cath: havia mais privacidade onde estavam. Não seria legal contar sua história para a irmã e as pessoas por perto poderem ouvir.

— Com certeza! Nem dá para dizer que é um restaurante vegetariano!

Tom mordeu o lábio de baixo. Ela estava prestes a ouvir uma novidade inacreditável. Deveria ao menos estar num lugar onde se sentisse confortável. Ele achou que daria para ugmentar comida de passarinho ao menos desta vez.

— É, não dá mesmo.

Um garçom lhes trouxe menus. Tom deu uma olhadela rápida e viu várias coisas das quais nunca ouvira falar, como risoto de couve-flor e strata e mais-não-sei-o-quê. Eca! Malditos vegetarianos! Felizmente a casa tinha hambúrguer, mesmo que falsificado. Pelo menos, vinha com batata frita.

— Você sabe que não é carne, não sabe?

— Eu sei o que vegetariano quer dizer, Cath.

Ela pediu duas águas-de-coco. Tom não sabia que tinha disso em Nova York. Não eram tão boas quanto as de casa. E era inverno, ainda por cima; ficou imaginando de onde teriam sido importadas.

Chegou um garçom e desfiou uma lista de esquisitíssimos pratos especiais. Tom pediu um hambúrguer e Cath um dos especiais, e foi quando ele se deu conta de que tinha esquecido de trazer dinheiro americano.

— Hum, Cath?

— Diga.

— Lembra que eu disse que era por minha conta? Ela resmungou.

— Não se preocupe, Tom. Eu posso pagar. Acho que posso.

— Eu posso ir lá correndo e voltar com o dinheiro. Está na minha gaveta de meias. Só não quero levar bronca. A Esmeralda não sabe que eu passei para cá.

— Passei para cá?

Veio um garçom e encheu os copos com água-de-coco. Tom disse obrigado, torcendo para que ele fosse logo embora. Resolveu tomar um gole devagar.

— Passei pela porta. A porta dos fundos da casa da Esmeralda. Foi assim que consegui chegar tão rápido.

— Ah, claro — Cath falou, como se ele tivesse enlouquecido.

Passou outro garçom. Cath fez sinal para ele.

— Eu gostaria de uma taça de Malbec, por gentileza. — E tornou a dirigir-se para o irmão, que se perguntava o que seria Malbec... provavelmente um vinho. — Vou precisar, está certo? Você estava falando de uma porta.

— A porta da Esmeralda. Isso.

— Eu sei — Cath falou. — Você não voltou para casa, voltou? Estava só fingindo que tinha voltado para Sidney, mas ficou aqui o tempo todo.

— Cath, foi você que me telefonou.

— Você deu um jeito de encaminhar o telefonema para outro número. Para me fazer pensar que estava em casa quando na verdade...

— Eu sou mágico. A mamãe também.

— Mágico — Cath repetiu, como se não fizesse idéia do que a palavra significasse.

A comida chegou, com o vinho de Cath. Tom ficou feliz de ver que seu hambúrguer parecia um de verdade. Deu uma mordida. Nada mal. Era até bom. Cath

começou a garfar a comida, que veio balançando dentro de uma tigela grande. Só dava para reconhecer a alface incrementada nas bordas. Ainda bem que era o prato dela, e não dele.

— Cheguei aqui abrindo a porta da cozinha da casa de Esmeralda. Basta dar um passo que a gente chega em Nova York.

— Só isso?

— Só isso.

Tom falou de quando conheceu Esmeralda, falou da loucura. Falou de morrer cedo. Contou-lhe tudo. Cath disse que não acreditava, mas ele percebeu que tinha acreditado sim.

— Então me mostre — disse, depois de pedir uma terceira taça de vinho. Seu rosto estava ficando vermelho.

— Você não ouviu a parte que fala de não usar magia demais? A parte que fala de morrer cedo?

— Só um pouquinho, então.

Tom soltou um suspiro.

— Só esta vez, certo?

Ela concordou, com o rosto ainda mais vermelho.

— Está vendo a vela?

— Estou. Posso não ser capaz de fazer magia, mas sou capaz de enxergar. — Ela tomou um gole grande do vinho. — Ainda.

Tom pensou na vela se apagando. Ela se apagou. Pensou nela se acendendo. Ela se acendeu de novo.

— Oh — Cath falou. — Muito bem.

— Pois é. Assim. Você deveria ver como o papai ficou depois que Esmeralda lhe contou. Feliz é que não ficou. E ainda não está. Nem gosta muito de falar nisso. Nunca.

— Posso entender por que não. Não é uma coisa exatamente agradável, é?

— Agradável? Não. Não é, não.

— E a mamãe?

— Está maluca porque não usa sua magia. Quero dizer, ela não sabe que tem, de forma que não a usa. No final das contas, dá no mesmo.

— E você não contou para ela?

Tom confirmou.

— Ela está maluca, Cath. Não acreditou em mim. E quando eu tentei mostrar, perdeu a cabeça.

— Perdeu a cabeça?

— Partiu para cima de mim. Precisaram...

— Tudo bem. Entendi. — Uma vez a mãe deles cortou Cath com uma faca,

dizendo aos berros que iria matá-la. Eles nunca falaram disso. Tom estava presente, mas era pequeno demais para se lembrar. — Quer dizer que você é... — Ela se calou, mas Tom pôde perceber a batalha que estava travando com o que ele acabara de lhe contar. — E por que eu não sou mágica?

Tom deu de ombros.

— Sei lá. Por que eu sou albino?

— Você não é albino; só tem deficiência de pigmento.

— Assim são as coisas, maninha!

— Sem essa!

— Mas é de verdade mesmo? — ela o encarou de frente, dando-lhe uma versão mais leve do seu olhar de interrogatório de alta voltagem.

Tom confirmou com tristeza.

— Gostaria que não fosse.

— Céus! — Cath exclamou energicamente. — Meu irmãozinho careta vai morrer jovem. — Ela esticou as mãos por cima da mesa e apertou as dele. Tom sentiu as lágrimas assomando-lhe aos olhos. — Não vá pensando que isso significa que você está perdoado, sabe? Você ainda é um belo de um salafrário por ter escondido uma coisa dessas de mim por tanto tempo. — Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto. — Um sacana e tanto!

Reluzindo

Jay-Tee acionou a maçaneta da porta que dava para Nova York. A maçaneta girou, mas a porta não abriu. Estava trancada, claro. Ela não sabia onde ficava a chave, e mesmo que soubesse não a usaria, pois abrir a porta ainda equivalia a usar magia, mesmo que um mínimo insignificante. Tinha jurado que não a usaria mais. Antes a loucura que a morte!

Jay-Tee só queria ver sua casa. Inclinou-se e espiou pelo buraco da fechadura, mal conseguindo ver apenas a base de uma minguada escada de incêndio. Não parecia haver cores em Nova York. Tudo era difuso, como se estivesse olhando através de um gel. Aquilo lhe causou uma sensação estranha, como se houvesse formigas passeando sob sua pele, como se a magia a estivesse deixando. Ela estremeceu e deixou-se cair ao chão e, mesmo sabendo que não deveria, ergueu-se novamente até o buraco da fechadura para uma última espiadela naquela visão turva agora da parte superior da escada de incêndio e dos tijolinhos ao fundo.

Como conseguiria viver sem usar magia?

Jay-Tee sentiu vontade de se esgueirar pelo buraco da fechadura. De ir ficar com o irmão. Sentia falta de Danny mais do que nunca, agora que ele era a única família que lhe restava. Agora que estava presa em Sidney sem ter como voltar para casa. Não podia passar pela porta; então, de que forma voltaria? Num tapete voador? Não; para isso também seria necessária a magia. Ela não tinha magia suficiente, nem um passaporte.

Sentiu-se de repente tão cansada que teve vontade de chorar outra vez. Presa ali sem passaporte, sem suas roupas, sem dinheiro, sem família, sem magia, sem nada.

Subiu para o andar de cima, deixou-se cair numa cama que não era sua e fechou os olhos. Pouco se importava se Tom jamais voltasse da visita à irmã, ou se Esmeralda não a levasse para comprar roupas, ou se Razão se transformasse num elfo monstruoso como o tal do Raul Cansino. Que diferença fazia isso? Jay-Tee não estaria mais ali para ver.

Jay-Tee sonhou que ele a estava perseguindo pelas ruas de Manhattan. Só que

estavam todas tomadas de névoa e todos os prédios eram altos. Por mais rápido que ela corresse, o homem que lhe drenara quase toda a magia estava sempre a poucos passos no seu encalço. Mas, de repente, ele não era mais ele; era, sim, seu pai.

Ela se sentou, subitamente ereta, na cama. Onde estava? Por um instante, pensou que estava no apartamento dele. Mas este quarto era tão grande, tão claro. Cortinas brancas, lambris de madeira clara. Havia algo errado.

Foi então que se lembrou de estar em Sidney. Na casa de Esmeralda. Com Esmeralda, a bruxa má, que acabou não se mostrando nem de longe tão má quanto ele dissera, como só poderia ser. Por que acreditara numa palavra sequer que ele dissera? Só às vezes ele dizia a verdade... quando era útil para ele.

Jay-Tee estava tão feliz por ter escapado dele, por Razão tê-la resgatado. Ela sempre teve muito medo de fugir sozinha. Razão não tinha medo de nada. Neste exato momento, Jay-Tee tinha medo de praticamente tudo.

Estava em Sidney, onde o melhor que podia fazer era espiar Nova York pelo buraco da fechadura. Onde...

Tom não tinha voltado. Ou talvez tivesse visto que ela estava dormindo e tornado a sair.

Jay-Tee foi ao banheiro, jogou um pouco de água no rosto, olhou para as próprias roupas. Sua camiseta (na verdade, de Esmeralda) estava toda amarrotada. Era de imaginar, já que acabara de dormir com ela; porém não havia mais o que vestir. Nada que estivesse limpo.

Jay-Tee desceu a escada, pensando em encontrar Tom. Ele provavelmente estaria em casa, ali ao lado. Ela poderia retomar a aula em que lhe falou de Deus, e a do beijo também. Primeiro, foi até à geladeira, mas estava tão cheia de tralhas amedrontadoras quanto da última vez em que olhou. Ali certamente nada era comestível. Hesitou mas acabou pegando uma maçã verde do cesto de frutas, a única com aspecto normal de fruta.

Ouviu a porta dos fundos se abrir às suas costas.

Virou-se, fez o sinal-da-cruz com a maçã ainda na mão e deu um passo atrás. Mas a pessoa que entrou foi Razão, não ele.

— Razão!

— Jay-Tee?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Você estava em Nova York?

— Estava — falou Razão. Tirou o sobretudo e o jogou em cima da mesa da cozinha, depois o suéter, as luvas e o gorro.

— O que foi fazer lá?

— Ver se conseguia passar sem a chave. — Razão respondeu, caminhando até depois de onde ela estava. Deu um passo em falso quando estava no hall e Jay-Tee

correu para acudi-la antes que caísse.

— Você está bem?

— Estou — Razão falou, desvencilhando-se de Jay-Tee e continuando em direção à porta da frente. Mas saiu cambaleando feito um cavalo recém-nascido aprendendo a andar. Seus olhos estavam semicerrados.

— Você está bêbada?

— Não — Razão falou, abrindo a porta da frente.

— Drogada?

Razão a ignorou e foi para o minúsculo quintal da frente, onde o sol batia. Jay-Tee pestanejou. A pele de Razão não estava da mesma cor que antes. Só que ainda era... ainda tinha o mesmo tom caramelado, uma ou duas tonalidades mais escuras que a sua, mas a profundidade havia mudado. Ou algo que o valha.

Razão esbarrou no portão de entrada; ou melhor, não. De alguma forma, conseguiu chegar à calçada; pelo jeito, inteira. Jay-Tee não entendeu direito o que acabara de presenciar. Num segundo, ela estava deste lado do portão; no segundo seguinte, do lado de lá. Razão continuou andando pela rua.

— Para onde você vai? Tem certeza de que vai a algum lugar nesse estado?

— Tenho — Razão falou. — É preciso prática. É mais difícil quando você me faz ficar falando também.

— É preciso prática para andar? — Jay-Tee sabia que Razão não tinha a melhor coordenação motora do mundo, mas não costumava ser tão ruim assim.

Razão continuou andando, acertando e firmando cada vez mais o passo. Jay-Tee correu em seu encalço.

— Razão! Para onde estamos indo?

— Ver minha mãe.

— Sua mãe. — Tudo bem. — No hospital de loucos?

— Kalder Park.

— Por quê?

Razão começou a andar ainda mais rápido. A calçada era estreita e irregular, cheia de árvores e mato. Jay-Tee teve de contornar os obstáculos, chegando a passar pela rua para conseguir manter o ritmo. A quase-corrida a levou a sentir o formigamento de sua magia. Diminuiu o passo, balançou os braços entreabertos e desejou que a magia simplesmente parasse.. Recusava-se a cair morta ali na rua.

O que havia com Razão? Seus braços não estavam com uma boa aparência. Na verdade, ela inteira não estava.

— Precisa de algo da sua mãe? — Jay-Tee se abaixou para passar por um galho a pouca altura e quase tropeçou numa raiz que deformava o pavimento.

— Não.

— Você está bem, Razão? — Jay-Tee perguntou, embora fosse óbvio que não

estava.

— Estou ótima.

— A gente não deveria contar para sua avó onde estamos indo?

Razão não disse nada. Chegaram ao fim da rua tranqüila de Esmeralda e, sem nem olhar, ela atravessou a rua por onde passavam carros a toda.

Jay-Tee fez o sinal-da-cruz outra vez.

— Razão! — gritou, mas Razão já estava na outra calçada. Só podia ser a nova magia! A antiga Razão não conseguiria fazer isso, de forma alguma. Mal conseguia correr sem cair.

Razão desapareceu na esquina.

— Ra! Espere aí! — Jay-Tee gritou novamente, embora não houvesse como a outra ouvi-la em meio a todo o barulho do trânsito. Esperou dar passagem, mas era como tentar atravessar uma pista de corrida. Se ainda tivesse magia suficiente, poderia usá-la; mas não tinha. O sinal finalmente fechou e ela atravessou correndo para a outra esquina. Razão estava a um quarteirão de distância.

— Espere aí.

Acelerou o passo, sentindo crescer o formigamento da magia, e diminuiu a velocidade novamente. Depois de dois quarteirões, chegou perto de Razão.

— Pode esperar um pouco, Razão? E por que está agindo desse jeito estranho?

Razão parou subitamente e Jay-Tee esbarrou nela. Passou uma mulher de malha preta e camiseta cor-de-rosa. Jay-Tee se deu conta de que tinham passado pouquíssimas pessoas desde que ela e Razão saíram de casa. Gente que não estava nos carros, a bem dizer. Estava difícil dizer que Sidney fosse uma cidade, daquele jeito, com tão pouca gente nas ruas!

— Desculpe — falou, embora tivesse sido culpa da outra. Razão não parecia estar sem fôlego, embora devesse.

— O que está acontecendo?

— Quero dar um pouco da magia Cansino para Sarafina. Para que ela não precise mais continuar doente.

— Tudo bem. E para a mãe do Tom também.

— Ela não é Cansino. Não há nada que eu possa fazer por ela.

Jay-Tee já aprendera essa verdade, o que não a tornava menos dolorosa. Razão e sua família, até ele, seu desprezível avô, iriam viver com toda a magia de que precisavam, mas Jay-Tee estaria morta em breve e Tom provavelmente não chegaria aos trinta. Não era justo.

— Que seja; mas o que está acontecendo com você? Por que está agindo desse jeito tão estranho? Foi isso que o Raul Cansino fez com você? — Parada ali sob o sol forte, Razão parecia ter sido retocada com blush, mas não só nas maçãs do rosto: nas mãos, no rosto inteiro, no pescoço, em todo canto. Talvez fosse só por causa da

luminosidade.

Jay-Tee olhou para as próprias mãos. Não era a luminosidade. Razão estava, de alguma forma, mais brilhante.

— Eu estou bem. Por que tanta pergunta?

— Porque você está andando feito uma bêbada maluca. Tudo bem, você estava andando feito uma bêbada maluca. Agora mais parece uma amazona, ou algo parecido. E está brilhando, Razão. Brilhante feito uma estátua.

Magia sumindo

Estar no mundo Cansino enquanto caminhava pelo outro inundo era difícil. E conseguir ouvir o que Jay-Tee dizia e ainda responder era muito mais difícil, mas eu estava aprendendo. A cada passo que dava, a cada palavra que dizia, ficava mais fácil: eu enxergava mais, ouvia mais, sentia mais. Era como se o mundo onde vivera até então fosse em preto-e-branco e agora, vendo-o através dos olhos Cansino, surgissem as cores. Mas não havia cor alguma, só magia por todo lugar para onde eu olhava, enriquecendo tudo que eu via, aprofundando. Cada vez mais.

Mas eu precisava ver isso de que Jay-Tee estava falando. Parei de andar e abri os olhos completamente, perdendo a riqueza e a complexidade, e aterrissando com um baque no mundo das cores. Uma parte desse mundo se resolveu na Jay-Tee: em vez de um cisco de magia, deixando um débil rastro no meu encalço, ela se transformou numa pessoa que se parecia muito com o Danny.

Danny. Minha cabeça explodia com tudo que ele tinha me dito. Lágrimas afloraram aos meus olhos e escorreram pelo meu rosto.

— Razão? Você está chorando. O que está havendo?

— Nada — falei, embora viessem cada vez mais lágrimas. Tomei bastante fôlego e a dor foi tanta que quase voltei para o mundo Cansino. Por que Danny rejeitou a mim e ao meu bebê? Embora não lhe tenha falado do bebê! Ora, mas é claro que não; ele nem deixou. — Aaaargh! — Se Danny estivesse ali na minha frente, eu teria lhe chutado com todas as minhas forças.

— Razão! O que está acontecendo?

— Nada.

— Você está chorando sem motivos?

— Estou!

— É claro que está. Você vai me contar o que está acontecendo? Eu posso ajudar. Ou Esmeralda. Não seria uma boa idéia ligar para ela?

— Pode ligar, se você quiser. Eu vou até Sarafina. — Esfreguei o rosto para enxugar as lágrimas, mas só consegui espalhar. Desejei muito que Jay-Tee não se parecesse tanto com o irmão.

— Como se houvesse algum telefone por aqui! Adoraria se meu celular funcionasse no seu país!

— Será que dá para continuarmos andando? Quero chegar logo na Sarafina.

— É claro que sim. Podemos andar e conversar. Então, Razão, o que deu em você que mudou tudo novamente? Estou falando de voltar ao seu normal. Você está falando e agindo como antes. Não que chorar não seja normal. O que quero dizer...

— Porque abri os olhos.

— O que você fez agora?

— É por causa da nova magia. Não sei descrever direito. Você está indo mais devagar, Jay-Tee.

— Desculpe — ela falou, e deu de ombros da mesma forma que Danny tinha feito.

— Sabe? Você pode voltar para casa e ligar para a Esmeralda, e depois ir me encontrar no Kalder Park.

— Acho que não. Não é como...

— Brilhando, você disse?

Jay-Tee confirmou com a cabeça e em seguida fez o gesto estranho colocando a mão na testa, no peito e nos ombros, que fazia sempre quando estava nervosa ou amedrontada.

— Olhe só para os seus braços.

Olhei.

— Céus! — Minha pele reluzia. Parecia até com a do Raul Cansino: macia, sem pêlos. Será que meus poros estavam desaparecendo? Olhei mais de perto. Ainda não: Ainda havia uma penugem nos braços, mas eu estava reluzindo, sim, sem dúvida, como se fosse feita de ouro ou bronze. — É lindo — falei, conseguindo afinal parar de chorar.

— Você acha? — Jay-Tee falou. — Para mim, é esquisitíssimo.

— Não, é lindo. — Mas o que Sarafina iria pensar? Ela detestava magia. Bastaria botar os olhos em mim que enlouqueceria ainda mais.

Levei Jay-Tee por um caminho ladeado por eucaliptos e encostas gramadas que terminavam em lâminas d'água reluzindo ao sol. Tive curiosidade em saber como seria aquilo visto pela ótica Cansino e comecei a imaginar a maior profundidade dos padrões matemáticos que compunham o movimento das ondas, dos barcos cruzando as correntes de ar.

Reparei que Jay-Tee e o irmão chegavam a andar do mesmo jeito: passadas largas e suaves, quais as de um felino de grande porte, que faziam sentido no Danny por causa da altura, mas Jay-Tee era ainda mais baixa que eu. Balancei a cabeça. Não iria pensar nele.

— É um parque mesmo, hein? — Jay-Tee falou. — Não esperava por isso. Achei que parecia um hospital.

— Aqui é a escola de arte. — Passamos por um prédio com fachada de pedra coberta de hera. Na frente, havia estudantes sentados pelo chão, desenhando. Parecia até que não tinham se mexido desde a última vez que estive aqui. Todos ainda vestidos de preto.

— Não é verão? Como é que eles ainda estão tendo aula?

— Sei lá — respondi. — Talvez quem estuda arte não tenha férias.

— Hã. Vem cá, o que você foi fazer em Nova York? Sabe, quando percebeu que a porta funcionava sem a chave e tudo mais? Esteve com Danny? Ou, sabe, com ele?

Quando ela mencionou o nome de Danny, meus olhos se encharcaram novamente, o que me deixou furiosa comigo mesma. O que eu deveria dizer? O idiota do seu irmão me mandou cair fora? Senti alívio ao avistar o primeiro dos prédios do conjunto de Kalder Park.

— Sarafina está ali dentro. Espere aqui.

— Como assim “espere aqui”?

— Vou usar a magia Cansino, Jay-Tee, uma boa dose; tudo bem? Você não tem como me ajudar com isso. Preciso entrar furtivamente para conseguir dar um jeito nela. Não posso entrar com você junto.

— Eu poderia funcionar como um chamariz ou algo parecido.

— Não quero atrair atenção nenhuma, Jay-Tee. Não vou demorar — completei, já me afastando dela. — Sério.

Entrei numa esquina, repassei os dez primeiros Fibonacci e, ao ver que Jay-Tee não tinha me seguido, escondi-me debaixo de uns pés de cavalinha e um eucalipto baixo que havia entre dois prédios. Então, verificando se ninguém estava me vendo, sentei por ali e me recostei nos painéis revestidos do prédio mais perto.

Na verdade, precisava ficar longe e Jay-Tee me lembrando de Danny toda vez que olhava para ela.

Fechei os olhos. A mágoa por Danny não me querer desapareceu e o mundo Cansino se desdobrou para mim; os arbustos e árvores ao meu lado se tornaram uma difusa poeira da menor magia que se pode imaginar, totalmente abafada pelas inúmeras luzes brilhantes à volta, mais do que eu já tinha visto antes, mais até do que em Nova York, muitas delas ali bem pertinho de mim. Tudo magia. Só podia ser.

Seriam todos iguais à minha mãe? Loucos por não terem usado sua magia? Será que a magia em Kalder Park, com o passar dos anos, teria começado a pegar em tudo? Tornando os sofás, as janelas e as portas também mágicos? O lugar inteiro vibrava de magia.

Vi a luz de Sarafina. Soube logo que era ela; pude sentir. Concentrei-me nela; a sensação ficou mais forte, mas havia algo com a textura. A luz se afastou, explodindo em partículas de poeira, transformando-se em nada. Não, Sarafina não.

Não foi ela. Não tinha sido ela. Não tinha sido nada, o que não fazia o menor sentido. Vi algo familiar, um esmaecido vestígio de magia. Reconheci, mas sem saber direito o que era. Busquei nas luzes mais distantes. Ainda assim, nada de Sarafina.

Ergui-me, sentindo a densidade à minha volta ceder devagar, mais resistente que antes. Concentrei-me, tentando encontrar o mundo real. Ouvi o que poderia ter sido o chamado de um passarinho; em algum lugar não muito distante dali, cigarras ziziavam em coro. Enxerguei as margens batidas de uma trilha e forcei minhas pernas a percorrê-la, como se estivesse me deslocando em ambiente onde a força da gravidade era pouca.

Pensei em qual seria a gravidade da magia pura.

— Real sai! — ouvi alguém chamar. — Real são. Rio são. Razão!

— Jay-Tee — falei. Em meio à textura turbulenta que me circundava, consegui distinguir a poeira esmaecida da magia de Jay-Tee.

— Sarafina não está aqui — continuei. As palavras me saíram devagar, reluzindo num padrão espiralado que foi se desenroscando até sumir de vista. Tão belas! Antes de desaparecerem, Jay-Tee sobre pôs a elas algumas palavras suas. Não houve espiral nem brilho nelas. Não ouvi nada.

Continuei buscando Sarafina, tentando escutar mais palavras de Jay-Tee, mas elas me alcançaram apenas em fragmentos minúsculos. “Mer”. “Ont”. “Uda”. “Azão”. Senti vibrações, como asas de uma borboleta batendo contra um tecido macio. Não eram deste mundo: só podiam estar vindo de onde Jay-Tee se encontrava.

Eu não era forte o suficiente para buscar minha mãe no mundo Cansino e continuar consciente do mundo real. Concentrei-me em Sarafina. E a encontrei. Reconheci o movimento de sua magia, as espiraladas ondas dos Fibonacci. Ela havia saído daqui. Estava em movimento. E não estava só. Outra magia se deslocava no seu entorno, mais forte que a dela. Algo inteiramente diferente. Pronunciei seu nome.

Fiz força para abrir totalmente os olhos, para retomar a luz do dia.

— O que você disse? — Jay-Tee gritou, ferindo meus ouvidos.

— Jason Blake — respondi. — Minha mãe está com Jason Blake.

Seguindo a magia

— *Não! Como? Onde?* — *Jay-Tee falou* atabalhoadamente.

Ela não podia acreditar. Ele, não. Não aqui. — Por que estaria aqui? O que iria querer com...

Razão partiu em disparada na direção da rua. Jay-Tee seguiu-a com facilidade, sem precisar usar um pinga de magia. Razão estava andando como Razão novamente, não como se estivesse enfeitada. Jay-Tee agarrou-lhe o braço.

— Razão? Como você sabe que ele pegou sua mãe? O que está acontecendo?

Razão desvencilhou-se de Jay-Tee, pulou por cima do murinho de pedras e esticou o braço para parar um táxi. Duas mulheres que passavam vestidas em trajes sociais ficaram olhando para elas. Jay-Tee as ignorou.

— Razão! Diga-me o que está acontecendo.

— Preciso alcançar a Sarafina.

Passaram vários carros, nenhum amarelo. Jay-Tee ficou pensando se haveria táxis em Sidney. Talvez só por encomenda, mas também não viu nenhuma limusine preta passar.

Razão adentrou a rua um pouco mais, agitou o braço um pouco mais.

— Razão, para onde estamos indo?

— Não sei direito.

— Como assim, não sabe direito? E ele, que história é essa?

Parou um táxi, pintado de vermelho, azul e branco. Somente a luzinha na capota lhe dava uma vaga aparência de táxi. De que valia um táxi que não parecia táxi? Por que não era amarelo? Razão entrou e Jay-Tee se esgueirou para dentro do carro acompanhando-a.

— Para onde vamos, meninas?

— Ah — falou Razão. — Hã. — E parou, virou-se para Jay-Tee, como se a outra tivesse alguma idéia do que estava acontecendo. — Vai parecer estranho, mas não tenho certeza do lugar. Posso ir dizendo o caminho?

Jay-Tee achou aquilo muito estranho, mas o motorista se virou para trás e abriu-lhes um sorriso.

— O quê? Vocês não vão me dizer: “Siga aquele carro.” — Um de seus dentes era de metal. Jay-Tee estremeceu. Metal em sua boca lhe dava ânsia de vômito. Não

gostava sequer de encostar garfo ou colher na língua. — Seria possível me dar ao menos uma direção geral? — continuou ele. — Ou vocês preferem um passeio para observar a vista do lado oeste da cidade?

Razão colocou a cabeça para fora da janela, em seguida os ombros e logo foi passando o corpo inteiro, até que Jay-Tee ficou preocupada que a amiga pudesse cair. Estava prestes a agarrá-la quando Razão se deixou deslizar para dentro novamente.

— Sul — Razão disse — e um pouquinho para o leste. Tem de fazer um retorno.

— Correto.

O táxi deu uma guinada para a direita. Jay-Tee se agarrou ao cinto de segurança e se encolheu toda, esperando ser pega de cheio pelo trânsito. Levou um segundo até se lembrar que ali todos dirigiam do lado errado das estradas.

Jay-Tee não era fã de carros, especialmente quando ia no banco de trás. Ficava enjoada. Andar era melhor. Correr, melhor ainda. Não que ainda pudesse correr direito, não sem se matar. Olhou para Razão de relance. Bem, talvez Jay-Tee nunca mais viesse a correr ou dançar na vida, e estava prestes a ficar louca varrida, mas pelo menos não estava reluzindo nem se movimentando feito um alienígena ou vendo coisas que não existiam. Quis que Tom estivesse ali com elas. Ele iria ficar chateado de ter perdido toda aquela agitação.

— Então, para onde estamos indo? — sussurrou para Razão.

— Estamos seguindo minha mãe. Ela tomou o rumo sudoeste.

— Para onde fica o sudoeste? — Jay-Tee perguntou.

— Não sei. Na direção do mar, acho.

— Será que vai pegar um barco?

— Você tem algum tipo de rastreador na sua mãe? — o motorista perguntou, e Jay-Tee achou estranho ele ter conseguido ouvi-las lá no banco da frente.

— Tenho — falou Razão. Jay-Tee torceu para que o homem não pedisse para ver. — Ela... hum... fica confusa, às vezes.

O motorista assentiu.

— Vi de onde vocês estavam vindo. Kalder Park. Deve ser difícil.

Razão concordou que era. Jay-Tee conteve uma risada. O motorista não conhecia nem metade da história.

— Sabe de uma coisa? O aeroporto fica ao sul — falou. — Será que sua mãe teria noção o bastante para pegar um avião em algum lugar?

Razão olhou para Jay-Tee.

— O aeroporto — disse. — Jason Blake não poderia ter vindo pela você-sabe-o-quê, poderia?

Jay-Tee balançou a cabeça. Não havia como ele ter vindo pela porta. Os três

tinham ficado praticamente o tempo todo na casa de Esmeralda. Mas poderia ter vindo de avião.

— Então, querem que eu vá para o aeroporto? — o motorista perguntou.

— Sim, por favor.

— Não se preocupem.

— A gente deveria ligar para Esmeralda. Para contar o que está acontecendo.

— Deve haver telefone no aeroporto.

— Talvez seja tarde demais. E se a gente precisar pegar um avião, ou algo assim?

— O senhor tem um telefone celular? — Razão perguntou ao motorista. Jay-Tee ficou tão encabulada que não sabia para onde olhar. Razão não tinha noção de nada. Só uma pessoa completamente ignorante ou uma louca de pedra para pedir ao motorista do táxi o celular emprestado!

— Claro — disse o motorista, como se Razão tivesse feito a pergunta mais normal do mundo. E entregou o aparelho para ela. — Só não pode ligar para fora do país, por favor.

— Obrigada — ela falou, entregando-o para Jay-Tee.

— Tudo bem — disse Jay-Tee, querendo saber se isso seria mais uma das coisas diferentes que eles faziam na Austrália. — Qual é o número da Esmeralda, menina dos números?

Esmeralda não atendeu no telefone do trabalho, de forma que Jay-Tee tentou no celular. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Esmeralda Cansino. Quem fala?

— Oi, Mere. Aqui é Jay-Tee. O que...

— Onde você está? — Esmeralda falou com a voz zangada. — Vim almoçar em casa e não encontrei Razão, não encontrei você, não encontrei Tom. Fui lá na casa de Tom e na outra também. Por que vocês não me ligaram?

— Desculpe — Jay-Tee foi dizendo. — Nós...

— O que aconteceu com a assistente social? Ela me deixou recados no trabalho e no celular. — O que vocês três disseram para ela?

— Nada. Sabe...

— Seja lá o que vocês tenham dito, ela não ficou muito impressionada. Onde você está agora? Razão está com você?

Jay-Tee falou o máximo que pôde diante do motorista. Esmeralda falou que iria encontrá-las no aeroporto internacional na frente dos portões de partida. Ficou convencida de que Jason Blake estaria pegando um avião de volta para Nova York

com sua filha.

Jay-Tee ficou torcendo para que ela e Razão conseguissem achar o ponto de encontro. Ela nunca tinha ido a um aeroporto antes. Ficou torcendo também para que Mere não estivesse mais tão zangada com elas quando chegasse.

Razão pagou com dinheiro tirado do ar, e o motorista desejou-lhes sorte. Saltou correndo do carro e atravessou as portas de correr envidraçadas, passou deslizando pelas lajotas do saguão, por gente carregando malas ou mochilas enormes — era tanta gente, e uma quantidade imensa trazia crianças pela mão ou, pior, tentando fugir atrapalhando todos os demais. Razão tomou as escadas rolantes, enveredando por um labirinto de lojas e restaurantes. Cruzou com centenas de placas confusas. Se Jay-Tee não estivesse no seu encalço, teria se perdido rapidamente. Tantas companhias aéreas, tantas saídas. Tantas portas com mais placas, todas em vermelho, gritando que somente pessoal autorizado poderia cruzá-las.

Estava tão abarrotado de gente quanto o centro de Nova York. Todas as pessoas que não estavam passeando pelas ruas de Sidney, Jay-Tee raciocinou, teriam resolvido vir para cá. Finalmente acreditava que Sidney era uma cidade. Pensou em quão grande seria o aeroporto JFK. Deveria ter no mínimo dez vezes o tamanho deste, já que Nova York era pelo menos dez vezes maior que Sidney.

Jay-Tee nunca tinha visto Razão se deslocar tão rápido. Jay-Tee se desembaraçava da multidão com a pele ataviada de magia. Sentiu-a instigando suas energias e começou a andar mais rápido, mais fácil, com as pernas cada vez mais azeitadas e ágeis.

Não! Isso ela não podia fazer.

Diminuiu o ritmo, mordendo os lábios, esforçando-se para resistir à magia da multidão. Mas aquela magia era tão fácil; a sensação tão boa!

Um garoto bonitinho lhe sorriu, e se virou para continuar olhando, entreabrindo-lhe os braços, como se a convidasse para dançar. Tanta gente entre eles; e apesar de o caminho entre os dois estar aberto, ela sentiu um formigamento.

Jay-Tee beliscou a palma da mão, abandonou o que estava sentindo, disse não ao chamado mágico da multidão, e seguiu Razão sem ceder à própria velocidade, ao próprio ritmo. Restava-lhe tão pouca magia.

Quando Jay-Tee a alcançou, Razão estava parada ao lado de Esmeralda diante de uma entrada grande abarrotada de carrinhos de bagagem abandonados. Uma placa grande dizia *Controle de Passaporte, Somente para Passageiros*; outras menores instruíam os passageiros a deixar o carrinho antes de entrar. Jay-Tee se abaixou, curvando-se na altura da cintura, para retomar o fôlego.

— Por ali? — perguntou.

Razão confirmou, dando a impressão de que iria chorar novamente.

— Que droga! — Jay-Tee observou, quando sua pulsação já tinha voltado quase ao normal.

— Sarafina não tem tanta magia. Acho que ele a está drenando.

Jay-Tee não soube o que dizer. Não ficou surpresa. Era exatamente o que ele já tinha feito com ela. Diversas vezes. Era ganancioso e malvado. Não se importava com ninguém além de si próprio.

— Vou comprar passagens para nós. Não importa para onde — disse Esmeralda. — Vamos passar por ali e resgatá-la. — Afastou-se um passo, e parou. — Passaportes. O meu está em casa.

— Eu nem tenho — disse Razão.

— Nem eu — disse Jay-Tee. — Nunca tive. É a primeira vez que saio do meu país. — E a primeira vez que estava num aeroporto, embora isso ela não fosse admitir. Nunca saíra de Nova York (bem, exceto para ir a Hoboken e para Nova Jersey, o que praticamente não contava). Quem nasceu na cidade mais legal do mundo, deu-se conta, não precisava viajar. — Você não pode passar usando sua magia? Não deve ser tão difícil assim. Faço isso para entrar nas boates há anos.

Mere olhou para Jay-Tee, pensando no que acabara de ouvir. Jay-Tee não gostou do olhar dela.

— Para passar por toda aquela segurança, verificação de passaporte, imigração — disse —, seria preciso uma magia de peso, Jay-Tee. Muita magia. E se ao menos um deles for um ponto morto... Ora, iria acabar comigo, não iria?

— Quantos pontos mortos existem ali? — Jay-Tee perguntou. — Sabe, acho que...

— Eu vou — Mere falou com firmeza.

— Vai? — Jay-Tee não esperava por essa virada.

— Ah, não! Agora ela está indo depressa mesmo. — Razão se virou e correu até as portas imensas e encostou o rosto no vidro.

Rápido como num avião, Jay-Tee pensou, indo para o lado de Razão com o rosto colado no vidro.

— Tudo bem, nós vamos encontrá-la.

Razão concordou, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. Limpou-a.

— Por que ela foi com ele?

— Talvez ele tenha dado alguma droga para ela. Ou... Razão se virou para a amiga, com ar desorientado. Jay-Tee calou a boca.

— Ora, essa! — disse Mere. — Vamos ver os vôos que estão de partida agora.

Razão as seguiu, no mesmo passo, mas seus movimentos haviam mudado. Estava alienada novamente. Jay-Tee conteve uma estremecida.

— Estão rumando para o oeste — disse Razão quando elas chegaram diante de um painel grande cheio de vôos para todos os cantos do mundo. Lugares dos quais Jay-Tee nunca tinha ouvido falar. Onde ficava Auckland, Barein ou Guangzhou? Ou Incheon, Nadi ou Nouméa?

— Oeste? — Esmeralda perguntou. — Tem certeza? Se fossem para os Estados Unidos, estariam tomando um vôo para o leste.

— É claro que ele vai para Nova York — disse Jay-Tee. — Para que outro lugar iria levá-la?

— Nenhum dos vôos partindo agora vai para os Estados Unidos — contestou Esmeralda. — Vejam: os deste horário agora vão para Auckland, Bancoc, Nouméa, Xangai e Cingapura.

— E Kuala Lumpur — completou Jay-Tee, lendo o que estava escrito no painel. — O que ele iria fazer em qualquer um desses lugares?

— Há outras portas — Razão comentou, com seu arrepiante jeito novo de falar. Desta vez, Jay-Tee não conseguiu evitar o arrepio.

No trajeto de volta para casa, Jay-Tee tornou a sentir tonteira dentro do carro. Encostou a cabeça na janela e fechou os olhos. Lembrou-se de um passeio para Coney Island com o tio, a tia e cinco primos pequenos. Era agosto e o carro estava tão cheio que a prima Tia teve de ir no seu colo. Antes de chegarem ao Brooklyn, Tia já havia vomitado.

Não havia ar-condicionado. Todas as janelas estavam abertas, e eles respiravam o ar quente e poluído. Mesmo depois de se limpar, Jay-Tee ainda sentia o cheiro do vômito da prima.

O tráfego andava e parava, andava e parava, como se todo mundo na cidade tivesse resolvido sair ao mesmo tempo. Jay-Tee recordou haver desejado que eles tivessem pegado o trem, porque assim seu pai poderia ter vindo também e seria mais rápido e confortável. Embora nada conseguisse fazer com que Danny fosse — ele estava sempre ocupadíssimo com o basquete.

Uma vez lá, ela ficou encarregada de cuidar de Tia e Angela e só andou nos brinquedos pouco atrativos, mas acabou curtindo. Os pequenos gostavam muito dela. Tinha apenas 11 anos, mas com seus 6 e 4 anos, as menores a tinham como uma estrela de cinema, de tão admiradas que ficavam diante da prima.

Quanto mais chateada Jay-Tee ficava com elas, mais a admiravam. Deixavam que tomasse conta delas, que as ajudasse a andar no meio das multidões de pessoas, que fosse comprar algodão-doce com elas e as levasse nos brinquedos mais idiotas que tinham vontade de ir. Queriam que ela lhes fizesse rabos-de-cavalo. As duas

queriam blusas vermelhas, porque era o que ela estava usando. Eram tão bonitinhas; conseguiam amolecer-lhe o coração, e a bronca acabava sendo mínima. Enfim, por mais má que ela fosse, as duas sempre riam.

Ambas teriam vidas mais longas e melhores que a de Jay-Tee. A última notícia que teve foi que Tia estava indo muito bem na escola e já dizia que queria ser médica. Angela estava jogando basquete com os meninos e era melhor que a maioria. Queria jogar em algum time da WNBA quando crescesse. Adorava Danny.

Jay-Tee jamais teve ambições, jamais traçou planos. Fazia coisas quando tinha vontade, e deixava de fazer quando não tinha. A escola era uma tarefa a ser cumprida. Cuidar das primas também. Nunca gostou de andar com outras crianças da mesma idade, mas até ela fugir, Danny sempre afugentava os meninos mais velhos.

Poderia virar dançarina ou corredora. Mas detestava que os adultos lhe dissessem o que fazer. Odiava a maneira como eles transformavam em trabalho maçante as coisas que ela apreciava. Com isso, só conseguiam que ela revirasse os olhos e começasse a embromar.

Sentiu a cabeça pesada, e leve ao mesmo tempo.

Jay-Tee reconheceu a sensação. Não sentiu medo desta vez, agora que sabia o que estava acontecendo. Foi tranquilo. Como boiar na água. Como imaginava que seria se conseguisse flutuar no ar, ou cair como uma pluma ao sabor do vento.

Sentiu-se exatamente como uma pluma. Macia, pequena, dissolvendo-se..

Padrão rompido

— *Por que você tem tanta* certeza de que ele está voltando para Nova York?
— Esmeralda perguntou.

Jay-Tee não respondeu.

Eu regressara ao mundo delas, vivenciando plenamente as angústias conflitantes do desaparecimento de minha mãe com Jason Blake e de ser rejeitada por Danny. A ausência de Sarafina era pior, mas não conseguia desligar a outra dor, especialmente quando peguei Jay-Tee sorrindo exatamente do mesmo jeito que Danny. Porcaria de espelho retrovisor!

Esmeralda repetiu a pergunta. Jay-Tee não disse nada. Tornei a olhar pelo espelho. Jay-Tee estava dormindo. Eu pisquei. Jay-Tee desapareceu.

Virei-me para trás. E lá estava ela, recostada contra a lateral do carro, com a boca um tanto aberta demais. Quando voltei a piscar, ela tornou a desaparecer.

Não estava dormindo; estava morrendo.

Ignorando os protestos de Esmeralda, soltei o cinto de segurança, passei para o banco de trás, estiquei os braços, afinei e afilei meus dedos como instrumentos médicos. Assim como Raul havia me mostrado. A sensação que tive foi boa.

Enfiei-os dentro de Jay-Tee, fechei os olhos, senti minha tensão e pânico desaparecendo. Aqui só havia calma. Pude ver as células de que Jay-Tee era feita, as cadeias de DNA. Estava buscando alguma coisa, mas não sabia ao certo o quê.

De repente, encontrei: um trecho comprido de partículas desgastadas. Sua magia. O que restava dela. Como poeira em decomposição. Costurei tudo com meus dedos agulha, percebendo que o padrão tinha sido quatro: 4, 8, 12, 16, 20, 24, ..., 356, ..., 1.424, ..., 22.784, e assim por diante.

É claro. Toda aquela musicalidade — mesmo quando as batidas por minuto saíam de controle ao se multiplicarem, cada minuto tão atarantado que só Jay-Tee conseguia acompanhar — toda ela era 4/4. O número concreto da dança.

Mas os quatros de Jay-Tee estavam desmoronando, perdendo a batida retumbante, cessando a vibração. O que restava era muito pouco para recondicioná-los; os quatros se carcomiam e viravam três, dois, uns, chegando ao nada. Eu precisava interromper a seqüência, fazer um todo a partir de pedaços quebrados. Tinha de agir aleatoriamente. Precisava matar aquele padrão. Enquanto eu

trabalhava, a luminosidade esmaecida dos números se desfazia sob meus dedos afiados.

Costurei e arrematei, reuni tudo que sobrara, vi os quatro desaparecendo, tornando-se parte das trevas. Ainda os via, mas não da mesma forma. Estavam texturizados, como o pêlo de um blue heeler, com uma aspereza macia. Escuridão sobre escuridão.

Será que eu estava matando a dança em Jay-Tee? Quebrando seu ritmo de 4/4 para sempre?

Terminei a última, tirei as mãos de dentro dela; já não via mais a fronteira onde Jay-Tee terminava e o espaço começava.

Lá fora, a voz de Esmeralda chamava. Relutantemente, abri os olhos, retornei meus dedos à normalidade.

O pânico voltou. Será que Jay-Tee estava viva? Será que eu a tinha matado?

Os olhos dela permaneciam fechados. Esmeralda tinha parado o carro. Onde estávamos não havia luz do sol. Ela havia aberto a porta de trás e se encontrava agachada ao lado de Jay-Tee, sentindo seu pulso. Olhou para mim, sua boca se abriu.

— Razão — disse. — Oh, meu Deus, Razão!

— Ela está...

Jay-Tee tossiu; suas pálpebras se agitaram. De repente, ela sorriu.

— Caí no sono?

Quando pisquei, ela ainda não estava lá.

Esmeralda insistiu que devíamos comer.

— Já comprei sanduíches. — Colocou-os em pratos e serviu água para mim e Jay-Tee, e para si mesma serviu um pouco de vinho. Ficou olhando para nós duas, para mim mais intensamente.

— Posso tomar um pouco de vinho também? — Jay-Tee perguntou.

— Não.

— Eu quase morri.

— Você tem só 15 anos. A morte não lhe aproximou da idade permitida para beber.

Ela torceu o nariz e reclamou:

— Droga!

Não consegui parar de olhar para Jay-Tee. Não é que ela quase tenha morrido; estava inteiramente morta, isso sim. Vi sua magia ir embora, todos os últimos pedacinhos. Mas lá estava ela, sentada ao meu lado, respirando, sem o menor

vestígio de magia. O que eu fiz a manteve viva, mas sem magia.

— Estou bem, Ra — falou Jay-Tee. — Pare de olhar para mim desse jeito. Estou bem. Independentemente do que você tenha feito, funcionou. O portal da morte está longe daqui.

Afastei os olhos e murmurei:

— Desculpe! — Será que ela iria ficar desse jeito e viver uma vida normal? Ou será que eu apenas retardei sua morte por mais um dia ou dois? Se fosse permanente, será que eu poderia fazer a mesma coisa novamente? Será que conseguiria libertar Sarafina da magia? Era isso que ela sempre quis; tanto que chegou a mentir para mim, dizendo que magia não existia.

Se ao menos eu conseguisse encontrá-la antes que Jason Blake tirasse toda sua magia e a matasse! O que seria de mim sem minha mãe? Tive a sensação de que o fio principal da minha existência fora rompido. Sequer tive a chance de lhe falar do neto.

Coloquei de volta no prato a metade de sanduíche que estava segurando.

— Será que nós temos mesmo tempo para almoçar?

— Há tempo sim — respondeu Esmeralda. — Se ele foi para Auckland, ainda falta uma hora e meia até que chegue lá. Se houver lá uma porta para Nova York, ainda assim poderemos chegar antes dele.

— Se ele for para Nova York — comentei. Tentei enxergá-los passando por uma porta em Auckland e chegando em Nova York. Ou será que a porta daria noutro lugar? Um onde houvesse outra porta que o levasse até Nova York? Como ele teria descoberto essas portas? Para não falar das chaves. Nem o próprio Raul Cansino conseguiu chegar a Sidney sem a chave. Quantas portas haveria pelo mundo inteiro?

— Com certeza ele está indo para casa — falou Jay-Tee. Por que iria para outro lugar?

Esmeralda começou a fazer perguntas a Jay-Tee sobre onde morava o meu avô, o que ele fazia, onde era mais fácil encontrá-lo. Estava praticamente impossível deixar de olhar para Jay-Tee, de examinar o que eu tinha feito.

— Razão — Jay-Tee falou, revirando os olhos para mim. - Pare com isso. Eu estou bem, entendeu? Você fez um ótimo serviço. Mas pare de piscar para mim. Que coisa mais arrepiante!

— Desculpe.

— E pare de pedir desculpas.

— Desc...

— Razão! — Jay-Tee soltou uma risada. Realmente ela não dava a impressão de que estava morrendo. — Gostaria de saber o que o Tom tem feito. Você disse que ele não estava em casa, Mere? Não deveria ser informado sobre o que está acontecendo?

— Ah, provavelmente saiu com o pai. Não podemos esperar que esteja conosco o tempo todo. Por que você não liga para ele? — Minha avó pegou o celular e teclou uns botões. — Basta apertar o botão verde. É o celular dele. — E o entregou para Jay-Tee.

— Alô, Tom! É Jay-Tee. E aí? As coisas estão enlouquecidas por aqui e nós queríamos saber onde você está. Volte logo. — Ela devolveu o aparelho para Esmeralda.

— Não atendeu? Ocorreu-me que, se pude desligar a magia de Jay-Tee e ela continuou viva, poderia fazer o mesmo pelo Tom. Ele também não precisaria morrer cedo. E sua mãe? Ela estava louca. Se eu desligasse sua magia, será que isso não a deixaria sã novamente? Mas, primeiro, precisava encontrar Sarafina.

— Precisamos encontrá-la — reclamei. — Não podemos simplesmente ficar falando dela.

— Razão, vou lhe dizer o que fazer para encontrá-la: vamos descobrir os lugares para onde é possível que Alexander vá, levantando hipóteses abalizadas. Quantas portas você viu em Nova York?

Não respondi, porque meu estômago tinha feito uma contração horrível. Mal cheguei até a pia para vomitar novamente. Foi a quarta vez em quatro dias, mais ou menos a mesma quantidade de vomitadas que eu dera em toda a vida até então.

O enjôo da manhã era horrível. Logo entendi por que Esmeralda e Sarafina só tiveram uma gravidez. Mas me dei conta de que não precisava enjoar novamente. Não precisava passar por nenhuma agonia. Se passasse ao modo como os Cansino percebiam o mundo e ali ficasse, jamais tornaria a enjoar. Nada tocaria em mim.

Abri a torneira para limpar a sujeira da pia.

— Você está bem? — Esmeralda perguntou. Confirmei, lavei a boca, joguei água no rosto. Joguei um jato de detergente na pia e um pouco também nas mãos para lavá-las.

— Enjôo matinal — ouvi Jay-Tee dizer. Pareceu orgulhosa de saber isso.

— Como pode ser enjoô matinal? — Esmeralda retrucou. — Não pode ter enjoô matinal ainda. Ela só está grávida há um dia ou dois.

— Menos de um dia, você quer dizer.

Esmeralda sabia que Danny era o pai, mas Jay-Tee ainda achiava que Raul Cansino tinha me engravidado com magia. Esmeralda estava olhando para ela.

— Ah, claro, um dia. Não pode ser enjoô matinal.

— Por que você está dizendo que não é enjoô matinal? — perguntei antes que Jay-Tee começasse a pensar muito no assunto. Eu não estava preparada para Jay-Tee descobrir que seu irmão, Danny, era o pai do meu bebê e que ele não o queria, nem a mim.

— É cedo demais.

— Cedo demais?

— Os enjoos matinais em geral levam umas quatro semanas para começar.

Mas Danny e eu dormimos juntos há dois dias apenas. Corei; a vermelhidão acabou virando uma onda de raiva. *Pode pensar em mim como um irmão mais velho, ele disse. Esqueça aquela outra coisa.* Suas palavras queimaram em mim de uma forma totalmente diferente. Como ele podia me rejeitar?

— Então, por que ela anda vomitando feito louca?

— Anda? Quando?

— Hoje de manhã, quando a assistente social esteve aqui. Tom falou para ela que a Razão vomita de nervoso. — Jay-Tee soltou uma risada e eu franzi o cenho.

— Ele achou que estava ajudando, Razão.

— Que coisa mais fabulosa! — Esmeralda falou. — Quer dizer que vou me divertir conversando com ela, não vou? E como é que você está se sentindo agora?

— Estou bastante bem, na verdade — menti. Estava ardendo por dentro por causa das palavras do Danny. E agoniada com a necessidade de encontrar Sarafina, de resgatá-la. — Assim que o vômito pára, me sinto bem. Então, se não for enjôo matinal, o que está causando esse vômito todo?

Ela colocou a taça de vinho na mesa.

— Não dá para ter certeza, claro.

— Mas você faz alguma idéia?

Esmeralda confirmou.

— Seu cabelo...

— O que tem o cabelo dela? — Jay-Tee perguntou.

Levei a mão ao topo da cabeça. Não senti nada ali, só o couro cabeludo.

— O quê? — Jay-Tee repetiu.

— Você consegue ver a magia de um jeito que eu nunca tinha ouvido falar antes — Esmeralda disse. — Não acha que o vômito pode ser uma parte das mudanças?

— Como o brilho? — Jay-Tee perguntou. — Ei, ela não está mais brilhando!

Esmeralda olhou fixamente para Jay-Tee e depois para mim.

Olhei para minhas mãos: estavam brilhando. Como Esmeralda tinha dito. E estava careca também, mas Jay-Tee não conseguia ver, porque toda sua magia tinha sumido. Esperei que Esmeralda lhe dissesse.

— Desde que Raul Cansino lhe deu sua magia — ela me disse —, você mudou. Está ficando mais parecida com ele.

— É.

— Acho que ele não comia. Não precisava de comida.

Jay-Tee fez uma careta.

— Ou, se comia, não era comida.

Sentei-me. Meu corpo mudou de tal forma que não pensava de comida? Eu

adorava comida. Como seria nunca mais comer?

Mas será que eu sentiria falta se ficasse como Cansino o tempo inteiro? Vendo magia e números em todo canto? O mundo em que ele vivia era tão lindo. E se encontrasse Sarafina em tempo, ela poderia ir para lá comigo.

Mas será que meu bebê poderia crescer sem comida? Sem nutrientes? O que seria meu bebê?

Esmeralda estava olhando fixamente para mim, com uma expressão que não pude identificar em seu rosto.

— O que...? — comecei a dizer.

— Ele lhe deu tudo. Foi isso que Alexander quis dizer quando falou que Raul a escolheu.

— Ah, é! — disse Jay-Tee. — Deu-lhe um bebê também.

Esmeralda tossiu.

— O que Raul lhe deu foi muito diferente do que a magia que deu para mim e para Alexander. Você está mudando tão rapidamente!

— Pois é — falei, sem olhar para ela.

— Alexander disse que essa nova magia não iria durar. Mas a sua vai, não vai?

— Não sei. Mas acho que meu avô não estava mentindo.

— Quanto tempo? — ela perguntou, inclinando-se para perto de mim. Perto demais. — Quanto tempo eu tenho?

Afastei-me mudando o peso do corpo para a outra perna.

— Não sei. Você está animada, forte. Jason Blake, Alexander, seja lá qual for o nome do meu avô... ele também. Acho que não dura em comparação com o que Raul fez comigo. Ele viveu séculos. Acho que o que você tem agora é uma vida normal. Trinta ou quarenta anos pela frente.

— Ótimo! — disse Jay-Tee. — Já está com 45. Mais trinta anos significa que você vai viver praticamente para sempre.

Esmeralda sorriu, mas não me pareceu que estivesse feliz. O olhar que me deu foi tão ganancioso que quase me encolhi. Minha avó estava igual a uma criança que acaba de experimentar chocolate pela primeira vez e agora, acima de tudo, queria mais. Muito mais. Eu não queria estar no mesmo cômodo que ela, no mesmo mundo que ela. Precisava encontrar Sarafina e me afastar de Jason Blake e de Esmeralda.

— Se houver uma porta diretamente de Auckland para Nova York, quero encontrá-la antes que Jason Blake chegue lá.

— E como você propõe fazer isso? — Esmeralda perguntou.

— Já disse... posso vê-las.

— E são muitas? — Jay-Tee perguntou. — Como vai ficar sabendo qual é a do Jason Blake?

— Vou ver quando ele passar por ela. — Balancei a cabeça. — Vocês podem

ficar aqui falando o quanto quiserem. Eu vou para Nova York.

Fechei os olhos e o mundo virou pontos de luz mágica, padrões matemáticos girando à minha volta. Jay-Tee desapareceu; Esmeralda brilhou com muita luminosidade. Olhei com atenção e encontrei seu padrão. Estava esperando Fibonacci, mas acabei encontrando primos. Fazia sentido: Esmeralda só ser divisível por ela mesma e por um. Os números se desdobravam através dela: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, 29, 31, 37, 41, 43, 47, 53, 59, 61, 71, 73, 79, 83, 89, 97 e assim por diante.

Ainda pude ouvir Esmeralda e Jay-Tee falando, mas se não me concentrasse nelas, suas palavras se despedaçavam e viravam sons desconexos. Levantei-me, a densidade à minha volta foi se desfazendo devagar, como uma gelatina, só que mais mole, mais melada. Como se a gravidade tivesse caído à metade. A porta me puxou, atraiu-me com suas luzes mágicas que eram o décimo sexto Fibonacci. Deixei-me levar.

Tudo muda

— *Uau!*— *Jay-Tee mostrou-se surpresa, piscando* várias vezes. — Onde a Razão foi parar? Estava aqui nesse momento!

— Ela passou pela porta — respondeu Esmeralda, pegando seu casacão de inverno atrás da porta.

— A porta? Então, como é que não vi? Será que eu estava viajando?

— Vou atrás dela. Você sabe como discar para o meu celular quando estou em Nova York?

Jay-Tee balançou a cabeça. Esmeralda anotou os números num pedaço de papel e o entregou para ela.

— Ligue para mim, por qualquer coisa que aconteça! Qualquer coisa, mesmo. E me avise quando Tom aparecer. Se Kalder...

— A assistente social — Jay-Tee interrompeu. — Você não tinha ficado de ligar para ela? Acho que era importante. Sabe, aquela coisa de levar Razão daqui!

— Merda! — Esmeralda falou. — Vou ter de ligar de Nova York.

— Você tem o número?

— Ela deixou recado no correio de voz. — Esmeralda enfiou o casaco e abriu a porta dos fundos. — Não deixe de me ligar, está bem?

Jay-Tee concordou, olhando por cima dos ombros de Mere, ansiosa por dar uma olhadinha em Nova York depois de tantos dias, mas só viu o quintal dos fundos. A porteira dos fundos, a árvore enorme, verdejante com suas folhas vistosas, uma revoada daqueles pássaros idiotas coloridos de vermelho, azul e verde que nunca calavam o bico.

— Espere — falou, mas Esmeralda já tinha ido e a porta se fechado.

Por que não viu Nova York?

Jay-Tee estava se sentindo bem, como não se sentia há tempos. Sem cambalear, sem esmorecer, sem flutuar. Sentiu-se sólida, bem assentada. Razão devia ter lhe dado muita magia. Mais que Tom.

Agora, os dois tinham lhe salvado a vida. Isso só podia significar que seriam seus melhores amigos para sempre, mesmo que o para sempre de Tom não fosse durar muito tempo, e o seu fosse ainda mais curto. Eles não tinham magia suficiente para continuar salvando-a o tempo todo.

Desta vez, jurou, desta vez iria tomar muito cuidado. Não desperdiçaria a pouca magia que ainda lhe restava. Era melhor enlouquecer que morrer.

Teria se sentido assim depois que Tom lhe deu sua magia? Ela se sentira melhor, é verdade, mas tão melhor assim?

Como Razão teria conseguido achar aquela magia toda para lhe dar tanta desse jeito? Não poderia ter lhe dado a magia afiada e cortante do Cansino, pois neste caso ela estaria se contorcendo de agonia no chão, ou provavelmente morta. Teria lhe dado magia normal? Mas quanta dessa magia ainda lhe restaria? Não muita. Tinha sido tão tola com ela quanto Jay-Tee tinha sido com a sua.

Então, de onde teria vindo aquela nova magia? Quem sabe Razão não seria capaz de extraí-la do ar? Acaso seria mais um dos seus novos superpoderes?

Viesse de onde viesse aquela magia, Jay-Tee iria cuidar muito bem dela. Devia muito a Tom e a Razão por terem lhe salvado a vida. Seria uma porcaria se tivessem dado sua magia a troco de nada.

Especialmente Razão. E se essa magia Cansino não fosse estável? E se desaparecesse? Então, ela ficaria sem nada. Morreria. Tudo isso por ter salvado Jay-Tee.

Por que Jay-Tee não viu Nova York?

Ela se levantou, foi até a geladeira e encheu uma taça de vinho até quase a borda. Agora que Mere não estava para dizer que não, poderia beber o tanto que quisesse.

Foi uma chatice ficar vendo Mere tomar vinho enquanto enchia Jay-Tee de perguntas para as quais ela praticamente não tinha respostas. Jay-Tee passou o tempo todo querendo tomar vinho também. Com toda a maldade que lhe era peculiar, pelo menos ele não estava nem aí se Jay-Tee bebia ou deixava de beber. Jay-Tee tomou um tremendo gole de vinho, e pouco se importava com Esmeralda Cansino!

Como se Mere fosse sua avó, ora bolas! Além do mais, Jay-Tee já precisava parar de usar a magia, o que significava que não iria mais correr nem dançar para valer. O que mais lhe restava fazer? Como poderia relaxar? Com certeza um pouco de vinho não seria grave.

Mesmo que conseguisse parar de usar magia (e ela iria se esforçar ao máximo possível), mesmo assim, quanto tempo ainda teria pela frente? Acaso não seria possível usar um pouco de magia inadvertidamente aqui e ali de vez em quando? Quando corresse um pouquinho rápido demais? Quando se desvencilhasse de uma multidão? Como no aeroporto. Tudo isso contava. Às vezes, quando estivesse dormindo e sonhando que iria usar magia! Como seria capaz de controlar seus sonhos?

E mesmo que Jay-Tee conseguisse não usar nem um pouquinho de magia, nunca mais, que tipo de vida maluca iria levar?

Tomou mais um gole do vinho, porque, afinal de contas, precisava.

Ficou querendo ter passado pela porta com Razão e Mere, e depois desaparecer e ir morar com Danny. O irmão a deixaria beber. Pelo menos, ela achava que sim. Sentia saudade dele. Mas passar pela porta era magia.

Mas a porta se abriu e ela não avistara Nova York, não vira East Village, a rua Sete; o que viu foi um quintal dos fundos em Sidney. Seria um sinal do pouco de magia que ainda lhe restava? Tão pouco que não dava mais para ver do outro lado da porta? Será que tentar ver Nova York do outro lado teve um custo para ela? Quando espiou pelo buraco da fechadura, viu tudo turvo. Talvez tenha sido assim porque já estava com muito pouca magia. Agora não enxergava mais nada, nem uma paisagem turva.

Jay-Tee tomou mais uma talagada do vinho, sentindo a acidez que se formava no fundo da garganta. Tossiu. Repousou a taça na mesa, pegou um pouco de água, tomou toda de uma vez. Que idiotas, a Esmeralda e o seu vinho ordinário!

Quando a garganta refrescou, ela bebeu um pouco mais, depois mais, até que a taça ficou vazia. Sentiu-se atraída pela idéia de ficar bêbada. Não gostou da direção que seus pensamentos estavam tomando. Melhor ficar boba e atrapalhada... qualquer coisa que evitasse pensar naquilo que não queria pensar!

A porta se abriu e ela viu aquela árvore idiota, um monte de passarinhos barulhentos, a parte da porta da garagem que não fica obstruída pela árvore idiota. Tudo verde, com o ar do verão e a luminosidade de Sidney. Nada do inverno de Nova York. Nada da imunda, confortável e amada East Village.

Acaso isso significava que iria morrer em breve? Quem viria em seu amparo desta vez? Vivera a vida de forma tão descuidada que foi patético descobrir que, afinal, não queria morrer jovem.

Ela queria viver.

O vinho começava a fazer efeito dentro dela, a suavizar as coisas, fazendo-as parecer melhores do que eram. Abriu a geladeira, à procura de mais. Encontrou três garrafas, ainda fechadas, deitadas no fundo. Uma era de champanhe. Mais fácil de abrir que as de vinho; entretanto, parecia patético beber aquelas borbulhas sozinha.

Acabou tirando uma das outras duas. O rótulo tinha um aspecto vagabundo: Moss Wood Estate Semillon. Talvez fosse tão ruim quanto o outro, mas Jay-Tee não se importou. Achou um saca-rolhas e abriu a garrafa.

Tornou a encher a taça, tirando lascas da rolha com o dedo. O gosto amargo levou-a a fazer uma careta. Tudo bem, falou consigo mesma, vai me levar onde quero chegar.

A casa não sacolejou quando Razão e Esmeralda foram para Nova York, ela se deu conta. Normalmente, o abrir e fechar da porta fazia a casa toda tremer. Jay-Tee não sentiu nada. Nem ouviu. O que significaria isso?

Resolveu que o significado era que precisava tomar mais vinho.

A porta se abriu. Tom entrou, com a cabeça tão envolta por gorro e cachecol que Jay-Tee só conseguiu enxergar o nariz e os olhos vermelhos.

— Tom!

Ele abriu um largo sorriso, foi logo tirando as luvas e se virou para fechar a porta pela qual tinha acabado de passar.

— Não feche! — Jay-Tee gritou, levantando-se com um pulo.

— Que foi?

Ela agarrou a porta e a escancarou. O quintal dos fundos. Folhagem verdejante, tronco marrom, folhas amarelecidas no chão e galhos entrando pelo alpendre de madeira. Os últimos raios de sol. Sombras compridas.

Cruzou o vão para o outro lado. Um passo e estava no alpendre, soalho de madeira. Não era Nova York.

Jay-Tee ouviu Tom gritar alguma coisa de dentro da casa. Parecia amedrontado.

Continuou descendo os outros degraus até pisar no quintal. A casa do Tom do lado de lá da cerca, depois dos espinheiros arbustos vermelhos. A cabana mágica de Mere do outro lado, com sua parede de tijolinhos escuros encostada à cerca e seu ar ameaçador.

Isso não era Nova York. Ela não estava com frio; estava com calor.

Sentou-se nos degraus.

— Jay-Tee? — Tom chamou. — Cadê você?

Ela se virou para onde a cabeça dele despontava através da janela da cozinha.

— Meu Deus, você desapareceu! Que susto! — Ele passou pela janela e foi para o alpendre, onde cambaleou um pouco. Já havia tirado o casaco, o gorro e as luvas, mas ainda estava com roupas quentes demais. Trazia um cachecol pendurado, solto, ao pescoço. — O que está acontecendo? Você está bem?

Jay-Tee voltou a fitar as próprias mãos. Estava pensando nas de Razão. Não estavam mais brilhando. Dissera isso antes e Mere a olhou com certa estranheza.

Não. Não podia ser verdade. Não podia.

Tom sentou-se ao seu lado, um pouco instável.

— Você não está com uma cara boa.

Ela se virou na sua direção antes que ele conseguisse dizer qualquer outra coisa. Inclinou-se para frente e o beijou. Lábios contra lábios.

Ele se afastou, assustado.

— Jay-Tee? Tem certeza de que você...

— Eu estou bem. Você é legal. Gosto de você.

— Também gosto de você. Beijar é uma delícia — disse Tom, tropeçando na palavra beijar. Ela compreendeu. Era uma palavra complicada. — Mas você está tão...

— Bem — falou, e tornou a beijá-lo.

— Bem? — ele perguntou, e beijou-a também. Ela abriu a boca: deram um beijo direito desta vez. Ela passou a língua pelos dentes dele. A língua dele encostou na dela. Jay-Tee levou as mãos ao rosto dele, com cuidado para evitar o machucado que Jason Blake lhe causara. Pele suave, macia, ainda gelada do... Ela afastou esse pensamento. Sentiu as mãos dele na sua cintura. Enfiou as suas pela cabeleira louro-esbranquiçada dele.

Tantas sensações, os corpos tão próximos, tão interligados, tudo aquilo estava deixando Jay-Tee entorpecida. Um zumbido tomou conta dela; alguma coisa no fundo do estômago deu uma revirada, mas foi uma revirada gostosa. Soltou um suspiro. As mãos de Tom se enroscaram ao redor de sua cintura, e a sensação percorreu-lhe o corpo inteiro, até a ponta dos dedinhos dos pés. Parecia magia.

Não era magia.

Não. Não era por aí.

Afastou a boca da dele, tocou seu lábio inferior com os dedos. Seu rosto estava tão próximo que pôde ver as sardas nos lábios dele. Castanho-claro sobre rosa-claro. Beijou cada uma delas. Ficou sentindo a respiração dele.

— Bonitinhas — disse.

— Jay-Tee — ele falou. — O que...

Tornou a beijá-lo, direitinho, com mais paixão, mais força. Ele correspondeu. Estava gostando, pelo que ela percebeu.

Jay-Tee pegou a mão dele onde estava sobre sua camiseta e a colocou por baixo para poder sentir a pele dele sobre a sua, logo acima dos quadris. Os dedos dele ainda estavam frios, mas esquentando depressa. As mãos circundaram-lhe a cintura. Ela estremeceu.

O telefone tocou. Barulhento, rompendo o ar pesado e quente.

Triiiiiim. Triiiiiim.

— Telefone — Tom falou. Ela sentiu a palavra contra os lábios. Bocas ainda fechadas.

Poderia ser Razão ou Esmeralda, Jay-Tee pensou. Poderia ser importante. É melhor atender.

Desvencilhou-se de Tom, levantou-se cambaleante, jogou o cabelo para trás, suou a boca. Levou a mão à maçaneta da porta, que se abriu facilmente. Porque não era... Ela não era...

Triiiiiim. Triiiiiim.

Entrou. Do alpendre dos fundos em Sidney para a cozinha em Sidney. Ufa! Magia. Ou não. Ela soltou uma risadinha. Foi cambaleando até o telefone e atendeu.

— Alô — disse ela, imitando Tom. — Residência de Esmeralda Cansino.

— Alô, Jay-Tee — disse uma voz que a deixou gelada. —

Esperava mesmo que fosse você.

O cérebro de Jay-Tee empacou. Era ele. Ele a assustava e ela o detestava. Não queria falar com ele. Não queria nem pensar nele. Mas era a voz dele ao telefone. Ele a machucara. Razão. Roubara o que era delas. E tornaria a fazê-lo, se pudesse. Era um homem mau, muito mau.

— Tenho um recado para você dar a Esmeralda...

Ela não estava prestando atenção. Os pensamentos se multiplicavam em sua cabeça. Ele a machucara, tirando-lhe a magia. Mas ela não — fez um esforço para continuar até o fim — ela não tinha magia. Não tinha mais.

Razão a tirara, ou desligara, ou fizera alguma coisa que a deixara viva mas sem magia, como um ponto morto, como seu irmão Danny. Ela não tinha mais magia, o que queria dizer que...

— Quem é? — Tom sussurrou. Só podia ter entrado pela janela.

Ela balançou a cabeça.

— Jay-Tee? O que está acontecendo?

O que isso significava? Significava que ele não podia lhe fazer nada. Nada. Não era preciso mais ter medo dele. Não precisava nem pensar nele. Ele não fazia mais parte do seu mundo. Ela estava livre.

— Entendeu tudo direitinho, Jay-Tee? — ele perguntou.

Jay-Tee soltou outra risadinha.

— Não. Nem uma palavra sequer. Não estava prestando atenção, Alexander, ou Jason Blake, ou Stephen Collins, ou David Johnson, ou seja lá qual for o nome idiota que você tenha resolvido usar esta semana. Eu estou cagando e andando para você, seu palerma! — Jay-Tee quase soltou uma gargalhada. Chamara-o pelo nome. Todos os nomes! — Você não pode mais fazer nada contra mim. Não pode. Não tenho mais medo. Você não pode tocar em mim. Não pode tirar minha magia, porque eu não tenho mais! Pode enfiar a sua onde você quiser. Seu babaca!

Dando um floreio, ela desligou o telefone e despencou nos braços de Tom, o que deveria ter sido um ato romântico e sensual e tudo mais, mas ela estava tonta e ele também, de modo que os dois desabaram no chão.

A ficha tornou a cair: ela não tinha magia, mas estava viva. Tudo havia mudado. Sua vida inteira.

Agora tinha uma vida. Saiu beijando o rosto confuso e ansioso de Tom. As bochechas e depois a boca, e aí outro pensamento lhe ocorreu:

O recado de Jason Blake — ora, veja só! Ela conseguia pensar no nome dele, conseguia dizê-lo em voz alta, se quisesse! — era importante. Fora um recado para Razão e Esmeralda, sobre a mãe de Razão, Sarafina, a quem detinha como refém, porque ainda tinha poder: ele podia ferir os amigos de Jay-Tee.

— Epa! — ela disse.

Ela não era mais mágica. E irrompeu em lágrimas.

— Epa? — Tom perguntou. Sentou-se, desejando estar com os pensamentos mais claros. — O que está acontecendo, Jay-Tee? O que Jason Blake queria? Como você pode não ter magia? Você está viva! — A menos que já tivesse enlouquecido. Qual seria a razão para achar que sua magia tinha acabado e para soltar os cachorros em cima de Jason Blake. E para ter beijado Tom? Bem, ele não quis nem pensar que isso poderia ser resultado da loucura.

Jay-Tee ainda estava largada no chão, chorando.

— Jay-Tee!

Ela soltou um gemido.

— Não tenho mais magia, Tom! — murmurou.

Não tenho mais magia? Foi isso mesmo que ela disse? Tom ainda estava com a cabeça turva do vinho que tomara com Cath em Nova York. Os dois ficaram acordados até tarde conversando. Não conversavam daquele jeito, conversa de verdade, havia muito, muito tempo. Pelo menos, desde que Tom tinha conhecido Esmeralda e descoberto o que ele era. Estava se sentindo bem; conturbado, mas bem.

Bem, não tão bem assim! Não se Jay-Tee estivesse mesmo louca. Ficar largada no chão chorando não era exatamente um comportamento de gente sã, ou era?

Quente e perturbada

Mas ela o havia beijado. Um beijo, sim, e isso foi muito bom, mesmo. Ele chegou a achar que iria pegar fogo, não só porque estava demasiadamente cheio de roupas para um dia de verão em Sidney. Ainda estava vibrando. Tirou a jaqueta.

— Tudo bem, Jay-Tee?

Ela gemeu outra vez. Foi um gemido de loucura?

— Jay-Tee — continuou ele, acariciando-lhe o cabelo. — Jay-Tee? É melhor se sentar. Vou pegar um pouco de água para você. — E para si próprio. De repente, estava seco. Água era uma excelente idéia.

Ela mexeu a cabeça dando a entender, de longe, que aceitava. Ele se levantou, pegou as mãos dela.

— Vamos, Jay-Tee, me ajude aqui. — Tom puxou e ela praticamente voou para os braços dele. Era uma garota pequena. Menor que Razão. Ele não tinha observado isso antes, pois era grande noutras coisas. Grande personalidade, boca grande. Boca bonita, pensou, agora que já a havia explorado um pouco. Tom corou.

— Você é uma gracinha, Tom — ela falou, com o rosto molhado de lágrimas. — Gosto das suas sobancelhas.

Estava mesmo maluca. Ele a conduziu até uma banquetta e a fez sentar-se. Ela apoiou os antebraços na mesa como se fosse a única forma de ficar ereta. — Minha cabeça está toda... Como é que se diz? Está uma confusão só! — E soltou um soluço.

Tom lhe entregou o copo d'água.

— Beba. Ela bebeu.

— Sabe de uma coisa? — disse ela em seguida, apontando para uma garrafa de vinho quase vazia em cima da mesa. — Eu bebi aquilo tudo.

Tom tinha tomado quatro taças de vinho. Bem, três e um pouquinho. Não chegou perto de acabar a última. Teria preferido Coca-Cola. Então, Jay-Tee deveria estar bêbada, não maluca. Foi um alívio, embora isso ainda significasse que talvez o tivesse beijado apenas por causa da bebedeira. Mas ela o tinha beijado de manhã, também. Bem aqui na cozinha. E não estava bêbada na ocasião.

— Mas fora um beijinho apenas. Um beijinho de nada!

— Você bebeu tudo isso? Jay-Tee confirmou.

- Acho que talvez tenha sido demais. Não acredito que acabou.
- Ora, quando você bebe tudo, a bebida acaba.
- O vinho, não, Tom! Estou falando da minha magia.
- Não seja bob...
- Acabou para mim. Como posso ser eu mesma sem minha magia?
- Jay-Tee...
- Aaargh!

Tom deu um pulo; Jay-Tee estava chorando ainda mais alto agora, com a cabeça afundada nos braços. Foi para perto dela e acariciou-lhe a cabeça, sentindo-se inútil.

— Quer mais um pouco de água? — perguntou. Jay-Tee fez um ruído que ele considerou como um sim.

Encheu o copo e o colocou ao lado do braço dela. Ela se endireitou, ainda sentada, com olhos e nariz vermelhos. Havia lágrimas e coriza em seu rosto e na mesa. Felizmente havia lenços de papel ainda na caixa que ele tinha usado para limpá-la no surto de lágrimas anterior. Jay-Tee mais parecia uma máquina de soluçar.

— Posso não ter mais magia, mas ainda posso beber água.

— Você só está bêbada, Jay-Tee. Ainda tem magia, sim. Se não tivesse, estaria morta. Lembra?

— Ah, não — ela disse. — Agora é diferente.

— Como?

— Eu bebi demais, sim. Mas foi só porque estava com medo. Acabou, Tom, acabou mesmo. Não estou brincando. Estou sendo cem por cento sincera.

— Mas como isso é possível? — Tom falou, tentando animá-la. Esticou a mão e tocou no rosto dela. — Você está quente. Definitivamente viva!

— Bebi demais. — Ela bebeu o resto da água. Ele pegou mais.

— Bebeu demais e isso fez sua magia desaparecer? — Tom perguntou. Sentou-se ao lado dela, pensando se haveria alguma coisa para comer. Estava morrendo de fome. Aqueles vegetarianos com aquela comida de passarinho! Jay-Tee soltou mais um soluço.

— Não, bebi demais porque minha magia desapareceu. — Jay-Tee balançou a cabeça, como se tentasse livrar-se de alguma coisa, ou talvez só estivesse tentando acabar com os soluços. — Mas essa não é a única coisa importante. Jason Blake pegou a Sarafina. Foi por isso que ligou. Eu deveria dar um recado para a Esmeralda. Mas...

— Eu ouvi. Foi ótimo! “Estou cagando e andando...” — Também era sinal certo de insanidade. Desde quando ela faria uma coisa dessas antes? Tinha tanto medo de Jason Blake que nem conseguia pronunciar o nome em voz alta. — Ei, você falou o nome dele!

Jay-Tee sorriu, em seguida soluçou. Sacudiu novamente a cabeça, desfazendo o sorriso.

— Não, foi uma coisa terrível... Não a parte de falar o nome dele; isso não foi nada. Mas eu não peguei o recado. Não aquele que Jason Blake queria que eu desse. Nem sei o que era.

— Que recado?

— Ele queria que eu dissesse alguma coisa para Razão e Esmeralda, mas não prestei atenção. — O soluço que veio em seguida foi ainda mais alto.

— Tome um copo d'água de cabeça para baixo.

— O que é para fazer?

— É para beber assim, desse jeito, e se inclinar. Vou mostrar como se faz.

Ela derramou um pouco e, ao ficar ereta novamente, balançando e chegando a se equilibrar no espaldar da cadeira, disse que aquilo era uma besteira, mas os soluços tinham acabado.

Jay-Tee ficou estupefata. Tom se perguntou se ele também não estaria.

— Você beija muito bem — falou, embora estivesse planejando perguntar se ela sabia onde Razão e Esmeralda estavam.

Ela sorriu. Não foi um sorriso louco.

— Você também. Só que mexe a língua um pouco demais...

Ele deu uma palmada no ombro dela.

— Mexo nada.

— Mexe sim.

— Mexo nada.

— Mexe.

— Não — ele disse, inclinando-se para frente, tomando o cuidado de se segurar na mesa e não tocar no hematoma horroroso no rosto dela e beijando-lhe delicadamente os lábios. Ela retribuiu. Os dois trocaram mais alguns beijos, delicados como borboletas, um depois do outro, lábios nos lábios, bocas se abrindo devagar, toques de língua. Tom sentiu as orelhas esquentarem. Nunca tinha beijado ninguém assim antes.

— Você não está mais com soluço.

— Não.

Eles tornaram a se beijar, até que ela se afastou. Tom ficou pensando se seria ético da sua parte beijar uma pessoa que estava bêbada. Ou louca, quem sabe.

— Esmeralda — ela disse com firmeza. — Razão.

— Pois é — falou Tom. — Jason Blake está com a mãe de Razão? Foi isso que você disse?

Ela confirmou.

— Onde eles estão?

— Nova York — disse Jay-Tee. — Estão em Nova York. — Os lábios dela estavam maiores e mais vermelhos que o normal, quase como se ela estivesse usando batom. Só de olhar para eles, Tom ficou ainda mais excitado. Torceu para não ficar ruborizado.

Se ela estava louca, o que seria verdade no meio disso tudo?

— Tom, por que você está olhando para mim desse jeito?

— Olhando para você de que jeito?

— Como se achasse que estou inventando tudo. Meu pai olhava para mim exatamente assim. Não estou inventando nada. Por que estaria? Para que Jason Blake ligaria para cá? Onde você acha que Razão e Esmeralda estão?

— Mas... — disse Tom. — Bem, você acha que sua magia acabou. E é óbvio que está viva, e anda dizendo maluq...

— Está achando que eu enlouqueci?

— Não — falou. — Hã, bem, um pouco, talvez...

— Como é que você acha que eu passei pela porta e fui parar no quintal dos fundos? Se ainda tivesse minha magia, teria ido parar em Nova York, não teria? Olhe só para mim, Tom, olhe bem direitinho. Está vendo alguma magia?

Tom olhou para ela e em seguida fechou os olhos, concentrando-se na sua própria magia. Não havia formas, nem esmeraldas, nem triângulos.

Não havia magia.

Tornou a abri-los.

— Está vendo?

Ele fez que sim com a cabeça, devagar, tentando entender o que tinha visto. O que não tinha visto.

— Não tem magia?

— Não.

— O que aconteceu?

— Eu quase morri. De novo. E Razão cuidou de mim, mas não me deu magia e sim tirou. Nem sei como fez isso. Agora sou um ponto morto.

Tom abriu a boca, mas não disse palavra alguma. Mas... será possível? Ele não conseguia se imaginar sem magia. Seria como perder um braço... Não, muito pior que isso. Seria como perder sua parte legal, talentosa, especial. Ser tridimensional, todo cheio de cores, e, de repente, numa bela manhã, acordar bidimensional e cinzento.

— Eu disse que ela me salvaria. Seu tom não foi de muita felicidade.

— Tem certeza? — ele perguntou.

— Pare de falar assim, Tom. Tenho certeza. Entendeu? E você também tem certeza. Acabou de ver. E pare de me olhar desse jeito. — Jay-Tee esfregou os olhos. — Não estou conseguindo pensar nisso agora, sabe? Tom consentiu, e

respirou fundo.

— Então, e Razão e Esmeralda?

— Estão em Nova York, esperando que Jason Blake chegue por lá. Ele raptou Sarafina.

— Raptou Sarafina? De Kalder Park?

— Foi.

— Mas minha mãe está lá. Ela está bem?

— Acho que sim — Jay-Tee falou. — Ele só queria a filha. Não quis saber de mais ninguém.

— Quer dizer que ele entrou no Kalder Park, como quem não quer nada, e levou a filha embora? Como foi que deixaram uma coisa dessas?

— Não sabemos. Só pode ter sido magia Cansino. Você precisa ver como a Razão está agora: brilhando! E se move como um tipo de... sei lá, alienígena. Acho que está ficando igual àquele antepassado dela. É de arrepiar.

— E Jason Blake está assim também? — Tom tentou imaginar Jason Blake ainda mais assustador do que já era.

— Não. Bem, não sabemos, mas Mere diz que Raul Cansino escolheu Razão, de forma que ela é a única que ele fez ficar igual a si próprio.

— Bom, já é um alívio.

— Acho que sim. Mas é esquisito demais. É como se não fosse mais Razão. Mas se ela não estivesse desse jeito, eu estaria morta.

Tom não quis nem pensar em Jay-Tee morta.

— E o que disse o pessoal lá de Kalder Park? Por que a mãe de Razão iria com Jason Blake?

— Não disseram nada até agora, acho que não. Não ligaram para cá, mas talvez tenham ligado para o celular da Mere. — Jay-Tee deu de ombros.

— Que legal. É bom saber que a segurança deles é top de linha. Ei, espere aí. Como foi que o Jason Blake chegou aqui? Veio pela porta?

— Não. Estamos achando que veio de avião.

— De avião?

— É, Tom. Sabe aquele treco imenso, todo de metal, que voa pelo céu?

Tom ignorou o sarcasmo.

— Mas por quê? Vir até aqui roubar Sarafina? Para que faria uma coisa dessas?

— Bem, se eu não o tivesse mandado para o inferno, talvez soubéssemos.

— Tem razão — disse Tom. — Precisamos ligar.

— Isso! — Jay-Tee aprovou; em seguida, parou. — Ligar para quem? Kalder Park?

— Não. Para Razão e Esmeralda.

— Certo — disse Jay-Tee.

— Vou pegar meu telefone. — Tom pegou a mochila onde a havia largado assim que chegou pela porta e tirou o celular. Ligou o aparelho, que começou a apitar animadamente. — Ih! Cheio de mensagens!

— Você estava com um telefone o tempo todo? Mas desligado?

— Pois é, esqueci. Mere acabou de me dar, então quase ninguém tem o número.

— Mas nós ligamos para você meio milhão de vezes!

— Vocês me ligaram?

— Estávamos preocupadas, Tom — Jay-Tee explicou. — Você desapareceu um tempão e tinha dito que voltaria logo. Sabe, depois que sua irmã ligou.

— Pois é — Tom pareceu entender. — Eu bem que quis, mas... — ele abanou a mão no ar — aconteceram umas coisas aí. Nada de mau.

— O número é esse aí — ela passou um pedaço de papel para ele.

— Quer que eu ligue? — Tom perguntou, espantado com o grau de sobriedade que adquirira. — Foi você que falou com Jason Blake, não eu.

— Mas eu estou bêbada. — Ela soltou um soluço, para comprovar. Tom teve a impressão de que foi forçado.

— Não está nada. — A magia de Jay-Tee ter acabado já era razão suficiente para sobriedade. — Nem mais cambaleando você está — ele disse, embora ela ainda estivesse, um pouco.

— Estou sim. Está vendo? — Ela deu a maior cambaleada de bêbada que Tom já tinha visto na vida — Por que você quer que eu ligue? — ele perguntou. — Está com vergonha de ter enchido a cara?

— Bastante — Jay-Tee concordou. — Não quero que Esmeralda fique zangada comigo. Não que ela possa fazer qualquer coisa. De magia, quero dizer. Se bem que, pensando melhor, pode fazer um monte de coisas. Pode me jogar na sarjeta. Sabe, ela não pode me ensinar magia, pode? Que utilidade vou ter de agora em diante? — Seus olhos ficaram úmidos novamente. Jay-Tee pegou outro lenço de papel para assoar o nariz.

— Ela não faria uma coisa dessas. — Talvez Esmeralda não fosse tão maravilhosa quanto ele achava antes, mas, ainda assim, não conseguia imaginá-la expulsando Jay-Tee da casa. Foi quando lhe ocorreu outro pensamento. — Então você quer que ela fique brava comigo?

— Mas não vai ficar brava; você só vai contar o que aconteceu... Afinal, não foi o autor da besteira. Nada disso é culpa sua. Só que seria legal se você pudesse dar a entender que não foi tão culpa minha assim. Ah, sim, e dizer também que foi uma ligação cheia de interferências e difícil de escutar. Isso poderia significar que ele estava ligando do avião, não poderia? Claro, nós já sabemos disso, mas, mesmo assim...

Tom soltou um suspiro e abriu o celular.

— Você realmente não tem mais magia? Como é que está se sentindo? — Só de pensar em perder a magia, ficou arrepiado. Preferiria morrer.

Esmeralda não ficou zangada. Aceitou a explicação de que Jay-Tee tinha ficado apavorada demais para falar com Jason Blake. Fez um monte de perguntas sobre o status de Jay-Tee sem magia. Foi assim que se referiu ao fato: “status sem magia”. Como se Jay-Tee fosse espiã de algum departamento de estado específico para assuntos de magia e agora precisasse ser reclassificada. Tom imaginou que a conversa dos atuários seria mais ou menos assim. O tipo de coisa que circularia nos memorandos e relatórios do trabalho dela. Conversa de atuário da magia.

— Você pode ficar aí? Atender ao telefone da próxima vez? Tom disse que ficaria.

— E como é que está Jay-Tee?

— Bem — disse Tom, embora ela estivesse sentada ao seu lado, longe de parecer bem. — Como está Razão? Jay-Tee diz que ela tem estado bem estranha.

— Também está bem — falou Esmeralda. — Telefonaremos se acontecer alguma coisa. E você também. — E pronto! Tom desligou o telefone. Lá fora, o sol estava se pondo, e uma luz róseo-alaranjada atravessava a folhagem densa da Filomena.

Tom pensou na própria mãe em Kalder Park, enlouquecida como sempre foi ao longo de toda sua vida. Se Esmeralda não o tivesse descoberto, ele também acabaria daquele jeito. Sua mãe nunca ficou sabendo da magia, nem de como permanecer sã.

— Em que você está pensando?

— Na minha mãe. Sabe, pelo menos agora você nunca mais vai ficar maluca do jeito que ela está.

— Ah — Jay-Tee falou. — Sua mãe! Claro! Ah, Tom, que idéia genial! Se Razão consegue desligar minha magia, talvez possa desligar a da sua mãe também. E ela ficaria sã de novo!

A sensação foi de como se ele tivesse levado um soco. Tom ouviu o que Jay-Tee falou, ouviu cada palavra, mas não conseguiu acreditar.

— Minha mãe — disse.

— É — Jay-Tee falou. — Não seria incrível?

— Seria — ele falou, mas ficou tão receoso que não conseguia acreditar. Não se lembrava da mãe normal. Nada.

Pele

As 610 minúsculas manchinhas de luz se espalhavam pelo espaço, rodopiando numa espiral que se abria para o infinito. Mergulhei nela, rodopiando, deslizando num espaço ainda mais abarrotado de luzes do que a cidade de Sidney. Nova York.

Era assim que uma porta realmente era: uma ponte que rodopiasse entre dois pontos no espaço mágico. Muito mais divertido do que simplesmente uma abertura para se atravessar de um lado para outro. O mundo de verdade era tão canhestro, tão limitado.

Vasculhei a paisagem mágica, buscando outras portas. Avistei grupos de luzes entrelaçadas do mesmo jeito que a porta para Sidney — dezessete ao todo. Número primo. A minha volta havia várias configurações primas. Indaguei se os números primos não constituiriam um dos fundamentos da magia. Ou seria o inverso?

Algumas das portas pareciam estar mais perto, outras nem tanto. Mas eu não sabia exatamente o que isso significava ali.

A porta girou novamente; as fortes luzes de Esmeralda apareceram. E algo começou a exercer pressão sobre mim; vazaram para cá ruídos do outro mundo.

— Razão. Razão. Razão. Fiz força contra o ponto onde este mundo se espessava dando lugar ao outro mundo

— Esmeralda — falei.

Ela me falou outra coisa. Mas as palavras se confundiram enquanto flutuavam no ar.

— Tudo bem — falei. Talvez ela tivesse notícias de Sarafina. Forcei-me a deixar para trás o que era pura magia e matemática.

Desta vez tropecei na reentrada, escorregando pelos degraus e aterrissando pesadamente na calçada. Tive a sensação de ter sido arrastada pela gravidade normal. Olhei para cima e deparei com Esmeralda parada diante da porta para Sidney, encolhida para se proteger do frio. Ela desceu e pegou meu braço para me firmar.

— Você está bem? — ela perguntou. Em cima da porta, avistei o rosto esculpido em pedra com os olhos e o bigode pintados de forma rudimentar. Ele parecia estar entretido desta vez, não triste.

— Estou bem — respondi, embora estivesse me sentindo péssima. Não

conseguia parar de pensar em Sarafina. Ainda estaria viva? Eu tinha parado de cambalear, porém minha pulsação estava mais acelerada do que deveria. No mundo Cansino, não sentia meu coração.

— Como pode estar bem? Você deve estar congelando! Sem cabelo e sem gorro! Não trouxe nem um casaco.

— O ar está mais pesado aqui.

— Aqui? O quê? — Esmeralda perguntou, colocando as mãos nos bolsos do casaco. Sua respiração se condensava no ar.

— No mundo real. — A minha respiração não.

— Como assim?

— Encontrei algumas portas — contei-lhe, pois não quis dar explicações sobre o outro mundo.

— Quantas? — ela perguntou, balançando o corpo para frente e para trás. Encolhi os ombros.

— Dezesete. Mas pode haver outras. Há outras coisas que podem ser portas. Não sei direito.

— Ficam perto daqui?

— Talvez. Posso chegar até elas. Só não sei quanto tempo levará.

— Mas você consegue enxergá-las daqui?

— Consigo.

— Consegue ver quando alguém abre uma delas? — Esmeralda continuou.

— Consigo. Vi você. Minha avó riu.

— A porta está bem ali. Como você poderia deixar de me ver?

— Vi você no outro mundo, não aqui. Esmeralda estremeceu.

— Se formos para o meu apartamento aqui, você ainda vai conseguir enxergar as portas?

— Fica perto daqui?

— Fica.

— Então, acho que consigo. Mas poderíamos simplesmente ir andando até elas. Para descobrir o que há do outro lado. Para ver se encontramos Sarafina.

— Mas, Razão, você disse que havia dezesete. Não sabe se estão muito perto. Talvez algumas não fiquem nem em

Manhattan. Poderíamos levar o dia inteiro para verificar apenas duas ou três. Mesmo assim, de repente parece que você está imune ao frio, mas eu não.

“Se formos para o meu apartamento, poderemos esperar, e assim que Alexander ou Sarafina aparecer, vamos até lá. Não seria melhor assim?

— Eu poderia dar conta de examinar as portas sozinha. Talvez não leve tanto tempo assim — falei.

— E se Alexander aparecer? Ele é escuso. Vai tentar algum truque com você,

Razão. Seria melhor poder contar com minha ajuda. Não sou tão forte quanto você, mas tenho alguma força.

— Tudo bem — concordei. Não me convenci, mas se houvesse alguma chance de conseguir notícias de Sarafina neste mundo real, eu não queria perdê-la.

Esmeralda esticou o braço para parar um táxi.

— Está frio demais para irmos a pé — disse.

Um táxi parou quase imediatamente. Era mais fácil aqui. Em Nova York, havia mais táxis do que carros normais.

Esgueirei-me para dentro dele. Esmeralda se inclinou para frente, informando ao motorista o endereço. Rua Treze. Ótimo. Número primo. Quase tão bom quanto os divisíveis por nove.

Pensei novamente em Jay-Tee. Será que viveria mesmo sem a magia?

Torci para encontrarmos Sarafina logo. E para que eu não tornasse a ver Danny.

O apartamento de Esmeralda em Nova York não era tão grande quanto o de Danny; porém, tinha mais móveis e quadros na parede. Parecia mais habitado. Com que frequência ela viria para cá?

Havia um corredor comprido e estreito, que dava para uma cozinha, um estúdio, um banheiro e dois quartos.

— Você pode dormir ali — ela disse, mostrando-me o menor. — Se acabarmos precisando passar a noite.

Havia uma gravura grande do Escher na parede, lagartixas entrelaçadas que saíam pelas bordas do desenho. Sarafina tinha usado o Escher para me ensinar sobre mosaicos e ladrilhos. Passamos horas a fio desenhando os nossos próprios, dispondo e misturando triângulos e outros polígonos lado a lado sobre o papel. Nenhum dos nossos chegou a ser tão bom quanto os do Escher, mas foi divertido.

O cômodo seguinte era o banheiro. Espiei lá dentro e me vi refletida no espelho. Estava sem cabelo.

Ver que estava sem era diferente de sentir que estava sem. Também não tinha cílios nem sobrancelhas.

Não estava olhando para mim mesma, mas para outra pessoa: um ser alienígena careca com a pele dourada que brilhava igual à de uma estátua de bronze.

Meus olhos. Não pareciam...

As íris estavam maiores, tomando a parte branca. Não tinham variação, mas uma cor uniforme: castanho. Do jeito que as pupilas são pretas e mais nada. Não havia veios ramificados de cores irradiando das pupilas, nem laivos de amarelo ou verde ou preto. Não estavam como são os olhos normais. Estavam castanhos, e

castanhos apenas. Do mesmo tom castanho-dourado que minha pele.

Estavam como os olhos de Raul Emilio Jesús Cansino. Aquela não poderia ser eu.

Fixei o olhar, para além da minha pele, olhei para dentro de mim. Isso me feriu. Como um corte. Eu nunca fora capaz de fazer algo assim. Minhas células não eram o que já tinham sido um dia. Senti a vida pulsante do meu bebê, aquelas escassas células que não eram minhas, que estavam tão modificadas quanto eu estava.

Um monstro. Estava grávida de um monstro.

— Está vendo — disse Esmeralda. — Você praticamente não é mais a mesma. E Jay-Tee não pôde ver isso.

Ela me levou até o fim do estreito corredor, para o maior cômodo do apartamento. Ali havia cinco janelas, dois sofás, uma mesinha de centro, um piano e uma banquetta, e duas estantes cheias de livros. De uma das paredes pendia a foto de uma árvore enorme. Parecia a figueira australiana que havia no quintal da casa em Sidney, Filomena.

Pisquei e captei lampejos dos minúsculos vestígios de magia no cômodo, numerosos e embaçados demais para contar. Seriam vazamentos da magia de minha avó?

Esmeralda tirou o casaco e o colocou no braço do sofá mais próximo. Em seguida, sentou-se, cruzou as pernas com o tornozelo de uma apoiado no joelho da outra e fez um gesto me convidando a sentar. Mostrava-se calma e relaxada. Não parecia uma mulher cuja filha acabava de ser raptada.

— Você está mudando muito rápido, Razão. Quando olho dentro de você — minha avó disse —, até suas células estão diferentes. Caso se torne mais parecida com ele, deixará de ser humana.

— Eu sei — falei. Já tinha visto.

— Ainda se sente humana?

— Acho que sim. — Não sabia ao certo. Sentia falta da minha mãe. Ainda estava zangada com Danny. Eram sentimentos humanos, não eram? Mas quando me encontrava no mundo Cansino, mal os sentia. Será que estaria sentindo-os com menos força aqui também?

Levantei o rosto e vi Esmeralda. Havia nela tantos traços de Sarafina. A mesma cor dos olhos e do cabelo. As duas tinham a mesma altura, a mesma pele cor de oliva, os olhos castanhos. Entretanto, a voz era o que mais parecia. Se não olhasse para ela, se a escutasse apenas, poderia até imaginar que era Sarafina.

Esmeralda me olhava fixamente, como se quisesse algo. Sarafina jamais me olharia daquele jeito.

— Gostaria de saber por que ele a escolheu.

— Ora — falei —, não é bem o caso de ter muita gente para escolher, ou é?

Quantos Cansino existem por aí? Só você, Jason Blake e eu.

— E Sarafina.

— E Sarafina. Então, cada um de nós tinha uma chance de vinte e cinco por cento.

— Mas ele escolheu você.

— E o meu bebê. Esmeralda concordou.

— É por isso, acho. Por causa do bebê. Você vai ficar ainda mais poderosa à medida que for mudando. Acho que será capaz de fazer o que quiser.

Eu queria ver minha mãe novamente. Queria que Tom e Jay-Tee vivessem vidas longas e felizes. Queria que meu bebê nascesse saudável e que Danny me amasse. Será que queria mesmo? Não tinha muita certeza deste último desejo.

— Já pensou no que está acontecendo com o seu bebê?

Claro que sim. Como eu não disse nada, Esmeralda fez um barulho, entre tosse e muxoxo. Ergueu uma sobrancelha, delicadamente, como se ela pudesse quebrar.

— Seu bebê também está mudando.

— Eu sei.

— Você pode até ter vontade de estar nesse outro lugar do qual não quer me falar, mas será que é o que o seu bebê vai querer?

Não falei nada.

— Se continuar indo para lá, de repente não terá outra chance que não seja a de ficar lá para sempre. Seu bebê não vai ter escolha.

— Raul Cansino não ficou lá para sempre.

— Mas o que ele era, Razão? Como era a vida dele? Maravilhosa, eu quase disse. Sem dor. Sem angústia.

— Acho que você tem como parar essas mudanças. Da mesma forma como desligou a magia de Jay-Tee mas a manteve viva. Há como fazer o mesmo com você, com o seu bebê. Não precisa se transformar nele. Você agora pode fazer o que quiser.

— Como, por exemplo, tirar sua magia? Esmeralda estremeceu, recostou-se ainda mais no sofá.

— Ou fortalecê-la. Para que fique mais parecida com a sua.

— Mas estou me transformando num monstro. Você mesma disse.

— Não disse, não. O que eu disse foi que você está se transformando nele. Quer ficar totalmente igual a Raul Cansino? Praticamente não ser mais humana? Só estou dizendo que você pode fazer qualquer coisa agora. Vi o que fez com Jay-Tee. Ela teria morrido. Está viva por sua causa.

Concordei.

— Mas não sabemos por quanto tempo.

Esmeralda deu de ombros.

— Quanto tempo tem a maior parte das pessoas? Ela é normal agora.

Normal, pensei. Seria bom, isso? Sarafina nunca pensou desse jeito.

— Aposto que você consegue usar sua magia para encontrar Sarafina agora — Esmeralda falou, como se tivesse escutado meus pensamentos.

— Talvez — falei. Não sabia ao certo até que ponto enxergaria no mundo Cansino. — Mas de nada serviria encontrá-la aqui.

— Os dois não estão conectados? Você pode ver as portas lá. Disse que me viu lá.

— Não existem placas de sinalização. Quando estou lá, não consigo navegar do jeito que faço aqui. Não há ruas ou árvores ou formações rochosas, nenhuma outra forma de encontrar meu rumo. Consigo encontrar o norte, o sul, o leste e o oeste. E posso saber se uma coisa está perto ou longe. Mas longe podem ser vinte ou dois mil quilômetros; não sei dizer a diferença.

Esmeralda se inclinou na minha direção, com uma expressão intensa no rosto.

— Por que você está me olhando desse jeito?

— De que jeito? — ela voltou a se recostar, cruzando as pernas no outro sentido.

Gananciosa. Percebi que ela parecia gananciosa. Queria o que eu tinha.

— Você mudou.

— E você já disse isso. — Olhei para o brilho nas minhas mãos. As unhas não estavam quebradas e desiguais, mas lisas e desbastadas.

Não havia cicatrizes. A marquinha do corte que dei no nó do dedo médio da mão esquerda descascando um inhamo não estava lá. Os vestígios da queimadura que levei na palma da mão direita ao tirar uma panela da fogueira tinham sumido. Eu era pequena; estava só tentando ajudar. Mas doeu tanto que chorei até não poder mais. Não tínhamos gelo, de forma que Sarafina me pegou no colo e levou até o riacho para lavar com água gelada. No começo, a cicatriz tomava a palma da mão inteira; mas, à medida que fui crescendo, a marca diminuiu até perder a vermelhidão e ficar com um tom esbranquiçado.

Agora, tinha sumido.

Minhas mãos não eram minhas mãos.

— Não só fisicamente — minha avó continuou. — Você não é mais você no todo. Quando foi a última vez que riu?

— Não tem havido muita razão para rir, tem? Minha mãe foi raptada. — Parei de falar um pouco. Não queria falar de Danny para Esmeralda.

— Se continuar mudando, será que ainda vai querer salvar sua mãe?

Pisquei e captei um lampejo de luz familiar. Fechei os olhos, senti aliviar o peso em cima de mim e a densidade macia do mundo Cansino me cercou.

A nova magia era forte. Começou a se mexer... no esteio do movimento, uma

espiral resplandecente.

Jason Blake.

— Ele está aqui — falei.

Dançando

Eles estavam sentados diante da televisão no quarto de Jay-Tee. Era uma cena dramática do velho oeste americano com vários caubóis, mas pouco iluminada, as figuras perdidas numa semi-escuridão. Tom não fazia idéia de quem era quem. Os figurinos, porém, eram excelentes; mesmo no meio de cores escuras e da sujeira, havia aqui e ali um branco ou vermelho que se destacava.

Tom tinha a impressão de estar flutuando. O pequeno passeio até Nova York para conversar com Cathy lhe trouxera novamente o cansaço da travessia pela porta. O sol já tinha se posto e a escuridão da noite imperava, mas a sensação era estranha. Talvez por quase não sair depois de ter voltado. Ficara um pouco com Jay-Tee enquanto ela tentava entender o que lhe acontecera.

Ela havia ligado para o inútil do irmão e deixado recados no celular e no telefone fixo, e mais tantos ainda com uma dúzia dos amigos dele. Todos prometeram mandá-lo ligar para a irmã assim que o vissem.

Esmeralda havia ligado para dizer que Jason Blake (ou Alexander, conforme ela o chamava) se encontrava em Nova York e Razão o estava rastreando, o que deixou Tom com uma descabida imagem de Razão farejando a calçada, no encalço dele.

Ficou mais que aliviado por não estarem, nem ele nem Jay-Tee, em Nova York naquele instante. Sua tarefa, conforme Esmeralda colocara, era “tomar conta do forte”. Fosse aquilo o que fosse.

— Você acha que vai ficar tudo bem com ela?

— Quem? — Jay-Tee perguntou. — A loura? Não. Acho que aquele sujeito nojento vai matá-la. Provavelmente vai matar todas elas. Obviamente, ele tem problemas.

— Não. A mãe da Razão. Jay-Tee se virou para ele e sorriu.

— Espero que sim. Na verdade, tenho certeza de que vai ficar bem. Você não viu a Razão. Ela mudou. Não há mais o que esteja fora do seu alcance. Vai encontrar a mãe e vai salvá-la. Do mesmo jeito que me salvou!

Tom não tinha certeza se Jay-Tee tinha sido salva. É certo que Razão tinha impedido que ela morresse, mas... bem, não tinha certeza se a palavra certa seria salva. Ela não tinha mais magia. E ele não saberia dizer como era isso.

Também estava pensando na sensação de suas mãos sobre a cintura nua de Jay-

Tee. Pensando em beijar.

Quem diria que a língua de outra pessoa dentro de sua boca daria tantos arrepios? Ele sabia que deveria ser assim, e sentia muita vontade de experimentar, mas ainda tinha dúvidas. Dava a impressão de ser uma coisa nojenta. Sua preocupação era se a língua travasse bem no meio do primeiro beijo direito de sua vida, e se começasse a pensar na língua como um verme, ou pior, como um bife e... ora, que coisa nojenta!

Mas não foi nada disso. Agora lá estava ele se perguntando - e não foi a primeira vez desde que tinham sido interrompidos pelo telefonema de Jason Blake — se não rolariam outros.

Não sabia se Jay-Tee ficara com as mesmas impressões. Naquele momento, ela não parecia estar pensando nas mesmas coisas que ele. Claro, a iniciativa do beijo fora dela. Mas poderia ter sido uma daquelas suas mudanças súbitas de humor: num instante, preocupada com a morte; em seguida, com a loucura; depois, como fazer sem a magia dali por diante.

Daria um nó na cabeça de qualquer um, não daria?

E se ela o tivesse beijado sem pensar no assunto? Será que ao menos gostava dele? Jay-Tee tinha dito que sim. Tom gostava dela, mas não sabia quanto até ganhar o beijo. Não fazia muitas horas, só pensava em beijar Razão. Sentiria a mesma coisa por qualquer uma que o beijassem?

Não tinha certeza. Não sentiu quase nada quando Jessica Chan o beijou. Foi bom, mas não ficou desesperado querendo mais do jeito que estava com Jay-Tee. Torcia para não ter sido uma loucura de momento apenas. Afinal, dera um pouco de sua magia para ela. Não deveria existir aí uma ligação?

Ou talvez não, agora que a magia dela se fora.

Jay-Tee soltou um risinho, mas não tinha acontecido nada engraçado na televisão.

— O que foi? — Tom perguntou. Por um instante, achou que ela sabia o que lhe passava pela cabeça.

— É que eu tentei fazer luz. E não consegui, não consegui mesmo.

— E isso é engraçado?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Muito. Estou me concentrando na pulseira de couro da minha mãe. Tenho o dente. Está vendo? — Ela o mostrou para ele. Era o que Esmeralda tinha lhe dado, que passara por gerações na família Cansino. — Não consigo mais fazer dinheiro do nada.

— Você fazia isso? — Tom perguntou. Não sabia que era possível.

— Hum-hum. O tempo todo. — Jay-Tee sorriu. — Fui uma bruxa muito má. Mas não era bom sair usando muita magia. Acho que foi por isso que quase a

comprei duas vezes. Tudo bem, olhe só isso. — Levantou-se e esticou os braços para frente, como se fosse o Super-Homem. — Eu não estou voando.

— Essa não! — Tom exclamou. — Você voava? Jay-Tee se sentou com um vasto sorriso estampado no rosto. Depois, caiu na gargalhada.

— Sua chata!

— Peguei você! — ela disse, e deu um soco de leve no ombro dele. Tom sentiu o contato através do algodão fino da camiseta. Pensou em se inclinar para perto dela e beijá-la.

— Não sei se ainda consigo correr — ela disse, fazendo trejeitos com o lábio inferior. Tom não conseguiu olhar para mais nada. — Não do jeito que corria, obviamente. Mas será que ainda corro rápido?

— Mais que eu, com certeza.

— Grandes coisas! Ei, você acha que eu ainda consigo dançar?

— Bem, isso é uma coisa que podemos experimentar. O som da Esmeralda é espetacular. Vamos dançar na sala? — Dançar seria meio caminho para mais beijos, não seria?

— Claro — Jay-Tee falou. — Adoraria.

Jay-Tee não conhecia nenhuma das músicas que Esmeralda tinha ali, ou, quando conhecia, eram uma porcaria. Os dois olharam todos os CDs e não encontraram nada que ela considerasse minimamente dançável.

— Mere tem 45 anos — Jay-Tee falou como se dissesse: Ela é de outro planeta. — Música de gente velha é sempre uma droga.

— E isso aqui? — Tom perguntou. Já tinha ligado o aparelho de som e apertado a tecla de FM, e estava girando o botão de sintonia para um canal de músicas das décadas de 1970, 80 e 90, certo de que Jay-Tee iria detestar.

— Horrível! — ela disse, instantaneamente. — Porcaria de primeira! Dessas que cheiram mal!

— Deixa eu ouvir — Tom falou, tentando segurar o riso. — Acho que você não gosta.

Ela sorriu.

— Isso é horroroso. Guitarra, baixo... péssimo! Música de gente velha e chata.

Ele girou o botão mais um pouco, pegou a Triple J tocando.

— E isso agora?

Ela balançou a cabeça.

— Guitarra, Tom, guitarra! Isso é um porre. Dance music! Tem de ser dance music, Tom.

Tom sintonizou em outras três estações que seriam possibilidades reais. Na segunda, Jay-Tee fez que sim com a cabeça.

— Agora já está melhor. Preste atenção ao baixo. Dedilhado, no capricho. Reverbera. Perfeito.

Eles puxaram as cortinas para que ninguém os visse da rua. Depois empurraram juntos a mesa de jantar, as cadeiras e o resto da mobília que podia sair do lugar, colocando tudo de encontro à parede, dando bastante espaço.

Tom aumentou o volume do som em mais dois pontos e foi para o meio do salão.

— Está pronta? — perguntou, embora estivesse bastante nervoso. Gostava de dançar, mas a maior parte dos seus amigos não. Por isso, só tinha dançado mesmo no próprio quarto, o que era lastimável. Tinha dançado também na festa de fim do ano passado, mas lá os melhores amigos ficaram zombando dele. Com isso, parou de dançar e foi se juntar ao grupo para rir dos demais, muito embora sua vontade fosse a de continuar dançando. Não queria que Jay-Tee o achasse desajeitado, já que ela mesma dançava que era uma maravilha.

Ou dançava, quando tinha a magia.

Tomou fôlego para ganhar coragem e se aproximou de Jay-Tee, pegando-lhe a mão direita e trazendo-a para o centro do salão.

— Eu não danço assim — ela disse. Tom riu.

— Nem eu; dançar junto é a coisa mais nerd que há — mentiu. Adorava ver dança de salão e vinha sonhando em experimentar havia um bom tempo. Saber fazer roupas muito melhores do que as que via no pessoal dançando nos salões. — Mas aqui o espaço é maior. E então, vai dançar ou não vai?

— Não sei. Acho que não estou com vontade.

Tom ousou começar a dançar na frente dela. Mesmo sabendo que ela poderia rir dele. Mas acabou fazendo uma coisa quase tão corajosa. Ele a beijou. Um beijo rápido, na bochecha.

— Seu ritmo foi muito bom quando a gente se beijou lá no alpendre. Tenho certeza de que vai ser muito bom também para dançar.

— Não é a mesma coisa — ela disse. A expressão que surgiu em seu rosto foi tão triste que Tom teve vontade de chorar.

Mas, de repente, Jay-Tee sorriu, esticou os braços para os lados e começou a saltitar. Tom a acompanhou. Os dois saíram divertidos pela sala, ao ritmo da música, rindo como se fossem explodir de alegria.

Em seguida, depois de duas músicas de pura diversão, Tom percebeu Jay-Tee pendendo para a dança de fato. Como se seus braços, quadris e pernas fossem desconectados e se mexessem em espaços próprios separados uns dos outros, mas, ainda assim, juntos. Nunca tinha visto ninguém se mexer com tal rapidez e

suavidade, e tanta energia. Acompanhou-a, da melhor forma que pôde.
Jay-Tee não tinha perdido nada da sua capacidade de dançar.

Suando

Não era a mesma coisa. Jay-Tee não conseguia sentir o arrebatamento da dança. Torcia para encontrar seu ritmo, mas quando percebeu que não conseguia, e seus olhos chegaram à beira de verter mais lágrimas, ela se virou para Tom e acabou beijando-o.

Ele correspondeu ao beijo, de forma menos experimental do que fizera no alpendre. Ambos suavam por causa dos volteios pela sala. As mãos escorregavam pelas roupas umedecidas; quase tombando.

Tom soltou uma risadinha. Seu rosto estava vermelho e quente. O dela também. Os dois chocaram-se contra a mesa. Jay-Tee resmungou quando esbarrou com as costas na quina. Tom tentou beijá-la novamente, mas seus lábios acertaram-lhe o rosto e acabaram escorregando até o queixo.

— Desculpe — ele disse. — Escorregou.

Fazia calor. O cômodo inteiro parecia estar suando. Mesmo sem a dança, os dois suariam em bicas. Mesmo sem se abraçarem, estariam se mesclando um ao outro.

Jay-Tee ficou querendo saber qual seria a sensação disso tudo se ainda tivesse sua magia. Quantos fios iriam conectá-los? Sem magia, Jay-Tee não enxergava a teia que os unia. Sem magia, talvez não houvesse conexão alguma.

Afastou-se de Tom, tentando enxergar o que faltava. Ele olhou para ela, começou a dizer alguma coisa, mas ela ergueu uma das mãos.

A pele dele era tão clara. Ele era tão magro.

— Você brilha — ela disse. Mas não de amedrontar, como Razão. — Um brilho bom.

Ele olhou para os próprios braços. O rosto ficou ainda mais vermelho.

— Eu sou muito branco, não sou?

Ela circundou os punhos dele com os dedos.

— Olhe só. — Os dois ficaram olhando a mão morena de Jay-Tee contra o braço esbranquiçado de Tom.

— Você é muito mais morena que eu — ele disse. — Sortuda! Eu me queimo com muita...

— Gosto da sua brancura. Dá para ver bem o azul das veias. É bonito.

— Não tão bonito quanto você. Não tão lindo quanto...

Jay-Tee encostou a boca na dele, na esperança de se perder num beijo. De olhos fechados, conseguiu se lembrar de como era a teia. Toda a magia que interligava os mágicos, unindo-os. O que os atraía um ao outro?

— Você quer subir? — ela perguntou. A música tocava alto, mas como Jay-Tee não conseguira capturar a batida, tornara-se apenas um barulho. Algo próximo a causar dor de cabeça.

Tom tornou a corar. Embora estivesse começando a ficar difícil de perceber, de tanto que suavavam os dois, de tão quentes que estavam.

— Acho que lá em cima vai estar mais confortável.

— Tem certeza? — ele perguntou ansioso.

— Tenho. A quina da mesa está me machucando.

— Eu estava falando de... Ela riu. Ele estava tão ansioso.

— Eu sei do que você estava falando. Vamos só nos beijar, Tom. Relaxe.

Jay-Tee não queria fazer sexo com Tom. Já fizera sexo três vezes. Em duas delas, sentiu dor, e na terceira, foi desconfortável. Dois meninos diferentes. Um no Bronx, antes de fugir de casa. Diego, vulgo Dig. Um dos amigos de Danny, maluco por basquete, mas nem de longe tão bom quanto ele!

Os dois ficaram no porão da casa dos pais dele; ela se deitou sobre a tábua de passar roupa fechada no chão. Duas vezes. Nas duas, sentiu tanta dor que Jay-Tee precisou morder os lábios para não chorar.

Não houve fios mágicos unindo os dois. Dig não era um ponto morto completamente, mas chegava perto.

A outra vez foi na Lantern, num dos cubículos do banheiro das meninas. Jay-Tee nem soube o nome dele, mas o rapaz dançava bem demais e ela gostou do seu jeito de sorrir, embora agora nem se lembrasse mais de como ele era. Alguém muito apertado bateu na porta aos berros, embora houvesse outros cubículos livres.

Mas com ele havia certa magia. Ela não se dera conta até os dois começarem a se beijar e os fios a se desenrolar, tanto dele quanto dela, passando logo a se enroscar, puxando-os para perto um do outro. Parecia uma luta, cada qual mantendo o equilíbrio da própria magia, sem ceder, mas também sem tomar do outro. A sensação era a de equilibrar um balão de gás em cima de um alfinete, com medo de estourar.

Jay-Tee ainda não tinha gostado do sexo em si, mas pelo menos não sentira dor; quanto aos beijos estava tudo bem. E a magia tinha sido estranha, mas legal.

Ela sabia que era isso o que tinha de fazer, e fez. De qualquer forma, beijar Tom era melhor que beijar qualquer outro. O toque também. Então, quem sabe com Tom, com quem nunca tinha feito isso antes, o sexo não fosse tão ruim? Talvez trouxesse de volta a magia.

— Gosto de beijar você — ela disse.

— Eu também gosto de beijar você — ele retribuiu. Ela o tomou pela mão e saiu da sala de jantar; os dois subiram a escada. Ele parou no meio do caminho e tornou a beijá-la. Foi um beijo cálido, lento, delicado. Ela sentiu a emoção percorrendo o corpo inteiro até a planta dos pés, como um arrebatamento pelo ritmo certo, coisa que jamais tornaria a fazer.

Precisava deixar aquilo de lado para se concentrar no Tom. Ele tinha aprendido a beijar melhor, muito rapidamente. Durante alguns segundos, o beijo permaneceu lento; de repente, seus corações se aqueceram outra vez e eles logo estavam se beijando vertiginosamente.

Tom perdeu o pé de apoio e escorregou um degrau para baixo. Jay-Tee caiu junto com ele. Amparou a queda nele; e ele, na escada.

— Machucou?

Ele fez que não com a cabeça e já foi se enroscando nela; ela fez o mesmo, ainda que os degraus lhe estivessem pressionando costelas e coxas. Mas o beijo estava ótimo.

Jay-Tee não fazia idéia de quanto tempo levou até chegarem ao quarto. Mas quando finalmente chegaram, sentiu-se subitamente tão cansada que mal podia manter os olhos abertos. A sensação foi a de que tudo a estava atingindo de uma só vez e que o sono seria a única forma de agüentar.

Pela primeira vez na vida, Jay-Tee começou a cair no sono nos braços de alguém. E foi bom, embora ele fosse ossudo e ela sabia que iria acordar com dores pelo corpo.

— Você é maravilhoso, Tom — disse, já meio adormecida.

— Você também é maravilhosa — ele correspondeu, dando-lhe um beijo na bochecha.

907 luzes

Fiquei perto da superfície de forma que pudesse escutar Esmeralda, mas ainda dentro do mundo Cansino.

— Alexander? — ela perguntou. — Aqui? — As palavras dela me atravessaram como marolas na superfície da água.

— É — falei. Até ela retrucar, fiquei sem saber se tinha falado ou apenas pensado as palavras. Eu não era um corpo da mesma forma que no outro mundo. Meus limites ficavam muito além dos confins da minha pele. O espaço extravasava em mim; eu extravasava no espaço. A magia de Esmeralda dançava ali por perto. Se quisesse puxá-la para perto de mim, poderia. Mas não sabia o que isso faria com ela. Será que conseguiria fazer o mesmo com Jason Blake?

Trazê-lo para cá?

Naquele segundo, a magia dele desapareceu, engolida pela porta espiralada. Será que ele conseguia ouvir meus pensamentos?

— Você encontrou a porta por onde ele veio?

— Encontrei. — Levantei-me, escorregando em meio à densidade. Enxerguei a porta pela qual Jason Blake surgira e, com a mesma rapidez, desaparecera. Pensei se não haveria como deslizar pelo espaço Cansino mais rapidamente do que eu vinha fazendo. Raul Cansino parecia surgir do nada. Será que eu poderia fazer igual?

Tornei a olhar para a porta, mas não era uma porta; eram duas. Como isso teria acontecido?

— E não fica longe? — Esmeralda perguntou.

— Não sei.

Ainda não entendia a correspondência entre o mundo real e o mundo Cansino. Os dois conjuntos de luzes bem amarrados um ao outro — as duas portas — pareciam existir lado a lado. Havia apenas um nadinha de trevas texturizadas entre um e outro. O estofado do qual Jay-Tee era totalmente feita agora.

Duvidei que tivessem o mesmo aspecto no mundo real.

— São duas portas — falei.

— Duas?

— Estou vendo duas.

— Por qual Alexander passou?

— Ficam perto demais para saber. — Jason Blake tinha desaparecido tão rápido que eu não sabia por qual ele tinha passado.

Abri caminho de volta para o apartamento de Esmeralda. Desta vez, o peso da gravidade normal foi excessivo. Desabei. E ainda enxerguei o mundo Cansino de magia pelos cantos dos olhos, mesmo arregalados. Ele tinha devorado minha visão periférica.

— Razão? Você está bem? — Esmeralda esticou a cabeça pela porta do seu quarto com umas coisas de lã enroladas nas mãos.

Fiz que sim com a cabeça.

— É só o ar pesado. Vai passar num segundo. Da última vez foi assim.

— Tem certeza?

— Hum-hum. — Levantei-me, sentindo o movimento de cada músculo. No canto dos meus olhos, as duas portas reluziam. Minha mãe poderia estar atrás de uma delas. — Está pronta? Vamos.

— Vou só pegar um cachecol. Saí de Sidney um pouco desprevenida. Você não vai sentir frio com essa roupa?

— Não sinto mais frio.

— Não — ela disse, olhando-me fixamente. — Acho que não.

A primeira porta estava bem perto, a um quarteirão de distância. Primeiro, reconheci a rua; em seguida, o prédio. Jay-Tee havia me trazido aqui. Fizemos guerrinha de bolas de neve no telhado. Mas a porta não ficava na entrada do prédio.

Ficava dentro.

Reconheci o saguão imenso, com soalho em lajotas de mármore colorido em espiral e teto de gesso decorado com pombas interligadas carregando rosas no bico.

O elevador, pensei. Foi aqui que Jay-Tee me levou naquele elevador temperamental para o telhado, onde ficamos jogando neve uma na outra. Ela disse que o elevador gostou de mim. O elevador era uma porta.

Caminhei na direção dele.

— Em que posso atendê-la? — perguntou um homem branco de terno preto e gravata vermelha, sentado atrás de uma mesa grande em madeira e couro. Olhou para Esmeralda, depois para mim. Não era o mesmo de quando eu tinha vindo com Jay-Tee. Este era muito mais velho. Não parecia disposto a atender ninguém.

Tinha a menor quantidade de magia que eu já vira até o momento, mas tinha: uma camada de uma fração de micron de espessura salpicada sobre suas células.

— Vim ver a Rebecca — Esmeralda falou. Estava se concentrando bastante. Pude vê-la chamando para si os fragmentos infinitesimais de magia dele.

— No 8C? — ele perguntou, franzindo o cenho. — Está esperando a senhora?

Esmeralda disse:

— Está.

E acompanhou o que disse com um movimento da cabeça. Eu fiquei olhando para as 250 tachinhas de bronze que prendiam o couro verde à mesa de madeira, e com todos os fatores se embaralhando na minha cabeça.

— Não nos vemos há muito tempo — Esmeralda acrescentou.

— Ela foi sua professora? Esmeralda confirmou.

— Foi maravilhosa. E agora quero que seja professora da minha filha.

Tive a visão súbita de uma senhora de cabelo branco dando aulas de violino. Sempre quis aprender a tocar um instrumento, mas isso nunca foi possível. Sarafina não tocava nada, de forma que não podia me ensinar; além disso, viajávamos com o mínimo peso possível, o que só nos permitiria carregar um instrumento minúsculo. Mas nunca tivemos dinheiro para gastar com algo que não fosse estritamente necessário. Jamais encostei a mão nem mesmo numa gaita.

— Tenho saudades dela — Esmeralda falou. O homem sorriu.

— É uma senhora adorável. Pode entrar. Oitavo andar.

O elevador parecia tão abandonado quanto da vez anterior, mas, desta, consegui ver sua magia: todas as 907 manchinhas minúsculas, unidas por fios de uma luz nebulosa. Que número primo delicioso! Cheguei a sentir o gosto na língua.

Apertei o botão e contive o fôlego enquanto esperava as portas se abrirem. Com certeza esta porta iria cooperar, deixar-me passar para chegar à minha mãe. Jay-Tee disse que o elevador tinha gostado de mim.

Não aconteceu nada.

Foi quando me lembrei que Jay-Tee falou com ele.

— Por favor — falei baixinho. — Por favor. — Quando cheguei ao Fib (17), 1.597 (também número primo), as portas metálicas se abriram com um rangido.

Entrei. Esmeralda me seguiu. Fomos andando pelo carpete tão desgastado em alguns lugares que dava para ver o soalho de metal embaixo. Não havia painéis nas paredes, nada cobria as porcas e os parafusos que seguravam a estrutura do elevador.

— Por favor — implorei, sussurrando. — Por favor, me mostre o outro lugar ao qual você está conectado. Se quiser. Se achar que deve. Para mim, seria muito importante. — Fiquei com vontade de saber se Jay-Tee tinha conhecimento de que se tratava de uma porta. Ou teria sido simplesmente atraída por sua magia?

O elevador nem se mexeu; as portas sequer tinham fechado.

Cheguei ao Fib (43), 433.494.437, e as portas ainda estavam abertas.

— Talvez a porta não goste de você — falei para Esmeralda. — Não levou tanto tempo assim da última vez.

—Última vez?

— Quando estive aqui com a Jay-Tee. Naquela ocasião, eu não sabia que era uma porta.

— O elevador é a porta? — Esmeralda perguntou. Parecia não estar acreditando em mim. — E não gosta de mim?

Dei de ombros. Percebi pelo ambiente à nossa volta a impaciência do elevador. Fui tendo cada vez mais certeza de que ele não queria Esmeralda por ali.

— Se você esperar no saguão... Esmeralda me lançou um olhar cortante.

— Esperar?

— O elevador não gosta de você. — Estava no Fib (61). — Já teria andado se gostasse.

— Só faz uns poucos minutos. Não dá para ter tanta certeza assim.

O elevador soltou um gemido, um barulho agudo de metal raspando em metal, mas as portas permaneceram abertas.

— Está vendo? Se você esperar lá fora... Jay-Tee diz que ele é excêntrico.

O gemido ficou mais forte.

— Tudo bem — Esmeralda disse afinal, saltando do elevador.

As portas se fecharam tão rápido que pegaram a ponta do casaco dela. Ouvi o gritinho que ela soltou do outro lado; em seguida, o casaco desapareceu, o elevador sacolejou e começou a se mexer ruidosamente. Não consegui distinguir se estávamos subindo ou descendo. Não podia ver o lado de fora como pude quando Jay-Tee e eu fomos ao telhado. Nenhum dos botões dos andares estava aceso.

Os Fibonacci perambulavam pela minha cabeça, dando-me apenas números primos: Fib (3), 2; Fib (4), 3; Fib (5), 5 (isso mesmo, o Fib (5) é 5); Fib (7), 13; Fib (11), 89; Fib (13) 233; Fib (17), 1.597; Fib (23), 28.657; Fib (29), 514.229; Fib (43), 433.494.437; Fib (47), 2.971.215.073; Fib (83), 99.194.853.094.755.497.

As portas pantográficas se abriram, rangendo tão alto que precisei tapar os ouvidos. Pisquei por causa da forte luz do sol. Mantendo um pé no umbral da porta, coloquei o outro no degrau mais perto e fiquei espiando aquele mundo novo.

Do outro lado de onde eu estava, havia uma parede comprida. A cada dez metros, mais ou menos, ela mudava de cor, de um azul brilhante para um amarelo e depois para um castanho desbotado. Cada seção tinha uma porta e uma janela. As portas eram pequenas; as janelas, grandes. Eu estava olhando para uma porta pintada de azul e uma janela grande de pedra, com vasos transbordando de flores apoiados em cima do largo parapeito atrás de uma grade metálica enferrujada. A parede estava tomada por uma hera pontilhada de florezinhas azuis que se projetava para a rua em forma de cascata.

Três borboletas brancas vojavam por ali. De repente, apareceu outra, imensa, amarela, com uma listra preta embaixo das asas. Eu nunca tinha visto uma borboleta

tão grande antes. Tão grande que dava para simplesmente flutuar sem precisar bater as asas. Soaram sinos, aos borbotões, de tal forma que não dava para contar as badaladas.

Eu não estava usando relógio. Dei uma espiadela no céu. O sol ia alto, mais ou menos na mesma posição que se encontrava em Nova York. Se desse para ver o sol por lá, obviamente. Então, era mais ou menos a mesma hora do dia. Seria outra cidade dos Estados Unidos? Não parecia ser Nova York.

A porta se fechou com estrépito às minhas costas, forçando-me a me afastar do umbral e dar uns poucos passos cambaleantes pela rua, onde um carro logo buzinou para mim. Dei um pulo, voltando a subir um degrau para trás, e percebi não se tratar de um degrau, mas sim de um passeio estreito e elevado. Do lado de lá da rua havia outro igual, feito com as mesmas pedras grandes e desiguais da pista.

Virei-me para a porta. Deste lado, não era a entrada de um elevador: era uma porta de madeira com campainha de bronze em formato de mão, encaixada numa parede de pedra.

Peguei a maçaneta e puxei. Não cedeu.

Respirei fundo. A porta me deixara passar sem uma chave, o que significava que Jay-Tee estava certa: tinha gostado de mim. É claro que me deixaria voltar para Nova York quando eu precisasse.

Sentei-me no degrau de pedra e me concentrei para respirar pausadamente, sem entrar em pânico. Fechei os olhos e a calma do mundo Cansino me arrebatou. Procurei Sarafina. Havia quatorze luzes fortes pelas redondezas: nenhuma delas era minha mãe. Jason Blake também não estava por perto. Não havia ali nem de longe a mesma quantidade de magia que em Nova York ou em Sidney. Os elos entre as 907 luzes estavam rígidos e não responderam a mim quando fui sondá-los.

Abri os olhos, senti cair sobre mim o peso do mundo real. Puxei o ar com sofreguidão, pensando na razão que teria me levado a voltar para o mundo real. As poucas luzes fortes, nenhuma das quais era Sarafina, flutuavam no campo da minha visão periférica. Experimentei acionar a maçaneta novamente. Nada.

Recostei-me na porta e olhei para a planta que transbordava da parede na minha direção. Estava incrustada de flores brancas, vermelhas e amarelas. Prestei um pouco mais de atenção a elas. Passaram mais algumas borboletas voejando por ali, das brancas, e uma única amarela; em seguida, um passarinho minúsculo passou à toda velocidade, dando uma paradinha para enfiar o bico comprido e fino dentro de uma das flores, o que fez, de forma mais impressionante ainda, pairando no ar com as asas tão rápidas que só se via o contorno indistinto de seu movimento completo. As penas da cauda balançavam para frente e para trás. Assim que meus olhos se ajustaram para enxergá-lo direito, foi embora tão ligeiro quanto tinha chegado, voando muito mais rápido que qualquer outro pássaro que eu já vira. Que bicho era

aquele?

Onde eu estaria? No mesmo fuso horário que Nova York, mais ou menos. Seria no mesmo hemisfério? Teria de esperar escurecer para saber se era céu do sul ou do norte.

Um homem de pele ainda mais escura que a minha e enrugada feito uma noz passou por mim ladeira abaixo puxando um burrico carregado com dois alforjes cheios de lenha.

Fez uma reverência com o chapéu e disse algo rápido demais que não compreendi. Não soube dizer ao certo, mas não achei que fosse inglês. A única outra língua que eu sabia além do inglês era o Kriol, e supunha que não fosse muito falada fora do Território Norte. Sorri para ele, já bem certa de não estar nos Estados Unidos, pensando se algum dia tornaria a ver Sarafina com vida.

Duas mulheres de idade, com a pele tão escura quanto a do homem que acabara de passar, vinham subindo laboriosamente a ladeira. Traziam buquês de flores secas, que me ofereceram. Fiz que não com a cabeça e elas continuaram ladeira acima, devagarzinho como tinham chegado. As cores de suas roupas eram tão chamativas quanto as das paredes.

O céu era quase tão grande como o que se via nos desertos do meu país. Luminoso, azul, marcado apenas por poucas nuvens mais fofas que bolas de algodão e pelo rastro de um avião. Quando baixei os olhos novamente, cheguei a achar possível me deparar com uma águia australiana capturando uma lebre por entre tufos de capim.

Mas o que vi foi um veículo com tração nas quatro rodas subindo devagar pelo pavimento rústico da ladeira estreita. Por trás dele, descortinava-se toda uma cidade. Casas quadradas em tons esmaecidos de amarelo, marrom, azul e vermelho; telhados em laje; árvores, arbustos e jardins; uma solitária torre de igreja — tudo disposto em fileiras encosta abaixo. Ao fim, uma planície salpicada de verde e marrom, e ao fundo, uma cordilheira de montanhas azuladas.

Virei-me novamente para a porta e mexi mais uma vez na maçaneta, que permaneceu imóvel.

— Por favor — sussurrei, conforme tinha feito antes. — Por favor, já estou pronta para voltar agora.

A porta não se abriu.

Manhã seguinte

Tom acordou com o cheiro de algo limpo e úmido fazendo barulho a distância, e o chão duro e frio sob as costas. Estremeceu, sentou-se e começou a piscar para descolar os olhos, listava no chão do quarto de Jay-Tee. Passou a mão no pescoço e olhou para ela, dormindo esparramada na cama. Abriu um sorriso.

O barulho estava aumentando. Chuva, ele percebeu. Os pingos batiam nas portas de vidro que davam para a varanda. O cheiro limpo e úmido era o ozônio. Tentou lembrar-se da última vez que havia chovido. Teria sido quando foi mostrar para Razão o cemitério e a velha Havisham e o monumento da família Cansino? Mas a chuva não durou muito. Ficou torcendo para que durasse.

O telefone tocou. Levantou-se correndo e resmungou dos efeitos da noite dormida no chão. Não havia extensão no quarto de Jay-Tee. Acaso haveria alguma no quarto de Razão. Abriu a porta e, assim que o encontrou sobre uma mesinha no hall, o aparelho parou de tocar.

Pensou em deitar na cama de Razão e dormir um pouco mais. Estava cansado. Não muito longe dali, alguém tinha colocado dance music para tocar bem alto. Sorriu, pensando nele e em Jay-Tee dançando ontem à noite, e nos tantos beijos que trocaram. Quis saber a hora

Começou a tocar outro telefone. Seu celular. Voltou correndo para o quarto de Jay-Tee, pegou sua mochila, tirou o aparelho e atendeu, falando baixinho enquanto saía para o corredor.

— Tom? — era Esmeralda.

— Eu. — A música estava bem mais alta no corredor. De onde estaria vindo? pensou.

— Como estão vocês dois aí?

Tom olhou de relance para a porta do quarto de Jay-Tee. As maçãs de seu rosto ficaram quentes.

— Bem. Estamos bem.

— Mesmo? Jay-Tee não está agindo de forma estranha?

— Você está se referindo a ter ficado sem magia?

— Isso.

— Ela está bem; não parece ter problema algum.

— Tem certeza?

— Hum-hum.

— Posso falar com ela?

— Eu, hã... — Tom gaguejou. — Acabei de acordar.

— Achei que ela poderia estar com você. Não atendeu quando liguei para minha casa.

— É! — Tom falou. — Vocês encontraram a mãe de Razão?

— Ainda não. Razão está procurando. Não perdemos a esperança. A assistente social tornou a ligar?

— Ainda não, mas aviso assim que ela ligar. Como está Razão? — Tom perguntou. — Jay-Tee falou que ela estava ficando meio estranha. Brilhando, alguma coisa assim.

Esmeralda não disse nada.

— Ela está bem? — Tom tornou a perguntar, querendo saber quão poderosa Razão tinha ficado. Desligar a magia de Jay-Tee foi algo bastante intenso. Estava curioso para saber o que mais ela seria capaz de fazer.

Escutou Jay-Tee bocejando. Ela saiu do quarto, ainda de pijama, e se sentou no chão ao lado dele, deixando espaço suficiente para os dois não se encostarem. Ele pensou no porquê daquilo.

— Ela está mudando — Esmeralda acabou dizendo. — É difícil descrever. Escute, preciso desligar. Se acontecer alguma coisa, me avise. E fique atento a Jay-Tee. Estou preocupada com ela.

— Claro. — Ele apontou para o telefone e fez com a boca: “Esmeralda”. Jay-Tee esticou a mão para pegar o aparelho.

— Obrigada, Tom. Depois nos falamos. Ah — Esmeralda disse, como se tivesse lembrado subitamente de algo —, onde você estava?

— Ah, eu? — ele começou, sem saber direito porque não lhe dizia simplesmente. — Por aí.

— Foi o que falei para as meninas. Pelo jeito, elas se esquecem de que você tem outra vida.

Tom riu.

— Todos nós. Ei, Mere, Jay-Tee acaba de chegar. Quer falar com ela?

Esmeralda disse que sim. Quando ele passou o telefone para Jay-Tee, ela evitou-lhe o olhar e conseguiu pegar o aparelho sem encostar nos dedos dele. Tom se levantou e ela continuou sentada, virando-lhe as costas.

Tudo bem, pensou Tom, olhando para o relógio: nove e pouco da manhã. Bastante tempo antes do café com o pai. Pelo menos o pai não lhe viraria as costas friamente. Ou talvez Jay-Tee não fosse uma pessoa muito bem-humorada pela manhã.

A dance music ainda tocava alto pelas redondezas. De repente, Tom teve a impressão de ouvir um barulho no andar de baixo. Demorou um segundo para reconhecer o que era: a porta da frente se abrindo.

Caraca, ele pensou, quem poderia ser? Desceu correndo a escada, percebendo a meio caminho que a dance music não vinha da rua, mas sim da sala de jantar. Eles tinham deixado o rádio ligado. Caraca!

Rita, a faxineira de Esmeralda, estava parada no hall, pendurando a bolsa e a capa de chuva no cabide da entrada. Abriu-lhe um sorriso simpático.

— E aí, Tom, como vai?

— Ah, tudo certo — ele respondeu.

— Essa música está um pouco alta, não está?

— Pois é — Tom falou. — Eu já ia baixar. Está chovendo muito?

— Uma tempestade.

— Legal. Hum, Mere não está em casa.

— Claro que não — Rita falou. — Está trabalhando, não está?

— Não. Está na cidade. Na outra. — Ele fez um gesto na direção da porta.

Rita acolheu o que ele disse com um gesto da cabeça, mas não olhou na direção indicada. Como o pai de Tom, ficava pouco à vontade com a magia, não gostava de falar disso.

— O que aconteceu com seu rosto?

Tom levou a mão ao curativo que cobria a marca deixada por Jason Blake.

— Machuquei na árvore. Não foi nada. Você não vem só nas segundas? — perguntou.

— Segundas e terças. Mas tem variado um pouco ultimamente. Compromissos — ela disse, dando de ombros. — O que tem aí no pescoço? Machucou na árvore também?

— No pescoço? — ele perguntou, pensando: Caramba! O que será que tem no meu pescoço? Levou a mão à garganta, tentando sentir o que era. Como não podia deixar de ser, não sentiu.

— Parece que está roxo.

— Hã — ele disse. Jay-Tee tinha lhe deixado uma marca no pescoço? E foi se colocar entre Rita e a porta da sala de jantar. Não queria que visse a bagunça que os dois tinham feito. Ainda mais agora que ela havia reparado na mancha — ou melhor, no chupão — no seu pescoço! E contaria para Esmeralda. Corou só de pensar que Esmeralda pudesse ficara sabendo dele e Jay-Tee. Se é que havia um “ele e Jay-Tee”. Por que ela teria evitado encostar nele? Por que não falou nada sobre ontem à

noite? Por que deixara aquela marca?!

— E você, Tom, como tem passado?

As maçãs do rosto dele ficaram ainda mais quentes. Porcaria de genes que o faziam corar com tanta facilidade!

— Vou bem — falou. — Você sabe. — E deu de ombros, recostando-se à porta como se fosse a coisa mais natural a fazer neste mundo. Pelo menos, foi a idéia que quis passar. Então, suas costas escorregaram na madeira e ele quase caiu sentado no chão.

Rita sorriu.

— Você já está de férias há um tempão, não é mesmo? Quando os meus ainda iam à escola, eu tinha a impressão de que as férias de verão demoravam uma eternidade. — Solto um suspiro. — Como vai aquela sua irmã? Ainda está estudando no exterior?

— Ainda. E está bem. Cath adora morar lá. Às vezes tenho a impressão de que não vai voltar. — Estava ansioso para que Rita continuasse se dirigindo à cozinha. Não era por ali que sempre começava o dia? Precisava entrar e dar um jeito na sala de jantar e desligar a música. Como é que se tira uma mancha de chupão do pescoço?

— É sempre assim. Tantos jovens vão embora e não voltam mais, ou passam anos a fio sem voltar. Meu irmão Simon mora na Inglaterra, de forma que minhas sobrinhas e os filhos delas têm aquele sotaque correto de lá. Muito estranho!

— Deve ser.

— Bom, acho melhor começar com o trabalho. Foi bom bater um papinho com você.

Ele concordou.

— Também achei. Ótimo!

— Não se esqueça de abaixar essa música.

— Pode deixar. — Ele esperou que ela chegasse à cozinha e escapuliu para a sala de jantar, onde desligou o aparelho de som. Sentiu um zumbido nos ouvidos por consequência do silêncio súbito.

A sala de jantar estava uma calamidade, o tapete em desalinho, duas poltronas viradas, uma das quais contra as portas de madeira que, fechadas (o que não era o caso), dividiam o salão em dois. O soalho tinha sido arranhado por esta poltrona. Tom só podia torcer para que nem Esmeralda nem Rita percebessem. Ele mesmo nem se lembrava de ter virado a poltrona, nenhuma das duas.

— Tom — Rita chamou, abrindo a porta da sala de jantar mais perto da cozinha. — Estou esquentando água na chaleira. Você quer uma xícara de...? — Deparou com o salão. — Minha nossa! Que festinha, hein!

O rosto de Tom ficou quente até o pescoço.

— Não. Não foi, não. Jay-Tee só estava me ensinando a dançar. E precisávamos de espaço.

— Entendi. Muito espaço, hein? — Rita olhou para Tom com uma expressão que fez a vermelhidão chegar até o peito. — Jay-Tee é aquela mocinha americana que está hospedada aqui?

Tom confirmou.

— Sou eu, sim — Jay-Tee falou, entrando pela outra porta. Parou para dar uma espiada na sala. — Ah! — Tom foi capaz de jurar que ela estava corando. Nem sabia que ela também corava. Jay-Tee ainda estava de pijama. Caraca! Era só o que faltava para fazê-la pensar... Tom olhou para Rita, que fitava Jay-Tee naquele instante. Tarde demais. Já estava pensando.

— Então, você é a professora de dança? Jay-Tee lançou um olhar fulminante para Tom.

— Hum, sou. Isso mesmo!

— Eu sou Rita — ela disse, e esticou a mão. — Prazer em conhecê-la.

— Igualmente — Jay-Tee falou com uma voz bem fraquinha enquanto as duas trocavam um aperto de mãos.

— Estava oferecendo a Tom um cafezinho. Quer também?

— Não, obrigada, agora não — Jay-Tee balbuciou, olhando para os pés.

Envergonhada, Tom percebeu. Estava com vergonha deles dois. Ótimo, pensou, embora ele também sentisse o mesmo. Mas não porque tinham ficado juntos. Nem por causa da Jay-Tee. Estava, simplesmente, envergonhado.

— E aí, Tom? Vai uma xicrinha? — Rita perguntou, olhando primeiro para Tom depois para Jay-Tee e voltando para ele em seguida. Tom seria capaz de jurar que havia ali certo deboche. Estava tão aflito que não sabia nem para onde olhar. Embora os próprios pés parecessem ser uma boa opção.

— Não, Rita, não precisa. Obrigado.

— Bem, vou deixar vocês dois dando um jeito nisso aí. Cuidado com a mesa. É pesada. — Rita saiu e fechou a porta. Tom tentou pensar no que dizer para Jay-Tee, mas não conseguiu. Ela deve tê-lo achado um perfeito palerma.

— O que é uma xicrinha? — ela perguntou.

Um céu diferente

Repassei os primeiros duzentos Fibonacci antes de experimentar a porta novamente. Não cedeu. “Por favor”, sussurrei, buscando uma forma de implorar que não fosse patética. Jay-Tee havia me passado a impressão de que a porta não se abriria caso não respeitasse a gente.

Coloquei as mãos espalmadas sobre a madeira, sentindo as ondulações cada vez mais agitadas. Sussurrei para que a porta se acalmasse, que eu não faria mal algum. Só precisava voltar.

— Você não está entendendo — falei. — Minha mãe está morrendo. Preciso salvá-la. Por favor.

As ondulações pararam. Mas a porta não se abriu.

Desejei que Esmeralda tivesse vindo comigo. Talvez se lembrasse de alguma coisa que tivesse lido em seus livros, algo que me conduzisse a Sarafina.

Fechei os olhos, sondei as 907 luzes e os fios que as interligavam. Desta vez descobri fissuras minúsculas que se fechavam quando me aproximava. Abri os olhos, encostei o rosto à porta, sussurrando, implorando por favor, por favor, por favor, que se abrisse para mim. Ofereci o maior primo que conhecia como dádiva preciosa: $2^{2976221}-1$.

A porta continuou indiferente às minhas oferendas. Desculpei-me pelo que porventura eu tivesse feito de errado. Prometi não repetir o feito. Disse que faria o que ela quisesse, embora não fizesse idéia do que uma porta poderia querer.

Fui deslizando até sentar sobre minhas pernas cruzadas em cima do passeio elevado e me recostei na parede.

Sarafina estava morrendo em algum lugar.

Passou outro carro pela rua, mas fazendo grande esforço para subir a ladeira íngreme. A passagem era tão estreita que o carro precisou parar para deixar passar dois homens carregando engradados de cerveja. Eles trocaram algumas frases entre si, mas não compreendi nada. Os dois riram.

Havia outras portas nesta cidade. Mas não tantas quanto em Nova York. Eu as via, sim. Entretanto, mesmo que uma delas se abrisse para mim, o que fazer? Seriam poucas as probabilidades de que me levasse de volta para Sidney, ou para Nova York, ou para onde quer que Jason Blake tivesse escondido Sarafina. Muito

possivelmente me levaria para outro lugar semelhante a este, onde eu não conseguia entender o que as pessoas diziam.

Se minha mãe não estivesse à beira da morte, se estivesse aqui comigo, seria até divertido. Encontrar outra porta, ver aonde iria dar. Viajar pelo mundo. Descobrir quantas portas havia. Centenas? Milhares?

Se esperasse o tempo suficiente, será que a porta mudaria de idéia? Eu sabia que poderia esperar. Não precisei ir ao banheiro desde que Raul me modificou. Parei de sentir sede ou fome. Este novo corpo nem queria comida. Se eu comesse, vomitava.

Para mim, esperar era fácil, mas Sarafina não podia esperar.

As pessoas que passavam por mim estavam agasalhadas. Jaquetas, xales. Inverno, mas não um daqueles friíssimos de Nova York; um inverno de deserto, quente de dia e frio de noite. Hemisfério norte, então, mas muito mais ao sul do que Nova York. O que havia ao sul dos Estados Unidos? América do Sul: Argentina, Brasil, Nicarágua. Mas esses países estariam no verão agora, igual à Austrália.

Algumas dessas pessoas sorriam para mim; outras falavam comigo, mas eu não as compreendia. Em geral, evitavam o meu olhar, faziam gestos sobre o peito, como Jay-Tee costumava fazer de vez em quando, sempre que ficava nervosa ou sentia medo. Viam que eu brilhava feito ouro. Isso as amedrontava.

Uma mulher veio falar diretamente comigo. Fui capaz de distinguir as palavras, mas sem saber o que significavam. Era loura, de cabelos tingidos, e tinha a pele morena, mas com um bronzeado exagerado, como se não fosse originalmente daquela cor. Não se parecia com as demais pessoas que eu tinha visto. Ao ver que eu não a entendia, falou comigo em inglês, num sotaque parecido com o de Jason Blake.

— Você está bem, querida? — Tinha tão pouca magia que duvidei que ela pudesse ver meu brilho. — Já está sentada aí ao relento há algum tempo.

— Estou bem — falei, embora não estivesse. Sarafina estava tão longe. — Só estou esperando que uns amigos retornem. Não devem demorar muito mais.

— Tem certeza? Confirmei.

— Não me importo de esperar.

— Está mesmo bem? Deve estar com frio. Posso pelo menos lhe emprestar um agasalho?

— Estou bem. Sério. Não sinto frio. De verdade.

— Bem — disse a mulher, obviamente sem acreditar e mim —, se precisar de alguma coisa, eu moro naquela casa ali. — Ela apontou para um muro pintado de amarelo com mais uma porta azul rua acima. — Número 49.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada.

Ela fez uma pausa como se fosse dizer mais alguma coisa e depois também fez

um gesto afirmativo com a cabeça.

— Então, trate de se cuidar direito, está certo?

Falei que me cuidaria e fiquei olhando enquanto ela subia devagar ladeira acima até chegar à porta azul no muro que acompanhava aquele lado da rua. Era difícil imaginar uma casa inteira se desenvolvendo para o lado de lá.

Sussurrei carinhosamente para a porta, tornando a pedir que me deixasse passar, lembrando Sarafina.

— Por favor — falei. A porta me ignorou.

Duas criancinhas de mãos dadas com o pai e batendo uma na outra vieram andando na minha direção ladeira acima. A pele delas era tão escura quanto a minha. Ou quanto a minha tinha sido antes de ficar dourada. A garotinha apontou para mim e disse alguma coisa. O homem deu-lhe uma palmada na mão e falou grosso com ela. Em seguida fez o gesto que Jay-Tee costuma fazer. Cumprimentou-me com a cabeça apenas mas não cruzou seu olhar com o meu. Disse algo que não ouvi bem e talvez tenha sido um pedido de desculpas. Seu passo se acelerou, ao ponto de ele quase sair arrastando as crianças ladeira acima.

A garotinha virou a cabeça para trás, cambaleando enquanto caminhava quase de costas, ainda segura pela mão do pai.

Olhou fixamente para mim, curiosa e ávida. As pregas de sua saia balançavam e se retorciam com os passos desacertados.

Era mágica. Tanto quanto eu era antes, tanto quanto Tom ou Jay-Tee, mas sua magia era forte e nítida, por causa da pouca idade. Será que ela sabia o que era, como evitar a loucura e não machucar as pessoas? Será que sabia desta porta? O irmão e o pai tinham muito pouca magia.

Quando eles dobraram a esquina e a garotinha desapareceu, levantei-me e fui atrás.

Algumas ruazinhas estreitas e sinuosas depois, o homem acompanhado da garotinha e do menino entrou por uma porta tão pequena quanto aquela por onde eu havia chegado, situada no meio de uma parede comprida pontilhada de outras portas e janelas. Já começava a me dar conta de que cada trecho colorido indicava onde uma casa acabava e onde outra começava. A ladeira era tão íngreme quanto a de onde parti, num ângulo de quase 45 graus. Este lado da cidade ficava sobre uma colina imensa, onde as casas se apinhavam feito livros desiguais numa estante.

Na minha visão Cansino, enxerguei direto o interior da casa: havia dois mágicos poderosos lá dentro. A garotinha era um. O outro parecia ser parente dela.

Ergui a mão para bater à porta, mas baixei. Não sabia o que dizer e tive receio

de que não me entendessem.

Um grupo de meninos chutava uma bola de futebol na rua inclinada um pouco além da casa. Virei-me para olhar. Um deles me viu e se assustou, arregalando os olhos; deixou passar a bola, que despencou ladeira abaixo. Os outros gritaram, chateados, e um deles chegou a dar-lhe um soco no ombro. Lançando-me um último olhar desconfiado, ele partiu a toda atrás da bola, sendo seguido por um dos menores do grupo. Os demais que ficaram esperando me olharam também desconfiados e desceram um pouco mais a rua.

Todos tinham porções minúsculas de magia. Nem de longe o que era necessário para usá-la, mas o suficiente para saber que havia algo estranho comigo. A cidade parecia repleta de magia. Toda vez que eu piscava, mais lampejos captava.

Do outro lado da parede, avistei a menina e seu parente mágico andando juntos pela casa.

O sol estava baixando e as estrelas começando a pontilhar o céu. Não era céu do sul: não se via o Cruzeiro do Sul, as Três Marias ou Sagitário. Eu ainda estava no hemisfério norte.

Os dois meninos voltaram, pingando de suor, o menor abraçando a bola com força. Riram e, imagino, começaram a relatar onde tinha ido parar e a confusão que causou. Em pouco tempo haviam retomado o jogo, chutando a bola para todos os lados, tomando sempre cuidado para não deixá-la escapar outra vez, nem chegar perto de mim.

Ergui a mão e bati à porta.

A menina abriu, olhou para mim, começou a rir e depois fechou-a na minha cara.

— Espere! — gritei. Tornei a bater, mais alto desta vez. Consegui ouvi-la rindo ainda do lado de lá. Não achei nada engraçado. — Preciso da sua ajuda! — gritei agora pelo buraco da fechadura.

Senti que alguém estava me olhando e me virei. Os meninos do futebol me observavam escancaradamente agora.

Quase todos se afastaram, fazendo o gesto que Jay-Tee fazia sobre o peito. O maior deu uma cusparada que veio parar a menos de meio metro dos meus pés. E ergueu a cabeça, como a dizer que não tinha medo de mim.

A porta se abriu. Um homem alto — na verdade, um rapaz, pois não parecia muito mais velho que eu — apareceu na minha frente. Era mágico também, a outra luz que eu enxergara com a visão Cansino. A garotinha estava de mão dada com ele. E sorria para mim. O rapaz não.

Ele me fez uma pergunta.

— Não entendi — falei.

— Você fala inglês? — perguntou com um sotaque forte, sem os fonemas corretos da língua. Sua cor era de uma tonalidade levemente mais clara que a da

menina, como a da Jay-Tee. Ele acenou para os meninos na rua, dizendo-lhes alguma coisa antes de se voltar novamente para mim. — O que você quer?

— Ajuda — falei. — Preciso voltar para Nova York. — Às suas costas, avistei um pátio com chafariz e muito verde.

— Por que iria ajudá-la? — o rapaz falou devagar.

— Sei que você é mágico — falei.

— Não tanto quanto você. Você está brilhando.

A menina falou alguma coisa na língua que eu não entendia. O rapaz respondeu, balançou a cabeça e deu de ombros. Ela tornou a falar, olhando-me fixamente.

— O que ela disse? — perguntei.

— Ela quer saber onde foi parar o seu cabelo.

— Oh, hum! Diga que nem eu mesma sei.

Ela pegou minha mão e me puxou para dentro da casa. O rapaz fechou a porta e nos seguiu.

A mão dela era pequena e macia, o que me fez pensar no bebê que crescia dentro de mim. Acaso eu seria a mãe de uma criança assim em cinco ou seis anos? Ou a magia do velho Cansino faria do meu bebê algo totalmente diferente?

Paramos diante de um banco no pátio. Sentei-me e logo vi que a casa se distribuía ao redor do pátio, que era imenso e dividido ao meio por quatro palmeiras. Depois das árvores havia uma parede de vidro e, atrás dela, a cozinha.

A menina deu um pulo e acionou um interruptor na parede. Acenderam-se luzes no chafariz, fazendo reluzir as borbulhas da água.

— Você sabe da porta que dá para Nova York? — perguntei quando o rapaz se sentou ao meu lado.

— Sei — ele disse. — Você chegou pela porta? Como, se não tem a chave?

Fiz que sim com a cabeça.

— Não precisei de chave. Mas agora tenho de voltar.

— E ela não quer deixar?

Ele se referiu à porta, logo percebi.

— Não, não quer.

Falou rapidamente com a menina e os dois riram. Não achei que estivessem rindo de mim.

— Ela costuma fazer isso?

— Se costuma? Não, mas faz. É muito... — Ele franziu o cenho, procurando a palavra.

— Teimosa?

— Isso. É uma porta teimosa.

A menina disse mais uma coisa e em seguida tocou na minha pele, olhando nos meus olhos. Fez-me uma pergunta, deu mais uma risadinha. Olhei para o rapaz.

— Ela quer saber por que você é tão macia. Sua pele. Por que seus olhos são tão diferentes. Quer saber se você é um gênio.

— Gênio? — perguntei. — Acho que não. Não faço idéia do que sou. Outra pessoa mágica me modificou. Não sei o que fez.

Ele explicou aquilo para a menina e em seguida falou:

— Acho que você não é um gênio. Acho que está deixando de ser uma pessoa mágica e passando a ser magia o tempo todo.

— O que você quer dizer? Vocês não são magia o tempo todo?

Ele balançou a cabeça.

— Não do jeito que você é. A magia a está tomando por inteiro. Em mim, é apenas uma parte. Sou uma pessoa também. Você está mudando muito rápido?

— Estou — falei.

— Quando for toda magia, não terá mais problemas.

— O que você quer dizer?

— A mãe de minha mãe me disse que às vezes a magia toma um de nós por inteiro. Pois, nos toma e nos torna parte dela. Não há mais problemas assim. Só magia.

— Só magia — murmurei. No mundo Cansino não havia problemas. Nenhuma mágoa incômoda ao pensar no fato de que Danny não me queria. Nenhum medo ou ansiedade com relação a Sarafina. Ele estava descrevendo como seria ficar lá. Meu futuro.

— Você está triste? — o rapaz perguntou.

Não era a pergunta que eu estava esperando.

— Estou. Minha mãe está morrendo. Do outro lado daquela porta teimosa. Preciso chegar até ela.

— Você não parece tão triste. Acho que se mudar mais, a tristeza vai embora.

— A magia vai deixar tudo bem? Ele deu de ombros.

— Sabe quanto tempo leva?

— Rápido. Minha avó disse que acontece bem depressa.

— Então, preciso ir — falei. — Você me ajuda a passar de volta pela porta?

Ele concordou.

— Venha comigo.

Tornando-se magia

Eles me levaram embora de sua casa, passamos pelos meninos jogando futebol, que conscientemente evitaram me olhar. Subimos a ladeira um pouco mais, cruzamos para o outro lado, depois descemos até chegarmos a outra casa escondida por trás de um muro parecido com todos os outros. O lado de fora deste lugar era verde, menos nos lugares onde a pintura estava desgastada, revelando a pedra cor de areia. O rapaz bateu à porta e em seguida abriu-a com uma chave.

— Casa da avó de minha mãe. Ela é muito velha.

— E mágica?

— Mágica? Não. Guarda nossas cosas de magia e nossa prata.

A casa era escura e muito menor que a primeira. O pátio era minúsculo e não tinha palmeiras, nem planta alguma. Havia varais estendidos por toda a área aberta, cheios de roupas penduradas. Num canto havia uma gaiola com dois passarinhos amarelos.

— Espere aqui — disse-me ele, galgando degraus de cimento cinza acompanhado da garotinha. Sentei-me em cima de um balde virado de cabeça para baixo. Pude ver as luzes acesas na casa. Mas só ouvi risos e vozes vindos da rua. A distancia, um cachorro latiu e o motor de um carro deu alguns estouros.

Afinal, o rapaz desceu a escada carregando uma tigela dl onde saía vapor. Estendeu-a para mim, em seguida tirou do bolso uma colher e me entregou.

Coloquei a comida no chão.

— Você tem a chave?

— Não. Minha bisavó a escondeu. Não quer me dar. Diz que você não é da família. Pedi para ela falar com você de forma que possa convencê-la. Mas continua dizendo que não importa. Não é da família.

— Mas ela não é mágica. Por que a chave fica com ela? O rapaz me olhou como se eu fosse maluca.

— É por isso: por não ser mágica. Gente mágica nem sempre é confiável.

Abri um sorriso.

— Já ouvi falar isso. E se eu surgir do chão na frente dela? — Embora não tivesse toda a certeza de que saberia como fazer isso. — Entende? Assustá-la um pouco para que ela me dê a chave.

Desta vez me olhou como se eu fosse idiota.

— Ela não é mágica de jeito nenhum. Não há como usar magia contra ela. Ela não enxerga.

A menina apareceu no alto da escada e acenou para mim. Acenei de volta. Ela soltou uma risadinha e sumiu no interior da casa.

— Sinto não poder ajudá-la. Minha bisavó quer que você coma e depois vá embora.

Fiquei sem saber o que dizer. Eu precisava da chave.

— Chago! — alguém chamou lá de cima.

— Minha bisavó.

— É o seu nome, Chago? Ele confirmou.

— Apelido. Sou Santiago David Cuervo.

— Eu sou Razão — falei.

— Razão — ele repetiu. — Minha avó disse que era uma boa. A magia. É possível viver nela a vida inteira. Disse que quanto mais a gente se aproxima dela, mais beleza encontra. Você tem sorte de poder ver. Em breve, não vai mais precisar de chaves. Nem de portas.

— Chago!

— Preciso ir.

Fiquei olhando enquanto ele subia ligeiro a escada. Talvez no futuro não precisasse de portas, mas agora precisava voltar para Nova York. Precisava daquela chave. Eu tinha toda essa magia. Agora era hora de usá-la.

Raul Cansino conseguira desaparecer, derretendo-se para entrar no chão e depois sair de novo. Concentrei-me nas minhas mãos, mas em vez de transformá-las em fios, desejei que dissolvessem. Olhei para o espaço entre as células, pensei nelas desmoronando umas sobre as outras.

Minha mão murchou, ficou pendurada no braço como se fosse de borracha. Derreti lentamente o resto do meu corpo. Quando já estava fluída o suficiente para afundar pelo chão adentro, ele já estava molhado do meu suor. Forcei passagem pelo concreto do piso e pelo solo logo abaixo como se fossem lã de algodão. Depois, rastejei escada acima e pelas frestas entre as lajotas do piso, desviando-me dos tufo peludos de bolor. Cheguei a escutar seu crescimento lento.

Mais acima, escutei vozes. Rastejei para fora das frestas e entrei na parede. Quando parei de ouvi-las, reverti meu desaparecimento, refazendo-me em carne e osso e desgrudando da parede com um estalido. Minhas pernas, porém, ainda pareciam feitas de borracha e cederam ao meu peso.

Fechei os olhos, buscando magia nas proximidades. Consegui ver a magia do rapaz e a da irmã, mas eram grande demais. Estava atrás de luzes menores. Encontrei-as, reluzindo feito minúsculas estrelas.

Voltei devagar para o mundo real, minimizando o impacto da gravidade. As luzinhas minúsculas rebrilhavam nos cantos dos meus olhos, ao alto.

Tornei a derreter-me, entrando na parede e indo para o teto. Foi mais fácil desta vez, menos doloroso. Descolei-me pela superfície superior da laje da casa, tornando-me carne e osso novamente. Fui recepcionada por um céu repleto de estrelas, mais do que já tinha visto desde que fora mandada para Sidney. Vi-me cercada de 78 vasos de terracota repletos de flores.

Os itens de magia reluziam tão perto de mim que pude sentir seu cheiro. Magia misturada com terra. Fiquei sabendo onde a velha senhora guardava a magia e a prata da família. Agora, só precisava cavoucar a terra dos 78 vasos.

Às minhas costas, escutei uma risadinha. Virei-me. A menina estava subindo para o telhado. Sorriu para mim, chegou perto, me pegou e me puxou para um dos vasos menores. Enfiou a mão nele e tirou de lá uma chave grande. Disse-me alguma coisa e colocou-a na minha mão.

Era maciça, de um metal escuro que já estava enferrujando. Não era ornamental como a que abria a porta de Esmeralda, mas irradiava o mesmo tipo de magia. Assim que encostou na minha pele, eu soube que ela me levaria de volta para Nova York.

Frágil

— *Rita parece ser legal* — *Jay-Tee puxou* assunto. Continuava fascinada com os próprios pés. Seu cabelo ainda eslava um pouco úmido e se enroscara ainda mais em torno de seu rosto. Ela é muito bonita, Tom pensou, sem saber por que tinha levado tanto tempo para perceber. Tão bonita quanto Razão. Tinha um perfil lindo. O nariz era praticamente todo reto.

Visualizou o vestido que lhe cairia com perfeição: trapézio, sem mangas. Azul-celeste com remates em azul-marinho.

— Acho melhor darmos um jeito nisso, então.

— Pois é — concordou Tom.

Jay-Tee pegou a poltrona que havia caído de encontro às portas dobráveis, viu o arranhão e falou:

— Epa! — Ergueu-se e abriu um meio sorriso. Ele gostou daquele jeito de sorrir. Mas ela ainda evitava seu olhar.

— Pois é — Tom falou. — Quais são as chances de ninguém perceber?

— Não são boas. Eu não me lembro de ter feito isso. Você se lembra?

— Não. Estávamos ocupados com outras coisas.

— Acho que sim — Jay-Tee falou, mas não sorriu nem nada. Será possível que aquilo não teve significado algum para ela? — Não seria bom começarmos pelo tapete? — perguntou.

Tom concordou e foi ajeitar o canto mais próximo, enquanto ela se encarregou do outro lado.

— Então, o que você conversou com Esmeralda? — ele perguntou. Não estava de fato interessado. Queria falar sobre o que tinha acontecido na noite anterior. Ou não falar disso exatamente, mas queria... Tom não sabia ao certo o que queria. Bem, na verdade, sabia. Queria tornar a beijá-la. E a dançar com ela. E tudo mais. Como ontem à noite. E queria que Jay-Tee quisesse isso também.

— Um monte de coisas. — Jay-Tee ainda não estava olhando para ele. Seria por causa da religião? Talvez pensasse que iria para o inferno por tê-lo beijado.

— Tipo? — Ele ajeitou uma ruga no tapete com o pé.

— Agora a mesa? — ela perguntou.

Tom pegou a extremidade mais próxima. Era uma mesa imensa, em madeira de

lei. Os dois a arrastaram apenas alguns centímetros e pararam para descansar.

— E a Esmeralda? — Tom incitou.

— Ah! — Jay-Tee falou. — Eu queria perguntar uma coisa para ela. Uma coisa que venho pensando.

— O quê? — Tom quis saber.

— Ora... — ela parou de falar, ainda sem olhar para ele.

— Que foi?

— Tudo bem — Jay-Tee buscou tranquilizá-lo. — Você tem visto como a Razão vem agindo de forma estranha ultimamente, não tem? Não estou falando da estranheza por causa da magia do velho. Anda estranha por causa do Danny lambem. Sempre que se fala nele, ela fica toda... não sei, estranha! Bom, isso tem me feito pensar.

— Pensar o quê? — Tom perguntou. Por que estariam falando disso? Por que não estavam falando de si próprios?

— E também, ontem de manhã, sabe, quando você estava lá bebendo com sua irmã...

— Só bebi um pouquinho. E nem gostei. Isso sem falar que não entornei uma garrafa inteira como certas pessoas.

— Não importa — Jay-Tee falou. — Enfim, nós três, eu, Mere e Razão, estávamos falando do enjôo matinal da Razão. Mas a Mere disse que não poderia ser enjôo matinal porque isso só começa depois de alguns meses de gravidez. Estava tentando calcular o tempo da gravidez da Razão. Você não acha isso estranho?

— Hã? — O estranho era que Jay-Tee ainda não tinha olhado nos olhos dele.

— Por que Mere iria pensar no tempo da gravidez quando todos sabemos que foi o velho que a engravidou, fazendo magia nela? Enfim, essas coisas todas me fizeram pensar. E eu estava imaginando, sabe? Aí, fui perguntar para Esmeralda... — Ela parou de falar novamente. — Vamos terminar de ajeitar a mesa?

— Perguntar o quê?

— A mesa, primeiro. — Tornaram a erguê-la, deslocando-a entre passinhos e resmungos até chegarem a colocá-la na posição original.

— Nossa, que peso!

— Pois é — Tom falou, inclinando-se para frente, um pouco mais ofegante. — As cadeiras são mais fáceis. E você pode me dizer o que perguntou para Esmeralda quando as estivermos colocando de volta no lugar.

— Não quero que você ache estranho nem fique zangado com nada, está bem?

— E por que ficaria?

— Ora, você gosta de Razão, não gosta?

— Claro. Você não gosta? — Tom falou, colocando a última cadeira no lugar.

— Não. Desse jeito, não.

— Hã... — Tom falou. — Hã, bem. Gostei, um pouco, mas não do jeito que... sabe? Hã... — Ele parou de falar. Não conseguia chegar lá, não sem saber o que Jay-Tee pensava. — Não gosto mais dela desse jeito. Nem sei se gostava antes, para falar a verdade. Não sei mesmo. Era só um tipo de... hã, sabe? E de qualquer forma... hã... — Tom não queria ser o primeiro a mencionar a noite de ontem. Estava encabulado. Nervoso. Não sabia se ela ainda sentia o que sentira ontem à noite. Estava começando a ter certeza de que não.

— Tem certeza?

— Hum-hum.

— Pois, muito bem, Danny e Razão fizeram aquilo. O Danny é o pai do bebê de Razão. Perguntei para Mere. Ela disse que é verdade.

— Danny? E Razão? Uau! — Ele se sentiu mal, mas ao mesmo tempo não. Pensar naquilo o dividiu ao meio. Uma parte sua ficou enojada, mas a outra, apenas intrigada e um pouco preocupada. Havia outras coisas mais preocupantes. Muito mais preocupantes. Por exemplo, Jay-Tee gostava dele? Razão iria encontrar a mãe? Iriam ficar bem? Ocorreu-lhe outro pensamento. — Ei — disse —, isso significa que é um bebê normal. Não vai ser um monstrengo assustador, filho de um monstro. Que ótima notícia!

— Ótima notícia? Está brincando? Danny vai ficar uma fera. Um filho? Sabe quantas namoradas meu irmão tem? E não está nem aí para nenhuma delas. Só pensa no basquete. Um bebê? Está maluco? É um desastre. Ai, meu Deus, ele vai partir o coração dela. Vai ser uma coisa horrível.

— Talvez.

— Talvez?

Tom deixou-se cair sentado no sofá. Estranho estar tão calmo assim. Quando pensou na possibilidade de Danny e Razão juntos pela primeira vez, teve a impressão de que sua cabeça iria explodir. Mas agora não. Só sentiu alívio. Porque Razão estar grávida de Danny era um milhão de vezes melhor que estar grávida daquele antepassado nojento dela.

Além do mais, ele não queria mais estar com Razão. Será que bastava estar com outra garota para esquecer a primeira? Isso não seria muito superficial? Especialmente quando não fazia a menor idéia do que a nova garota sentia por ele.

Jay-Tee se sentou na outra ponta do sofá.

— Sinto muito — Tom falou. — Nem sei por que não percebemos isso antes. Faz todo sentido. A navalha de Occam.

— Navalha de quem?

— De Occam. É uma coisa que meu pai sempre fala. A explicação mais óbvia costuma ser a correta.

— É, tudo bem. Danny e Razão fazendo aquilo pode ser a navalha de Occam,

mas não quer dizer que seja uma boa idéia. Você sabia que o Danny nunca foi largado por nenhuma menina? Nunca! E se fosse, não estaria nem aí. E nunca largou ninguém também. Simplesmente pára de procurar, pára de atender os telefonemas. E se esbarra com uma menina que ainda se acha namorada, vem cheio de “e aí, gatinha, como é que você está? A gente não se vê há milênios!” É dos piores. Detesta confrontos. A menos, é claro, que seja numa quadra de basquete. Só o basquete conta para ele. É o começo e o fim. Coitada de Razão!

— Ah, certo, mas ainda é melhor que engravidar de alguém que tem centenas de anos de idade.

Jay-Tee soltou um suspiro.

— Talvez.

— Talvez? Espere aí, Jay-Tee. É um bebê normal, não um monstrengo qualquer...

— Ainda assim, vai ser mágico.

— Como você sabe?

— Você tinha de ver a pele dela ontem, Tom. Muito esquisito! E Raul Cansino fez alguma coisa com a barriga dela. No cemitério. Eu vi o que ele fez. Não só Danny é o pai, como também é o pai de um sinistro bebê supermágico.

— Ainda é melhor que...

— Tudo bem, é melhor que aquilo, mas não é muito melhor. Você não conhece meu irmão, Tom.

Tom deu de ombros. Era verdade. E não queria conhecer. Tom até podia não estar mais com ciúmes de Razão, mas Danny ainda não seria o sujeito mais legal na face da terra. Milhares de namoradas? Idiota. Além do mais, era por causa dele que os dois estavam falando disso e não deles mesmos. Duas vezes idiota.

— E por que você acha que ela não nos contou?

— Ora essa, Tom! Você vai sair contando para todo mundo sobre nós dois?

— Hã... — Tom ficou mudo. Isso significa que ela acha que existe um nós dois, ou que não quer ninguém sabendo disso?

— Acho que não.

— Mas — Tom gaguejou —, mas não é que eu não queira que saibam. Ora! Quero sim. Um pouco. Só que, bem... — Ele parou, sentindo o rosto esquentar.

— Que foi?

— Eu gosto de você.

Jay-Tee sorriu, embora tenha sido um sorriso desconfiado.

— Eu também acho você legal.

O que isso queria dizer? Ela estava rompendo com ele? Achar alguém legal era muito mais fraco do que gostar de alguém.

— Bem — Tom falou, mergulhando de cabeça, imaginando se iria se arrepender

—, acho que você é mais que legal.

Ela não disse nada.

— Hum, não é que eu não queira que ninguém saiba por estar com vergonha nem nada. É porque é uma coisa nova, e meio... — Deveria estar parecendo um perfeito babaca.

— Frágil?

— Isso! — Tom agarrou a palavra. — Frágil! É exatamente isso. Quero que seja só entre nós. Quero que seja o nosso segredo. Uma coisa especial. Particular. Não precisamos contar para ninguém enquanto não quisermos. — De repente, deu-se conta de que estava falando dos dois como uma coisa real, quando Jay-Tee sequer tinha concordado que os dois existiam. Ela estava olhando para ele, mas sem dizer nada. Tom sentiu náuseas, e não só de leve como quando se deu conta de que Danny e Razão estavam interessados um no outro.

— Não me importo — Jay-Tee falou afinal, e Tom quase soltou uma gargalhada de tão aliviado que ficou. — Vai ser divertido termos um segredo só nosso. — Esticou a mão e a encaixou na dele. Tom adorou o calor dos dedos dela entrelaçados com os seus.

— Está com fome? — ela perguntou. — Quer tomar café?

— Café? Ih, caraca! — Tom verificou o relógio: dez e vinte. — Caraca! Desculpe, Jay-Tee. Prometi para o meu pai que iria comer com ele, mas volto logo depois.

— Promete? Não vai fugir para Nova York como da última vez?

— Eu volto logo. Prometo — ele disse, dando-lhe um beijo nos lábios, todo aliviado porque ainda haveria uma montanha de beijos pela frente.

Outra porta

As portas se fecharam à minha frente, e o elevador girou, saiu rodando, rodando, até que eu não conseguia mais dizer onde era em cima e onde era embaixo. Fechei os olhos. A desorientação sumiu de imediato. Vi-me cercada de luzes entrelaçadas por filamentos. Mas cada luz era feita de mais luzes, e à medida que fui me aproximando, vi que cada uma, por sua vez, era feita de outras mais. A infinidade.

Era tão lindo. Poderia ter ficado ali para sempre. Santiago estava certo. Eu não estava triste. No espaço Cansino, não havia tristeza.

Mas o gira-gira parou e pude enxergar as outras luzes além daquelas do elevador-que-era-porta. Senti a pressão do mundo real à minha volta.

Pude ver as luzes que eram Esmeralda. Encontravam-se em movimento naquele instante. Ela estava usando magia, isso era certo: saíam dela filamentos que tenteavam pelo espaço Cansino na minha direção. Percebi que estava à minha procura.

Abri os olhos. As portas do elevador estavam abertas novamente. Senti meu corpo pesado e desajeitado. E tonteira também. Saí cambaleando, passei pelo porteiro, que não era mais o mesmo, e cheguei à rua. Tão diferente de onde eu acabara de estar. Não havia cheiro de flores no ar. Não havia cores vivas. Tudo estava fechado, trancado. Avistei os prédios marrom-acinzentados do outro lado da rua e um pouco mais além no mesmo quarteirão, mas só isso. As pessoas que passavam por mim sumiam dentro de seus sobretudos. Andavam depressa, cabisbaixas.

A feiúra do inverno na cidade de Nova York tinha me feito esquecer como o mundo real pode ser bonito: flores, estrelas, borboletas. Tudo com seus próprios padrões matemáticos. Onde Santiago e a irmã moravam era quase tão bonito quanto o mundo Cansino de magia e luzes e matemática.

Na minha visão periférica Cansino, vi Esmeralda vindo na minha direção. Virei-me e avistei-a nos dois mundos: um conjunto reluzente de magia e uma figura cansada, que vinha a passos lentos, toda encasacada, de luva e gorro.

— Razão — ela chamou.

Não vi Sarafina nem Jason Blake. Ergui a mão. Minha mão dourada. Esmeralda

fez um gesto com a cabeça. Quase cobertos pelo gorro de lã, seus olhos estavam vidrados e sombrios.

— Que bom que você voltou! Estava começando a achar que não voltaria. Ficou fora um bom tempo.

— Que bom ver você! — retribuí, surpreendendo a mim mesma. De fato, era bom tornar a vê-la, e não só porque ela se parecia tanto com Sarafina. — Acabou que voltar para cá foi muito mais difícil do que chegar lá.

Esmeralda sorriu, mas não me olhou nos olhos. Aquele aspecto áureo ainda era demais para ela.

— Você... — começou a dizer, mas parou. — Como está se sentindo?

— Estranha. Mais do que já estava. Não encontrei Sarafina. Você teve alguma notícia? — perguntei.

Ela finalmente me olhou nos olhos, mas balançou a cabeça.

— Nada. Mas Tom e Jay-Tee estão bem. Melhor que eu. Você pode não sentir o frio, mas eu sinto.

— Desculpe! É bom saber que Tom e Jay-Tee estão bem. — Só queria que minha mãe também estivesse. — Sarafina tem de estar do lado de lá da outra porta.

Fomos a pé. Esperava que fosse levar poucos minutos, mas o que parecia próximo na visão Cansino na verdade ficava a 38 quarteirões de distância. Vagamos por um mar de nomes: Horado, Jane, Perry e Charles. Depois os números voltaram.

Esmeralda não parava de olhar para mim, como se isso fosse ajudá-la a enxergar o que eu estava enxergando.

— Para onde a porta-elevador a levou?

— Não sei. Parecia ficar no mesmo fuso horário que aqui. Talvez uma ou duas horas de diferença. Acho que lá também era inverno. Mas não tão frio quanto aqui. As pessoas não usavam sobretudo. Tinha muita gente de pele morena.

— Parece o México. Mais um pouco para o sul e seria verão novamente. O que se falava por lá? Espanhol?

— Não sei. Inglês é que não era.

— Pena Sarafina não ter lhe ensinado um pouco! Você sabe que os Cansino vêm da Espanha, não sabe? É a língua dos seus antepassados.

Dei de ombros. Mais um item a acrescentar à longa lista de coisas que Sarafina nunca me contou.

— Você passou um tempo enorme lá. O que ficou fazendo? Será que deveria perguntar se ela sabia alguma coisa do que Santiago disse sobre a magia com a qual estava me fundindo? A humanidade que estava perdendo e a beleza intensa que estava ganhando? Mas ainda havia muita ganância na maneira pela qual ela me olhava. Queria o que eu tinha.

— A porta é meio teimosa — contei-lhe. — Parece que não me queria de volta a Nova York. Estou começando a achar que as portas são assim mesmo. — Já caminhávamos fazia vinte minutos e a porta não parecia mais perto do que quando começamos. Era como se deslocasse no mesmo passo que nós, permanecendo sempre adiante.

— A menos que você tenha a chave.

— Ahan.

Viramos a esquina e lá estava ela, no fundo de um estreito beco sem saída, repleto de montes de lixo, e duas ratazanas escapulindo pelos cantos enquanto nos dirigíamos para lá. Das maiores que já vi na vida!

A superfície por baixo dos meus pés estava pegajosa, cheia de sujeira e podridão, como se nunca tivesse sido limpa. Esmeralda torceu o nariz.

— É isso? — ela perguntou. — Não parece muito velha. A porta não dava a impressão de nada especial, exceto que Jason Blake talvez estivesse do outro lado, o que significava que Sarafina também poderia estar. Metal simples, pintado de cinza azulado, com muitas mossas e ferrugem onde a pintura descascara. No meio havia uma placa branca com letras vermelhas alertando sobre alta voltagem.

Rebrilhava com 756 pontinhos de luz (divisível por nove, e muitos outros da adorável família dos nove, bem como por dois, por três, seis e doze), unidos por tênues fiapos de luz tão fina que eu mal enxergava. Como aquelas estrelas que a gente só capta com o canto do olho.

Esmeralda colocou a mão nela. Não havia maçaneta nem nada.

— Está trancada.

— Nem olhe para mim — falei, dando de ombros.

— Você não consegue fazer com que ela abra?

— Isso não funcionou para o Raul Cansino, funcionou? Se ele conseguisse varar portas, teria chegado a Sidney sem me pegar.

— Nós tínhamos proteções, lembra? Esta porta pode não ter — Esmeralda falou. — Ele mandou um pedaço dele antes que nós as eliminássemos. Você poderia fazer uma coisa assim.

Verdade, Raul Cansino conseguira espremer uma parte sua e fazê-la passar pela porta de Sidney. Achamos até que fosse um golem.

Mas eu não sabia fazer isso. Embora soubesse derreter... Não seria a mesma coisa?

Estiquei a mão na direção da porta, mas logo antes de encostar, ela se encolheu, afastando-se de mim. A superfície se encheu de ondulações. Encostei a mão nela, abri bem os dedos, senti as ondulações da magia. Estavam mais rápidas agora, partindo do ponto onde minha mão se encontrava. Como minúsculas lagartixas fugindo em bando, desconfiadas demais para se aproximar.

Escorreguei a mão até chegar à fechadura, transformei meus dedos em fios finos, enfiei-os dentro do mecanismo e mexi um pouco, tentando fazê-lo soltar um estalido.

As marolas de magia na superfície da porta triplicara de velocidade. Logo quadruplicaram. A porta inteira começou a sacudir, tentando me empurrar para longe dali. Começou a fazer um barulho de metal sobre metal, um ranger alto, e ríspido. As vibrações tomaram meu braço, sacolejando-me por inteiro e, por fim, jogando-me para trás...

Caí sentada no chão.

— Acho que existem outras pessoas que sabem como colocar proteções — Esmeralda comentou.

— Pois é.

A porta ainda estremecia. Coloquei a mão nela e fechei os olhos; o sacolejo e as vibrações fugiram. Calmaria, silêncio. Estreitei a visão até só avistar as 756 luzes. Busquei uma brecha entre elas, algum ponto fraco, uma forma de afastá-las. Mas estavam bem amarradinhas. Não encontrei uma abertura ou fissura sequer. Não havia como desgrudá-las umas das outras.

Empurrei com toda minha força, jogando minha magia contra a porta. As luzes brilharam com grande intensidade, grudando-se uma às outras ainda mais. Se pudessem falar, teriam me dito: Não.

Abri os olhos. As ondulações na superfície da porta estavam agora mais rápidas, entrando em convulsão. Meus ossos estremeceram, meus dentes tiritaram, mas a porta não abriu.

Tirei a mão dali. Tinha fracassado.

Sarafina só poderia estar atrás daquela porta, mas eu não estava conseguindo abri-la. Quanta magia será que ainda lhe restava agora?

E eu com tanta que poderia sair flutuando pelos ares se quisesse, nem com isso conseguia encontrar minha mãe.

Qual era o sentido de tanta magia se me encontrava impotente aqui e agora?

Dei um chute com toda força na porta e, em vez de sentir o impacto estático que esperava, ela se abriu e eu passei cambaleando para o outro lado.

— O quê...?

Encontrei-me na rua de uma cidade. Mais larga do que a maioria das que vira em Nova York, porém com uma calçada mais estreita. As lâmpadas dos postes estavam acesas, embora já despontassem as primeiras luzes da manhã.

— Olá, Razão — Jason Blake falou.

Esmeralda e eu nos viramos. Ele estava recostado ao prédio de onde tínhamos vindo, bem vestido e sorridente.

— Estava à sua espera. Pronta para ver sua mãe?

Seda azul

Já passava das duas da tarde. A casa estava um brinco. Rita tinha ido embora havia muito tempo, a chuva continuava aos cântaros e Tom ainda não regressara. Tinha prometido. Mas quanto tempo demoraria para tomar um café-da-manhã com o pai? Jay-Tee ficou meio tentada a ir até a porta da casa dele para chamá-lo, mas não quis demonstrar o quanto estava zangada. Afinal, os dois mal estavam começando...

Ela abriu um sorriso. Foi o acordo que fizeram, não foi? Um namoro secreto. Algo especial só para os dois. Ora, Jay-Tee não iria querer começar dando uma de exigente e irritadinha. Tom era quem deveria esperar por ela, não o contrário. Era ela a garota descolada de Nova York, não ele. Que droga ganhar um bolo desse jeito! Há quanto tempo estavam namorando? Quatro horas? E já estava tratando-a mal!

Além do mais, ter de esperar a estava levando à loucura. Mere havia telefonado novamente, tão preocupada “Você está bem? Tem certeza de que está bem? Tem mesmo certeza?” que Jay-Tee teve vontade de gritar, embora no fundo seus olhos tenham se enchido de lágrimas. (Esses olhos, vazando novamente!)

É claro que não estava bem. Mas falar do assunto não mudaria nada. Todas as palavras do mundo poderiam ser ditas e no final ela ainda seria a mesma, não seria? Menos do que já fora. Muito, muito, muito menos.

Enquanto esperava, era difícil deixar de pensar em todas as coisas nas quais não queria pensar. Como, por exemplo, em não estar bem. Seria muito melhor pensar em ter um namorado, em coisas positivas do tipo “Agora tenho um futuro pela frente”.

Seria egoísmo pensar desse jeito sem nem saber se Razão e Esmeralda estavam bem? Provavelmente. Mas havia coisas demais com que se preocupar. Precisava de alguns raios de luz. Um namorado era um bom começo. Muito embora aquele com quem mal começara a namorar (!) não estivesse dando as caras como havia prometido.

Teria saído e feito alguma coisa, só que ainda chovia aos baldes e, de qualquer forma, queria estar aqui para poder gritar para ele. Não dava para confiar num namorado cretino assim! Se não aparecesse logo, estaria tudo acabado. Seria um recorde, não seria? O relacionamento mais curto do mundo.

E mais: caso Esmeralda tornasse a ligar, Jay-Tee seria capaz de se matar se perdesse a ligação. Tinha prometido que ficaria quietinha.

Saiu, então, e foi se sentar no degrau entre a porta dos fundos e o alpendre para ficar vendo a chuva e os raios. Os pingos caíam com tanta força que ricocheteavam no chão e subiam vários centímetros. Seria uma coisa normal para a Austrália? Já vira torós assim, mas nunca durante tantas horas.

A chuva diminuiu a temperatura também, o que foi um alívio. Ainda estava quente, mas não aquele calorão de fazer a gente suar a cada passo. Parecia que o solo e as árvores e os arbustos e as outras plantas também estavam apreciando a a chuva, sugando vorazmente a umidade. Tudo estava verde e viçoso, suspirando de contentamento.

Se seu mundo inteiro não tivesse desmoronado — Não, não estava pensando nisso — se Tom não estivesse agindo como um perfeito cafajeste, teria adorado ver a enxurrada mudando tudo.

Quando Tom finalmente aparecesse, ela ficaria super à vontade. Agiria como se nem tivesse percebido que ele ficou ausente horas a fio quando tinha prometido voltar logo. Sequer mencionaria o fato. Seria bem feito para ele.

Talvez voltasse para Nova York. Não fazia muito sentido ficar ali agora que não...

Lá ia ela de novo, pensando coisas que eram duras e horríveis demais para pensar. Tom. Quando Tom voltasse, iria xingá-lo como ele nunca. Faria os ouvidos dele sangrarem com a força de seus impropérios. Ah, ele iria só ver uma coisa!

Seu rosto estava úmido. Ela o esfregou com as palmas das mãos, louca de raiva consigo mesma por se debulhar daquele jeito. Levantou-se e percorreu todo o alpendre dos fundos e depois voltou para percorrê-lo outra vez. O que tinha lhe acontecido não era tão ruim assim, era? Não em comparação com Razão. Esta, sim, estava toda reluzindo no meio da escuridão com sua m... Jay-Tee parou bem na hora de pensar na palavra.

Quis que Esmeralda ligasse novamente. Para dizer que estavam bem. Distraí-la dos próprios problemas. Sua total falta de...

Doía, ela percebeu. Só de pensar na palavra — a palavra que ela não tinha mais — sentia palpitações. Como se estivesse com apendicite ou algo que o valha. Razão podia estar mudando, mas, pelo menos, havia algo de gradativo nessa mudança. Jay-Tee fora modificada toda de uma vez só. Tão rápido! Sem opções nem perguntas.

Num minuto, era ela mesma: capaz de dançar e correr, conectada com o mundo. Noutro, não era mais. Não sobrou um pouquinho sequer. Nem mais sabia se era ela mesma.

O que faria agora? Voltaria para Nova York? Para fazer o quê? Perdera muitas aulas. Provavelmente teria de recomeçar o ensino médio. Pelo menos estaria morando com Danny, de forma que seria uma escola totalmente diferente, gente diferente. Começaria do zero. Desta vez, iria se dedicar com mais seriedade a correr.

Parou um pouco. Ou seja, se ainda conseguisse correr. Será que conseguiria entrar para a equipe de corrida?

Tinha um futuro, sim... mas qual?

Jay-Tee voltou a se sentar no alpendre, e ficou vendo a chuva escorrer pelo tronco da velha e grande Filomena.

Tudo era diferente agora. Ela e Tom talvez fossem namorados — ou não, se ele não desse as caras logo —, mas ele era... Ele era e ela não. Isso mudava tudo.

Seria o mesmo que ter um namorado rico quando se é pobre? Ou seria mais como ter um namorado com câncer? Tom estava onde ela já estivera. Bem, não exatamente: tinha mais magia sobrando do que ela; ainda assim, morreria jovem.

Durante alguns minutos, chegou a ficar feliz. Fora reanimada pela idéia de viver e levar uma vida normal, sem ter de morrer aos 15 anos. Não agüentava mais esperar para contar ao Danny; ele ficaria fascinado. Só de saber que Jason Blake não poderia mais fazer nada contra ela — isso era tudo de bom!

Então, por que estava se sentindo tão mal?

— Oi, Jay-Tee — Tom chamou-a do alto da cerca, com a chuva escorrendo-lhe pelo rosto. — Está caindo um temporal.

Ah, é? Ele achava que era cega? Tom pulou no chão, espalhando água, a mochila pendurada num ombro apenas e, estampado no rosto, um sorriso tão largo como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

— Você está ferrado — ela falou, fugindo dele. — Disse que voltaria logo. Mentiroso.

— Mas eu voltei, Jay-Tee. Sério. Não vê? Estou aqui! — Ele subiu no alpendre com um salto e se sacudiu todo lá em cima. Voou água para todo canto.

— Você está me molhando!

— Sinto muito — ele disse. Não parecia estar sentindo nada.

Esfregou as mãos na calça jeans e tirou uma coisa azul da mochila.

— Olhe só; fiz para você. Tive a idéia quando vi uma ponta dessa seda azul saindo por debaixo da cama. Nem sei quando comprei, mas bastou uma olhadinha para me dar conta...

Jay-Tee olhou. Ele estava segurando um belíssimo top. Todo azul, brilhoso, mas sem ser cafona; dava a impressão de maciez, e não de plástico. Ela se imaginou usando aquela roupa para ir a um restaurante sofisticado e chamando a atenção de todo mundo por estar tão bem-vestida.

— Uau! — disse.

— E seu. Fiz para você.

— O quê? — Jay-Tee olhou para ele e depois para o top. Ao longo de todas as bordas, pescoço, embaixo e ponta das minúsculas mangas, havia uma linha de preto. Ele deve ter costurado aquilo ali.

— Nessas horinhas?

— Foi. A toda velocidade, mas sem comprometer a qualidade do que estava fazendo. Gostou?

— Você estava costurando? — Ela ficou maluca de tanto esperar e ele estava costurando.

— Hum-hum — disse ele, sorrindo, mostrando-se inacreditavelmente orgulhoso de si próprio.

Jay-Tee sentiu a raiva começar a ceder.

— E aí, o que você achou?

O que ela achou? Que era lindo e que ele era completamente maluco.

— É lindo, Tom. Sério. Lindo demais!

— Então, quer experimentar?

Jay-Tee concordou, pegando-o da mão dele. A sensação foi de ainda mais maciez do que parecia.

— Uau, Tom! É como segurar uma teia de aranha na mão. Mas sem ser pegajoso nem nojento.

— É como gaze, não é mesmo?

— Gaze — ela repetiu, virando a peça de roupa de um lado para outro. — Como é que se veste?

— Enfie os braços pelas mangas de forma que a abertura fique para trás. Assim!

Jay-Tee concordou e tirou a camiseta, um pouco envergonhada por Tom vê-la de sutiã, e enfiou os braços pelas mangas. Esticou as mãos para trás, tentando passar os fechos as costas, mas não sabia como funcionavam, e eram tantos, e ela nem sabia se estavam alinhados.

— Pode me ajudar? Como é que vou fazer isso sozinha? Tom riu.

— Não dá. Vou ter de estar por perto toda vez que você quiser usar.

— Bobo! — Jay-Tee sorriu e deu meia-volta, ficando de costas para Tom, sorrindo enquanto ele se demorava em cada casa, encostando as mãos nas costas dela. — Pare com isso. Está me fazendo cócegas.

Com tudo devidamente fechado, o tecido relaxou em torno do corpo e foi se acomodando, mais apertado em alguns lugares e mais folgado noutros, até se encaixar perfeitamente. Jay-Tee nunca tinha usado nada igual. Devia ser um tipo de tecido especial. Ela se ajustou, deu meia-volta. — O que você acha, Tom? Veste muito bem.

— Está perfeito. — O sorriso dele não tinha limite. — Caiu muito bem. Eu sou um gênio. Você ficou linda, Jay-Tee. Melhor até do que pensei. Ou ficaria, sabe, se não estivesse com esse shortinho feioso.

— Ei — ela disse, dando-lhe um tapinha no ombro. Olhou para baixo e soltou

uma risadinha. O shortinho era barato. — Mere disse que ia me levar para comprar umas roupas, mas nunca chega a hora. — Sorriu, e continuou. — Estranho ela não ter dado prioridade máxima a isso. Como se houvesse um monte de outras coisas acontecendo!

Tom soltou uma risada de protesto.

— Não. Não está acontecendo nada. Nadinha mesmo. Adolescentes grávidas. Assistentes sociais. Mães desaparecidas...

— Muitos, muitos acontecimentos estranhos!

— Mas você não precisa de Esmeralda. Tem a mim agora. Vou lhe fazer umas roupas. Vai precisar de uma saia ou calça para usar com o top. Mas, sabe, um jeans decente vai ficar muito legal também.

— Você consegue fazer uma calça jeans? Tom soltou outra risada de protesto.

— Claro. Consigo fazer qualquer coisa. — Empurrou-a na direção do banheiro. — Vá dar uma olhada. E me diga o que achou.

No espelho do banheiro, Jay-Tee se viu vestida num top tão lindo que parecia tecido de — como foi que Tom chamou o tecido? — gaze, ou do sopro de um elfo. Sopro de um elfo? Que idiotice! Mas aí Jay-Tee pensou no velho Cansino dourado. O sopro dele solidificado, disso era feito o tecido.

Tom estava certo. Caiu com perfeição. Jay-Tee nunca tinha usado nada tão maravilhoso. Nem visto uma roupa tão linda assim antes, mesmo nos filmes com superorçamentos de efeitos especiais!

Ela girou e parou de costas para o espelho, esticando a nuca, tentando ver como tinha ficado. Deu para ver uma caprichada fileira de botões pretos encaixados sobre um belo fundo azul.

— Lindo!

Não conseguia acreditar que Tom tivesse feito aquilo para ela. Ficou querendo dar-lhe um abraço tão forte que seria capaz de esmagá-lo. Era o top mais espetacularmente lindo da história. Caramba, era a peça de roupa mais linda que já existiu. Muito melhor que qualquer porcaria de vestido de noiva. Ou lá o que as pessoas achassem ser a roupa mais bonita que existe! Estavam todas erradas. A verdadeira roupa era aquela.

Deu outra voltinha, admirando a imagem no espelho, o tremeluzir do tecido. Com um toque de...

Oh, pensou. Magia. Seus olhos começaram a arder.

Ela parou de girar, cravou o olhar no seu reflexo.

De que outra forma aquele top lhe cairia tão bem? Tom sequer tinha tirado suas

medidas. O tecido se mexeu, ajeitou-se à volta do seu corpo até ficar todo certinho. Nenhum tecido sobre a face da terra fazia isso. Nenhum tecido normal.

Tom o fizera da mesma maneira que fizera a calça de Razão. Jogara sua magia no tecido para que se ajeitasse ao seu bel-prazer. Tom usara sua preciosa magia para lhe fazer um top bonito!

Toda a alegria se esvaiu num instante. Como pôde desperdiçá-la numa coisa tão sem importância?

Tom entrou no banheiro, ainda sorrindo, ainda satisfeito consigo mesmo. Parou atrás de Jay-Tee. Ela o viu refletido no espelho, enxergou todas as sardas no rosto dele, cada fio de sobrancelha e cada cílio esbranquiçado. Parecia mais longe do que de fato estava.

— Gostou? — ele perguntou.

— E como poderia não gostar? — Jay-Tee disse, olhando para o caimento do tecido. Seus olhos se encheram de lágrimas, embora estivesse determinada a não chorar. — Mas você não deveria ter feito isso.

Ele abriu ainda mais o sorriso, orgulhoso.

— Eu precisava. Assim que vi o tecido, soube logo para quem tinha sido feito: você. Que bom que gostou, Jay-Tee!

— Abraçou-a pela cintura e deu-lhe um beijo no alto da cabeça. O que foi gostoso, mas como ele pôde ser tão descuidado? Não queria viver ao menos até os 17?

— Tom! — ela gritou, dando meia-volta para ficar de frente para ele.

Ele deu um pulo.

— Que foi?

— Você está maluco? Não presta atenção? Não percebeu que eu quase morri? Duas vezes!

— Ora, claro. Eu salvei sua...

— Isso mesmo. Salvou minha vida. Com magia! Você não tem escutado nada? É cego? Ela se esgota. A minha se esgotou. Eu cheguei tão perto, Tom. Vi até a luz. Vi os portões do paraíso se abrindo. — Esperava que tivessem sido os do paraíso. — Cheguei bem perto mesmo. E você? Está desperdiçando a sua fazendo roupa bonitinha para mim! Jesus, Maria e José. — Ela fez o sinal-da-cruz. — E o senhor, ateu de uma figa, sequer tem a esperança de uma vida no além!

— Não foi tanto ass...

— O quanto não importa! O que Esmeralda diz? Uma vez por semana. Use uma vez por semana e só um pouquinho. Quando foi a última vez que você usou a sua? Dez minutos atrás. E ontem, e no dia anterior... — Ela parou de falar para não chorar.

— Sinto muito. Jay-Tee, me desculpe. Não faço mais. Sério! Mas é que não

consigo evitar. Quando faço roupas, eu...

— Então, não faça. Não quero que você morra, Tom. Não porque me fez umas roupas bonitas. Não porque já salvou a minha vida.

— Eu não vou morrer, Jay-Tee.

— Ah, vai sim, Tom. Pergunte a Razão. Aposto que ela consegue ver quanta magia você ainda tem. Quanta vida ainda tem. Você vai morrer, Tom, e vai morrer enquanto ainda é jovem.

Era como o namorado com câncer, de pulmão, que continua fumando. Uma coisa era quando ela se descuidava da própria vida, outra era agora com Tom, e ele estava se descuidando para impressioná-la.

Jay-Tee não sabia se poderia agüentar aquilo. A dor que sentia no lado do corpo tinha aumentado, mas não sabia ao certo se estava zangada com ele por usar a magia ou por ainda tê-la enquanto ela mesma não tinha mais.

Fugiu-lhe dos lábios um soluço. E ela escapuliu antes que Tom pudesse agarrá-la, subiu a escada a toda, fechou a porta do quarto atrás de si, trancou-a e se jogou na cama.

Ficou chorando e soluçando tanto que sua garganta e peito davam a impressão de que iam explodir; chorou e soluçou tanto que quase afogou um pensamentozinho no fundo da mente: Ei, ainda consigo correr rápido.

Jason Blake

Estávamos parados na calçada, diante de um prédio pequeno com uma inexpressiva porta de madeira. Meu avô cruzou a rua na direção de uma praça sem olhar para trás.

Com o canto dos olhos, prestei atenção às luzes espalhadas pelas redondezas e soltei um suspiro. Nenhuma magia neste novo lugar era da minha mãe.

— Ela não está aqui — falei para Esmeralda.

— Ele está mentindo, então — Esmeralda falou. — Não surpreende. Pelo menos, continuamos nos Estados Unidos. Está vendo? — ela apontou para um carro que passava. — Lado errado da rua. Aqueles cartazes ali estão em inglês. E é a mesma hora de Nova York.

Concordei. A luminosidade do dia era bem semelhante à de Nova York, de manhã cedinho, com o sol baixo.

— Você consegue pegar a chave dele? — Esmeralda perguntou baixinho. Meu avô estava do outro lado da rua, com as mãos nos bolsos, observando-nos.

— Consigo — falei, embora sem muita certeza.

— Muito bem, vamos descobrir o que ele quer. Talvez nos diga onde Sarafina está.

Duvidei disso, mas atravessei a rua. Se fosse bastante forte para pegar a chave, talvez fosse forte o suficiente para forçá-lo a me levar à minha mãe.

— Ela não vai nos agradecer por termos trazido Esmeralda — ele disse, caminhando em direção a um banco perto do passeio. — Não gosta dela.

— Foi você que nos deixou passar pela porta. Além disso, Sarafina não está aqui. — Vasculhei um pouco mais; porém, não a encontrei.

— Não está mesmo, não — meu avô concordou, fitando-me com firmeza e um olhar ainda mais ganancioso que o de Esmeralda. — Está do outro lado de uma outra porta. Não sei se consigo evitar que sua avó passe. Sua mãe não vai gostar.

— Vamos lá, então — Esmeralda falou.

— Você não me ouviu? Sua filha não quer vê-la.

— E eu não vou deixar Razão sozinha com você.

— Basta me levar até a porta — sugeri.

Meu avô levantou a mão: por um instante, achei que fosse encostá-la em mim.

— Primeiro, precisamos conversar, você e eu.

— Não precisamos, não. Você raptou Sarafina. Vem drenando sua magia. Quero ir para perto dela. — Antes que fosse tarde demais.

— Ela veio comigo por livre e espontânea vontade. — Ele me olhou como se não conseguisse desgrudar os olhos. O oposto de Esmeralda, que mal conseguia me encarar. — Não tirei nada dela.

— Não acredito em você — falou Esmeralda.

— É verdade — ele disse, olhando-me fixamente. — Já menti para sua mãe e para sua avó, Razão, mas ainda não menti para você.

Esmeralda soltou uma risada de descrédito.

Ele se sentou no banco, sem tirar os olhos de mim. Esmeralda e eu continuamos em pé. Passou um caminhão imenso, fazendo muito barulho. Enquanto isso, não parei de sentir o olhar dele. Fazia minha pele se contrair. Observei atentamente o padrão dos números que o formavam e em seguida soltei uma risada.

Números perfeitos: 6; 28; 496; 8.128; 33.550.336; 8.589.869.056; 137.438.691.328. Números iguais à soma de todos os seus fatores. Seis é o primeiro, porque $6 = 1 + 2 + 3$. Seis também é um número triangular e hexagonal. Um número bastante perfeito. Jason Blake ficaria satisfeito. Não se achava perfeito? Pensei no que aconteceria se mexesse na ordem daqueles números, se os transformasse em números Mersenne, primos ou Fibonacci. Acaso faria dele uma pessoa melhor?

— Como acha que as portas são feitas, Razão? Quem você acha que as fez?

Não foi o que eu esperava ouvir dele.

— Onde está Sarafina?

— Vou lhe contar, Razão. Prometo. Você vai vê-la muito em breve. Mas precisamos discutir algumas coisas antes. Você precisa confiar em mim.

— Confio em você ainda menos que confio na Esmeralda. Esmeralda afastou o olhar.

— Sinto muito — disse a ela, e sentia mesmo. Eu queria confiar nela. Queria sentir que havia pelo menos um adulto do meu lado. Mas Esmeralda havia mentido para mim, e ocultado coisas. Quem poderia dizer das outras que ainda tinha para me contar?

— Não confie em mim, então — meu avô falou —, mas escute. Em seguida, lhe mostrarei como chegar até onde Sarafina está.

Passou um avião pelo céu, bem alto. Eu já tinha andado de avião. De Dubbo para Sidney, para chegar à casa de Esmeralda e sua porta para a cidade de Nova York. Aquele vôo mudou minha vida por completo. Danny provavelmente estaria num avião neste exato momento. Ou já teria chegado a Sidney?

Não fazia mais que duas semanas, o mundo era tão menor. Muito menos

assustador. Precisei me esforçar para permanecer no mundo real; a tentação de me recolher ao mundo Cansino crescia a cada minuto.

— Portas, Razão. Como são feitas?

— Por que a pergunta?

— Responda, simplesmente, Razão.

Lembrei-me do que Esmeralda tinha falado para mim, Tom e Jay-Tee, na nossa única aula formal de magia.

— Adição de magia com o passar do tempo. Uma família mágica na casa...

— É mesmo? É esse lixo que você vem ensinando para eles, Esmeralda?

— Não é li...

Ele agitou a mão no ar como se estivesse varrendo para o lado tudo que Esmeralda tinha dito.

— Esqueça isso. Quanta magia você acha que é necessária para fazer uma porta? Não acha que seria preciso um baque gigantesco para desmontar o espaço e contê-lo entre duas meras portas? Será que pequenas quantidades ao longo de vários anos bastariam para fazer isso? Você já viu o espaço real. Já voou nele.

Espaço real? Era assim que ele chamava o mundo Cansino? Achava que esse era o mundo real? Acaso estaria certo?

— Só quero que você me mostre como chegar até onde Sarafina está.

— Existe mais de um caminho, Alexander — Esmeralda falou. — Você sabe muito bem.

— Pense na quantidade de magia que seria necessária, Razão.

Pensei na magia das portas que eu já tinha visto. Magia que eu não conseguia desfazer.

— Está vendo este lugar? Eu cresci aqui. É daqui que vem minha família. Esta é minha cidade natal.

— Estamos no Texas? — Esmeralda perguntou. Ele a ignorou.

Olhei à minha volta. A praça era quase toda gramada, sem árvores. Fora isso, não havia verde. Só enxerguei duas estrelas no céu. Que lugar árido para crescer!

— Eu fiz aquela porta. — Por um instante, ele tirou os olhos de mim e voltou-os para uma despojada porta de madeira num prédio de alvenaria com seis andares.

— Você fez? — Esmeralda perguntou, olhando fixamente para ele.

— Fiz — ele disse, cheio de si. Seus olhos me fitavam novamente. — Você brilha muito mais intensamente que Raul Cansino.

— Como você fez uma porta, Alexander? — Esmeralda perguntou.

— Com magia. Muita magia. Esmeralda soltou uma risada de desdém.

— Grande informação! Quantas outras já fez? — perguntou. Ele tinha feito uma porta. Fiquei pensando se eu seria capaz de fazer uma também. Seria essa a forma para chegar a Sarafina?

— Nenhuma.

— Nenhuma? Só fez uma porta?

— São os dois únicos lugares que conheço bem o suficiente. Nova York e aqui, onde cresci.

— Por quê? — Esmeralda perguntou.

— De todas as pessoas no mundo, você é quem deveria saber. Para conhecer mais sobre o que é a magia e o que somos capazes de fazer. Se você soubesse fazer uma porta, com certeza também faria uma.

Esmeralda baixou o olhar, mas eu percebi que ele estava certo.

— Muito bem — falei. — Você fez uma porta. Agora me leve até minha mãe.

— Ele não estava regateando. Não estava me atacando. Não estava fazendo nenhuma das coisas que teria feito o Jason Blake que eu conhecia. Até o olhar dele não se encaixava. O velho Jason Blake não teria sido tão óbvio. Mas este me olhava qual uma mariposa que não consegue evitar um ponto luminoso.

— Você vai estar com ela. Vai resgatá-la, como quer fazer.

— Como você fez a porta, Alexander?

— Você pode fazer qualquer coisa agora, Razão — Jason Blake me disse. Em seguida, virou-se para Esmeralda. — Desenhei pontos de luz, um em seguida do outro. Daqui até Nova York.

Esmeralda fez um muxoxo.

Captei luzes bruxuleantes com o canto dos olhos. Pensei na quantidade de magia que seria necessária para traçar todos aqueles pontos.

— E foi fácil? Ele riu.

— Fácil? Não. Mas foi a melhor coisa que fiz na vida.

— Nisso eu acredito — minha avó exclamou. — Excluindo-se a paternidade de Sarafina, sua vida não passa de um desperdício egoísta.

Jason Blake tirou uma coisa do bolso e mostrou-a no ar: uma chave comum

— Confeccionei esta aqui do nada. — Imaginei que isso seria mesmo possível. Ele observou minha reação, e esperou que eu dissesse alguma coisa. Ao ver que permaneci calada, continuou. — Tudo que sempre quis na vida, Razão, foi viver. Viver e usar minha magia.

— E roubar a das outras pessoas — Esmeralda não se conteve.

— Como se você não tivesse feito isso! — ele disse para ela sem tirar os olhos de mim. — Você não é melhor que eu. Só finge melhor.

— Que mentira!

— E você nunca mentiu? Ou mentiu? Quando tomo magia, eu sempre peço.

— Porque não serve se não pedir — ela disse. — Não porque se importe com qualquer pessoa além de você mesmo.

— Você não me pediu — falei, interrompendo-os. — Aquela primeira porção de

magia que Raul Cansino me deu... você roubou.

— É verdade. Porque estava desesperado. Sabia que ele a escolheria. Eu queria... Aquilo foi uma exceção. A única vez que roubei.

— Mentiroso — falei. A primeira pergunta que ele me fez foi para tirar magia de mim, mas não foi clara. Jason Blake tentou me enganar só para tomar minha magia. — Você pode ter perguntado, mas não deixou claro o que estava perguntando, deixou?

Minha avó tornou a olhar para baixo e logo vi que também tinha feito igual, mas Jason Blake apenas deu de ombros.

— Não é roubo. Tecnicamente, pelo menos. Para roubar é preciso magia demais, o ganho líquido não é muito. Eu era um bom mágico: ralando para sobreviver, um pouquinho de magia aqui, outro pouquinho ali.

Ele soltou uma cusparada que foi parar a dois metros de distância.

— Você quase me matou quando me tirou a magia de Raul Cansino.

— Pois sabia que o Cansino iria lhe dar mais. Disso eu duvidei.

— E a Jay-Tee? Não havia Raul Cansino algum para salvá-la.

— É verdade. Eu estava mais preocupado com viver mais tempo, ter mais magia. — Ele ainda me olhava fixamente. — Não podemos nos dar o luxo de pensar demais em outros mágicos. É perigoso. Minha própria mãe tentou me enganar para tirar minha magia, conforme fez com meu pai. Afinal, acabei enganando-a e tirando a dela. É assim que são as coisas. Sempre foram. Um toma do outro.

Esmeralda abriu a boca para falar, mas fechou-a em seguida.

— É por isso que você não usa seu nome verdadeiro? — perguntei.

— Meu nome verdadeiro?

— Aquele com o qual nasceu.

— Nasci Alexander Tannen.

— Contou para Esmeralda seu nome verdadeiro?

— Eu era jovem.

— E apaixonado.

Ele riu. Esmeralda também.

— Não paquerei Esmeralda por desejo de outra coisa que não sua magia. E se houvesse um filho, e eu vi que haveria essa magia também. Conforme minha mãe tentou fazer comigo. Conforme todas as pessoas mágicas que conheci na vida. Esmeralda também, é claro.

— Mas você não tirou a minha — Esmeralda falou.

— Nem você a minha. Chegamos a um empate, não chegamos?

— Eu só fiquei feliz por me livrar de você.

Foi uma das primeiras coisas que Esmeralda disse na qual eu acreditei totalmente.

— Nada disso importa, Razão. A magia de Raul Cansino nos liberta. — Ele riu. — Não precisamos mais nos valer uns dos outros. O que ele lhe deu... isso muda tudo.

— E o que ele deu a você e a Esmeralda? — perguntei — Você fez uma porta. Se é capaz de fazer uma coisa dessas, por que precisa de mim?

— Não, eu não preciso de você. Mas quero ser igual a você. Quero ter toda a magia do Cansino. Ele me mostrou em que me transformaria caso fosse o escolhido. Mostrou-me o espaço real. Como eu poderia mudar o que eu era. Mudar o que quisesse...

— Você quer que eu lhe dê mais magia? — perguntei. Estaria louco? — Pois prefiro desligar a sua.

Jason Blake empalideceu. Durou um momento apenas, mas percebi. Ele tinha medo de mim. Esmeralda também percebeu.

— O que você quer dizer com “essa magia não dura”? — ela perguntou para ele. — Quanto tempo temos?

— Não sei. Um mês. Um ano. O resto da vida normal dos seres humanos. Mas não os séculos que ela tem.

— Mas eu me sinto tão forte — ela disse. — E tenho feito coisas que jamais sonhei.

— Ele nos fez poderosos — Jason Blake concordou. — Não tão poderosos quanto você, Razão, mas poderosos. Deixou-me continuar sendo humano. Você sabe o aspecto que tem agora? Você vibra de poder.

— Mas estou mudando, perdendo minha...

— Sua humanidade? E para que vai se importar com isso? Eu não me importo. Não ligo para as pessoas, nunca liguei. Não quero sentir ganância. Nem culpa. Nem amor. — Esmeralda riu, mas meu avô a ignorou. — Nem desejo. Quero a vida que ele teve. A sua. Quero ser despojado de tudo até restar somente a curiosidade. E nada mais. Quero explorar, ver o universo se desnudar para mim. É só o que sempre quis. Não quero amor, não quero dinheiro, não quero fama. Jamais quis as coisas humanas.

— Mas Raul queria — protestei. — Queria assegurar a existência de outros Cansino. Queria morrer e ficar com o resto da família.

Jason Blake riu.

— Todo ser vivo quer passar seus genes. E, afinal, todo ser vivo acaba morrendo. Não são muitos os que conseguem explorar séculos a fio antes disso acontecer.

Fui capaz de ver aquilo. As luzes bruxuleantes, passeando pelos cantos da minha visão. Não havia divergência ali. Bastava fechar meus olhos por completo para estar ali... e ficar para sempre.

— Ele está errado, Razão — Esmeralda falou. — Raul Cansino não queria viver para sempre. Isso não bastava para ele. No fim, preferiu morrer.

— Besteira — meu avô disse. — Nunca houve alguém mais satisfeito que ele. Ou que você, depois que aceitar sua dádiva. Você é capaz de fazer tudo que quiser. Ir a qualquer lugar. Raul Emilio Jesús Cansino me mostrou o que ele era.

Olhei para Esmeralda, mas ela estava olhando para Jason Blake.

— Ela não consegue atravessar portas que não a querem — Esmeralda falou.

Ele riu.

— Nenhuma das duas está entendendo, não é mesmo? Razão, você não precisa de portas. Essas luzes que vê? A magia? Basta se concentrar em qualquer uma que reconheça para sair voando pelo espaço até chegar a ela.

Esmeralda se virou e olhou para mim.

— É verdade? Ela consegue fazer isso? — A ganância voltara aos seus olhos.

— Pode chegar a Sarafina na hora que quiser. Se consegue avistar a magia dela, consegue chegar até ela. Sua magia está intrinsecamente ligada à dela.

— Então, por que Raul não voou para vir ao meu encontro? Por que precisou da porta?

— Ele não a conhecia. Precisava conhecê-la primeiro. Assim, onde quer que você estivesse, ele chegaria. Estava até no quarto quando você e o seu namorado Danny fizeram sexo, assegurando a concepção. Foi, inclusive, quem a empurrou na direção dele. — Seu sorriso tornou-se feroz. — Foi por isso que a escolheu, afinal de contas. Pelo bebê.

Assim que ele disse isso, percebi que era verdade. Eu queria Danny, lindo daquele jeito, mas nunca o teria beijado; não sem o empurrão de Raul Cansino, que chegou até a colocar em Danny um cheiro de limão, pão levemente tostado e canela. Eu já tinha visto Danny depois, e o que senti não passava do cheiro normal de sabonete. Os outros aromas, ora, foram de Raul Cansino.

Ele esteve mesmo no quarto conosco. Cheguei a estremecer. Jason Blake sorriu.

— Você é nojento — Esmeralda falou, arregalando os olhos para ele.

— Mas — comecei a falar, afastando os pensamentos daquela noite —, por que você roubou minha mãe?

Jason Blake riu.

— Por que você mesma não pergunta para ela? Vamos. Concentre-se. Encontre-a.

— Razão, cuidado! — Esmeralda alertou. — Não dá para confiar nele.

Deixei de olhar para ele e olhei para ela, depois voltei a olhar para ele, sem saber exatamente o que fazer. Precisava achar Sarafina. Precisava salvá-la. Fechei os olhos.

— Não — meu avô pediu. — Não feche os olhos. Tornei a abri-los. Ele ainda

me fitava.

— Conseguiu vê-la? — ele perguntou. Não consegui.

— Ela não está aqui.

— Cuidado, Razão! — Esmeralda falou.

— Procure um pouco mais. Esforce-se. Concentre-se nela. Você já viu a magia dela; agora, é só encontrá-la.

Já estava procurando, esforçando-me muito mais do que já havia me esforçado. Escutei-os gritando um com o outro, mas não distingi as palavras. Minha visão periférica estava crescendo, ruindo tudo que eu via.

Encontrei-a.

Lá longe. Estava ainda mais esmaecida que da última vez que a vi, quase tão esmaecida quanto Jay-Tee antes de eu salvá-la.

— O que você fez com ela? Quase não lhe resta magia alguma!

— Vá até ela, então — meu avô me disse. — Pergunte-lhe você mesma.

— Como?

— Não sei. Ele não me mostrou como. Só o vi fazer.

— Não — Esmeralda falou. — Pode não ser seguro. Retirei-me para as luzes que fluíam pelos meus olhos.

A de Sarafina estava muito fraca. Concentrei-me nela, até que se espalhou, passando a ser praticamente tudo que eu via. Minha visão se estendeu. Minha pele coçou. Andei para frente. Entrei em pânico, falseei o passo, tropecei.

Passou um caminhão imenso pela rua; meu cabelo e roupas foram repuxados em desalinho pelo rosto e corpo. Eu estava na beira da estrada. Recuei um passo.

Às minhas costas, Esmeralda gritou:

— Vou ao seu encontro depois.

Nem me virei. Já tinha me mexido. Meu avô estava certo. Eu poderia ser minha própria porta. Mas precisava me concentrar; caso contrário — outro caminhão passou a toda — caso contrário, seria esmagada feito um mosquito.

Voltei minha atenção para Sarafina, deixei que ela preenchesse minha visão, até que a estrada à minha frente escapuliu para o campo da minha visão periférica. Minha pele se contraiu, depois se expandiu, deslocando-se sobre minha carne. E minha visão foi novamente esticada. Sob meus pés, desdobraram-se ruas, campos, mares, o oceano, mas a luz dela permanecia lá.

Senti o pânico crescer. O mar agitado começou a tomar cada vez mais meu campo de visão. Durante um breve instante, achei que estava sentindo a maresia, o cheiro do sal. Forcei-me a pensar novamente em Sarafina. Sarafina; mar não. Sarafina. O mar virou terra; verde, azul e marrom se alternaram.

Então, a luz de minha mãe ficou mais nítida, até que parei bem diante dela.

Sem lágrimas

Tom bateu à porta, pedindo que o deixasse entrar, dizendo que sentia muito, e que ela não deveria ser tão chata. Jay-Tee estava deitada na cama, escutando, o que era mais fácil agora que a chuva tinha abrandado.

Não estava mais chorando. Desta vez, não demorou muito. Achou que talvez estivesse com TPM, ou algo assim. Não era o jeito dela. Ter ataques, bater portas, chorar por nada. Bem, não era exatamente por nada — sua vida inteira desfeita assim não era o que se pode chamar de “nada” —, mas não chorou quando o pai começou a lhe bater. Não chorou quando fugiu de casa e achou que jamais tornaria a ver o irmão. Não chorou porque Jason Blake roubava sua magia. Nem quando o pai morreu. Ou quando achou que ela mesma iria morrer. Excetuando-se estes últimos dias, Jay-Tee sinceramente não se lembrava da última vez que tinha chorado. Agora, parecia não ser capaz de fazer outra coisa.

Levantou-se e abriu a porta. Tom estava ali, boquiaberto, ainda vermelho de tanto gritar. Ele fechou a boca, tornou a abrir, fechou novamente. Ela pôde ver no rosto dele os pensamentos variados que iam lhe ocorrendo: ficou zangado com ela, em seguida preocupado, querendo fazer as pazes, querendo beijá-la, e acabou zangado de novo.

— Você está bem? — ele falou afinal.

— Estou. — Não. Jay-Tee não era mais mágica. E Tom era. Ela estava sentindo ciúmes dele. Estava sentindo pena dele. Não sabia o que estava sentindo.

— Eu sinto muito.

— E tem mesmo que sentir. — Ela se inclinou para frente e deu-lhe um beijo. Um beijo recatado.

— Assim está melhor — ele disse, esticando a mão e pegando um dos cachos do cabelo dela entre os dedos. Esticou-o e soltou-o para ver o efeito mola, o que normalmente a faria perder o controle. Mas ela não se importou.

— Vou tomar cuidado — ele disse. — Vou mesmo; pode deixar. Antes de você e Razão chegarem, sempre tomei. Muito cuidado, mesmo.

— Quer dizer que sou eu a má influência?

— Acho que sim. Antes de você chegar, eu quase não tinha feito nada. Essas meninas católicas!

Ela deu-lhe um tapinha de leve.

— Pelo menos, vou parar no céu.

— Vai se sentir sozinha por lá sem mim.

Ela fez o sinal-da-cruz novamente e deu-lhe outro tapinha.

— Será que é permitido beijar no céu? — Tom perguntou.

— Não. Os anjos estão além dessas coisas terrenas, tipo beijos.

— Então, devemos aproveitar ao máximo agora enquanto podemos, certo?

Antes que seja tarde demais.

Jay-Tee riu e abriu a porta toda para Tom entrar.

— Desculpe o surto.

— Tudo bem. Eu estava agindo como um idiota. — Ele deu um beijo nos dois lados do rosto dela, depois um no queixo, no nariz, na boca. Ela entreabriu os lábios, correspondendo. — Mas não me arrependo de ter feito o top. Você ficou lindíssima!

Ela passou um dedo pelo rosto dele, de cima até embaixo.

— Além do mais, como é que vou tirar essa coisa sem você por perto? É adorável, mas quero voltar para minhas roupas normais.

Ela se virou de costas para ele e Tom começou a desabotoar o top.

— Mere ligou algumas vezes.

— O que ela disse?

Tom chegou ao último botão; ela tirou a maravilhosa peça de roupa sacudindo o corpo e colocou de volta uma das camisetas de Mere.

— Estava só querendo saber se eu estava bem e blá, blá, blá!

— Você também falou com Razão? Jay-Tee balançou a cabeça.

— Não, Mere nem a mencionou. Fiquei pensando se Razão ainda é...

— Ainda é o quê?

— Humana.

— O que você quer dizer? — Tom perguntou. — É claro que Razão ainda é humana.

Jay-Tee não sabia o que dizer. Razão andava tão estranha. Tão reluzente, dourada. Pelo menos estava assim até desligar a magia de Jay-Tee.

— O que Esmeralda falou sobre a mãe de Razão?

— Também não falou dela. Nem de Jason Blake. E deveria, não deveria? Caso o tivessem encontrado.

— Acho que sim. — Tom baixou o olhar. — Espero que estejam bem.

— Claro que estão — disse Jay-Tee. — Afinal, Razão está igual a um super-herói agora, não é mesmo?

— Você já disse isso várias vezes.

— Porque é verdade. Enfim, que bom que você está aqui para esperar comigo.

— Hum — Tom falou, contrariado.

— Que foi?

— Sabe, é que eu tomei o café-da-manhã correndo com o meu pai para poder fazer o seu top. E ele ficou querendo que eu vá jantar com ele e passe a noite em casa também. Disse que está com saudade de mim. E é verdade, não fico com ele direito desde que Razão chegou.

— Hum. — Jay-Tee detestou a idéia de passar a noite sozinha.

— Eu ligo para você. Vou me deitar cedo e ligo logo em seguida. Tudo bem?

Jay-Tee não disse nada, mas estava com ódio do pai de Tom.

— A gente pode ficar conversando até cair no sono; amanhã de manhã venho correndo ficar com você. Não deixe de ligar se Esmeralda e Razão aparecerem por aqui ou se ligarem ou qualquer coisa assim, está bem?

— Claro — Jay-Tee falou. — Mas qual é o número do seu telefone?

Tom foi até o hall e voltou com a caderneta de anotações que ficava ao lado do aparelho.

— Este primeiro é o da minha casa e o segundo é o celular.

Arrancou a página e a entregou a ela. Havia dois coraçõezinhos embaixo dos números. Jay-Tee abriu um sorriso e fingiu dar um soco nele.

— Vai dar tudo certo — Tom foi positivo.

— Espero que sim — Jay-Tee concordou.

Eles desceram a escada de mãos dadas. Tom passou para o alpendre dos fundos pela janela e Jay-Tee pela porta. Beijaram-se um pouco, sem que nenhum dos dois quisesse parar. Afinal, ele se afastou:

— Preciso ir, de verdade.

— Eu sei — ela disse. — A gente se vê amanhã.

— Ligo ainda hoje à noite. — Saltou do alto da escada do alpendre e aterrissou suavemente na lama. A chuva tinha dado uma trégua, mas Tom já estava bastante molhado antes mesmo de conseguir saltar a cerca.

— Até amanhã — ela gritou.

— Até logo mais!

Ela se deu conta de que não estava preocupada com Razão, pois agora era tão poderosa que conseguiria dar conta de Jason Blake. E de qualquer um. Até desligar a magia das pessoas ela conseguia. Provavelmente seria capaz de fazer o que quisesse.

Jay-Tee tinha toda razão: Razão iria salvá-los, a todos. Só que ser salva não era tão maravilhoso quanto ela havia imaginado.

Sentia falta de sua magia.

Sarafina Cansino

Dei uma topada num murinho de pedra e entrei aos trambolhões numa área verde. Samambaias, pensei ao fechar os olhos e escorregar para dentro do espaço Cansino, tão reconfortantemente livre de sons e sensações. Absorvi os padrões de luz à minha volta: uma porta nas redondezas, 539 luzes, divisível por 7, por 11, muitos padrões bonitos por ali. E Sarafina. Sua magia frágil e diminuta, seu padrão Fibonacci começando a enfraquecer.

Estava me chamando. Suas palavras flutuavam pelo ar. Fiz força para sair do mundo Cansino, dirigindo-me para onde Sarafina se encontrava. Senti terra fresca entre os dedos, folhas me tocando o rosto, pedras arranhando minhas pernas, mas tudo de certa forma emudecido, como se o mundo real estivesse revestido pelo outro mundo. Atrás de mim, ela riu.

— Ei, Razão — Sarafina me viu. — Levante-se.

Girei o corpo sobre uma trilha de pedrinhas minúsculas. Sarafina esticou as mãos para me ajudar a levantar.

— Estou aqui — falei.

— Está sim — ela respondeu. — Mas não é muito confortável aí. Venha para cá; aqui é muito melhor — disse, apontando para um comprido banco de madeira com almofadas vermelhas em cima.

— Vim salvá-la.

Sarafina sorriu e me levantou, abraçando-me imediatamente.

— É claro que veio! Oh, minha queridíssima filha. Criança gloriosa! Que delícia é ver você! Embora tenha demorado demais... cheguei a achar que não viria. — Ela me apertou e depois me afastou até onde seus braços esticados permitiam. — Você está sem cabelo. Não era tão careca assim nem quando bebê! Mas está maravilhosa. Adorei o bronzeado. Seu rosto! Você cresceu? Não, nem dava. Só se passaram umas poucas semanas. Mesmo assim, parece que cresceu, sim. Pode ser o bebê que está dentro de você. Tal mãe, tal filha. Que nome vamos lhe dar? Glória? Brilho? Beleza? Fibonacci?

Era a velha Sarafina, agindo e falando como de costume. Balançava o corpo apoiando-se do calcanhar à ponta dos pés, que se mexiam tão rápido quanto a boca, sem me dar tempo para responder a qualquer de suas perguntas. Cheia de energia,

como sempre fora. Seus olhos brilhavam. E me olhavam bem fundo.

— Extraordinário! Alexander disse que seus olhos mudariam. Mas eu não imaginava o quanto. Estão lindos.

— Estão...

— E sua pele! — Encostou no meu braço. — É como se não tivesse poros.

— Não é como se. Eles sumiram. Não tenho mais poros mesmo.

— Os pêlos dos seus braços sumiram também. Não só da cabeça. — Correu um dedo pelo meu couro cabeludo e em seguida pelo meu antebraço. — Nem unzinho! Que estranho! Mas lhe cai bem. Venha, sente-se — disse, puxando-me para o banco e falando sem parar. Sentou-se sobre as pernas cruzadas, enrolando a barra da saia nos pés.

— Vou lhe dar um pouco mais de mag...

— Não se apresse, querida. Mas não é maravilhoso?

— Ora, é sim, mas...

— Olhe só para isso, Razão, que fontes!

Estávamos sentadas num jardim murado, com duas fontes e um filete d'água circulando entre uma e outra. Plantas por todo canto. Muitas samambaias, e heras, que não reconheci, subindo pela mureta de pedra. O ar tremeluzia, de forma que deveria estar fazendo calor. Calangos fugiam pelo cascalho no chão das alas do jardim buscando refúgio no verde.

Havia borboletas, mas não se pareciam em nada com aquelas que eu vira no outro lado do elevador. Ouvi o barulho de tráfego, buzinas, pneus rodando sobre o asfalto, mas não vi nada disso.

— Você está escutando, querida? Antes, sim.

— Desculpe. Você não tem muito tempo pela frente. Eu preciso...

Alguém conteve uma arfada de ar. Ergui os olhos e vi uma mulher de traços asiáticos, vestida com uma saia comprida e justa em cores vivas e uma blusa branca, carregando uma bandeja. Estava olhando para mim.

Sarafina riu.

— Ela adorou o seu tom dourado!

A mulher baixou a cabeça e colocou a bandeja à nossa frente; em seguida, virou-se, revelando um coque espiralado de cabelos negros presos à nuca. Retirou-se pela trilha de cascalho e entrou na casa de onde deve ter saído. O telhado era baixo e inclinado, e a parede da frente, de vidro, imersa na penumbra.

— Mais chá — Sarafina anunciou, esticando as mãos para pegar uma das minúsculas xícaras. — Posso lhe servir uma xícara? É tremendamente doce.

Balancei a cabeça. A magia dentro dela estava se rompendo, os Fibonacci se desintegrando. Da mesma forma que os de Jay-Tee haviam feito. Minha mãe estava morrendo.

— Você tem de deixar que eu dê um jeito...

Sarafina renegou minhas palavras com um aceno da mão.

— Há tempo bastante.

— Não, Sarafi...

— Mesmo que você não queira, eles vão lhe trazer um pouco. Num segundo virá comida também — Sarafina falou, torcendo o nariz. Comida nunca fora um dos seus grandes interesses.

— Você quer morrer?

— Não seja tola, Razão. Não vou morrer.

Estava errada quanto a isso; eu via seu padrão se desfazendo bem diante dos meus olhos.

— Sabe onde estamos? Bancoc. Lá fora é um caos. O caos total. Mais gente do que já vi na minha vida inteira. Mais que demais. É tanta gente que ainda não me acostumei. Mas eu gosto daqui. O muro dá a volta completa e não se consegue ver nem pedacinho da cidade maluca. Aqui só há uma fonte, borboletas e um punhado de criados sorridentes. A casa de Alexander é tranqüila e cheia de padrões numéricos. Especialmente os azulejos. Espere até eu lhe mostrar o banheiro Fibonacci.

«Os criados dele são todos tão gentis! Sorriem muito. Estão sempre me trazendo coisinhas para comer. Comida bonita em pratos bonitos. Ficam tristes quando deixo de comer. Mas não consigo explicar que só preciso de uma certa quantidade de combustível para continuar e que não me importo mesmo com a aparência, porque nenhum deles fala inglês. Embora isso até seja um certo alívio, e á aprendi a juntar as palmas das mãos, fazer uma reverência com a cabeça, falar “Kop kun kah” que estou bastante certa de querer dizer ‘obrigada’. Vão adorar sua presença aqui. E você vai adorar a comidinha linda que eles trazem.”

Nem me dei o trabalho de lhe contar que não comia mais. Cheguei a pensar se um dia tornaria a comer. As pedrinhas redondas que formavam o passeio estreito ao longo de todo o jardim deixaram uma sensação de suavidade. Ou seria apenas um resíduo do espaço Cansino à volta, para sempre entre mim e o resto do mundo?

O padrão de Sarafina continuou se desfazendo enquanto ela falava. Por que não me deixava salvá-la? Eu tinha vindo resgatá-la e ela só queria ficar de conversa-fiada. Estava como costumava ser. A velha Sarafina de sempre. Não estava mais maluca. Pelo menos não com o olhar perdido no espaço, sem me reconhecer.

Talvez sempre tivesse sido um pouco maluca, me dei conta. Eu simplesmente não tinha passado tempo suficiente com outras pessoas para perceber quão esquisita ela era. Mas desde pequenina eu sabia que ela era diferente. Lembrei-me de uma ocasião, muito menina ainda, acho que foi em Arnhemland, em que tínhamos feito uma caminhada de três horas para chegar a um olho d’água. Ela passou o trajeto

inteiro me contando, tagarela como agora, sobre o tapete de lírios, sobre as brolgas e os jaçanãs, aves que andavam pelos brejos pisando nas folhas flutuantes, dando a impressão de andar sobre a água.

Mas quando chegamos lá, não encontramos nenhum dos pássaros de que Sarafina tinha me falado. Ela nos fez caminhar até o próximo olho d'água e, quando percebemos que só havia colhereiros lá, resolveu tocar para o seguinte, e o seguinte, até ficar escuro e eu, tão cansada e faminta que desatei a chorar.

Recordei essas emoções; deveria estar revivendo-as agora. Ela estava se matando ao rejeitar a magia que eu oferecia. Mas a magia Cansino cegava minha dor. Não restaram lágrimas em mim. Tampouco o riso.

— Estamos na Tailândia? — perguntei.

— Estamos, querida. Em Bancoc, a 9.290 km de Sidney.

— Hã.

Sempre tivemos vontade de vir para cá; não para a atribulada Bancoc, mas para a Tailândia. Quando eu já tivesse idade suficiente para que Esmeralda não pudesse mais alegar direitos sobre mim, sairíamos da Austrália para viajar pelo mundo. Ela sempre me falava de Angkor Wat, no Camboja, que não ficava muito longe dali. Não em comparação com a distância que ficava da Austrália.

E cá estávamos, juntas no exterior. Observei seus lábios se mexendo, suas mãos também. Ela cruzou e descruzou as pernas, ajeitando a saia à sua volta. Nunca fora de ficar parada, somente quando os médicos de Kalder Park a encheram de remédios.

— Você precisa escutar. Estou lhe falando de uma coisa muito importante, Razão. Estava confessando. Quando disse que a insanidade era preferível à magia, estava errada. Eu não sabia que existiam outros tipos de magia. — Gesticulou com uma das mãos e fez aparecer uma borboleta. Era maior que qualquer outra que eu já tinha visto na vida, com faixas vermelhas, verdes e douradas. A luz de Sarafina ficou tão fraca que agora já mal existia.

— Sarafina!

— Não é maravilhosa? Quase tão grande quanto a maior borboleta do mundo. Veja só a envergadura das asas! Mais ou menos trinta centímetros. Não é incrível? E o que é melhor: eu a fiz. Tenho certeza de que é uma espécie absolutamente nova. Se não for nova, há de ser tão rara que praticamente ninguém a conhece, ou quase extinta. Quem sabe não faço mais algumas?

— Não! Isso é loucura! Não dá para fazer isso com o que você ainda tem de...

— Eu sei. — Deu um pulo e se levantou, com um giro, fazendo a saia rodar à sua volta. Estalou os dedos. — Mas não importa. A versão que a Esmeralda tinha de magia era soturna demais. Nada divertida. Era sempre uma sobrevivência árdua e a tentativa eterna de não roubar de ninguém... embora tenha roubado de mim! E isso

não a consumiu? O que quero é minha infância de volta. Quero a diversão da magia. Quero brincar.

— Nós brincamos o tempo todo. Sem magia.

— Pois é, nós brincamos, não brincamos? Quase sempre sem magia. E eu adorei, Razão. Adorei mesmo. Você é a coisa mais maravilhosa que fiz na vida. Não tenho palavras que expressem minha satisfação por ter feito você. Por ter lhe ensinado. Por termos passado tantos anos juntas. E vamos passar muitos mais. Eu amo você, Razão. Mais do que jamais amei qualquer outra pessoa.

Fiquei pensando se ela teria amado outra pessoa além de mim. Achava que não. Quando vivíamos juntas, Sarafina parecia capaz de qualquer coisa. Mas agora eu só enxergava seus limites. Percebi que ela só se conectava comigo. Eu sabia que a amava, mas o sentimento era remoto. Como a lembrança de um sentimento. E sabia que deveria ficar triste com a morte dela. O máximo que restou, porém, foi uma vaga sensação de culpa.

— Também amo você, Sarafina — falei.

— Não vou mais me preocupar com minha mãe — ela me contou. — Agora que consegui minha filha de volta. É uma maravilha ver você, Razão. Ótimo ver você de verdade. Nitidamente. Sem névoa. — Sarafina me abraçou novamente. Sempre me sentira segura ali; agora, não mais. — Mal posso esperar para voarmos juntas. Alexander me contou tudo. Que maravilha!

— Voarmos juntas?

— Isso. Depois que você me modificar para ficar igual a você.

Sarafina esticou a mão com a palma voltada para cima e sua borboleta pousou bem no meio. Ela soprou e o lindo ser desapareceu.

— Pronto! Isso é toda a minha magia, penso eu. Ah, sim... — Pôs-se de joelhos, com os olhos voltados para trás dentro das órbitas de forma que só pude ver a parte branca. Sussurrou: — É hora de me modificar.

Reunião

Jay-Tee acordou com o barulho de batidas à porta do andar de baixo. Desgrudou os olhos, pulou da cama e se vestiu. Passara horas a fio conversando com Tom antes de dormir. O dia já estava claro, mas silencioso. Devia ser cedo ainda. Estava tão cansada que quase caiu da escada. As batidas não paravam. Ela girou a maçaneta e abriu a porta.

— Que diabo você pensa...

Era Danny, segurando na mão um casaco de inverno. Ao seu lado havia uma mala grande.

— Oh, meu Deus! Danny!

O irmão de Jay-Tee deu-lhe um abraço imenso e girou-a no ar.

— Você ainda está viva! Graças a Deus! — Deu-lhe um beijo em cada uma das bochechas e depois a colocou no chão para poder vê-la melhor. — O que aconteceu com seu rosto? Quem lhe causou essa mancha roxa?

— O quê? Isso? Não. Não foi nada. Coisa da magia. Estou totalmente viva — Jay-Tee falou, incapaz de parar de sorrir. — Razão me curou.

— Foi? Como? Espere aí. Curou? Por que não me disse? Vim até aqui... Ela me fez pensar que você estava morrendo.

Jay-Tee o puxou para dentro da casa. Ele ergueu a mala do chão e deixou-se levar enquanto Jay-Tee fechava a porta.

— Nossa! Você está horrível — ela disse. Danny estava com olheiras profundas e o cabelo todo amassado.

— Obrigado. É no que dá tentar dormir numa cadeira projetada para pigmeus. Dois vôos para chegar aqui, Julieta! E um deles com mil horas de duração. — Danny girou os ombros e estalou o pescoço. — E aqui está fazendo um calorão. Já tinha esquecido essa coisa do verão. Enchi a mala de roupa de inverno.

Jay-Tee riu, embora ela mesma não soubesse dessa coisa de inverno-verão até a semana passada.

— Seu bobo! Vamos sentar na cozinha. Deixe o casaco e a mala aqui. Depois a gente dá um jeito. Venha cá. Mas que diabo você está fazendo aqui? Por que não ligou?

Danny puxou uma banqueta.

— Para lhe fazer uma surpresa. Achei que seria divertido.

— Quase me matou de susto.

— Achou ruim eu ter vindo?

— Não! É uma maravilha ver você. — E Danny não era mágico. Seria ótimo passar bons momentos com alguém que não fosse mágico, para variar. Talvez parasse de se sentir uma aberração.

— Caramba, que sede!

— Serve água? — Jay-Tee perguntou, abrindo a geladeira.

— Tem cerveja aí não?

— Danny, são 8h da manhã!

— Ih, é. Mas não parece mesmo. Algum refrigerante?

— Só água ou suco de laranja. Danny fez uma careta.

— Suco de laranja, então.

Ela serviu dois copos e entregou um a Danny.

— Curou como? — ele perguntou. Jay-Tee foi se sentar do outro lado da mesa.

— Eu estava morrendo. E agora não estou. Não tenho mais magia.

Danny ficou boquiaberto.

— Como? Estava pensando que essa merda continuava até você morrer.

Jay-Tee confirmou.

— Eu também. Mas Razão mudou as regras. Foi assim que me curou. Tirou toda a magia. Agora, sou igualzinha a você.

— Tirou sua magia? Você é igual a mim agora?

— Exatamente. Só que ainda sou uma porcaria no basquete.

— Que maravilha! — Ele esticou o braço por cima da mesa e apertou a mão dela. Jay-Tee tentou acreditar também que fosse. — Estou tão feliz por você. Por mim também.

Jay-Tee sorriu.

— Pois, estou viva. É muito melhor que estar morta — ela disse. — Uau, Danny, não consigo acreditar que você esteja aqui. Isso é ótimo.

— E não é mesmo? Quero dizer, apesar do vôo. Fiquei preso do lado de um sujeito que acompanha o basquete das escolas secundárias. Dá para acreditar? Ele me reconheceu. E tive de ficar aturando um papo sobre jogo profissional e sobre as coisas não serem mais como antigamente, ele dizendo que o basquete feminino hoje em dia é mais autêntico. Tive de fingir que estava com sono para o sujeito calar a boca. Não sei se vou conseguir voltar para Nova York. Não sei se tolero esse vôo novamente. — Danny soltou um bocejo, esfregou os olhos. — Se pudesse, cairia no sono agora mesmo. Então você não está mesmo morrendo?

— Juro sobre a cruz.

— Bem — ele disse — fico muito feliz. — E começou a se esticar todo,

primeiro os braços. — Puxa, estou todo doído. Esses aviões não foram projetados para gente da minha altura.

Jay-Tee tentou imaginar o irmão espremido numa cadeira para gente normal, sem conseguir cruzar as pernas, nem para um lado, nem para o outro. Impossível. Mas também jamais seria capaz de imaginar o irmão chorando, e lá estava ele sentado à sua frente com os olhos cheios de lágrimas. Danny apertou a mão dela novamente, como se não estivesse convencido de que era verdade. Esse não era o Danny com quem ela havia crescido.

— É tão bom.

— Pois não é?

— Não acredito que Razão tenha mentido para mim. Disse que você estava morrendo. Que já estava quase lá.

— Disse? Foi por isso que você veio correndo?

— Correndo? Quer dizer voando. — Ele fez uma careta. — Que nada! Eu já tinha feito a reserva. Por que ela mentiu?

— Não sei. Não faz sentido. — Não fazia mesmo. Razão não mentia. Era completamente avessa a mentiras. — Quando você esteve com ela?

— Ontem, acho.

Jay-Tee parou para pensar. Era sábado de manhã, agora.

— Sexta-feira? É isso?

— Sexta? Não. O vôo comeu a sexta-feira. Vou lhe contar uma coisa: que porcaria de vôo demorado! Razão apareceu por lá na quinta à tarde, quando eu estava esperando o carro. — Esticou o pescoço mais uma vez. — Cheguei a ficar com vontade de ser mágico para poder vir através daquela porta de vocês.

Jay-Tee se encolheu toda. Aquela porta pela qual jamais tornaria a passar. Balançou a cabeça. Quinta à tarde em Nova York aqui era o quê? Razão saberia. Jay-Tee tinha quase certeza de que já era sexta-feira. Então, Razão deveria saber que Jay-Tee estava bem. Ontem foi quando a salvou, e só foi para NYC depois.

— Não faz sentido. Ela sabia que eu não iria mais morrer.

— Ela estava meio esquisita. — Danny baixou a cabeça. — Foi meio estranho, sabe? Fiquei sem saber o que dizer.

— Sobre o quê? — Jay-Tee perguntou, e logo se deu conta. Razão deve ter contado sobre o bebê. E ele não aceitou bem, e foi por isso que ela não lhe contou sobre a cura. Estaria zangada demais. — Ah — disse —, aquilo!

— Então você sabe? — Danny perguntou. Jay-Tee confirmou.

— Todos sabemos. Danny soltou um palavrão.

— Não acredito que ela tenha soltado a língua para todos vocês.

— Bem, soltar a língua não soltou. Foi Mere, a avó dela.

— Contou para a avó! E eu achando que ela detestava a avó!

— Preste atenção, Danny — Jay-Tee falou no tom mais tranquilo que pôde. — Não vai causar problema nenhum para você. Sério. A Razão tem Mere e a mãe dela... Bem, de uma certa forma. Enfim, não vai precisar de nada seu. A avó está montada em dinheiro. Você não precisa ter nada com o bebê se não quiser. Ainda vai continuar jogando...

— Bebê?

— Hum... — Não era disso que ele estava falando. Ops!

— Bebê? Que bebê?

— Ela não lhe contou. — É sempre bom dizer o óbvio, ela pensou, falar logo abertamente.

— Está grávida? E o que isso tem a ver comigo? Jay-Tee ficou olhando para a boca aberta do irmão. Não conseguia acreditar que ele pudesse ser tão baixo.

— O bebê é seu. É isso que tem a ver com você.

— Ela disse isso? Mas não tem como ser meu. Nós dormimos juntos faz só uns diazinhos aí. Não teria como saber que está grávida.

— Magia.

— O quê?

— Ela sabe por causa da magia. Mere viu o bebê dentro dela.

— Meu Deus! — Danny passou a mão pelo cabelo. — Ah, não! Estou precisando de um bom banho. Ainda assim, não quer dizer necessariamente que seja meu.

— É seu.

— A avó dela conseguiu ver isso também?

— Hum-hum — Jay-Tee confirmou.

— Por causa da magia ?! — Ele revirou os olhos. — Claro. Por que perguntei? Pelo jeito, o bebê também vai ser cheio dessa merda de magia?

— Parece que sim. — Jay-Tee sentiu que as lágrimas estavam querendo vir novamente, pensando na sua própria mania perdida. Piscou para afastá-las.

— Ótimo! Então, vou ter um filho que morre antes de mim? Maravilhoso! Mas, espere aí: será que a Razão não consegue dar um jeito nisso? Ela deu um jeito em você, não deu?

— Sim — Jay-Tee foi falando devagar, mas não estava pensando no sobrinho ou sobrinha que iria nascer; estava pensando novamente em Tom. Em Razão desligar a magia de Tom. Em Tom não morrer cedo. Em Razão poder lhe dar uma vida normal, igual à de Jay-Tee, em que todas as preocupações se resumiam a coisas miúdas como o sujeito engravidar a melhor amiga da irmã.

— Quer dizer que vou ter um filho? — Danny deu a impressão de que iria chorar também. E não de felicidade desta vez. — Eu não posso ter um filho. — Levantou-se e começou a andar pela cozinha.

— Pois é, mas vai. — Novamente, o óbvio.

— Fu...

— Isso você já fez, Danny. Lembra? Não pire. O bebê não vai impedir que você se torne o rei da NBA, certo?

— Meu Deus! Jay-Tee, não dá para me contar que vou virar papai e esperar que eu não pire. Como é que você sabe que ela não vai vir atrás de mim? Poderia ser o fim de tudo. Baile de formatura. Entrada para a NBA.

— Danny, relaxe. Você só é o pai. Não vai ter de fazer nada. Os pais nunca fazem mesmo.

— Ei, o nosso fez. — Ele fez uma pausa. — Quero dizer, antes de enlouquecer e partir para cima de você e... Quer saber? Há um monte de pais legais por aí.

— Você não precisa ser um deles. Sério, Danny, pode até voltar para Nova York e nunca pôr os olhos no bebê.

Danny parou de andar de um lado para o outro e cravou o olhar em Jay-Tee.

— Que tipo de babaca incapaz você acha que eu sou? Minha própria irmã! Se for meu filho, meu filho, é claro, vou segurar a barra. Vou querer ver, com certeza. Conhecer. Ser o pai. Ai, meu Deus! Ser o pai. Vou ser papai. Caraca. Caraca! Sou jovem demais para ser pai.

— O papai tinha só 19 — Jay-Tee ressaltou. — Um ano só mais velho que você. E eles nem tinham dinheiro, praticamente nada. Você está montado na grana.

— Nós estamos montados. O dinheiro é seu também, Jay-Tee, lembra? O papai fez uma das magias lá dele e agora o dinheiro dá em árvore. Enfim, aquilo foi no passado. Antigamente, todo mundo tinha bebê enquanto ainda era bebê.

Jay-Tee riu.

— O quê? E ninguém com quem você foi à escola teve filhos até agora? Você frequentou a mesma escola que eu, não frequentou?

— Como você é insensível!

— Mas vou ajudar. Nós dois vamos ajudar com o bebê. — Caso o bebê não saísse tão medonhamente cheio de magia que Danny nem conseguisse olhar para ele, como Raul Cansino. O que significaria que ela também não conseguiria olhar para ele. — Você vai para Georgetown e vai ser o melhor armador da história deles lá. Aposto que existem outros astros do basquete que também tiveram filho. Na faculdade até.

Houve uma batidinha na janela; os dois se viraram e avistaram Tom.

Jay-Tee fez sinal para ele entrar. Ele passou pela janela e colocou os pés no soalho da cozinha, com os olhos arregalados.

— Uau, é o Danny! O que você está fazendo aqui?

Jay-Tee viu os dois se entreolhando e pensou em como iria contar para Danny que Tom era seu namorado.

Magia ou loucura?

Tom foi se sentar ao lado de Jay-Tee, olhando ainda fixamente para Danny.

— Então, hum — falou. — Que surpresa!

— Não é mesmo? — Jay-Tee disse, radiante. Tom sentiu uma pontadinha. Como é que ele não conseguia deixá-la tão feliz quanto o irmão? Ela não abriu um sorriso daquele quando Tom lhe mostrou o top de seda azul.

— Quando você chegou? — Tom perguntou.

— Acabei de chegar.

— Hã! Vão demorado, hein?

— Pois é — Danny concordou.

A campainha tocou e Tom deu praticamente um pulo para ir atender. Qualquer coisa para se afastar daquele sujeito que tinha engravidado Razão. Mas parou. Se atendesse a porta, não ficaria parecendo que morava ali, já que tinha passado a noite com Jay-Tee ainda ontem? Mesmo que só tivessem se beijado (de montão), o que Danny iria achar?

Jay-Tee se levantou.

— Podem deixar que eu atendo. — E saiu ligeiro. Tom não ficou muito feliz a sós com o Rei das Namoradinhas e dos Corações Partidos, cuja irmã era sua namorada secreta. E além do mais, Danny era muito mais alto do que Tom se lembrava.

— Vai ficar muito tempo? — perguntou.

— Ainda não sei.

— Certo — Tom falou, porque não achou uma boa idéia dizer para Danny que ele parecia muito cansado e que talvez fosse a hora para uma boa soneca. Tinha vindo ficar um pouco com Jay-Tee e retomar do ponto em que tinham parado. Nem pensar nisso tendo o irmão grandalhão por perto!

Danny ficou calado. Não era muito de conversa. Tom pensou no que Razão teria visto nele, além de ser alto, levemente bonito e usar roupas decentes. A camisa dele era feita de partes cortadas de três outras camisas com as costuras à mostra. Camisa tipo Frankenstein. Bem legal, para um sujeito obcecado por esporte.

— E aí, você também está curado? — Danny perguntou.

— Estou o quê ? — Tom ficou curioso para saber de que diabo ele estava

falando.

— Razão curou você da magia também? — Danny perguntou, como se estivesse perguntando se Tom tinha mandado tirar uma verruga ou algo parecido.

Tom ficou de queixo caído.

— De forma alguma! Para que ela iria fazer uma coisa dessas? Não estou morrendo.

— Mas vai, não vai? Razão falou que essa turma não vive muito.

Essa turma! O que quis dizer com “essa turma”?

— Esmeralda está com 45. Isso é mais que muito.

— Ela não está prestes a morrer? Quarenta e cinco não é tanta idade assim.

— Esmeralda não está prestes a morrer.

— Tanto faz. — Danny deu de ombros exatamente da mesma maneira que Jay-Tee fazia. — Mas Razão tinha a impressão de que seria sorte vocês viverem até os trinta.

— Razão falou isso? — Tom engoliu em seco. — Ainda assim, é muito tempo, ora. E aí, talvez, quem sabe ela possa me curar. Bem na horinha em que eu estiver prestes a morrer.

— Quem sabe?

— Isso se a Razão ainda estiver por aí para curar você — Jay-Tee interveio, entrando e se sentando ao lado de Tom novamente. Ele esticou a mão por baixo da mesa para dar-lhe um rápido apertão no joelho. Teve a nítida impressão de que Danny não percebeu.

— Quem era? — Tom perguntou.

— Mórmons.

— Existem por aqui também? — Danny perguntou. — É?

— Talvez Razão não viva tanto tempo — Jay-Tee continuou.

— É claro que vai viver — Tom discordou. — Agora que tem a supermagia-que-vive-para-sempre.

— Tem, sim, mas Esmeralda disse que está mudando tão rápido que talvez não fique entre nós muito mais tempo.

— Hã? Mas você acabou de dizer...

— Morrendo não, Tom, mudando. Tornando-se menos humana. Como o velhote esquisito. Lembra dele? Foi dali que veio a magia dela.

Na verdade, Tom não se lembrava de Raul Cansino. Estava no chão desmaiado quando o velhote veio passear em Sidney.

— Era uma aberração dos diabos, e agora Razão também está se transformando numa aberração. Quem sabe como ela vai estar quando tornarmos a vê-la? Nem pensar daqui a 15 anos quando sua magia estiver perto de se esgotar!

— Daqui a 25 anos!

— Isso faz diferença? — Danny perguntou. — Acho que minha irmã está dizendo que Razão não vai estar por perto para curá-lo quando você estiver com 30 anos e à beira da morte.

Jay-Tee concordou.

— Isso se ela voltar, que pode ser o caso.

— Espere aí — Tom falou. — Se Razão voltar?

— Provavelmente vai voltar — Jay-Tee procurou acalmá-lo. — Sabe, vai querer dizer adeus, não vai? E aí dá um jeito em você. Assim acabam-se as suas preocupações com a quantidade de magia que pode usar. Você não vai ter de morrer. Deixar de ter magia, Tom, não é tão ruim assim.

— Você não pode estar falando sério! — Tom não acreditou que ela realmente estivesse querendo isso. — Desligar minha magia? — Ficar sem magia? Por que alguém haveria de querer viver sem magia? — Eu gosto da minha magia, Jay-Tee. Fico feliz com ela. Além do que, não estou morrendo.

— Agora não está mesmo, não. Mas um dia vai estar.

Tom não soube o que dizer. Significava muito para Jay-Tee que ele fosse “salvo”, mas ele não queria isso. Nem a salvação do tipo religioso, menos ainda a do tipo que deixa a pessoa sem magia. Parar de fazer roupas? Parar de elaborar novos designs e concretizá-los? Parar de passar pela porta?

— Ela está certa, cara, e o seu futuro? Você pode até achar que chegar aos 30 ou 40 é um grande negócio. Mas não é. E se você tiver filhos? Vai morrer antes de virarem adultos. Foi o que aconteceu conosco, sabia? Somos órfãos agora. Eu mal me lembro da minha mãe.

Tom olhou firme para Danny. Nunca o tinha ouvido falar tanto. Não dava para deixar de achar que o conselho sobre formar família tenha sido um pouco demais, ainda mais que Danny acabava de engravidar uma menina de 15 anos. Mas seria difícil dizer isso depois que Danny mencionara a coisa da orfandade. Ele parecia tremendamente cansado. Por que não ia logo para a cama?

— Tom? — Jay-Tee falou. — Sei que não parece isso agora. Existem todas as coisas boas da magia, como dançar e correr e... — Ela parou de falar, com os olhos vermelhos. — Mas não é tão ruim assim. Você consegue viver...

Tom balançou a cabeça. Enxergava perfeitamente que Tee estava arrasada por ter perdido sua magia. Por que iria querer que ele sofresse também? Não fazia sentido.

— Vou conseguir viver com a magia.

— E tem sua mãe também. Quer que ela seja salva, não quer?

— Claro. — Tom e o pai tinham tentado tanto explicar que se usasse apenas um pouquinho de magia, não enlouqueceria. Mas ela não compreendeu. Continuou dizendo-lhes, aos berros, que estavam malucos. Quando Tom tentou convencê-la

demonstrando sua própria magia, ela perdeu as estribeiras de vez. Precisou ser contida pelo pessoal de Kalder

Park. E ainda reforçaram os medicamentos! Será que tirar-lhe a magia iria lhe trazer de volta a sanidade? Já estava louca fazia tanto tempo...

— Você tem sorte que seus pais ainda estejam vivos — Danny comentou.

— Você já disse isso — Tom respondeu. — Entendi. Danny lançou-lhe um olhar que o teria congelado na hora se tivesse vindo de Jay-Tee.

— Acho que não — disse. — Você deveria estar pensando neles, não em você mesmo. Como acha que vão se sentir sabendo que você vai morrer antes deles? Isso é duro.

— Sei não — Tom retrucou. — É quase tão duro quanto descobrir que sua filha de 15 anos está transando com um sujeito que acaba de conhecer. Sei lá como a mãe de Razão vai reagir a isso. Ué, você não é uns dez anos mais velho que ela?

— Tom! — Jay-Tee falou. — Ele só tem 18 anos. Danny corou e olhou para o chão.

— Você me pegou.

— Mas estamos falando de você, Tom, e da sua mãe. O Danny está certo. Se Razão a salvar, como ela vai se sentir sabendo que você não está salvo?

Tom resolveu não discutir se ter a magia desligada significava que a pessoa estava salva.

— Quero minha mãe de volta. Mas isso não significa que preciso parar de ser eu mesmo. Tenho sido bastante econômico. Do jeito que vou, chego aos 40.

— Não sei, não. Você já usou muito mais magia do que Mere tinha usado quando chegou à sua idade. Aposto que ela nunca quebrou os dedos de ninguém com magia.

— Você fez isso? — Danny falou, passando a fitá-lo com firmeza. — Isso é uma brutalidade.

— Só vendo para acreditar — Tom murmurou. — Entenda bem, Jay-Tee: antes de conhecer Esmeralda, eu praticamente não usava magia de forma alguma. Portanto, aos pouquinhos, estava começando a enlouquecer. Igual à minha mãe. Imagine só a quantidade de roupas impressionantes que vou poder fazer quando chegar aos 40. Pense só na carreira que tenho pela frente. Astros e estrelas do cinema vão usar minhas roupas...

— Duvido — Jay-Tee falou. — A maioria tem péssimo gosto.

Danny riu, e Tom sentiu uma vontade tremenda de dar-lhe um soco. Mas Danny era muito maior que ele. E tornou a pensar na reação que Danny teria se soubesse o que estava havendo entre ele e Jay-Tee. Talvez não devesse ter mencionado o fato de Razão estar grávida.

— Sabe o que quero dizer? Tudo que eu sempre quis na vida foi desenhar

roupas bonitas. Você está me dizendo para desistir disso. Danny, você é um ótimo basqueteiro, não é? Será que abriria mão disso para poder viver mais tempo?

— Jogador de basquete — Danny falou. — Não é “basqueteiro”.

— A pergunta não é justa — Jay-Tee falou. — Jogar basquete não implica viver uma vida curta.

— Na verdade — Danny falou —, o treinador na minha escola nos disse uma vez que a carreira de um jogador profissional lhe tira anos de vida.

— Está vendo? E você parou de querer ser basqueteiro?

— Jogador de basquete — Danny voltou a corrigir. — E não; mas não é a mesma coisa. Vários jogadores chegam aos 70, 80 anos de idade. Não é uma coisa certa. Só que você vai morrer antes de chegar aos 40, isso é fato.

— E você não desiste. Está vendo, Jay-Tee? Você não pediria nada disso para ele, pediria? Mas está pedindo que eu desista de uma coisa que é igualmente importante para mim. Sem minha magia, sem as roupas que faço...

— Você ainda vai continuar podendo fazer. Não é por causa da magia que você faz o que faz. É por você mesmo. Eu ainda consigo correr rápido.

— E ainda consegue dançar, só que não é mais a mesma coisa, é? — Tom insistiu.

Ela se retraiu toda.

— A magia é como eu enxergo as formas, como junto os fios, como as idéias se formam, se concretizam. Minha magia entra em cada fio do tecido. Sem ela, posso até conseguir desenhar as roupas, mas não vai haver nada especial nelas. Serão completamente medi. Eu serei completamente medi.

— Medi?

— Mediocre. Mediano. Sem viço. Nada especial. Comum.

— Não. Não vai ser, não, Tom. A magia não é a única coisa legal em você...

— Como é que você sabe? Você não me conhece sem magia. A magia é o que eu sou. Sem ela, não serei nada. Daria no mesmo se estivesse morto.

— Eu não tenho mais magia. É isso que você acha que sou? — ela gritou, com o rosto corando. — Nada? Acha que deveria estar morta?

— Ei, Julieta! — Danny falou. — Poderia ser exatamente isso que ele quis dizer.

Tom empalideceu. Jay-Tee também.

É claro que não foi o que ele quis dizer. Não a conhecia há muito tempo, mas já não conseguia imaginar a vida sem ela. Como Jay-Tee poderia pensar que ele a queria morta?

— Não! — esbravejou. — É claro que não, Jay-Tee. Você não precisa de magia porque já é especial. É tão incrível sem quanto era com. Eu não. Eu preciso da magia.

— Você só acha que precisa, Tom. Mas não precisa. Ninguém precisa. Dá para viver sem magia. Eu estou vivendo, — A voz embargou e ela deu várias piscadelas.

Tom não falou nada. Não soube o que dizer.

Danny estava olhando para ele; então, virou-se para Jay-Tee:

— Vocês dois estão ficando, não estão?

Borboletas

Sarafina praticamente se deitara no passeio, o braço esquerdo esticado por cima das samambaias, as pontas dos dedos dentro do riacho. Uma palma caída na água esbarrou num deles, agitada pelas minúsculas ondulações, e desceu levada pela correnteza.

Fechei os olhos, e a calma retornou. As luzes de minha mãe se esvaíam. Seria tão fácil continuar assim, deixar o mundo para trás, deixar que Sarafina morresse. Meu lugar não era com ela, nem com ninguém mais. Meu lugar era o espaço Cansino.

Tornei a abri-los para a forte luminosidade do sol, já alto, que projetava sombras nítidas. As samambaias vicejavam de verde; a cor se refletia na pele de minha mãe à medida que ela ia empalidecendo. Uma borboleta pousou numa pedra perto de sua cabeça, com as asas brancas destacando-se vividamente sobre o cinza. Mas seu corpo estava tão estático quanto o de Sarafina.

Uma das mulheres que me oferecera chá correu pelo caminho em nossa direção. Gritou, debruçando-se sobre minha mãe, tentando fazê-la respirar. O cabelo preto da mulher era curto, cortado bem rente. Ela soprou com força na boca de Sarafina e deu-lhe socos no peito.

Consegui deixá-la continuar com seus esforços, embora infrutíferos. Consegui deixar Sarafina ir embora. Seus vestígios foram minguando nos cantos dos meus olhos.

De repente, um estupor me tomou o corpo inteiro, um horror súbito de mim mesma diante do que estava me tornando. Sarafina era minha mãe, por mais mentiras que tivesse me contado.

Afastei a mulher dali. Ela gritou, tentando retomar a posição com as mãos sobre a caixa torácica de minha mãe. Fui buscar a magia dentro dela, congelei-a com ela, e fechei os olhos, esticando os dedos, afinando-os e afilando-os, cortando minha mãe para chegar às suas entranhas.

Comecei a remendar a seqüência esfacelada de Sarafina, mas ela já estava bastante desgastada, havia perdido números em demasia. Mas fora assim que desligara a magia de Jay-Tee. Sarafina não queria morrer; queria ser como eu.

Retirei as mãos de dentro dela, voltei para a sombra, a luz e o movimento do ar.

A mulher estava ali, ajoelhada, olhando-me fixamente, incapaz de se mexer.

— Você estava atrapalhando — disse-lhe, embora ela provavelmente não falasse inglês. — Eu a estou salvando.

Desde que me lembro, Sarafina detestava tanto a magia que negava sua existência. Mas, de algum jeito, Jason Blake conseguiu fazer com que passasse a gostar. Como eu poderia lhe dar o que ela queria?

De repente, lembrei-me dos golems de Raul Cansino. Antes de me modificar por completo, ele me deu partes de si mesmo.

Mas Sarafina estava tão esmaecida agora que eu mal podia vê-la.

Olhei para minhas mãos, apurei a visão de forma a enxergar além da pele, da carne e dos ossos; concentrei-me em tirar magia de dentro de mim. Ácidos começaram a se mexer lá no fundo, ardendo, vindo para a superfície. Minha matéria começou a borbulhar por baixo das minhas unhas, chamuscando-as.

Tinha a mesma cor da minha nova pele. Esfreguei-a nos pés de Sarafina, fiquei vendo-a desaparecer dentro dela. Começou a sair sangue dos meus dedos, depois parou e secou, desaparecendo, como se a pele não tivesse sido aberta.

Durante um prolongado instante, Sarafina não se mexeu.

De repente, arfou, tossiu, inalou um pouco de ar e depois expeliu.

Liberei a mulher. Ela arregalou os olhos para mim e disse algo que não entendi.

Sarafina tremeu. Seus olhos se abriram.

— Razão — disse —, ainda sou eu mesma?

— É, sim. — respondi.

Ela tremeu novamente, dos ombros à ponta dos dedos dos pés.

— Você está bem — disse-lhe, embora não soubesse se aquilo era verdade.

A mulher ficou nos olhando. Disse algo para Sarafina, o que me pareceu ser uma pergunta. Dei de ombros.

— Desculpe. Não entendo. — Segurei a mão de Sarafina; sua pele estava recoberta por minúsculas gotículas de sangue. — Como está se sentindo?

— Parou de doer — Sarafina disse. — Parei de ser tão fina. A mulher fez uma reverência com a cabeça, se levantou e se afastou. Três outras mulheres nos olhavam lá do canto do jardim. Usavam todas o mesmo tipo de roupas: blusas de manga curta e saias compridas. Uma tinha nas mãos uma jarra de água; as demais, toalhas.

Será que nunca tinham visto algo tão estranho assim antes? Afinal de contas, era a casa de Jason Blake.

A mulher de cabelo curto pegou a jarra de água e uma caneca de madeira das outras e colocou ao lado de minha mãe; em seguida, ajudou-a a sentar-se. Encheu a caneca de água, levou-a até sua boca. Sarafina tomou um gole pequeno, depois um maior.

— Sede — Sarafina disse enquanto a mulher já lhe servia mais, e bebeu tudo. Sorriu para mim, pegou a caneca da mão da mulher e serviu-se de um pouco mais, ela mesma desta vez. — Chega a ser doce!

A cor voltava à sua pele. Parecia tão saudável que eu estremeci outra vez, lembrando-me de que quase a deixara morrer.

Ela bebeu toda a água da caneca e a colocou no chão, cruzando as pernas e esfregando as mãos na saia. Fez um sinal com a cabeça para a mulher, que lhe deu um sorriso e se afastou, desaparecendo com as outras no interior da casa.

— São muito gentis — Sarafina falou baixinho, virando a palma da mão para cima. Apareceu outra de suas enormes borboletas, vermelha e verde e dourada. As asas tremelicavam. Ela se virou e olhou para mim. — Agora sou como você?

Achei que não. Eu não precisava de água, não sentia sede. Ela estava igual a Esmeralda e a Jason Blake, com apenas uma pequena dose da magia Cansino.

Mas estava viva, e novamente sã.

Consegui resgatar minha mãe.

Ganância

Sarafina se levantou e deu vários passos para longe de mim. O sol batendo-lhe no rosto estava tão forte que quase embranquecia seus traços.

Olhei para minhas mãos. Ainda formigava no local por onde fiz passar a magia. Consegui: deixei minha mãe inteira.

O mundo agora seria nosso, como sempre planejáramos. E não seria preciso dinheiro nem passaportes; tínhamos tudo de que precisávamos dentro das células de nossos corpos.

Foi essa a verdadeira dádiva que Raul Cansino me deu.

— Acho que não é o suficiente — Sarafina falou. Levantei o rosto e olhei para ela. Suas sobrancelhas se aproximaram e sua boca se enrijecera, dando ao olhar que lançou para mim um aspecto ferrenho. Nunca a vira olhar desse jeito antes, nem quando estava louca.

— O que quer dizer?

Ela deu mais um passo para longe de mim e abriu os braços com as palmas das mãos levantadas, os dedos espalhados, apontando para mim. O ar entre nós tremelicou. Minha pele ardeu.

— O que está fazendo?

Sarafina não disse nada, mas seu olhar permaneceu grudado em mim.

Então, senti algo passar através de mim, um filete de ácido queimando minha pele ao sair para o ar, entrando em Sarafina. E pude ver também: traças banhadas de dourado pela luz do dia, como se fossem lascas arrancadas do próprio sol.

— O que está fazendo? — tornei a perguntar.

— Dando um toque para melhorar.

— Melhorar? — aproximei-me um passo; ela deu outro para longe de mim. Suas mãos brilhavam, mas não tanto quanto as minhas. — Melhorar o quê?

— Está vendo? — ela disse, voltando os olhos para as partículas que fluíam de mim. — Estão dançando! Meu pai disse que dançariam. — Sarafina sorriu, mas a expressão contrita e intensa em seu rosto não mudou.

— Jason Blake? — perguntei. — Ele disse para você fazer isso? — Senti uma tontura. Dei mais um passo na direção dela e cambaleei, agarrando-me a uma das samambaias para não cair.

Sarafina riu.

— Assim é melhor. O mundo está ficando maior.

— E vai ficar ainda maior — Jason Blake falou, saindo dos ermos sombrios da casa e chegando ao radiante jardim. Colocou uns óculos de sol pretos, ocultando seus olhos, mas a expressão em seu rosto era igual à de Sarafina. Enquanto os dois me olhavam fixamente, eu tinha a impressão de que outra pessoa acionava seus músculos por baixo da pele.

Ele caminhou na direção de Sarafina.

— Posso ajudá-la? — disse, colocando a mão no ombro dela. — Pode puxar com mais força agora.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

As partículas saíam mais rapidamente de mim agora. Senti as paredes das células começando a afinar e, em seguida, se romper. Voltei meu olhar para dentro de mim mesma e afinal enxerguei a sequência de números de que era feita. Como a de minha mãe instantes atrás, estava se desintegrando: Fib (55), 139.583.862.445; Fib (37), 24.157.817; Fib (13), 233. Meus Fibs estavam se dissolvendo. Eu estava ficando mais leve.

Sarafina me amava. Por que estaria fazendo isso comigo?

Abri os olhos, virei-me para ela.

— Você está me machucando.

— Mas passa logo. Alexander garantiu.

— Garanti sim. — Meu avô não olhou para mim: seus olhos estavam grudados na magia que fluía para minha mãe. Percebi então uma única traça voejando no espaço entre eles, dela para ele.

— Está doendo, Sarafina. Pare com isso. — Todas as mudanças que a magia de Raul operara em mim estavam se desfazendo. A pele da minha cabeça estava coçando. Meu estômago se contraiu, transformando-se numa bola dura. Saltaram lágrimas dos meus olhos. Quando foi a última vez que chorei?

— Daqui a pouco, querida — ela disse, mas sem olhar para mim.

— Não — falei. — Você não pode fazer isso! — As traças revoavam qual fizeram as de Raul Cansino no cemitério, quando ele estava morrendo, mas agora saíam de mim e flutuavam para minha mãe e Jason Blake. — Pare!

Os dois permaneceram calados. Continuaram arrancando minha magia, dilacerando-me. Estavam parados bem pertinho um do outro agora. Ombro a ombro, pai e filha. D rosto impávido feito o de bonecos.

Engoli em seco, e fiz toda força possível para retroagir. Mas, à medida que minha magia se esvaía de mim, minha humanidade voltava com grande ímpeto. Dor. Emoções. Meu amor por Sarafina. Como podia estar fazendo aquilo comigo?

— Você está me matando.

Caí de joelhos com força no chão. Somente a magia de Tom na minha calça evitou que eu me machucasse.

— Sarafina!

Sua cabeça pendeu para o lado como se escutasse música. Jason Blake deve ter ouvido a mesma coisa. A expressão em seus rostos ainda era idêntica.

Mas eles não estavam me escutando.

— Você está matando a mim e ao meu bebê. Glória ou Brilho ou Beleza ou Fibonacci. Se não parar com isso, Sarafina, esse bebê nem vai chegar a nascer. Você não vai poder lhe dar um nome. Sarafina! — À medida que a magia foi saindo de mim, pude enxergar com mais clareza, sentir com mais clareza. Eu amava meu filho. Amava minha mãe. Como ela estava sendo capaz de fazer aquilo?

Sarafina cambaleou. Jason Blake ajudou-a a se firmar. Será que ela afinal me ouviu?

— Ataque de volta — alguém disse ao meu lado, abraçando-me pela cintura para evitar que eu caísse. — Puxe de volta para você.

— Veja — Jason Blake disse para Sarafina. — Sua mãe veio para ajudar sua filha. Eu lhe disse que Esmeralda era dona dela agora.

— Esmeralda? — perguntei. — De onde você veio? — O mundo, tanto o Cansino quanto o real, estava saindo de loco à minha volta.

— Puxe, Razão, puxe — Esmeralda mandou. — Vou lhe emprestar toda a força que tenho. Não a desperdice.

— Ele quer ser igual a mim. — Ele tinha dito que queria ser igual a mim, disse que eu era magnífica, uma extraordinária criatura dourada.

— É claro que quer. Todos queremos. Mas você não pode deixar. Lute com ele, Razão.

Lutar, pensei, observando as partículas de magia flutuando de mim para Sarafina e dela para Jason Blake.

— Ele a está usando, Sarafina — Esmeralda lhe falou. — E vai matá-la assim como vai matar Razão. Você não precisa ajudá-lo.

Sarafina não escutou; estava arrebatada no transe das partículas flutuantes da minha magia, vendo-a transformar-se em sua magia e, em seguida, na magia de Jason Blake. Estava ocupada demais em me matar para escutar sua mãe.

Barriga da fera

Pude sentir a magia de Esmeralda dentro de mim, fortalecendo-me um pouco, diminuindo a tontura o suficiente para conseguir me concentrar novamente.

— Lute — Esmeralda sussurrou ao meu ouvido.

Estiquei as mãos, puxei o mais que pude e só consegui abrandar o fluxo, mas não revertê-lo.

Olhei para o rosto de minha mãe, depois para o de Jason Blake. Ambos estáticos. Famintos. Idênticos. Não me enxergavam, apenas a magia que tiravam de mim. Fraquejei. Subitamente, a magia voltou a sair de mim aos borbotões.

— Não pare. Você não pode parar. — A voz de Esmeralda se tensionou.

Puxei, com força ainda. Por que Sarafina estaria fazendo aquilo comigo? Sempre detestou a magia, me alertou a vida inteira para não usá-la. O que meu avô teria feito com ela?

— Sarafina! — Esmeralda chamou. — Por que está matando sua filha?

Minha magia ainda estava sendo sugada de mim. Mais devagar agora; porém, ainda doía. Se eu conseguisse minha magia de volta, a dor passaria.

Sarafina e Jason Blake não estavam sentindo dor nenhuma.

Foi quando me dei conta.

Santiago David Cuervo me falou de tornar-se mágico o tempo todo. Falou-me da paz que havia nisso. Não havia dor. Sua avó tinha visto isso acontecer. Agora minha mãe e meu avô estavam se tornando magia com o que arrancavam de mim. Eu não os combatia ali; combatia a magia.

Por isso tinham o mesmo aspecto. Seus rostos estavam distorcidos pela mesma fome.

Era isso a magia no final das contas: ganância. Os dois ostentavam a verdadeira cara da magia.

Ela consumira todos os meus antepassados, voltara-os uns contra os outros. Assim como Sarafina estava tentando me consumir agora.

— Lute, Razão! — Esmeralda gritou, despejando ainda mais magia sua em mim.

— Pare com isso, Sarafina. Pare. Você a está matando.

Porém minha mãe não estava apenas me matando, estava me fazendo ver. Com a magia pulsando dentro de mim, eu ficara cega. Mas agora via que o mundo Cansino,

o espaço real conforme Jason Blake o chamava, era a barriga da fera. Era o centro de tudo, de onde vinha a magia. Magia que era tão sedutora, tão arrebatadoramente maravilhosa que, por ela, você entregaria a própria vida, inclusive a da sua filha. A magia tinha um apelo para mim, para todos nós: abandone todo o resto, torne-se parte da magia, seja filha da magia.

As pessoas mágicas não dominavam a magia; a magia as dominava. Todas elas, exceto aquela que fosse escolhida filha da magia. No caso, todos menos Raul Cansino. E agora eu, e em breve Jason Blake. A menos que eu mantivesse a minha.

Não só para mim, mas para o meu bebê também. Se eu morresse, ele também morreria.

Puxei com mais força, então, tentando arrancá-la de volta para mim. Eu a queria, mesmo sabendo o que ela fazia. Sabendo que me impedia de ver, cegava os sentimentos de amor e ódio e raiva. Ainda assim, eu a queria.

Sarafina estava certa. Sempre estive: a magia era um erro. Disse-me inúmeras vezes que a crença de minha avó na magia a tornara maléfica. Sarafina sempre detestou todo e qualquer sinal de magia, sequer me deixava ler O Pudim Mágico. Eu achava que ela era maluca, quando só estava tentando manter a fera fora de nossas vidas. Não deixe que ela a encante, dizia. Mas, na verdade, o que estava dizendo era: Não deixe que a magia a encante.

Sarafina me treinou a vida inteira para resistir à tentação. Foi por isso que me deu um nome com o significado da razão, para que eu pudesse combater a magia. Para isso fui criada. Se tivesse sido criada na casa de Esmeralda, como poderia resistir?

Sarafina estava certa: havia coisas piores que a loucura. Isto, por exemplo: travar um combate de morte com minha mãe e meu avô. Entretanto, minha mãe não era o inimigo, tampouco Esmeralda, ou ainda Jason Blake. A magia sim, trabalhando através deles, tornando-os monstruosos.

— Você estava certa, Sarafina. Certa em tudo. Sinto muito não ter entendido — falei mais alto, tentando romper a força que a detinha. — Lembre-se do Le Roi. Você se recorda do que a magia a levou a fazer com ele? Do que a Esmeralda a levou a fazer? Lembre-se do seu gato, Sarafina.

— Isso — Esmeralda disse. — Continue falando.

Sarafina cambaleou, piscou.

— Le Roi? — Mas suas mãos ainda estavam esticadas.

— Seu gato, Sarafina — falei. — A magia a levou a trazê-lo de volta à vida. Você se lembra? A Esmeralda a fez cortar a garganta dele.

— Não foi bem desse jeito — Esmeralda murmurou. Sarafina levou a mão à própria garganta.

— Magia, Sarafina, que você detesta. Lembra? E tem toda razão. É o inimigo,

Sarafina. Ela nos consome. Abra mão dela.

— Então, por que você a quer tanto, Razão? — Blake perguntou. — Por que a Esmeralda a quer tanto? Você sabe que ela só vai tirá-la de você. Já lhe cravou suas garras. Mesmo que pegue sua magia de volta, você não vai conseguir ficar com ela. — Começara a suar e suas roupas estavam ficando molhadas; os pingos escorriam-lhe pelo queixo.

Olhei para Sarafina, desejando que parasse, desejando que olhasse para mim, ainda usando a magia de Esmeralda para interromper o desaparecimento da minha.

— Vou dar um jeito nisso, Sarafina. Vou desligar sua magia, exatamente como você sempre quis.

Ela me olhou, ainda puxando a magia, mas a expressão de ganância já havia desaparecido de seu rosto.

— Le Roi — ela tornou a dizer. — No canto sudoeste do porão. — Seus olhos, grudados num ponto além de mim, estavam de alguma forma vazios. Era o aspecto que Sarafina tinha quando estava em Kalder Park.

— A magia é o mal. Você sempre soube disso. Sarafina mexeu a cabeça; não consegui distinguir se foi um movimento afirmativo ou negativo.

— Le Roi não era do mal — ela disse, diminuindo a atividade das mãos. — Não até morrer. E isso foi culpa minha. Não deveria ter feito... Eu deveria ter aceitado... — A força que estava exercendo sobre minha magia diminuiu.

— Isso mesmo, Sarafina. Mas agora está tudo bem — Esmeralda falou. — Está tudo bem. Basta parar agora. — Ela baixou o tom de voz. — Puxe com mais força agora. Ela está enfraquecendo.

— Não dê ouvidos a elas, Sarafina — Jason Blake ordenou. — É Esmeralda que está falando. Sua mãe está mentindo para você novamente, roubando-a novamente.

— Não está, não — falei. — Desta vez, não. Não era sua mãe que lhe fazia mal. Era a magia. A magia é o que nos come vivos. Você tinha razão, me disse que eu não confiasse nela, mandou que ficasse longe dela. Você estava certa; eu estava errada. Fiquei achando que você tinha mentido para mim, mas, não; nunca mentiu.

— Eu nunca menti para você — ela disse, olhando-me nos olhos, baixando as mãos.

Jason Blake agarrou suas mãos e jogou-as para cima.

— Você não pode parar. Elas vão roubar tudo.

Ela se livrou dele e se afastou, dando alguns passos incertos na direção do riacho. Puxei com mais força ainda, trazendo de volta o máximo que pude. Esmeralda puxou junto. Eu não podia deixar que meu avô ficasse com ela. Senti que voltava a me turvar os pensamentos, preenchendo-me com a necessidade de tê-la. Imaginei que minha expressão também estivesse mudando. Já estaria com a cara da

magia estampada no rosto?

Jason Blake soltou um grito. Sarafina ficou confusa.

— Razão — disse ela, mas não pude perceber se era uma pergunta ou uma afirmação. As expressões se dissolveram em seu rosto; ela ficou parecendo um bebê. As mãos caíram, estendidas ao longo do corpo.

Jason Blake deu um salto na minha direção, como se pudesse agarrar a magia Cansino e tirá-la de mim com as mãos. Dei um giro para escapulir, puxando ainda mais magia de Sarafina, dele, do ar à nossa volta. Queria o que me pertencia.

Queria tudo.

Esmeralda saltou à minha frente. Blake acertou-lhe um soco na cara. O impacto a fez cambalear, mas ela manteve os pés firmes no chão, erguendo as mãos, mantendo o próprio corpo entre mim e meu avô.

Eu estava ficando mais forte.

Sarafina deixou-se cair no chão, trêmula.

Blake tentou investir para ultrapassar Esmeralda. Dei um passo para trás, tropeçando nas samambaias. Meu pé esquerdo foi parar no riacho, assustando uma enorme carpa colorida. Tirei o pé dali e corri para o lado de Sarafina.

— Você está bem?

Ela confirmou com um gesto apenas, olhando para as próprias mãos.

— O que eu estava fazendo?

— Ainda tem a magia que lhe dei — eu disse. — Você me ajuda?

Sarafina se aprumou, ainda sentada no chão. Confirmou novamente com a cabeça.

— Mas você vai desligar depois, como prometeu?

Jason Blake jogou Esmeralda para o lado. Virei-me para ele. Minha magia estava de volta, bem forte. Senti seu clamor por tudo que ele havia roubado.

Para mim. É minha.

Eu estava disposta a lutar com ele até vê-lo destruído. Desde que o conheci, vi que era um homem mau, e agora iria retirar dele toda a magia Cansino.

— Não — Sarafina falou, pouco mais alto que um sussurro. — Fuja.

— O quê? — Todas as células do meu corpo estavam a postos, prontas para destroçar as dele.

Balancei a cabeça, como se isso fosse clarear meus pensamentos. Jason Blake estava parado à minha frente, com os dentes à mostra, convocando sua própria magia.

— Corra — Sarafina falou. — Como lhe ensinei: fuja. Fugir? E por que deveria? Era mais forte que ele agora. E tinha certeza disso. Mas todas as lições de Sarafina me vieram à mente: procure sempre a rota de fuga; mantenha sempre a mala pronta, para quando for a hora certa de escapulir. De fugir eu entendia bastante.

Seria mais simples lutar com ele ou fugir? O que a magia queria que eu fizesse? Que ficasse. Que drenasse até a última gota dele. Estiquei os braços, tornando-os finos como fios.

— Não! — Esmeralda gritou. Ela correu para Sarafina e ofereceu-lhe a mão. Minha mãe hesitou, mas acabou pegando. — Não lute com ele.

— Pelo que está esperando? — Jason Blake perguntou. Não seria capaz de ganhar, mas a ganância era tanta que não o demovia da idéia de tentar.

Esmeralda puxou Sarafina para perto de mim. Colocou a mão no meu ombro. Sarafina segurou o outro.

— Você não consegue lutar contra nós três, Alexander.

— Eu não vou lutar contra ele — falei. — Vou destruí-lo. — Não estava sentindo raiva alguma. Era só o que a magia queria.

Comecei a drená-lo.

Jason Blake empalideceu, deu um passo para trás. Arranquei mais magia dele, tudo o que havia tirado e mais.

— Você pode nos levar de volta para Sidney? — Esmeralda perguntou.

Franzi o cenho. No canto do meu campo de visão estava a porta dos fundos da casa de Esmeralda, com todas as suas 610 luzes. Eu podia ir até lá. Podia levá-las comigo.

Mas isso significava viajar através da fera, e ela já estava forte demais dentro de mim. Toda minha dor já se fora. Meu amor por Sarafina também; eu apenas me lembrava dessas coisas. Saltar bem dentro da barriga da fera, na terra da magia, luzes e números; por que tornaria a sair?

Claro, se ficasse aqui e drenasse Jason Blake até ele secar, acabaria de alguma forma diferente?

— Pode?

Confirmei com um aceno da cabeça.

— Segurem-se em mim, firme.

Concentrei-me na porta. Eram 9.290 km de distância, Sarafina já tinha dito, mas parecia perto, e familiar. Dei um passo para o ar, segurando Sarafina e Esmeralda com firmeza. De repente, alguma coisa aguda e dura me cortou... Jason Blake tentava me agarrar com toda sua força uma última vez.

Ignorei-o, dei mais um passo através do espaço em direção à casa de minha avó.

A magia fluiu através de mim, levando-me novamente. Mais do que eu já tinha sentido antes.

Esforcei-me para manter a mente clara. A magia não era boa, lembrei-me disso, mas a sensação era soberba, passando cidades, florestas, mares. Os azuis, os verdes, os marrons, os roxos do mundo se misturavam num pretume que ficava para trás a cada passada minha. Sarafina e Esmeralda estavam pequenas e frágeis como

borboletas, como se eu fosse mãe delas.

Poderia soltá-las. Se fechasse meus olhos e mergulhasse ainda mais fundo no mundo Cansino, elas cairiam. Seria rápido. Jamais precisaria me preocupar com elas ou qualquer outra pessoa novamente. Estaria livre para ficar no mundo de Raul Cansino eternamente.

As luzes da porta foram se aproximando.

A magia é o inimigo, lembrei-me. Vinha matando minha família, geração após geração.

A sensação era maravilhosa, melhor que o fim de uma seca, a primeira chuvarada transformando a poeira em lama, lavando-me o rosto; melhor que manga escorrendo pela boca e pelas mãos. Melhor que a loucura.

A magia é o inimigo, cantarolei.

Sarafina me criou para rejeitar a magia. E estava certa Ela se alimentava de nós, de todos nós.

Estava errada. A magia era linda. Nos cantos dos meus olhos, desenrolava-se, mais pura do que eu já tinha visto. Eu a queria. Precisava dela.

O mal. O inimigo. Eu não queria ser humana?

Logo adiante, tremeluzia a porta entre Sidney e Nova York. Uma porta feita com a magia Cansino. Fui ao seu encontro, senti o reconhecimento entre iguais.

Quando chegamos à cozinha de Esmeralda, Sarafina escorregou dos meus braços e caiu no chão.

Tom, Jay-Tee e Danny estavam olhando para nós. Danny?

— Jason Blake! — Jay-Tee gritou.

Virei-me. Meu avô estava logo atrás de mim.

Cozinha cheia

— *Mas que diabos!* — *Tom falou.* Ali na cozinha estavam Esmeralda, Jason Blake, Razão totalmente sem cabelos e com a pele dourada reluzindo, e uma mulher que Tom percebeu só poder ser a mãe de Razão. O ar estalou; os pêlos no braço de Tom se arrepiaram.

Jason Blake levantou a mão e as pernas de Tom se dobraram como se ele tivesse levado um chute por trás dos joelhos. Ele caiu, soltando um grito. Viu Jay-Tee caindo também, e até Mere cambaleando por causa dos diamantes enregelados que saíam dos dedos de Jason Blake.

— Deixe-as em paz — Danny partiu para cima e deu um soco tão forte em Jason Blake que ele chegou a girar, indo espatifar-se em cima dos armários da cozinha. Os pratos lá dentro quase se quebraram com o choque. — Eu não tenho magia, meu amigo.

— Ora, eu me lembro — disse Jason Blake, esfregando a boca.

— Se você vier com mais uma das suas — Esmeralda falou —, este jovem o derrubará novamente ou Razão o drenará até o fim.

Blake ergueu as mãos.

— Nenhuma das duas alternativas será necessária.

— De onde vocês vieram? — Jay-Tee perguntou. — A porta nem abriu.

Razão não falou nada. Tom ficou pensando se ela ainda conseguiria falar; tudo que Jay-Tee dissera a seu respeito estava certíssimo. Razão parecia um alienígena. Não tinha cabelo nenhum na cabeça, nem cílios ou sobrancelhas. E estava totalmente dourada: a pele, as unhas, os dentes. Até a calça verde que lhe fizera exibia um brilho metálico.

Tom buscou a mão de Jay-Tee e apertou-a com força, mas manteve o olhar em Razão. Ela estava tão dourada!

— Não viemos pela porta — disse a mulher. — Viemos de Bancoc.

— Bancoc? — Jay-Tee perguntou. — Você é a mãe de Razão?

— É, sou Sarafina. Razão me salvou.

Razão deu um passo na direção de Tom e ele viu que os olhos dela não eram humanos. Estavam como se tivessem sido retirados e substituídos por uma bola de ouro. As íris estavam totalmente regulares, como as de uma boneca: não havia

linhas, nem variações de cor.

Tom percebeu que estava se encolhendo, afastando-se dela. Ficara assustado demais para se levantar.

Não era mais Razão. Estava maior e mais dourada; só de olhar para ela, ele se sentia esquisito.

— Razão... — começou a falar, desistindo no meio do caminho, sem saber ao certo o que dizer. Era como se estivesse tentando puxar conversa com um tigre selvagem das longínquas ilhas de Bornéu.

Sarafina pegou uma banqueta e se sentou pesadamente, observando tudo à sua volta com os olhos arregalados, como se fosse o momento da ação num filme a que estivesse assistindo.

— Você está bem, Razão? — Jay-Tee perguntou. Razão não disse nada. Deu um passo na direção de Tom.

— Melhor tomar cuidado — Jason Blake falou. — Ela está faminta.

Tom sentiu vontade de que Danny lhe acertasse outro soco.

— Não há muito tempo — Razão afinal falou.

Tom se assustou de ouvi-la falar com seu jeito de sempre. Não sabia ao certo o que esperar.

— Tempo para quê? — perguntou.

Ela se curvou um pouco e olhou para ele, tão de perto que deu para ver sua pele lisa demais, como as das fotografias retocadas nas revistas de moda: sem pêlos, sem poros.

— Razão? — disse. Os músculos de sua garganta e boca estavam retesados.

Ela se aproximou um pouco mais.

— Preciso desligar sua magia.

— Não — Tom falou. — De jeito nenhum.

— Magia é do mal, Tom. Nossa inimiga. E vai matá-lo.

— Eu sei. Bem, não sei dessa parte do mal. — Achou que talvez o ouro tivesse comido parte do cérebro dela. A única coisa que parecia ser do mal agora era ela própria. A expressão dourada parecia faminta mesmo, como se Razão estivesse prestes a fazer dele um lanche. Deu-se conta de que sequer a ouvia respirar. — Gosto do jeito que sou, Razão. Quero ficar assim.

— É sua única chance, Tom. Ou eu o modifico agora ou você fica desse jeito.

— Tudo bem — Tom disse, dando um passo para longo dela. — Prefiro ficar do jeito que estou.

— O que quer dizer com única chance? — Jay-Tee perguntou.

Mas Razão apenas olhava atentamente para Tom, como se estivesse tentando achar a melhor forma de acertar-lhe um gancho.

— E a minha mãe? — Tom perguntou, com a voz trêmula. — Dá para modificá-

la também?

— Dá, sim. Consigo acabar com a loucura dela.

— Então, faça isso, Razão, por favor. — Tom engoliu em seco. A mãe sã, vivendo com ele e o pai? Difícil acreditar nessa possibilidade. Pensou se conseguiria amá-la caso ela deixasse de ser louca. Sabia que as pessoas devem amar suas mães em quaisquer circunstâncias, mas nunca sentira isso.

— Você confia nela? — Jason Blake perguntou. — Pois vai é tirar a magia da sua mãe, e a sua também.

— Não vai, não — Jay-Tee falou. — Não tirou a minha. Só desligou.

Tom franziu o cenho.

— Não quero que minha magia seja desligada. Só a da minha mãe.

Razão fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Tudo bem. Só a da sua mãe.

Ela agarrou Tom e o chão da cozinha sumiu. O corpo dele se deslocou mais rápido que o estômago. O vento fustigou-lhe os olhos, fazendo-os lacrimejar. O solo lá embaixo, as árvores, as casas e as ruas, tudo se misturava, tornando-se um rastro acinzentado. Logo de início, Tom quis gritar, depois achou que iria vomitar, mas antes que tivesse tempo para qualquer das duas opções, viu-se num imenso banheiro diante de uma fileira de pias.

O rosto de sua mãe estava olhando para ele, refletido nos espelhos.

Hospício

Tom largou os braços de Razão e cambaleou, sentindo como se seu corpo pesasse uma tonelada. Agarrou-se a uma das oito pias brancas para se equilibrar, em seguida encarou o reflexo da mãe à sua frente. O espelho era tão velho que, em alguns lugares, dava para ver o fundo metálico enferrujado.

Sua mãe estava lavando as mãos na pia e olhando para ele. Não gritou nem se assustou. Esfregou a mão na calça e fez um aceno com a cabeça para os dois, como se aquilo fosse exatamente o que estivesse esperando.

— Mãe — Tom virou-se para olhá-la de frente, mas não soube o que dizer. Havia algo de errado nos olhos dela. Não eram uma aberração dourada como os de Razão, mas não tinham foco, igual a quando ela estava mais — como foi que seu pai colocou? — desconectada. Parecia mesmo totalmente desconectada. Talvez nem o estivesse reconhecendo. — Mãe — ele disse novamente, respirando fundo. — Razão está aqui para dar um jeito em você

— Eles têm toda razão. Eu sei que têm sempre razão, mas só querem ser bonzinhos. — Não parou de olhar para o espelho. Ao alto, acima dos espelhos, havia uma janela coberta internamente por um aramado. Do lado de fora, barras de metal.

— Mãe, esta é minha amiga Razão. Esse é o nome dela.

— Teria mesmo de ser uma razão muito boa. Não preciso que me dêem jeito algum. Por que sua amiga tem essa cor tão estranha?

— Ela não está bem — Tom falou, satisfeito de ver que algumas coisas ainda faziam sentido para a mãe.

Ela fez novo aceno com a cabeça.

— Está gripada?

— Mais ou menos. Ela quer ajudá-la.

— Mas está doente. Como vai me ajudar? Não gosto desse aspecto que ela tem. — Colocou a mão sobre os olhos.

— Ela... ah, ela é como se fosse uma médica.

— Não parece médica. Parece uma criança.

— Você quer ficar legal, mãe?

— E não estou? — disse ela, espiando-o através dos dedos. — Ficar legal, como assim?

— Ela vai fazer você ficar...

— Menos confusa — Razão falou. Esticou as mãos. Na palmas, havia uma forma dourada, tremendo qual os golems que o velho tinha mandado para a casa de Esmeralda. — Posso lhe dar isso que você está vendo, se quiser.

— O quê... ? — Tom começou a falar. Era a magia Cansino! Seria prejudicial para sua mãe, tanto quanto fora para ele.

O olhar de sua mãe mudou. Aguçou-se. Ela olhou para a magia na mão de Razão e estremeceu. Lentamente, esticou uma das mãos para pegá-la.

— Você quer, não quer? — Razão perguntou. Ela confirmou.

— Quero, sim. É bonito.

Razão se inclinou para perto dela e sussurrou-lhe alguma coisa. A mãe de Tom tornou a confirmar com um aceno de cabeça, ainda mais enfático que o primeiro.

— Quero, sim.

— Está vendo, Tom? É a magia dentro da sua mãe pedindo mais magia. Mesmo sendo do tipo errado. A magia é gananciosa, Tom. É a isso que você está se apegando: ganância.

A mãe de Tom deu um salto para pegar a coisa dourada, mas ela desapareceu, voltando para dentro de Razão.

— Por que não? — ela gritou. — Por que você não me deu?

— Porque ela vai lhe fazer mal. Você precisa se sentar. Precisa que eu dê um jeito em você de outra maneira. Está tudo mais claro para você agora, não está? E você quer ficar assim, não quer?

Seu olhar tinha, sim, um pouco mais de foco agora, como se uma espiadela na magia tivesse afugentado a insanidade.

— Posso lhe dar algo melhor — Razão lhe falou.

— Então, tudo bem. — A mãe de Tom se sentou no chão de lajotas vermelhas. O rejunte entre elas tinha ficado preto. Tom desconfiou que o piso originalmente era branco. Razão foi se sentar ao lado dela.

— Feche os olhos.

Ela obedeceu, mas imediatamente tornou a abri-los.

— Vai doer?

— Não.

— Eu vou me arrepender?

— Acho que não.

— Mas você não tem certeza?

— Não.

Ela tornou a fechar os olhos. Os braços e as mãos de Razão começaram a se modificar, tornando-se mais compridos, mais finos, metálicos. A mãe de Tom tornou a abrir os olhos, olhando desconfiada para as mãos de Razão.

— Tem certeza de que não vai doer?

— Tenho.

Seu olhar se desviou rapidamente para as mãos metálicas de Razão.

— Sêrio?

— Pode ficar tranqüila.

— Então, tudo bem. — Ela fechou os olhos.

Alguém tentou abrir a porta, mas Tom correu e ficou empurrando para impedir. O homem do outro lado gritou e empurrou com força, e Tom precisou usar todo o peso de seu corpo. Não havia trinco e as dobradiças velhas chacoalharam. Ele encaixou o pé na base da porta e virou-se para escorá-la com as costas. Os braços de Razão estavam enterrados nos do da mãe dele, subindo a partir dos pulsos. Os olhos dela, arregalados, observando tudo atentamente.

— Não a machuque, Ra.

— Abra a porta — gritou o homem do outro lado. A porta começou a se abrir. O pé de Tom estava escorregando sobre as lajotas do piso.

— Use sua magia, Tom — Razão falou.

Ele abriu a boca para protestar. Precisava usá-la com parcimônia. Prometera isso a Jay-Tee. Queria chegar aos 30.

— Tom!

Ele tateou o bolso, atrás do botão de jade, e levou a mão à corrente em volta do pescoço. Jogou uma minúscula parcela de magia para dentro da porta, que se fechou com um estrondo. Diminuiu o esforço que estava fazendo para contê-la e a porta não cedeu. Tom ficou pensando em quantas horas de sua vida aquele gesto teria consumido.

Razão tirou as mãos de dentro da mãe dele e as colocou sobre o colo. Tom ficou olhando enquanto elas voltavam ao normal. Bem, normal exatamente, não; ainda estavam douradas. O medo era tão grande que ele não conseguia olhar para a mãe.

Razão se levantou e em seguida ajudou a mãe de Tom a se pôr de pé também. Ela estava cambaleante, mas seus olhos pareciam desanuviados. Virou-os na direção de Tom e eles se encheram de lágrimas, mas apenas na superfície, sem transbordar nem escorrer pelo rosto. Abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la.

Ele chegou bem perto dela, e ela o abraçou.

Tom não se lembrava de ter sido abraçado assim pela mãe. Encostou no rosto dela, agora úmido. As lágrimas haviam escorrido. Ele precisou morder o lábio para não chorar. Ela levou as mãos ao rosto dele, afastou-o um pouco de forma a poder enxergá-lo.

— Você está tão grande... — disse. — Tão grande! — Correu a mão pelo rosto dele, pelo ombro. — Nem consigo acreditar nisso. Estou tão...

Ainda escorriam lágrimas pelo seu rosto.

— O que aconteceu...? — ela começou a falar. — Não entendo.

As batidas à porta foram se intensificando, cada vez mais fortes.

— Precisamos ir, Tom — Razão falou, agarrando-o.

A mãe dele estava confusa, mas não desconectada, nem perdida.

— O que está acontecendo?

— Por que não podemos levar minha mãe? — Tom perguntou.

— Ela não é mais mágica.

— Nós vamos voltar — Tom falou. — Pela porta da frente de próxima vez. Vou explicar tudo. Papai também... amo você. — Ele lhe deu um beijo no rosto, mas Razão agarrou-o pela mão e puxou, arrastando-o por cima das casas com telhado de barro vermelho de Leichhardt para logo chegarem à cozinha de Esmeralda. Torceu para que o fato de terem usado magia para ir embora não levasse sua mãe à loucura novamente. Ela não sabia da magia. Não sabia por que enlouquecera.

Tom se deu conta pela primeira vez de que a loucura de sua mãe talvez o tenha poupado. Jay-Tee e Razão passaram ambas por seus maus bocados devido à magia de familiares. Mas Tom não. Era quase como se sua mãe tivesse se sacrificado. Só por ele.

— Ela está bem? — Jay-Tee perguntou, correndo para ele e dando-lhe um tremendo abraço.

Tom confirmou apenas com a cabeça, abraçando-a também.

— Acho que sim. Foi um pouco estranho. Quer dizer, ela não está mais maluca. — Ainda sentia as lágrimas da mãe no rosto.

— Funcionou? — Esmeralda perguntou.

— Funcionou — disse Razão. — Não sobrou mais magia alguma dentro dela. — E virou-se para Tom. — Tem certeza de que quer ficar com a sua? É sua última chance.

— Você vive dizendo isso. O que quer dizer com minha última chance? Para onde você vai?

— Estou mudando rapidamente. Quando essa mudança estiver concluída, não vou mais querer as mesmas coisas. Não sei se vou me importar o suficiente para querer fazer alguma coisa por você. Vou desligar minha própria magia antes que isso aconteça.

— Você o quê? — Tom, Esmeralda e Jason Blake perguntaram ao mesmo tempo.

— A magia é uma coisa errada — ela tornou a dizer. — Eu não a quero.

— E você não conseguirá me modificar depois que sua magia acabar. — Era óbvio, mas Tom precisava dizer isso em voz alta. Sentiu tonteira. Sua mãe. O rosto dela. Parecia... Ele não conseguia se lembrar da época em que não sentia medo dela. Não se lembrava de querer que ela o abraçasse. E agora queria. Porque a magia dela tinha acabado.

— Mas, e Esmeralda? — Jay-Tee perguntou. — Ela ainda é mágica. E sua mãe.

— Não é isso que você quer, Razão — Jason Blake falou.

— Por quê? — Esmeralda perguntou. — É mesmo necessário?

— A magia é uma coisa errada. Sempre foi. Não quero me tornar magia pura.

— Não — Jason Blake falou. — Não é uma coisa errada, não. É linda. Para que desligá-la, Razão? Você estaria jogando séculos fora. Para que fazer uma coisa dessas? Entregue-a para mim, então.

— Você desligaria a minha também? — Sarafina perguntou. — Desligaria a do bebê na sua barriga?

— Não precisa — Jason Blake falou de supetão.

— O quê? — Esmeralda perguntou.

— Não deu para adivinhar? A magia dela é a própria magia Cansino. Como a nossa, só que mais forte...

— Se ela a desligar, estará desligando também a nossa? — Esmeralda empalideceu. — Razão, não. Você não pode fazer isso comigo. Eu preciso dela. Preciso desta magia. — Agarrou o pulso de Razão, com uma expressão horripilante no rosto como Tom nunca tinha visto antes. Razão sacudiu o braço para que ela a soltasse.

Jason Blake partiu para cima dela e Danny acertou-lhe um soco no estômago, derrubando-o no chão. Talvez Danny não fosse um sujeito tão desprezível.

— Tom, estou lhe pedindo — Razão falou. — Não tenho muito tempo. Quer que eu evite que você fique igual a eles? — Ela apontou um braço dourado para os rostos gananciosos.

Tom não queria se transformar num Jason Blake. Ou numa Esmeralda, como a via agora. Mas não conseguia imaginar este mundo sem roupas e padrões e a magia pulsando em seu botão de jade no bolso. Formas surgindo aos borbotões em sua cabeça, tomando-lhe o corpo, o choque de eletricidade percorrendo-o por inteiro.

Mas qual a sensação de ser mágico sem que Jay-Tee e Razão o fossem também? E a de enlouquecer, de morrer? Tom olhou para Jay-Tee...

— Tom — ela implorou.

— Não posso esperar — Razão falou. — Preciso me modificar agora, caso contrário...

Tom fechou os olhos bem apertados para não ver nenhum dos rostos ali presentes. Por dentro das pálpebras, o mundo era feito de formas lindas, todas dele.

— Não, deixe minha magia. Preciso dela.

Magia Cansino

O mundo Cansino de tranqüilidade, beleza e luz me chamava com tanta força que era difícil me concentrar na cozinha de Esmeralda, em todas as questões que desabavam sobre mim em ondas. As discussões dos presentes, aos gritos uns com os outros. Quando me agarravam, eu as afastava. Não significavam mais nada para mim.

Senti ainda lampejos de como tinha sido. De amizade. De como Jay-Tee e Tom e eu vínhamos aprendendo a tomar conta um do outro. Olhando para Sarafina, cheguei a quase me lembrar do amor que havia entre nós, da sensação do seu abraço aconchegante. Sarafina tornara isso possível. Ao tentar roubar minha magia, ela me fez ver novamente, me fez lembrar de ser humana, me fez entender o que a magia de fato era.

Mas esses lampejos eram pequenos e vazios. Nos cantos dos olhos, a magia dançava, convidativa. Senti vontade de sair cruzando o espaço novamente. Se fechasse os olhos e voltasse para lá, me tornaria filha da magia para sempre. E meu próprio filho também seria da magia.

Para evitar isso, precisava me lembrar de tudo que minha mãe me ensinara. Como correr, como escapar, a importância da razão.

Não fazia diferença se era calma ou bela. A magia tinha consumido minha família, geração após geração. Eu precisava acabar com aquilo.

Era humana. Ou, pelo menos, queria voltar a ser.

Contudo, para conquistar minha liberdade, precisava fechar os olhos mais uma vez, e se os fechasse, não sabia se seria capaz de resistir ao mundo Cansino.

Fui cerrando as pálpebras devagar, enxergando os rostos através dos cílios por um breve instante, iluminados com as cores do pôr-do-sol. As vozes se desligaram, assim como o cheiro do morcego, o da figueira, o dos jasmims. Agarrei-me à lembrança desses sentidos. Acabaram os rostos iluminados pelo pôr-do-sol, os guinchos e o bater das asas, os aromas embriagantes, os espinhos nas pontas dos dedos.

Aqui, tudo parecia tão desnecessário, tão gasto. O mundo Cansino era vasto, lindo. O espaço se abria para o espaço. Um oceano gigantesco de estrelas mágicas. Ele me chamava. Eu queria seguir todos os padrões, as espirais giratórias dos

Fibonacci, números perfeitos, primos.

Esforcei-me para estreitar o campo de visão, para me afastar do universo de luzes que se espalhavam e me concentrar em mim mesma. Na minha própria magia. E nos números que nela havia.

Vi meus Fibonacci; constatei a magia Cansino dentro de mim alinhavada em cada um deles. Percebi como destruí-la.

E assim fiz.

Pedacinho por pedacinho, desliguei-a. Vi luzes se apagando uma após a outra. Observei o espaço Cansino retroceder. Primeiro sumiram as galáxias, logo em seguida as estrelas, e então: trevas, somente o fundo das minhas pálpebras.

Abri os olhos e caí. Pesadamente.

Saraфина e Esmeralda já estavam de joelhos. Algo se despedaçou no cômodo ao lado. Um aroma rançoso adentrou minhas narinas e ocorreram pequenas explosões por toda a casa.

— Que foi? — Esmeralda perguntou.

— Está sumindo — Saraфина falou. — Sumiu.

— Séculos... desperdiçados — Jason Blake falou. Ele gemeu, como se Danny o tivesse atingido novamente. Mas Danny só estava ali parado, confuso.

Minha magia sumira e agora a deles também. Eu não tinha desligado a minha apenas; tinha desligado a magia Cansino. E assim libertei minha mãe, minha avó, meu avô e as centenas de objetos mágicos espalhados por toda a casa.

Eu me tornara a magia, afinal, tornara-me o próprio padrão Cansino. E agora esse padrão, ao contrário do que acontece com os primos, os Fibonacci, ou os números perfeitos, chegava ao fim.

— Ai! — falei.

À minha frente, Jay-Tee e Tom se abraçavam com tanta força que não havia espaço algum entre os dois. Tive subitamente um pensamento horrível. Eles não estavam juntos, estavam?

Eca.

A campainha tocou.

Levantei-me, trêmula e incrivelmente faminta. Estava com fome! E não era de poder ou magia ou conhecimento. Fome de comida. Olhei para o cesto de frutas, mas já tinha comido todos os rambutãs. Não importava. Tive certeza de que tudo seria muito gostoso agora.

— Eu atendo — Jay-Tee falou, mas não largou do Tom.

— Não — falei. Em algum lugar da minha mente, da minha recém-restaurada mente humana, tive a sensação de que era importante.

Caminhei até a porta com a máxima estabilidade que consegui, sentindo o soalho de madeira sob os pés, percebendo que estava quente. Não tinha noção da

temperatura desde que Raul Cansino me modificara. A sensação do verão era maravilhosa. Minha pele começou a brilhar de suor. Esmeralda e Sarafina me seguiram.

Pisquei e vi apenas o fundo das minhas pálpebras, e estremeci. Era essa a sensação de estar livre da magia Cansino. Enfiei a mão no bolso e busquei minha amonite. A sensação foi a de uma pedra lisa. Nada se desenrolou a partir dela. Não comecei a despejar números aos borbotões.

Eu não precisava de nada daquilo. Não precisava de magia. A sensação era que meu peito estava vazio.

A campainha tocou novamente.

Esmeralda colocou a mão delicadamente no meu ombro, passando à minha frente para abrir a porta. Havia uma mulher parada ali fora. Ela olhou para mim e logo reconheci a tristeza em seu olhar.

— Está pronta para a prova, Razão? Eu avisei que vinha pegá-la.

— Hum — Esmeralda começou a falar. — Não sei se...

— Jennifer Ishii — disse a assistente social, estendendo a mão para Esmeralda.

— E a senhora?

Filhos de Deus

Depois que Razão saiu com um séquito composto de mãe, avó e assistente social para fazer a prova, Jay-Tee resolveu que era hora de ela e Tom conversarem.

Voltou para a cozinha, preparando-se para o que tinha a dizer.

Tom estava olhando Danny atacar a geladeira.

— O que você vai fazer com todo esse gelo? Danny fez uma careta.

— Um fato pouco conhecido é que quando você dá um soco em alguém, sua mão fica arrebentada.

— Ah — Tom disse. — É por isso que os lutadores de boxe usam aquelas luvas imensas? Sempre achei que fosse para não arrebentar muito a cara um do outro.

Danny envolveu o gelo numa toalha e a enrolou na mão, lançando para Tom um olhar que teria feito Jay-Tee rir se não estivesse tão transtornada.

— É estranho eu estar com tanta fome assim? — Tom perguntou.

— Você está sempre com fome — Jay-Tee falou. — Não é estranho de jeito algum. Tom, eu acho que..

— E aí, Danny — Tom falou —, quanto tempo acha que vai ficar?

Pois é, Tom sabia que entrara numa encrenca e estava evitando falar da sua decisão.

— Cara — Danny respondeu —, não faço idéia. Neste exato instante, preciso arranjar uma cama senão caio de joelhos. Esse negócio de mudança de fuso horário não é mole, não.

— Pode dormir no meu quarto — Jay-Tee falou. — Quando terminar a escada, é a primeira porta à esquerda.

Danny deu um abraço na irmã e um beijo no topo da cabeça dela.

— Então, se cuide. Você teve um dia e tanto.

Depois que Danny saiu, Jay-Tee ficou sem saber o que dizer a princípio. Estava meio sem equilíbrio. Não equilíbrio do corpo, mas da mente.

— Vamos lá para fora, sentar no alpendre.

— Tudo bem — Tom consentiu um pouco nervoso. Quando ela abriu a porta, Tom engoliu em seco.

— Que foi?

— Não é... Não tem... Nova York sumiu. Ele esticou a cabeça para fora.

— Uau! É só o quintal dos fundos. Razão acabou mesmo com toda a magia Cansino. — Tom estremeceu.

Jay-Tee sabia exatamente como ele estava se sentindo. — Bem-vindo ao meu mundo — ela disse —, onde uma porta é apenas uma porta.

— Certo — Tom disse. Os dois foram se sentar juntos no antepenúltimo degrau do alpendre, com os pés logo acima do chão encharcado. Ele pegou uma folha seca de um montículo de galhos e folhas no alpendre atrás de si e a rasgou em inúmeros pedacinhos.

Jay-Tee tentou explicar, mas sua garganta bloqueou. Como Tom pôde ter preferido a magia? Talvez a vida sem ela fosse tão boa quanto com, mas estar vivo era muito melhor que estar morto.

Tom pegou outra folhinha e pôs-se a destruí-la. Depois outra. Se ele não dissesse logo alguma coisa sobre sua escolha maluca, ela iria gritar.

— Minha cabeça vai explodir — ela disse afinal.

Tom se virou para ela e sorriu. Tinha um sorriso realmente simpático: meio incerto, a sobrancelha esquerda subindo sempre um pouco mais.

— Somos dois — ele disse.

— Não acredito... — ela não concluiu o que ia dizer. Não queria brigar com ele. — Quer namorar um pouco? — acabou perguntando, embora pela primeira vez desde que deram os primeiros beijos ela não estivesse realmente com vontade. Mas, pelo menos isso lhe daria outra coisa em que pensar.

— Não...

— Também não.

— É grande demais. — Tom esticou os braços e uma chuva de folhas despedaçadas caiu no chão do quintal. — Tudo é tão grande. Vivo tentando entender, mas não consigo.

— Pois é — disse Jay-Tee. — E pensar dói.

— E isso aí.

Jay-Tee ficou se perguntando se eles voltariam a se beijar. Talvez já tivessem terminado mas não sabiam ainda. Por quanto tempo mais Tom iria querer ser seu namorado agora que ele era permanente-e-para-todo-o-sempre mágico e ela era permanente-e-para-todo-o-sempre não mágica? Acaso começaria a achar que ela era devagar porque não conseguia mais fazer nada especial. Ela estava se sentindo devagar. E zangada também.

— Talvez eu tenha de voltar para Nova York, sabe?

— É o que seu irmão quer, não é mesmo? Droga! Agora que a porta não funciona mais, como é que vou poder ir visitar você?

— Existe uma coisa que se chama a-vi-ão.

— Engraçadinha! Como é que vou poder comprar passagens toda semana?

— Você não vai querer vir toda semana.

— De que outra forma vou poder ver você com a frequência que quero?

— Seu bobo! — Jay-Tee deu-lhe um soquinho de leve. — Não precisa se preocupar com o dinheiro. Eu pago. Danny me disse que meu pai nos deixou ricos. Ou Mere. Ela tem uma montanha de dinheiro.

— Você não pode esperar para voltar quando estiver mais quentinho por lá? O tempo está horrível agora.

— Claro — ela disse, embora não fizesse idéia de como iria voltar. Seria possível obter um passaporte estando tão longe de casa? Seria possível fingir ter perdido o original? Eles teriam como saber que ela nunca tinha tirado um passaporte antes? E se soubessem, seria encrenca na certa, não seria? Talvez pudesse entrar clandestina num navio e voltar para casa. Tinha esperança de que Mere conseguisse encontrar alguma solução.

Tom estava despedaçando mais uma folhinha.

— Não fique zangado comigo, Tom, mas por quê? Por que você disse não para a Razão?

— Não estou zangado, Jay-Tee — ele disse, acariciando-lhe o rosto com a mão. — Mas eu precisava da minha magia. Eu adoro minha magia.

— Eu adorava a minha também. A sua e a minha. Sinto falta da minha. É como se de repente eu virasse daltônica. Como... Mas não sinto mais medo. Nem de Jason Blake, nem do meu pai...

— Eu nunca tive medo dos meus pais. Não desse jeito — Tom falou. — Eles não são mágicos, lembra? Minha mãe é igual a você agora.

— Mas existem outras pessoas mágicas que são iguais ao Jason Blake. Se tivesse aberto mão da sua magia, você não precisaria mais se preocupar o tempo todo com...

— Você já disse tudo isso — Tom falou. — Eu tomei minha decisão, tudo bem?

— Não. Não está tudo bem.

— Sinto muito, mas está feito. Eu não fui saalvo. — Ele esticou a última palavra e depois parou como se fosse dizer mais alguma coisa. Então, balançou a cabeça.

— Que foi? — Jay-Tee perguntou.

— Nada.

— Você ia dizer alguma coisa. Não dá para disfarçar. Ele deu de ombros e depois pigarreou, despedaçando mais outra folhinha.

— É um pouco esquisito.

— Não me importo.

— Você não vai rir?

Jay-Tee balançou a cabeça, sorrindo para ele.

— Tudo bem. Quando a Razão começou a mudar daquele jeito, tanto que quase não era mais humana, ora, então como é que ela podia ser um dos filhos de Deus? Sabe, você não acredita que nós somos feitos à imagem de Deus? Isso está na Bíblia, não está?

— Hã? — Jay-Tee perguntou. Não era exatamente o que estava esperando que ele dissesse e também não quis confessar que não entendia tanto da Bíblia assim. Olhava algumas passagens aqui e ali apenas. Ou nem tanto. As passagens que eram lidas na igreja. Mas não fazia muita idéia de quase nenhuma.

— Isso não quer dizer que ela estava se transformando num demônio ou algo assim? — ele continuou. — É que você disse que se a magia é real então Deus também é, mas isso não quer dizer que também existem demônios? Não acha que é o que o velhinho esquisito era? E o que Razão quase passou a ser também?

— Eu achava que você não acreditava em Deus — Jay-Tee falou, perplexa. Tinha pensado, sim, que Raul Cansino pudesse ser um demônio, mas não que Razão pudesse ser também.

— E não acredito. Só estou tentando entender como você pensa. A magia não é o que as bruxas e os demônios usam? Você não acha então que qualquer ser mágico faz parte, automaticamente, da turma do mal?

— Não — Jay-Tee falou, mas não era verdade. Quando pequena, preocupava-se com a possibilidade de ir para o inferno por causa da magia, apesar do que seu pai lhe disse uma vez. — Muito bem, talvez. Eu achava que era amaldiçoada, que minha família era. Que éramos todos uma família demoníaca. Não ria.

— Não estou rindo.

— É melhor não rir mesmo. Enfim, papai diz que isso é maluquice, que sermos mágicos não nos afastava de Deus e sim nos trazia mais para perto d'Ele.

— Então, por que você queria que eu abrisse mão da minha magia?

— Porque... — Jay-Tee parou de falar e ficou tentando entender. Ele tinha razão. Se aquilo a aproximava de Deus e agora tinha perdido sua magia... Estava se sentindo diferente desde que sua magia tinha acabado, não porque o mundo estivesse menos luminoso, mas porque seus pensamentos e sentimentos tinham mudado. Mas não estava se sentindo mais distante de Deus.

A idéia da mudança vinha em primeiro plano na sua cabeça, mas estava difícil concatenar os pensamentos. Não ter magia fazia com que ela se sentisse menos... Faltava-lhe a palavra para descrever direito. Desde a mudança, vinha se achando menos e achando que Tom e Danny e Razão e Mere eram mais.

— A Razão vivia dizendo que a magia era do mal. Você a ouviu dizer isso, não ouviu? — Tom perguntou.

Jay-Tee confirmou.

— Não sei direito se ser do mal é o caso.

— O que é, então?

— Hum — Jay-Tee tentou entender. Sem magia, ela ficava menos egoísta. Mas Tom não era egoísta. Talvez não fosse só uma questão de deixar de ter magia. Tudo que tinha acontecido desde que conhecera Razão... Talvez tudo aquilo a tenha levado a... ela detestava pensar assim, pois era o tipo de coisa que seu pai teria dito antes de se tornar tão horrível, mas ela estava um pouco mais crescida, tinha um pouco mais de consideração, ou algo que o valha. — Acho que não ter magia nos torna... mais gentis.

— Mais gentis?

— Talvez não seja bem essa palavra. Não exatamente o que quero dizer. A magia nos transforma. Faz com que sejamos menos... menos bons, sei lá! Não, não é bem isso. Seja lá o que for, vai piorando à medida que a gente fica mais velho. Acho que talvez meu pai estivesse errado. A magia pode nos trazer mais para perto de Deus. Mas só se a usarmos corretamente. A maior parte das pessoas não usa. E isso faz delas pessoas menos boas. É como... é como se você ficasse rico. O dinheiro faz com que muita gente fique má. Aumentam a ganância e a preocupação em não perder o dinheiro e em como ganhar mais e aí as pessoas passam a ser totalmente más. Eu acho que a magia é assim. E não quero que isso aconteça com você. Detesto a idéia de você morrer jovem, mas seria ainda pior ver você se transformar numa pessoa igual a Jason Blake.

— Mas eu jamais me tornaria alguém assim.

Jay-Tee não disse nada. Mas pôde imaginar. Quando ele estivesse um pouco mais velho e mais perto de morrer. Mere tinha dito que daria qualquer coisa por mais algumas semanas, mais alguns dias... mesmo que para isso fosse preciso roubar magia de outras pessoas. Um dia Tom poderia ficar assim também.

— Isso significa que você não quer mais ser minha namorada? — ele perguntou. Jay-Tee riu.

— Claro que não! Só preciso ter certeza de que você vai enxergar a luz e não vai se perder no caminho no mal.

Tom riu, mas Jay-Tee estava falando com absoluta seriedade. Não iria deixá-lo passar para o lado das trevas.

— Que tal começarmos arrumando a bagunça lá embaixo? — Tom perguntou.

Jay-Tee revirou os olhos.

— Seu tolo, eu estava falando do grande mal! Não dessas chatices de cuidar da casa.

Não foi tão ruim assim. O que mais tiveram de fazer foi pegar os cacos dos objetos de magia quebrados e jogar em sacos de lixo. Os Cansino tinham acumulado muita coisa ao longo dos anos: relíquias e pedaços de madeira; até as pedras estavam destroçadas agora.

A magia deles estava encerrada. Terminou. Fim.

Com isso, Jay-Tee passou a se sentir menos mal com a falta da sua. Parecia até que a escolinha de magia ali ao lado tinha sido atingida por uma bomba.

A casa estava praticamente impecável antes de Jay-Tee se dar conta de qual era a outra coisa que a estava incomodando.

— Para onde foi Jason Blake?

— É mesmo! — Tom falou. — O velho Jason Blake. Aposto que se mandou por aí. Você não o queria por perto, queria?

— Está brincando? — Jay-Tee ficaria felicíssima se pudesse passar o resto da vida sem tornar a vê-lo.

— Você acha que está faltando alguma coisa de valor? — Tom perguntou.

Jay-Tee olhou para os sacos de lixo cheios.

— Como é que a gente pode saber? Verdade verdadeira, — Jay-Tee não sabia exatamente como estava se sentindo. — Gostaria que ele tivesse sido castigado.

— Você viu o olho roxo que ele ganhou de Danny?

— Isso não basta.

— Jay-Tee, ele foi castigado — Tom falou. — Não tem mais magia.

— Isso significa que eu também estou sendo castigada.

— Não — Tom falou. — Você foi salva, lembra disso?

— Engraçadinho. — Mas ela estava começando a acreditar que tinha sido salva. De fato não estava se sentindo castigada. Correr e dançar não eram mais a mesma coisa, mas tinha a sensação de que passaria a gostar também da versão não mágica disso. Era uma nova pessoa. Mais gentil, menos egoísta. Mas talvez isso já tivesse começado quando Razão saiu da porta aos trambolhões no meio de uma nevasca em Nova York.

Uma coisa era certa: Jay-Tee estava começando a gostar desta nova pessoa. Estava querendo ver como iria se sair.

— Deve ser pior para ele — Jay-Tee falou, repensando o assunto em voz alta. — Só pensava na magia. Não amava ninguém. A única coisa que existia para ele era a magia e agora acabou. Eu tenho um monte de coisas pelas quais quero viver. Minha vida não acabou. Nem de longe.

— Claro que não — Tom falou. — Acho que chegamos a uma conclusão. Não é hora de namorar?

Jay-Tee riu e deu-lhe um beijo.

Razão Cansino

Passei na prova. Bem, passar exatamente não passei. Acertei cem por cento em matemática e me recomendaram com veemência que arranjasse um professor particular para história e inglês antes de entrar para o décimo ano.

A verdade é que mal consegui fazer as provas. Só fiquei resolvendo os problemas de matemática. Agora que a magia acabou, todas as minhas emoções voltaram logo. Fui derrubada de jeito pelo amor, pela raiva, pelo ciúme e pela mágoa. Foi só o que pude fazer para me concentrar.

Chorei aos prantos durante dez minutos sem parar assim que larguei o lápis.

Depois disso, não houve como escapar da terapia uma vez por semana. Isabella Sanditon me pediu que lhe contasse tudo. Ha! Mas falei do bebê e do medo de estar prestes a virar mãe aos 15 anos. Especialmente por não saber direito o que sinto por minha mãe e pela maneira pela qual ela me criou, sabendo tanto sobre matemática e ciências e quase nada sobre tudo mais. Pelo tanto que mentiu para mim.

A omissão, a terapeuta e eu decidimos, é tão ruim quanto a mentira.

Sarafina pediu desculpas e explicou. E eu não a perdoei, mas depois perdoei, e tornei a não perdoar, e nós brigamos e gritamos. Saber que ela estava certa, que sempre teve razão, de certa forma ajuda. Ela sempre soube que a magia era ruim.

E de fato, se não tivesse me mantido afastada de Mere, teria eu sido capaz de nos salvar a todos? Só por isso, já a perdôo. Hoje em dia, pelo menos

Mere me perdoou por acabar com a magia. Às vezes nem sei direito se eu me perdôo. Não consigo deixar de pensar em como teria sido: eu e meu bebê flutuando juntos no mundo Cansino, sem dores nem angústias.

Que mãe não gostaria de dar uma coisa dessas para o filho?

Sarafina e Mere vivem presas às suas próprias brigas. Praticamente não passa um dia sequer sem que Sarafina ameace voltar para os matos, saindo pela janela e descendo pelo duto de água pluvial para fugir. Mas em geral as duas ficam só gritando uma com a outra.

O começo das aulas em fevereiro acabou sendo um alívio.

Aulas para mim e para Sarafina; ela está tentando concluir o ensino básico que mal tinha começado. Tenho quase certeza de que não tentará fugir novamente antes de concluir sua formação.

Meu avô Alexander/Jason Blake desapareceu em algum instante entre eu fechar os olhos para desligar a magia e Jennifer Ishii vir bater à porta. Nenhum de nós sente falta dele. Jay-Tee torce para que tenha sido tomado por indigente, sem cartões de crédito no bolso nem uma explicação para ter vindo parar na Austrália sem o passaporte

Mas aí chegou um pacote para o Tom. Continha três chaves e quatro endereços, em Bancoc, Auckland, Dallas e Nova York. Portanto, suponho que meu avô, despossuído da magia, esteja bem. Mas por que se importa com Tom, isso não sei; a menos que queira evitar que suas preciosas portas sejam desperdiçadas.

Eu estava certa quanto a Jay-Tee e Tom. Enquanto eu era quase comida viva pela magia do meu tatara-tatara-tatara-etceteravô, os dois estavam de beijos e abraços. Inacreditável! E para completar, andaram desaparecendo juntos, deixando-me só na companhia da minha culpa e da minha raiva, além das minhas adoráveis mãe e avó. Mais do que suficiente para me deixar com vontade de fugir.

Se pudesse, bem que fugiria.

E ainda fiquei sem namorado. Danny não passou de uma paixão induzida por magia (bem, parcialmente induzida). Quando Raul começou a agir, a magia Cansino queria um bebê e Danny estava ali, bem à mão, para ser o pai. Fiquei grata por ele ter se portado com decência. Quer ajudar a criar o bebê, e não só com o dinheiro. Quer que o bebê o conheça, que tenha um pai, mesmo morando muito longe dele.

Há tanta coisa para cuidar. Tanto do bebê quanto de Sarafina. Ambos precisam de mim.

E Jay-Tee também. Não pôde ficar em Sidney com Tom, como queria. Precisou voltar para casa com Danny, e enquanto os adultos resolviam o problema do passaporte, e quando ela não estava namorando Tom, passava o tempo todo chorando porque não pôde ficar e porque Tom estava usando magia demais.

Isso pouco o afetava. Ele não se arrependeu da decisão que tomou. Nem um segundo sequer. Acho que não acredita que vá morrer. Quem acredita nisso até ser tarde demais? E uma vez por semana faz uma peça de roupa excelente para uma de nós. Na maioria, para Jay-Tee, é claro, mas nunca esquece as demais. Acha que tudo são flores: tem uma namorada que adora, a mãe que mal conhecia voltou para ele e mentiras e segredos não circulam mais na sua família.

Fiz o que pude para convencê-lo. Mas acho que nada o levaria a mudar de idéia. Não acredita que seja alguma coisa sem a magia. E, às vezes, sem os Fibonacci em alvoroço na cabeça como deveriam, chego a pensar que esteja certo.

A vida era mais fácil antes de eu saber que existia magia. Antes de Sarafina ficar louca. Mas não estou triste por tudo ter mudado. Minha vida com Sarafina não era exatamente do jeito que sempre quis crer. Sarafina errou comigo ao evitar que eu fizesse amigos, que soubesse a verdade. E mesmo tendo sido por causa disso, em

última instância, que consegui salvar minha família da magia, ainda assim não estava certo.

Tenho amigos agora, uma família composta de mais gente além de mim e de Sarafina. E embora todos me levem à loucura, não abriria mão deles de forma alguma.

Não consigo mais contar do jeito que conseguia antes. Os números não se desdobram mais na minha cabeça, mas ainda sou melhor em matemática do que a maioria. Tenho grandes chances de fazer a faculdade e me formar em matemática. Jay-Tee ainda corre mais rápido que quase todo mundo e dança igual a um dervixe. Sarafina ainda consegue achar o rumo certo a partir das estrelas. Mere ainda é uma das melhores atuárias do estado.

Meu bebê está marcado para nascer em outubro. Danny vai pegar um avião só para estar aqui no nascimento, mesmo sendo logo depois do começo das aulas e da formação do supertime de basquete da universidade. Jay-Tee vai estar aqui também.

Vamos chamar o bebê de Magia Galeano Cansino. E ela não vai ter magia nenhuma, igual a mim agora. Acho que será o bebê mais sortudo do planeta.

Epílogo

A primeira vez que Tom segurou um bebê no colo foi quando Mere lhe entregou Magia. Ela estava com menos de um dia de idade

Ele já tinha comentado que achava um nome idiota. Sem contar as objeções óbvias, como seria seu apelido? Maggi? Como se ela fosse um tipo de tempero? Maggie ou Mags não eram opções muito melhores

Mas Danny estava que era só: Você está maluco? Magia (algun-sobrenome-que-Tom-esqueceu) era a maior basqueteira (epa, desculpe, jogadora de basquete — Tom nunca acertou) de todos os tempos! É uma honra ter um nome desses, e blá-blá-blá. E Razão dizia que gostava; além do mais, era uma ótima lembrança do segredo da família.

De certa forma, Tom achava que o fato de estar por perto e ainda ser mágico era lembrança suficiente. Mas parece que não.

Portanto, todos o ignoraram com relação ao nome e agora o estavam ignorando por não querer pegá-la no colo.

Ele não queria mesmo pegar Magia no colo. Tinha nojo de bebês. Não compreendia como as pessoas podiam achá-los engraçadinhos. Mas lá estavam Mere, Sarafina e Jay-Tee debruçadas sobre o berço na maternidade, ignorando Razão, largada exausta à própria sorte, e paparicando o bebê com a carinha amassada igual à de um macaco. Até Danny sorria, dizendo que era linda.

Linda! A pele tinha uma tonalidade estranha entre o azul e o cáqui, que daria um ótimo casaco ou uma bela calça jeans, mas era um tanto quanto desastrosa enquanto cor de pele. E a menina tinha muitíssimo cabelo na cabeça. Parecia uma peruca malfeita.

— Sou obrigado a pegá-la no colo? — ele perguntou. — Fico nervoso com bebês.

— Tom! Você é praticamente tio dela — Jay-Tee falou. — É claro que tem de pegar no colo. Além do mais, espere até sentir o cheirinho. — Jay-Tee encostou o nariz na vasta cabeleira do bebê e inalou com força. — Que cheiriiiiiiinho deliciooooooooooso!

— Eca.

Danny abriu um sorriso largo.

— Ela tem um cheirinho tão gostoso, não tem? Razão fez que sim com a cabeça.

— Muito bem — Tom falou —, mas se eu deixar cair no chão, quero que todos fiquem avisados que não foi culpa minha.

— Você não vai deixar cair no chão — Mere falou, dando a volta na cama com

o bebê-macaquinho cabeludo. — Basta apoiar bem a cabeça e o pescoço.

— Ela não tem pescoço.

— A cabeça, então. Basta colocar a mão embaixo da cabeça.

— E se ela cagar no meu colo?

— Tom! — Jay-Tee e Danny falaram ao mesmo tempo. Razão apenas sorriu.

— Ela está de fralda, Tom — Mere falou. — Não vai encostar nada em você

— Muito bem. — Tom tentou se ajeitar conforme ela estava demonstrando.

Então, antes que estivesse totalmente pronto, Mere a colocou no seu colo, cuidando para que a mão direita dele ficasse por baixo da cabeça microscópica.

Tom não percebeu o cheiro do bebê. Distraiu-se demais com o formigamento que começou a sentir nos braços. Sentou-se na única poltrona que havia, apertando bem o bebê contra o peito. Seus olhos se estreitaram até se encherem de hexágonos.

— O que há de errado, Tom?

— Nada... — ele disse, porque não havia nada de errado. O bebê de Danny e Razão era o mais certo possível. Só que eles acertaram na mosca com o nome. Magia se mostrava totalmente digna do nome que recebera.

Mas não tinha aquele tipo esquisito e cheio de golems da magia Cansino; a que tinha era do tipo antigo, igual à dele. Tom ficou pensando por que motivo ninguém se dera conta de que, mesmo desligando a magia Cansino, Magia ainda poderia ter a magia do tipo normal.

Enfim, agora era tarde demais.

Olhou para todos os presentes: Jay-Tee, Razão, Mere, Sarafina e Danny. Ninguém ali tinha o mais remoto cisco de magia. Pontos mortos. Estavam todos olhando na sua direção, mas não para ele: para Magia, cheios de alegria por causa do bebê que acabava de chegar. Como iria fazer para lhes contar?

—É mais pesada que eu pensava — falou. — O cheiro não é tão mal assim. Para quem gosta desse tipo de coisa.

Mais tarde, resolveu. Contaria da chegada de mais um mágico na linhagem Cansino mais tarde.

Agradecimentos

Em fins de 2003, Eloise Flood resolveu se arriscar comigo e comprou esta trilogia na base de um projeto. Eu nunca tinha vendido um romance antes, e lá estava ela, comprando três ainda por escrever. Ainda não consegui me recuperar. Sem Eloise, duvido que estes livros existissem; e se existissem, não seriam tão bons, nem de longe. Obrigada. Você foi a melhor editora e amiga que pude ter. E muito obrigada também por trazer Liesa Abrams como minha outra editora. Não existe melhor equipe no ramo.

E obrigada, Scott Westerfeld, por ser o primeiro e último leitor — dos originais —, crítico mais cruel, capataz mais severo, e por me convencer a tornar-me uma romancista de tempo integral antes de eu conseguir vender uma palavra sequer.

Que sufoco!

A equipe da Razorbill — Eloise, Liesa, Andy Ball e Margaret Wright — é extraordinária. Uau, que privilégio trabalhar com vocês! Obrigada por tudo.

Mare J. Cohen forneceu três belíssimas capas, Christopher Grassi fez os miolos ficarem uma graça, Annie McDonnell fez provas ótimas e Polly Watson é a melhor revisora do mundo.

Obrigada a todos da Penguin que deram duro nesta trilogia, desde as vendas até o marketing, passando pela divulgação e todos os outros departamentos. Agradecimentos superespeciais a Sharyn November por dar às edições de bolso da trilogia um lar maravilhoso em Firebird.

A agente dos meus direitos no exterior, Whitney Lee, é a maior, e até agora já encontrou morada para a trilogia Magia ou Loucura no Brasil, França, Alemanha, Itália, Taiwan e Tailândia. Obrigada por todos os seus esforços.

Alguns dos melhores críticos leram e dissecaram Filha da Magia. Sem Holly Black, Cassandra Clare, Karen Joy Fowler, Pamela Freeman, Margo Lanagan e Scott Westerfeld, teria sido a maior lambança que se possa imaginar. Tenho uma dívida enorme com vocês. Especialmente você, Karen, por ter sido excelentemente chata e indesculpável, e por salvar este romance.

Obrigada Holly Black, Libba Bray, Cassandra Clare, Diana Peterfreund e John Scalzi por terem sido minha bóia salva-vidas quando todos enfrentávamos prazos para entrega de livros ao mesmo tempo. Não sei o que teria feito sem vocês para comparar anotações e articulações.

Obrigada às fabulosas New Bitches: mandamos ver!

David Levithan e todo mundo do barzinho YA Drinks Nights em NYC são mais maravilhosos do que as palavras são capazes de dizer. Não vou a muitos dos

encontros, mas todos aqueles em que estou presente valem ouro.

Obrigada a Luz Barrón por eliminar todos os aborrecimentos da minha vida enquanto eu escrevia a maior parte do primeiro esboço em San Miguel de Allende, no México.

Denise Lynch e Tony Vinson, respectivamente, responderam às minhas perguntas sobre os serviços e a formação do assistente social em NSW Todo e qualquer erro é meu, somente meu.

Desde que foi publicado o primeiro tomo desta trilogia, muitos defensores — bibliotecários, professores e livreiros — vieram respaldar meus livros de maneiras inimagináveis Obrigada a Agnes Nieuwenhuizen, Mike Shuttleworth e Lili Wilkinson do Centro para Literatura Juvenil, em Melbourne, Victoria; Katheleen Hornig, Merri Lindgren, Hollis Rudiger e Megan Schliesman da Cooperativa Central do Livro Infantil em Madison, Wisconsin; e também a Sara Couri, Megan Honing, John Klima, Jack Martin, Kimberly Paone, Sandra Payne e Karyn Silverman. Ron Serdiuk, da Pulp Fiction Books, um homem só em Brisbane, tem funcionado como uma verdadeira máquina de divulgação. Todos na Galaxy e na Gleebooks, em Sidney, têm sido fantásticos, assim como Justin Ackroyd da Slow Glass Books, em Melbourne. Para não falar da Dreamhaven, em Minneapolis, e da Borderlands, em São Francisco, bem como Jennifer Laughran da Books Inc., em São Francisco, e todo mundo da gloriosa Books of Wonder, de Peter Glassman, em Nova York.

Outro inesperado privilégio de ter um livro publicado (ou mais, no caso) é a gente maravilhosa que me escreve falando da trilogia. Faz uma grande diferença saber que esses livros estão sendo lidos e apreciados.

Por fim, minha família: Niki Bern, John Bern, Jan Larbalestier e Scott Westerfeld. Obrigada pela segurança de saber que, aconteça o que acontecer, vocês estão comigo.